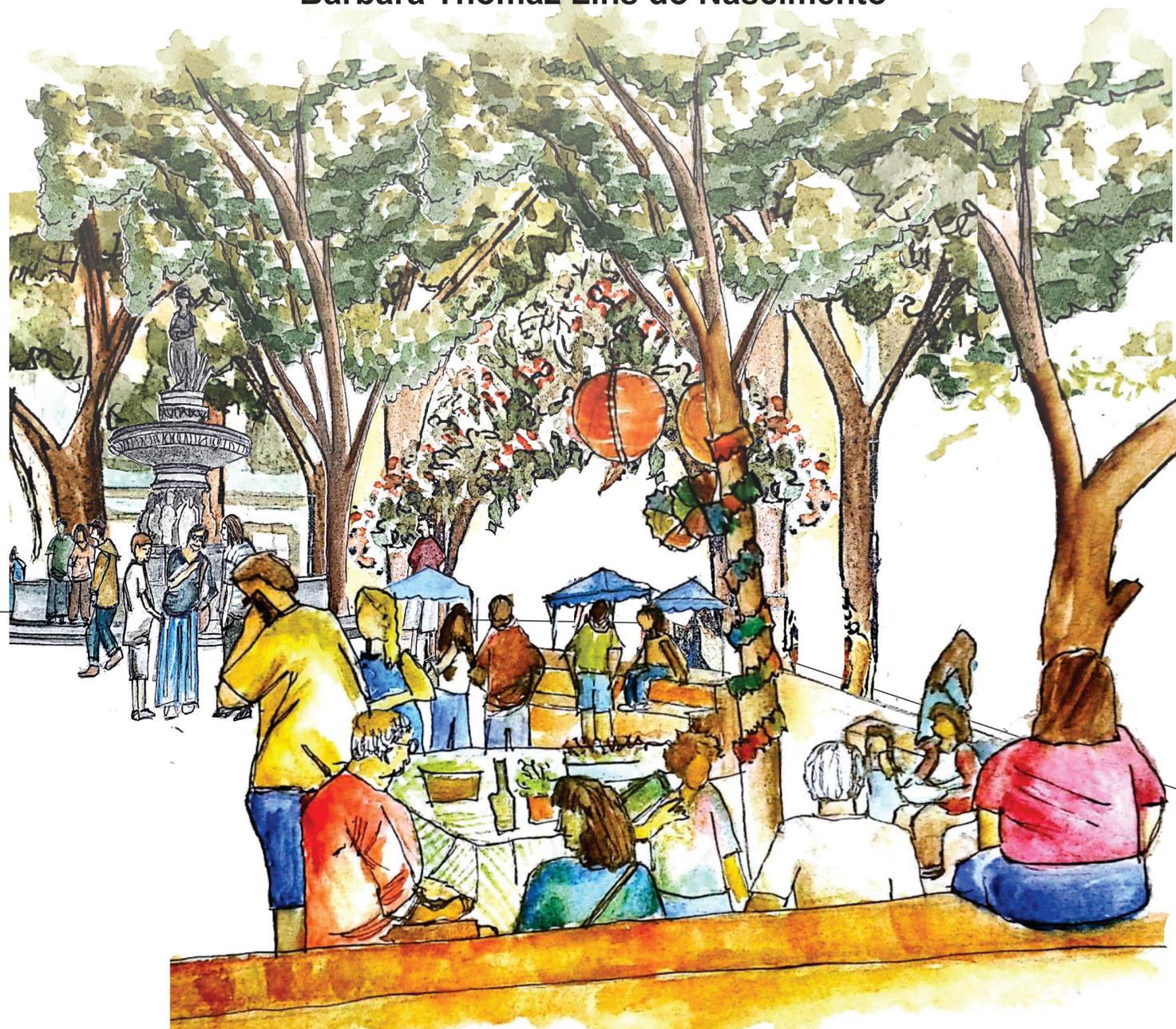


## DA RESSONÂNCIA AO ENGAJAMENTO

Percursos metodológicos sensíveis para análise da Empatia Espacial em contextos urbanos

**Bárbara Thomaz Lins do Nascimento**



## DA RESSONÂNCIA AO ENGAJAMENTO:

Percursos metodológicos sensíveis para análise da Empatia Espacial em contextos urbanos

Bárbara Thomaz Lins do Nascimento

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura, Linha de pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Orientadora: Profa. Dra. Ethel Pinheiro Santana

Coorientador: Dr. Jean-Paul Thibaud

Rio de Janeiro  
Março 2018

Nascimento, Bárbara Thomaz Lins do.

Da Ressonância ao Engajamento: Percursos metodológicos sensíveis para análise da Empatia Espacial em contextos urbanos/  
Bárbara Thomaz Lins do Nascimento - Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2018.  
xi, 218f.:il.; 31 cm.

Orientadora: Ethel Pinheiro Santana

Coorientador: Jean-Paul Thibaud

Tese (doutorado) – UFRJ/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/  
Programa de Pós-graduação em Arquitetura, 2018.

Referências Bibliográficas: f. 191-196.

1. Empatia Espacial. 2. Ambiência Urbana. 3 Espaço público. 4. Metodologias. I. Nascimento, Bárbara Thomaz Lins do. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura. III. Título.

## DA RESSONÂNCIA AO ENGAJAMENTO:

Percursos metodológicos sensíveis para análise da Empatia Espacial em contextos urbanos

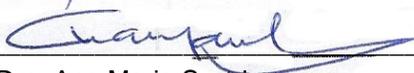
Bárbara Thomaz Lins do Nascimento  
Orientadora: Profa. Dra. Ethel Pinheiro Santana  
Coorientador: Dr. Jean-Paul Thibaud

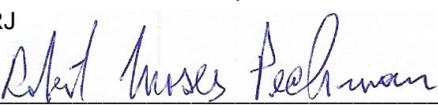
Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura, Linha de pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Aprovada por:

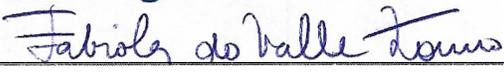
  
\_\_\_\_\_  
Presidente: Profa. Dra. Ethel Pinheiro Santana  
PROARQ/FAU/UFRJ

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Cristiane Rose de Siqueira Duarte  
PROARQ/FAU/UFRJ

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Ana Maria Szapiro  
IP/UFRJ

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Robert Moses Pechman  
IPUR/UFRJ

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Gleice Virgínia Medeiros de Azambuja Elali  
FAU/UFRN

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Fabíola do Valle Zonno  
PROARQ/FAU/UFRJ

  
\_\_\_\_\_  
Dr. Jean-Paul Thibaud  
ENSA Grenoble/CRESSON

Rio de Janeiro  
Março 2018

**Para as cidades em mim,**

**Do Rio de Janeiro à Grenoble, passando por Maceió.**

# A AGRADECIMENTOS

Remerciements

Ao intangível, ao invisível aos olhos, àquele que me move, presente neste trabalho como a imaterialidade, como amor a arquitetura e ao urbanismo; presente na minha vida de tantas maneiras, mas que geralmente chamo de Deus.

Aos meus pais, Antônio e Urânia, que me mostram que estar longe não é estar distante, sempre cientes e presentes. À minha irmã Renata, a quem devo este doutorado do início ao fim, cujo apoio financeiro e emocional foi vital na minha vinda para o Rio de Janeiro.

À Rita e à Mari Mascarenhas, a família que o Rio de Janeiro me presenteou. Ao Sr. Antônio Moreira, que me recebeu na minha chegada ao Rio e se tornou praticamente meu pai carioca.

A minha orientadora Ethel que me levou em uma jornada acadêmica acompanhada de croquis etnográficos, aulas, viagens de desenho, congressos, músicas e culinária. Não tenho palavras para agradecer a sua constante presença, a paciência e por me fazer crescer tanto em tão pouco tempo no meio acadêmico e na vida. Seu apoio tornou tudo mais leve. Obrigada por segurar a minha mão, me conduzir até o início do caminho e me soltar dizendo: vai!

A professora Cristiane Duarte pelos olhos sempre atentos e contribuições tão certeiras. Obrigada pela oportunidade de fazer parte do Lasc, por compartilhar um tema tão instigante e pela confiança em me deixar contribuir com o estudo da Empatia Espacial. Mais que minha referência bibliográfica, uma inspiração.

À Juliana Simili, a amiga que o doutorado me deu. Sempre presente, sempre na torcida, sempre incentivando. Da tese para a vida.

Aos colegas do LASC, sempre tão atentos e dispostos a escutar e a abraçar minhas crises existenciais acadêmicas como suas. Em especial, Marília Chaves, pelas discussões regadas a café e pelo apoio na escrita final.

Aos professores da banca, Robert Pechman, Gleice Elali, Ana Szapiro que contribuíram tanto me fazendo repensar os caminhos da tese e à professora Fabíola Zonno por aceitar o convite em fazer parte da banca final.

Je voudrais présenter mes remerciements à mon superviseur de stage doctoral, Jean-Paul Thibaud. Je n'ai pas de mots pour exprimer l'importance d'avoir fait partie de l'ambiance du CRESSON. Merci de votre soutien et de l'opportunité de discussions à propos du sujet de ma thèse. Et en plus, c'était bien vrai que l'expérience d'immersion dans la ville s'est avérée formidable.

Je tiens à remercier à tous ceux qui travaillent au laboratoire de Cresson, David Argoud, Françoise Acquier, Françoise Cholat, Françoise Révillon, Julien Mcoisans pour leur disponibilité. Merci également à Rainer Kazig et Antony Pecqueux pour les suggestions sur les travaux de lieu. Mes vifs remerciements aux collègues pour les discussions sur la méthode, et surtout à Inès Ouni et Sofia Balbotin qui m'ont aidé dans les premières immersions urbaines.

Aos meus colegas do doutorado, minha turma sempre unida e querida. Em especial Natália Rodrigues, que também é colega de laboratório, e Marina Cortês, com quem dividi as aventuras do doutorado sanduíche. Agradeço também a Emmanuel Pedroso pela parceria de tantos trabalhos acadêmicos.

Às meninas da secretaria: Guia, Vanda e Rita, sempre tão solícitas e prontas a ajudar.

Ao Proarq por todas as oportunidades.

À Capes pelo financiamento da tese no Brasil e pelo doutorado sanduíche na França.

“Architecture can't force people to  
connect, it can only Plan the Crossing  
Points”

Denise Scott Brown

# RESUMO

## DA RESSONÂNCIA AO ENGAJAMENTO:

Percursos metodológicos sensíveis para análise da Empatia Espacial em contextos urbanos

Bárbara Thomaz Lins do Nascimento  
Orientadora: Profa. Dra. Ethel Pinheiro Santana  
Coorientador: Dr. Jean-Paul Thibaud

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura.

A Empatia surge neste trabalho como um conceito motor, consolidando-se como ferramenta conceitual e metodológica no estudo da fundação de experiências coletivas em espaços públicos. Embora sua aplicabilidade no contexto proposto ainda seja pouco recorrente, ela se faz presente em estudos estéticos arquitetônicos pautados na *Einführung*. Gênese do conceito Empatia, *Einführung* trata da relação entre sujeito e objeto a partir do sentimento despertado por este último. Segundo a *Einführung*, as obras de arte propiciam experiências empáticas devido a um “corante” que surge como uma fusão entre o que se vê e se sente. O mesmo raciocínio é aplicável nos espaços urbanos que através do seu corante, a ambiência, desperta elos afetivos e emocionais. Com o objetivo de entender o papel da Empatia Espacial na adesão espacial, foram realizados estudos em duas praças públicas no Rio de Janeiro: São Salvador, em Laranjeiras e Edmundo Bittencourt, em Copacabana. Por meio da abordagem empírica foi possível delinear conceitualmente o que vem a ser uma Empatia Espacial e propor uma abordagem metodológica desdobrada a partir de um estágio doutoral na França. Por meio de tais estudos foi possível comprovar a hipótese que determinados atributos podem favorecer o engatilhamento de uma Empatia Espacial em lugares de uso coletivo e público. Além de contribuir com estudo das ambiências, concluímos que a Empatia Espacial é um conceito fundante e estruturador da experiência coletiva. E como o meio físico é fundamental para que diferentes ações sejam tecidas e concatenadas a partir do engendramento espacial, é por meio dela que somos levados a repensar o compromisso projetual do arquiteto.

**Palavras-chave:** Empatia Espacial; Ambiência Urbana; Espaço Público; Metodologia.

Rio de Janeiro  
Março, 2018

# ABSTRACT

## FROM RESONANCE TO ENGENDERING:

The Spatial Empathy as an approach to analyse the collective experience in Public Spaces

Bárbara Thomaz Lins do Nascimento  
Orientadora: Profa. Dra. Ethel Pinheiro Santana  
Coorientador: Dr. Jean-Paul Thibaud

Abstract da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura.

In this thesis Empathy is taken as a guiding concept, consolidating itself as a conceptual and methodological tool in the study of the foundation of collective experiences in public spaces. Its applicability in the proposed context is unusual, but common in architectural aesthetic studies of *Einfühlung*. According to the *Einfühlung*, the works of art can affect a person empathically due to a "tone" that appears as a fusion between what is seen and felt. The same deduction is applicable in urban spaces that through their ambience triggers affective and emotional links. In order to understand the role of Spatial Empathy in spatial connexions, two public squares in Rio de Janeiro were studied: São Salvador, in Laranjeiras and Edmundo Bittencourt, in Copacabana. The empirical approach allowed to construct conceptually what would become a Spatial Empathy. A methodological approach is also developed through researches conducted in France. From these studies, it was possible to prove the hypothesis that certain attributes could trigger a Spatial Empathy and instigates collective spatial experience in public spaces. Besides collaborating with the studies of urban ambiances, was concluded that Spatial Empathy has become a founding and structuring concept present at the collective experience. And since the physical environment is fundamental for different actions to be woven and concatenated from spatial engendering, through this research are led to rethink the role of architects and urban planners..

**Keywords:** Spatial Empathy; Ambiance; Public Space; Methodology.

Rio de Janeiro  
Março, 2018



# SUMÁRIO

<i>Dedicatória</i> .....	04
<i>gradecimentos</i> .....	05
<i>Epígrafe</i> .....	07
<i>Resumo</i> .....	08
<i>Abstract</i> .....	09
<i>Sumário</i> .....	10
<i>Lista de Figuras e tabelas</i> .....	12

## INTRODUÇÃO

Uma questão de Empatia [?]......	13
A busca por uma Empatia Espacial .....	18

## PARTE 1 | DA TEORIA À EXPERIÊNCIA

1   <b>A EMPATIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E CORRELAÇÕES TEÓRICAS</b> .....	22
1.1 <i>Einfühlung</i> : A Empatia como projeção sentimental.....	23
1.1.1 O mecanismo de projeção empática.....	26
1.2 A Empatia em perspectivas múltiplas.....	29
1.2.1 A Empatia e seus conceitos: eixos estruturadores.....	31
1.2.2 A Empatia como constructo.....	35
1.3 Entre <i>Einfühlung</i> e Empatia: o corpo na experiência empática.....	37
1.3.1 O Engendramento espacial segundo princípios estéticos.....	39
1.3.2 Alteridade: o endosso da Empatia.....	44
2   <b>O ESPAÇO PÚBLICO COMO CENÁRIO DA VIVÊNCIA HUMANA</b> .....	48
2.1 A cidade e o urbano: a força do espaço coletivo.....	50
2.2 Coletividade encarnada e a esfera pública.....	53
2.3 O ser da/na cidade: o sujeito público.....	57
2.4 Espaço público e a ambiência urbana.....	61
2.4.1 A premência da ambiência cultural.....	63
2.5 A experiência na/da cidade: arrematando ideias.....	66
3   <b>A OBSERVAÇÃO EMPÍRICA: APLICANDO A EMPATIA ESPACIAL</b> .....	71
3.1 Corpo e Espaço em busca de uma relação empática.....	73
3.2 A praça como tipologia de estudo.....	75
3.3 Definindo o recorte de análise experimental.....	78

3.3.1	Observação e desenvolvimento de croquis etnográficos.....	81
3.4	Primeiras incursões.....	82
3.4.1	Praça São Salvador.....	83
3.4.2	Praça Edmundo Bittencourt .....	94
3.5	Breve análise comparativa das observações empíricas.....	106

## PARTE 2 | DA EXPERIÊNCIA À TEORIA

4	A EMPATIA ESPACIAL E SEUS DESMEMBRAMENTOS.....	117
4.1	A captura do sentimento: o compartilhamento na experiência espacial.....	119
4.1.1	A Empatia Espacial como constructo.....	122
4.1.2	Interações no processo de construção empática.....	124
4.1.3	Afetação e compartilhamento.....	128
4.2	Autoconsciência e o Outro: interação e experiência .....	131
4.3	Flexibilidade Mental: a ressonância emocional.....	136
4.4	Empatia Espacial: delimitação da ferramenta.....	139
4.5	Empatia Espacial e seus gatilhos.....	142
4.5.1	Condicionantes imateriais.....	143
4.5.2	Condicionantes sociais e culturais.....	147
4.5.3	Condicionantes físicas espaciais.....	148
4.6	O espaço que converge/diverge e o encadeamento espacial.....	150
5	O INSTRUMENTO METODOLÓGICO DELINEADO.....	154
5.1	Experiência de imersão urbana.....	155
5.2	O delineamento da ferramenta metodológica: processos e abordagens.....	158
5.2.1	Ritmo e Movimento: adesão do corpo e imaginação.....	164
5.2.2	Narrativas do engendramento: a proposta de um método.....	167
5.3	Metodologia Aplicada: NESE no Rio de Janeiro .....	170
5.3.1	Praça Edmundo Bittencourt.....	172
5.3.2	Praça São Salvador.....	175
5.4	A Experiência Coletiva através da Empatia Espacial – conclusões advindas do método.....	178
	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	186
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	191
	APÊNDICE.....	197

## LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Fig	Descrição	
01	Croqui de um domingo na Praça São Salvador, em Laranjeiras	21
02	Delimitando o recorte de estudo	80
03	Fotos da Praça São Salvador durante a semana e no domingo	84
04	Mapa esquemático da Praça São Salvador com a divisão	85
05	A cotidianidade na São Salvador: croquis sobre as primeiras impressões	87
06	Parte Infantil na Praça São Salvador em um domingo	88
07	Área de transição onde fica a Fonte	90
08	Fotos da parte do coreto no domingo	92
09	Fotos da Praça Edmundo Bittencourt	95
10	Mapa da Praça Edmundo Bittencourt com divisão em quadrantes	97
11	Cotidianidade na Praça Edmundo Bittencourt: croquis	98
12	Fotos da parte do chafariz, com os bancos próximos	99
13	Clareira sem árvores no meio da Praça na foto maior e na menor a imagem da santinha	101
14	Imagem da Santa na Praça Edmundo Bittencourt, no segundo quadrante	102
15	Praça Edmundo Bittencourt: aglomeração de gente vendo o Futebol, pessoas descansando	103
16	Praça Edmundo Bittencourt acima e São Salvador abaixo em um croqui etnográfico (panorama)	108
17	Praça São Salvador (esquerda) e Edmundo Bittencourt (direita)	110
18	Exemplos de aproximação corporal, interação e comportamento.	113
19	Croqui etnográfico Parque Paul Mistral em Grenoble	116
20	Foto de uma das páginas do diário de Grenoble: macro exploração urbana	164
21	Foto com a existência ou ausência de barreiras visuais	181
22	Mapeamento com trajetos realizados durante as pesquisas	182
23	Foto para exemplificar as ambiências mais linear e mais vibrante	183
<b>TABELAS</b>		
01	Síntese / registros chave das narrativas realizadas na Praça Edmundo Bittencourt	175
02	Síntese / registros chave das narrativas realizadas na Praça Edmundo Bittencourt	177

# UMA QUESTÃO DE EMPATIA[?]

A semente que originou este trabalho surgiu quando, em seu relato acerca de uma experiência urbana, a Prof. Cristiane Rose Duarte, fez uso intuitivamente da expressão “falta de empatia” para explicar o que parecia ser uma falta de conexão com um certo lugar. Na época, não se tinha certeza se havia alguma pertinência acadêmica em fazer uso da palavra naquele contexto, mas o que compreendíamos no Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC/Proarq) como Empatia aparentava ser a melhor descrição do sentimento que atrelamos ao espaço. Aos poucos, a associação do termo com as questões espaciais e urbanas foi permeando as reuniões do LASC e parecia ser a resposta mais plausível para muitas inquietações e discussões colocadas em pauta.

Por meio do termo era possível, por exemplo, explicar a tristeza que se sente quando se está em um lugar abandonado ou o entusiasmo que nos toma quando sem esperar encontramos um espaço ‘vivo’, movimentado, cheio de vitalidade. E aquela curiosidade que certos lugares despertam? Ou, ainda, aquela sensação que nos faz querer voltar ou permanecer em certos espaços. Ou, sem dúvida, aquele lugar que fomenta a ausência e serve para introspecção. Quando dizemos que não permanecemos em um lugar porque nos sentimos tristes, mas também porque o lugar é triste, não seria uma interação pautada no que sentimos e, logo, uma questão de Empatia?

Entre os muitos questionamentos que surgiam nas reuniões do Laboratório, um, em especial, era mais recorrente e constantemente associado à Empatia. Tal indagação surgiu a partir da observação de lugares que, mesmo sendo propícios à reunião de pessoas, não possibilitavam um engajamento coletivo. Curiosamente, e coincidentemente, este era um fato que também intrigava a pesquisadora desta tese, não apenas no sentido acadêmico, mas também como frequentadora. Foi a partir da vivência que se começou a se considerar que a fundação da experiência coletiva talvez realmente fosse uma questão de Empatia às ambiências. Este, aliás, foi um dos motes dos primeiros estudos do LASC e que nos levou a buscar uma fundamentação teórica que pudesse corroborar ou direcionar a pertinência do que cogitávamos.

As primeiras leituras engendradas mostraram que havia certo sentido relacionar a Empatia ao sentimento vinculado ao espaço. A palavra é na verdade uma tradução

do termo *Einführung*, uma abordagem alemã da segunda metade do século XIX, que trata da relação entre o sujeito e o objeto a partir do sentimento despertado por este último. Modalidade especial do nosso vínculo emocional com o mundo, *Einführung* se refere à nossa propensão em projetar nossos sentimentos em objetos e que, conseqüentemente, leva a nos identificar tanto com o inanimado como com nós mesmos. O universo das obras de arte se consagrou como o ponto de interesse dos estudos da *Einführung* que, por explorar a relação entre sentimento e aparência estética, contribuiu para que a arquitetura fosse incluída como um dos objetos artísticos de interesse. No entanto, embora exista a Empatia na arquitetura, ainda não são conhecidos trabalhos que associem seu uso na investigação da fundação de experiências coletivas.

Mesmo sem termos corroborado teoricamente, entendíamos que, por nos conectar emocionalmente com o mundo, a Empatia estava presente não só na apreciação estética, mas era importante na adesão do espaço, inclusive aqueles de uso coletivo. A fim de clarificar e averiguar as possibilidades de pesquisa, a equipe se propôs a ir a campo. A intenção era descompromissada e consistia em uma tentativa de tentar observar o que, até então, não se sabia ao certo, mas que, a nosso ver, tangenciava o que foi chamado de Empatia Espacial.

A primeira observação empírica, que tinha como objetivo observar a Empatia Espacial, aconteceu na Pedra do Sal, no Rio de Janeiro, no final de 2014, e o intuito era tentar identificar fatores que poderiam ser correlacionados à ideia de uma Empatia Espacial. Neste primeiro momento, foi construída a primeira suposição mais palpável, a qual permeou este trabalho por algum tempo: a existência de um elemento de reconhecimento espacial que incentivava o engajamento coletivo (DUARTE et al, 2015). O que se acreditava era que existiam certos espaços que possibilitavam o engajamento coletivo mais facilmente que outros, os quais foram chamados previamente de *espaços empáticos*.

O que se pode dizer é que a primeira ida a campo e as discussões proferidas *in loco* foram o principal motivador deste trabalho. Os primeiros estudos realizados na Pedra do Sal passaram a nortear não só as discussões, mas também propostas de pesquisas a serem realizadas pelo LASC. Abria-se assim um leque abrangente o qual, devido ao interesse temático do grupo de pesquisa – arquitetura, subjetividade, cultura – passou cada vez mais a tangenciar ou ser correlato com as indagações relacionadas à Empatia Espacial.

A partir dali, começa-se uma procura por referenciais teóricos que pudessem construir um entendimento do que acreditávamos ser um conceito. Iniciou-se então

uma busca por uma fundamentação teórica que nos pudesse dar consistência conceitual e que permitisse um desdobramento acerca das questões com as quais havíamos nos deparado empiricamente. E nisso foram quase dois anos inteiros de pesquisas conjuntas e, mais detidamente, da pesquisadora desta tese.

Ainda no início da pesquisa teórica acerca das possíveis fundamentações, deu-se conta de que a busca não seria tão simples. A ideia de Empatia Espacial era pertinente, mas pouco consolidada e até inédita sob a perspectiva almejada: a exploração do espaço urbano, da cidade. Havia alguns referenciais teóricos e alguns trabalhos acerca da empatia estética arquitetônica que indicavam possibilidades de aplicabilidade do termo (MALLGRAVE, 2010; CAZAL, 2014). No entanto, a cada lugar que observávamos empiricamente era claro que se fazia necessária uma delimitação do que viria a ser uma Empatia Espacial.

Além de achar o tema instigante para uma pesquisa, a Empatia Espacial era algo que parecia explicar muitas das sensações que a pesquisadora, na época recém-chegada ao Rio de Janeiro, tinha em relação a alguns lugares da cidade. E foi diante da curiosidade e das lacunas que impossibilitavam uma aplicabilidade mais consistente da ideia de Empatia Espacial que se assumiu o compromisso de ir um pouco adiante e fundamentar essa estrutura conceitual dentro de uma tese.

Para este trabalho, partimos do pressuposto que a Empatia Espacial existe e que sua aplicabilidade no estudo da adesão espacial e na fundação de experiências coletivas é possível. Esta afirmação não se deve apenas ao caráter multidisciplinar e interdisciplinar atribuído ao conceito, mas, sobretudo, à existência de um aspecto elementar que está presente tanto nas obras de arte quanto nos espaços da cidade – e a cidade é o foco.

Os teóricos da *Einfühlung* afirmavam que as obras de arte eram passíveis de serem examinadas sob a ótica da Empatia devido a um “corante” que pairava sobre elas, um tom que surge como uma fusão entre o que vemos e sentimos (VISCHER, 1994). Na pintura e até mesmo na escultura, garante Koepnick (2007), existe toda uma atmosfera que, por meio de suas cores, composição e ritmos geométricos, pode nos arrebatrar. Esta seria a comprovação de que a arte tem um poder não só de nos emocionar, mas também da nossa predisposição a internalizar subjetivamente e emocionalmente elementos físicos; ou ainda, que temos a propensão de projetar nossas emoções em elementos que tomamos como simbólicos (PALLASMAA, 2014). Como artefato humano, a cidade, e principalmente seus espaços livres conformadores de ações coletivas, também tem essa predisposição (ou necessidade) de nos afetar e promover a frutificação das mais variadas sinestésias compartilhadas. Por isso,

colocar a Empatia em outro patamar deve importar tanto na fabricação de tais espaços como na experiência coletiva que somos levados a vivenciar.

Essa capacidade de motivar uma reação emocional através do projetar-se ou o contrário, projetar-se para internalizar uma emoção, descreve o que genericamente se entende como Empatia: o ato de colocar-se no lugar do Outro. Da mesma maneira que os objetos estéticos tratados pela *Einführung*, de cada espaço da cidade emana uma atmosfera, que aqui tratamos como ambiência. Relacionada às diversas sensações derivadas do Lugar, a ambiência, como descreve Augoyard (1979), deriva da junção entre os aspectos físicos e os sentidos que os percebem. É exatamente por admitir que os espaços despertam em nós a necessidade de um elo, que não só o internalizamos, mas também nos projetamos nele; um ato que tomaremos em todo este trabalho como a construção de uma Empatia para/com o espaço e que nos leva a perguntar: a partir de quais premissas essa Empatia Espacial aconteceria?

O que se presume é que através da experimentação de certos atributos e condicionantes – físicas e abstratas – presentes no espaço, sentimentos são despertados, projetando as nossas emoções pessoais espacialmente e nos levando a interagir com a coletividade. **A hipótese levantada é que existem determinados atributos que podem favorecer o engatilhamento de uma Empatia Espacial em lugares de uso coletivo e público.**

Nesta tentativa de compreender a ocorrência de Empatia Espacial, percebemos que seria preciso então a estruturação desta ideia que tinha forma de conceito. Possivelmente, também seria necessário buscar um método, ou talvez a construção de uma ferramenta que estivesse mais de acordo com o conceito. Como o desdobramento de ambos parecia estar condicionado tanto às fundamentações quanto ao estudo empírico, tomamos um caminho onde a observação da experiência coletiva do lugar estaria vinculada à construção da teoria, que por sua vez é rebatida no espaço. A interação, a partir do estudo de campo, ao mesmo tempo em que nos auxiliou a considerar como e o que deveria ser considerado no conceito, acabou também por nos direcionar à utilização de abordagens que levavam à participação do pesquisador no processo de exploração.

Inicialmente, optou-se pela observação etnográfica, método que abalizou as primeiras observações e as primeiras incursões que foram apresentadas durante a qualificação. A etnografia, mais precisamente a etnotopografia (ferramenta cunhada pelo LASC), permitiu que pudéssemos traçar alguns paralelos com as leituras realizadas e lançar algumas suposições que iriam nortear nossa pesquisa.

As considerações trazidas pelo estudo em andamento nos levaram a repensar muitas das suposições que, até então, haviam sido delineadas com as primeiras incursões. Entre elas estava a ideia de que existiam espaços empáticos em detrimento de outros que não seriam empáticos e a associação da Empatia Espacial com a apazibilidade dos lugares.

Tais posicionamentos foram reconsiderados, assim como reforçado o valor de cidade no contexto de exploração metodológica. A fim de se completar essas lacunas do trabalho, a pesquisadora aderiu ao estágio doutoral na França, em meados de 2017, o qual possibilitou a construção de uma abordagem mais adequada ao estudo.

A oportunidade de trabalhar com o Centre de Recherche sur l'espace Sonore & l'Environnement Urbain (CRESSON) na École Nationale Supérieure de Architecture de Grenoble (ENSAG) levou-nos a observar espaços públicos de outro contexto cultural e social. Foi a partir de tais observações que foi possível o estabelecimento de paralelos com a realidade brasileira, o que favoreceu um outro olhar ao estudo empírico. Embora a experiência no Laboratório francês estivesse focada na construção da metodologia, era evidente que a construção conceitual da Empatia Espacial se dava de maneira recíproca: às vezes se delimitava o conceito, mesmo que de maneira insipiente, para poder direcionar o método; em outros momentos, o método em construção mostrava outra perspectiva que levava ao refinamento do conceito. Mais uma vez, para ambos os processos, foi preciso pautar uma experiência empírica, que desta vez se constitui em forma de uma imersão urbana contínua consolidada desde de macroexplorações, com foco na cidade, até microexplorações, em espaços públicos pontuais.

Por fim, foi pela combinação de teoria e de processos de imersão urbana intensa e contínua iniciados e finalizados no Brasil e ampliados na França, que delineamos este trabalho. Assim a pesquisa, de modo geral, foi fruto não só da busca da Empatia Espacial, mas de sua vivência, ainda que de forma intuitiva, a partir de cada experiência urbana. Esperamos que por meio deste trabalho possamos, de fato, trazer contribuições para a compreensão das experiências coletivas nos espaços públicos, ambiências urbanas e da cidade que sempre buscamos.

# A BUSCA POR UMA EMPATIA ESPACIAL

Muitos são os lugares com os quais formamos uma união emocional e que, por isso, são propícios a despertar em nós um sentimento de empatia. No caso deste estudo, o enfoque são os espaços públicos, cujo uso e apropriação pelas pessoas é essencial no processo de humanização das cidades. Por ser um lugar favorável à atração das pessoas, entendemos que dele emana toda uma carga simbólica e afetiva e, conseqüentemente, necessária à construção de significados. Receptores de diferentes tipos de manifestações e de uma diversidade de gente, os espaços públicos favorecem não só o convívio coletivo, mas também a criação de elos advindos de seus usuários.

Ao longo de séculos, tais espaços têm se estruturado como uma via de mão dupla, produzindo e sendo produzidos pelas relações de uso e ocupação. Nos últimos anos, porém, temos notado um reforço nas teorias urbanísticas que privilegiam e louvam o papel agregador dos espaços públicos. Bem engendradas em momentos específicos da evolução das cidades – nas décadas de 60 e 70 – tais teorias são fruto de um reconhecimento do novo tipo de convivência urbana do Pós-guerra e da recuperação de uma dimensão encarnada das ruas. Desde o início do século XXI, esta retomada de postura tem culminado em ensaios por uma apropriação efetiva da dimensão pública do espaço, a exemplo de Jan Ghel (2013) e os desbravadores do “urbanismo tático” e ações comunitárias que tornam o cidadão um agente ativo de modificação.

Na cidade somos levados a vivenciar as diferentes experiências resultantes das nossas interações com os espaços e com as pessoas que neles estão. A autores como Castells (1995) explicam que a cidade que surge nos dias atuais, a cidade contemporânea, constitui-se sob efeito da globalização e das novas tecnologias digitais. É uma cidade recoberta de contradições onde, ao mesmo tempo em que fronteiras sociais se dissolvem, conceitos como ausência e presença se confundem, perto e longe se tornam relativos. Com isto, formas inéditas de apropriação espacial são descortinadas onde até mesmo “o deslocamento pela cidade é coberto pelo paradoxo de relacionar-se com ausências” (CARVALHO, 2014).

Esta nova maneira de nos relacionamos com o nosso entorno social e cidadão tem sido observado por diversos estudiosos e trazido à tona fenômenos que cada vez se tornam visíveis. Em diversos espaços públicos de grandes metrópoles mundiais, por

exemplo, os frequentadores têm buscado produzir eventos efêmeros ou transitórios, mas contínuos que passaram a atrair pessoas de várias partes da cidade para este movimento de “reconsagração” da vida pública ao ar livre. Como exemplo, podemos citar o Largo da Batata em São Paulo que, por meio de ações regulares de ocupação e de atividades, tem se transformado em um espaço de estar e não apenas de passagem. No Rio de Janeiro encontramos a Praça São Salvador que, depois de anos de abandono, tem reunido atividades culturais e gastronômicas, motivando o encontro de pessoas. Não obstante serem ações positivas de enfrentamento e recuperação da ambiência local, nem sempre as consequências de alteração de um estado de ‘esquecimento’ funcionam de forma homogênea.

Diante do cenário exposto, o qual corrobora a escolha do espaço público como objeto empírico deste trabalho, consideramos o estudo da Empatia Espacial um instrumento conceitual que nos possibilita compreender sob que condições espaciais as pessoas são incentivadas a aderir afetivamente ao espaço urbano. Como recorte empírico, uma maneira de delimitar melhor nosso estudo, exploraremos duas praças do Rio de Janeiro: A Praça São Salvador, em Laranjeiras e a Praça Edmundo Bittencourt, em Copacabana.

Como acreditamos que o desenvolvimento do conceito pode ser uma maneira de ampliar o debate metodológico, a Empatia Espacial surge também como um instrumental metodológico, através do qual é possível identificar espaços que possam ser chamados de “empáticos”. Consolida-se, assim, **o objetivo geral do trabalho, qual seja** de *entender o papel da Empatia Espacial na adesão ao meio e sua influência na fundação de experiências coletivas*. E atrelada à confirmação da hipótese surgem objetivos específicos:

- (1) desenvolver o conceito de Empatia Espacial;
- (2) explorar a influência da Empatia Espacial no desenvolvimento e adesão coletiva a uma ambiência urbana;
- (3) desenvolver ferramentas que permitam explorar/ identificar o espaço empático e estudar as ambiências urbanas;
- (4) ampliar, no campo metodológico, as possibilidades de análise de espaços livres nas cidades contemporâneas;
- (5) elencar atributos que conformam este conceito e são essenciais para uma adesão positiva ao espaço urbano.

Para tal, estruturamos o trabalho em duas partes, onde a primeira parte compreende da “Teoria à Experiência” e a segunda da “Experiência à Teoria”. Iniciamos a primeira parte com a fundamentação teórica, com colocações sobre a *Einfühlung*, conceito gênese da Empatia, dando ênfase à teorias e perspectivas que embasam também estudos arquitetônicos. Além da Empatia Estética, trazemos algumas considerações sobre a Empatia de uma maneira geral, como uma forma de melhor compreender os elementos envolvidos em sua ocorrência e consolidação.

No segundo capítulo, trataremos do objeto alvo da Empatia, uma premissa importante salientada em todos os estudos que envolvem o tema. Esta é a parte da tese onde exploramos a cidade a partir do espaço público, tanto o do meio físico como o imaterial. Neste capítulo também falamos sobre a apreensão e o contato com o meio urbano, o ser/estar na cidade, finalizando-o com a experiência, que é como normalmente nos aproximamos e apreendemos sobre as coisas que nos cercam.

No terceiro capítulo estão os estudos empíricos realizados em duas Praças do Rio de Janeiro: a Praça Edmundo Bittencourt, em Copacabana e a Praça São Salvador, em Laranjeiras. Nestes dois lugares observamos de maneira participativa, através da etnotopografia as diferentes interações, reações, eventos, dinâmicas e comportamentos. Também foi durante as idas a campo que, com base na fundamentação teórica trazida nos capítulos anteriores, lançamos as primeiras suposições acerca da Empatia Espacial.

O quarto capítulo está na segunda parte da tese, intitulada da “Experiência à Teoria”. Nela resgatamos algumas considerações traçadas na primeira parte, assim como as suposições que surgiram em campo para nortear o delineamento conceitual da Empatia Espacial. Neste capítulo explicamos a construção da Empatia Espacial e suas condicionantes. A parte da metodologia está no quinto capítulo, que é finalizado com a aplicação do método proposto. Nele retomamos com uma pesquisa piloto nas duas Praças estudadas no capítulo três, apresentando alguns resultados e constatações que são decorrentes da aplicação empírica e conceitual.

Com este trabalho, espera-se que, além de trazer novas perspectivas para a compreensão e análise da adesão positiva ao espaço, a ideia de Empatia Espacial possa também contribuir para o estudo das ambiências urbanas. Ao enfatizar a dimensão humana e sensível dos espaços, acreditamos que este estudo possa contribuir com considerações para a construção de espaços públicos cujas condicionantes espaciais possam atender melhor ao contexto de fundação de Empatia entre seus usuários.

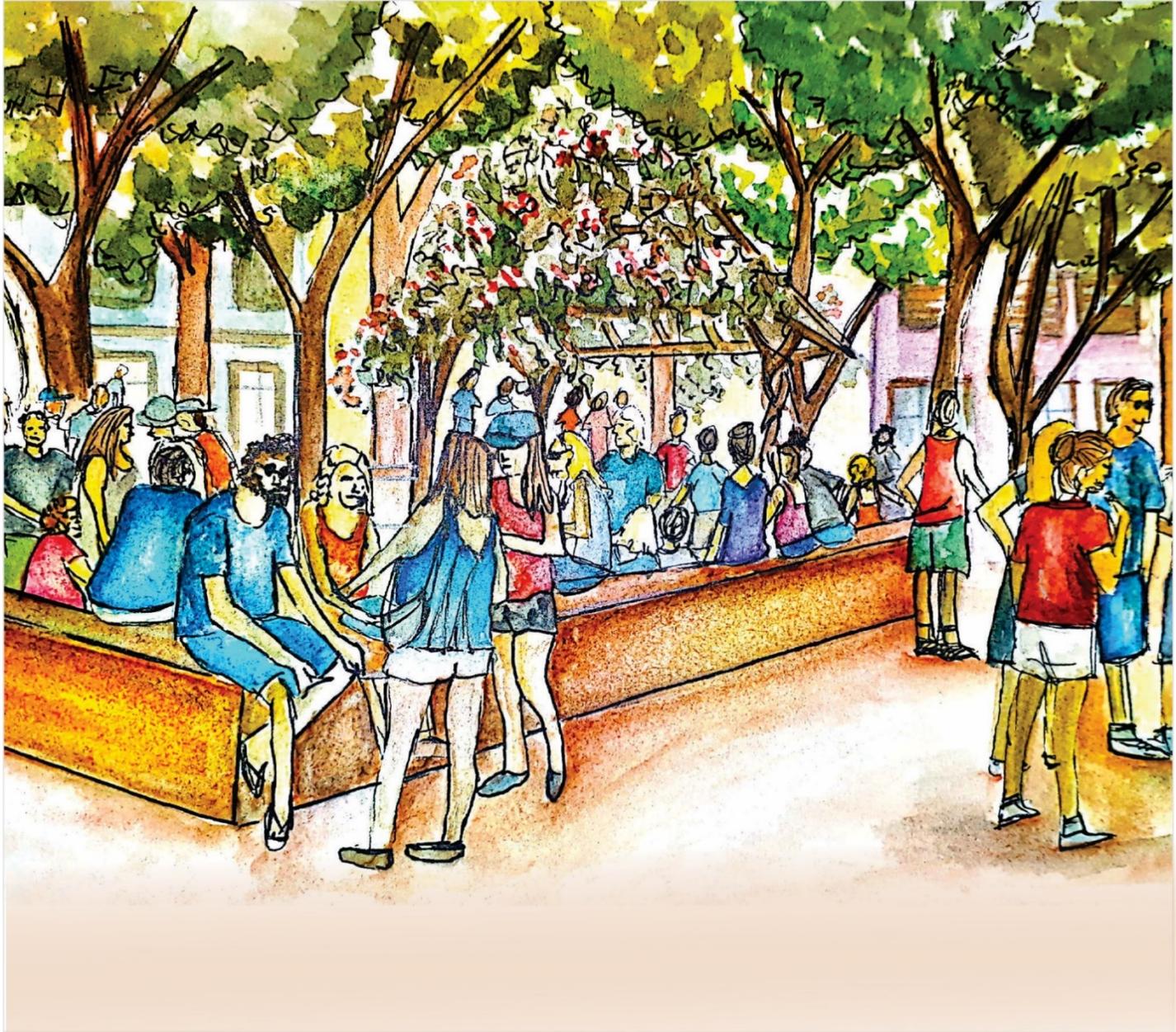


Figura 01: Croqui de um domingo na Praça São Salvador, em Laranjeiras, Rio de Janeiro  
Fonte: a autora, 2016

## PARTE 1 | DA TEORIA À EXPERIÊNCIA

# 1 | A EMPATIA

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E CORRELAÇÕES TEÓRICAS

Entre os variados contextos explorados a partir do estudo da Empatia, a sua aplicabilidade na análise do espaço urbano ainda é pouco explorada. Mas, mesmo sem haver uma referência direta acerca de uma Empatia Espacial, esta última é, por vezes, tangenciada, sobretudo em estudos relacionados à estética arquitetônica. Como o ponto de partida desta pesquisa é a conceituação da Empatia Espacial enquanto arcabouço central de uma interpretação sensível do espaço físico, versaremos, neste capítulo, sobre algumas considerações acerca do entendimento geral da Empatia. Assim, buscaremos não só corroborar teoricamente que é pertinente falar que existe uma Empatia Espacial, mas também estabelecer algumas conjecturas que reforcem a sua aplicabilidade no estudo da fundação das experiências coletivas.

É no sentido interpessoal de troca e contato entre sujeitos que a noção de Empatia ficou sendo mais conhecida e estudada desde o início do século XX, sobretudo na psicologia e na psicanálise. No entanto, em sua gênese, o conceito está relacionado à *Einfühlung*, abordagem filosófica alemã que tem como foco entender o sentimento despertado no sujeito a partir da relação estética que este primeiro estabelece com objetos, com obras de arte e até com o meio circundante. Por já ter sido empregada na arquitetura, acreditamos haver certa pertinência conceitual que pode favorecer possíveis conjecturas e delineamentos teóricos e metodológicos acerca da Empatia Espacial. Por isso, inicialmente recorreremos à *Einfühlung* como uma abordagem que pode melhor nos situar sobre as possíveis associações entre a Empatia e as questões espaciais.

Em linhas gerais, a ideia do colocar-se no lugar do outro, de sentir-se como o outro, é o significado mais difundido do termo e que passou a determinar, na ótica do senso comum, a sua definição mais recorrente. Na verdade, a Empatia é tida como uma habilidade que favorece uma comunicação através dos sentidos, sendo a partir dela que adquirimos a capacidade de nos comunicar de uma maneira mais sensível do que verbal. Por isso, em seu sentido mais completo, ela pode ser explicada como “uma situação de participação particular com o Outro no qual o sujeito se identifica e se projeta a ponto de compartilhar o ‘estado de alma’ do outro e senti-lo como seu” (CALIANDRO, 2004, p.01 tradução nossa).

Entretanto este não é o único entendimento relacionado à Empatia e, tampouco, o campo da relação interpessoal o único viés no qual sua pesquisa é realizada. Em seus estudos centrados na *Einfühlung*, Currie (2011) e Cazal (2014) reforçam a aplicabilidade da abordagem na exploração de variados tipos de experiências relacionadas à relação emocional, inclusive em relação meio que nos circunda. No entanto, afirmam os mesmos autores, devemos atentar para o fato de que esses estudos, sobretudo os relacionados à arquitetura, têm como principal enfoque as propriedades estéticas. Assim, mesmo não se desconsiderando as questões estéticas no estudo da Empatia Espacial, existe uma dimensão relacionada ao espaço que também não é totalmente contemplada sob o viés da Empatia arquitetônica: o fato de que também vivenciamos uma série de práticas e dinâmicas, quando estamos imersos no meio. Na tentativa de contemplar fatores que devem ser levados em conta no estudo espacial, recorreremos a outros campos do conhecimento que, assim como a arquitetura, exploram diferentes perspectivas e entendimentos relacionados à Empatia.

O que propomos fazer neste capítulo é um arcabouço teórico a partir do qual possamos explorar e entender aspectos essenciais na construção e conceituação da Empatia. Longe de querer reunir todas as considerações, que são diversas e abrangentes, o que buscamos é identificar fatores relacionados à Empatia de uma maneira geral e que podem ser concatenados ao estudo espacial. Neste sentido, iniciaremos este trajeto teórico-conceitual a partir da *Einfühlung*; gênese do conceito e abordagem a partir da qual é possível ter uma associação mais próxima com as questões espaciais.

### **1.1 *Einfühlung*: A Empatia como projeção sentimental**

No último terço do século XIX até o início do século XX, as diversas formas de reflexão estética desenvolvidas na filosofia alemã estavam centradas torno da noção de *Einfühlung*. O objetivo era “*compreender como o “Eu” se sente no objeto estético e vê a si mesmo representado no objeto, a ponto de considerar que essa representação é indissociável de como aquele objeto o afeta e o faz sentir*” (GALLAND-SZYMKOWIAK, 2017, p.02, tradução nossa). Esta é, em linhas gerais, a descrição do que vem a ser a *Einfühlung* e que parece ganhar mais

sentido quando explicamos que se está fazendo referência ao que, anos mais tarde, foi traduzido por "Empatia".

O termo *Einfühlung* é uma variação do verbo *einfühlen*, que corresponde à descrição genérica de um saber desenvolvido especialmente por filósofos românticos alemães. A palavra, na época um neologismo, foi usada pela primeira vez por Herder (1778/1997) para significar "entender simpaticamente", referindo-se literalmente ao sentir-se dentro da situação enquanto agente. O que chamamos hoje de Empatia seria para Herder (1997) a base para qualquer entendimento e conexão com o mundo já que, por ser a capacidade de "sentir a si mesmo inserido no objeto", ela permitiria uma união quase mística entre sujeito e objeto, entre Homem e Natureza (COPLAN; GOLDIE, 2011).

As primeiras raízes de *Einfühlung* começaram a ser cultivadas empiricamente em estudos relacionados à Estética Inglesa e à Psicologia da Percepção durante o século XIX, seguindo como objeto de debates aprofundados até a primeira metade do século XX. Entretanto, Nowak (2011) relata que os precedentes do uso da ideia de *Einfühlung* datam do século XVIII, o qual aparece como uma possibilidade de explorar a psique humana e, mais tarde, descrever a relação entre o Homem e a Natureza. Os primeiros estudos neste sentido são creditados a Hume (1739/2000) que, a partir da análise de aspectos relacionados à estética, descreveu as sensações associadas à contemplação de obras de arte e alegou que todos os juízos de beleza envolvem "simpatia".

A primeira aparição do conceito de *Einfühlung* é creditada a Robert Vischer (1853/1994) em um ensaio onde ele desenvolve a teoria de Friedrich Vischer, seu pai. Ainda sem fazer uso do conceito diretamente, Vischer (1994) foi o primeiro a associar a percepção à ideia de uma apreensão simbólica do inconsciente mediante um processo emotivo. Em sua ótica, a única possibilidade para o conhecimento das coisas era projetar sobre elas a nossa subjetividade. É por isso, explica o autor, que as pessoas associam elementos espirituais aos objetos e os convertem em objetos sensoriais, operação que ele chamou de simbolismo. Tanto a obra de arte como a natureza se manifestam de maneira emocional, o que segundo Vischer (1994) levaria as pessoas a sentir ambas de maneira empática, como um instinto que pode ser chamado "primário", em relação à arte, ou "natural", em relação à natureza. Com este pensamento, dividiu-se a representação simbólica em dois tipos: "mágico", em que o símbolo e o simbolizado se fundem num só, e "lógico", onde existe uma separação de ambos.

Para Vischer (1994), *Einfühlung* significava a participação ativa do espectador em uma obra de arte ou em outras formas visuais, como uma experiência mútua de troca entre o corpo e o objeto percebido. Ao colocar o espectador no centro do discurso, efetuou-se uma transição importante na relação entre a obra de arte e sua estética, onde o indivíduo de mero observador se tornava o “ser” projetado na obra. Conforme Vischer (1994), o significado da arte residia não apenas no objeto, mas também na recepção e no destinatário, o que o levou a investigar especialmente a simbologia que as formas puras adquiriam em nossa mente. A partir de suas colaborações, houve uma modificação na direção das pesquisas estéticas, que passaram a ser centradas não só no estudo da dinâmica que leva à construção das formas, mas também no processo pelo qual as pessoas atribuem significados a um objeto.

Apesar de Robert Vischer (1994), como já comentamos, ter introduzido a ideia, a figura mais importante relacionada ao conceito de *Einfühlung* foi Theodor Lipps (1903). Contemporâneo de Vischer (1994), foi Lipps (1903) quem fez uso do termo para explicar como uma pessoa captava o significado de objetos estéticos e a consciência dos outros. Na ótica de Lipps (1903), a *Einfühlung* /Empatia, então, seria um processo mental no qual o sujeito se torna consciente do objeto a partir de seu próprio estado emocional e expressa, através de sintomas sensitivos, o que é visível. Para saber do Outro, seja ele pessoa ou objeto, o autor defende que se deve provocar algum tipo de união por meios de projeção com esse Outro. Quando o Outro é um objeto, existe o que ele descreve como encontro estético: momento no qual experimentamos as qualidades estéticas do Outro dentro de nós mesmos e onde esse Outro – embora 'ideal' também é 'real' – é objetivado. Durante a percepção o espectador é ativo, pois permeia o objeto com sua energia e seu afeto e, através dessa atividade, contribui para que os objetos possam existir e serem vistos.

Ainda hoje os trabalhos de Vischer (1853) e Lipps (1903) são considerados relevantes nos estudos da *Einfühlung*/Empatia e até mesmo correlatos, embora destaquem parâmetros diferentes. Para o primeiro, o cerne da questão não era "entender" as emoções dos outros, e sim o sentimento que acompanha a percepção visual da forma do objeto. Já para Lipps (1903), *Einfühlung*/Empatia é um processo que envolve um ato de projeção pessoal onde nós sentimos as propriedades dinâmicas do objeto, perspectiva que ainda fomenta muitas discussões acerca da Empatia. O ponto em comum entre os dois filósofos, são as conjecturas e a tentativa de explicação de como ocorreria "nosso desejo de atividade em/ a partir do outro objeto, do estar/ser a partir do outro

*objeto.*" (ELIE, 2012, tradução nossa). Seguiremos, assim, discorrendo alguns delineamentos e explicações acerca do que seria esse processo empático ou como denomina Cazal (2014) "mecanismo de projeção empática".

### 1.1.1 O mecanismo de projeção empática

A noção de *Einfühlung* foi explorada nos estudos alemães do século XIX como uma maneira de entender as especificidades da experiência e do prazer estético. Vischer (1994) e Lipps (1903) foram os que mais concentraram esforços para entender e explicar em que consiste essa transferência inconsciente dos sentimentos, por parte de um indivíduo, a um objeto. Nesse processo, denominado por Cazal (2014) como "mecanismo empático" considera-se que:

"[...] o tom afetivo que se experimenta é vivido não como sendo nosso, nem como sendo vivido pelo objeto que, por não ser uma pessoa, não é dotado de uma interioridade, mas como uma propriedade do mesmo objeto, como um sentimento que de alguma maneira é objetivado." (CAZAL, 2014, p.2, tradução nossa)

Robert Vischer (1994) foi um dos primeiros teóricos a apresentar considerações acerca do que aqui vamos chamar de mecanismo de projeção, o que é explicado por ele a partir da gênese da *Einfühlung*. Sua teoria, pautada no sentido da visão, coloca em evidência duas modalidades de percepção que são nomeadas como receptora e motora. Tais modalidades fazem referência aos estímulos que o olho recebe, onde a primeira – a receptora – seria passiva e conduz a estímulos que capturamos a partir do olhar fixo, a exemplo das cores; e a segunda – a motora – seria quando os olhos seguem os contornos de uma forma.

Para Vischer (1994) tal movimento é conduzido a partir dos olhos e já pode ser considerado uma transferência empática inicial, pois a partir dela pode se chegar a sentir o estado do nosso próprio corpo no objeto, ou seja, imaginar. Essa transferência se explica quando nossa imaginação imita internamente a forma vista que é reproduzida por uma reapropriação. Assim, o ato de imaginar pode ser tanto estático, quando sentimos o estado do nosso próprio corpo no

objeto, quanto dinâmico, quando esse imaginar remete ao sentir o movimento do nosso corpo no objeto.

É importante salientar que, por estarem centrados no ato de imaginar, os estudos de Vischer (1994) se referiam ao mecanismo de transferência no nível da *Einempfindung*, (imaginar em alemão). *Einfühlung* é, para ele, a última instância de um processo complexo que por envolver “modalidades pré-empáticas”, variam em diferentes níveis de complexidade, indo desde a esfera sensorial até a esfera emocional<sup>1</sup>. Para se chegar a *Einfühlung*, é necessário não apenas projetar-se a partir do imaginar, mas também entrar em ressonância emocional com o objeto. Como supomos anteriormente, essa ressonância é iniciada através da *Mitfühlung* (simpatia em alemão), sendo *Einfühlung* a generalização desta última e de onde deriva a capacidade de compartilhar essa ressonância emocional não apenas com pessoas, mas também objetos (CAZAL, 2014).

Além de ser um dos primeiros a explorar o conceito de *Einfühlung*, o trabalho de Vischer (1994) desperta a atenção por outros motivos. Em relação ao mecanismo em específico, a relevância está em possibilitar a compreensão de como se opera a projeção empática tanto a partir de objetos imóveis como em movimento efetivo. Quando pensada a partir do movimento, a transferência inconsciente dos sentimentos indivíduo inerente à projeção empática aparece estreitamente relacionada à emoção. No caso de objetos estéticos, a emoção seria direcionada a partir do movimento de locomoção por parte das pessoas, ação que dotaria o objeto de dinamicidade. Outro ponto importante diz respeito à natureza da experiência relatada a partir de sua Teoria, que enfatiza o fato de que ver um objeto é, de certa maneira, inserir-se nele. Os próprios movimentos de percepção no fundo já seriam imitações, já que o olhar pode reproduzir os objetos apenas passando por seus contornos. Esse entendimento serviu não apenas de ponto de partida para inúmeros estudos arquitetônicos, mas, principalmente, para que Theodor Lipps (1903;1905), trinta anos mais tarde, sistematizasse e aprofundasse várias questões relacionadas à Empatia.

Como seu precursor, Lipps (1903) se deteve na ideia de que toda a percepção inclui uma atividade motora inerente. Por meio de suas descobertas, foi possível clarificar o processo que nos faz poder ver o sentimento, que é invisível, e percebê-lo em objetos inanimados. Conforme o autor, quando

---

<sup>1</sup> A Esfera sensorial está relacionada aos sentidos, enquanto a emocional às emoções. Ambas estão relacionadas a estados disposicionais. A esfera sensorial está relacionada à captura, enquanto a emocional, à reação a esta captura. (WATSON D e CLARK, 1994)

percebemos uma forma, quase que instantaneamente a esboçamos e a reproduzimos. Neste sentido, é viável dizer que podemos ver um objeto mesmo sem sentir a atividade e o movimento que estamos fazendo para nos projetar nele. Ao fazer esta atividade em direção ao objeto para percebê-lo, acabamos por esquecer como é a origem deste movimento e por isso nos relacionamos com o movimento contrário ao objeto: sentimos o que o objeto induz em nós (LIPPS, 1903).

A atividade de projeção como algo que é induzido em nós, pelo objeto, é apenas um pequeno exemplo da profundidade e da relevância das questões tratadas por Lipps (1903). A associação entre percepção e atividade motora é um tema também tratado sob a visão fenomenológica de Merleau-Ponty (1994), que afirma que os movimentos corporais acompanham nosso acordo perceptivo com o mundo, já que nos “situamos nas coisas que estamos dispostos a habitá-las como todo o nosso ser” (MERLEAU-PONTY, 1994, p.177). Ao estabelecermos paralelos entre ambos os autores, podemos presumir que em nível corpóreo a Empatia consiste na percepção da atitude ocasionada das relações entre sujeito e o objeto; relações que podem ser caracterizadas por um esforço objetivo e racional de compreensão intelectual dos sentimentos demonstrados. Desta forma, se a percepção, como explica Merleau-Ponty (1994), remete às incertezas, ao indeterminado, delineando o processo de comunicação entre o dado e o evocado, a Empatia seria então a tradução desta comunicação.

Embora as descobertas de Lipps (1903) sejam as que mais colaboram para a explicação do mecanismo de projeção, o tema ainda hoje é visto como complexo e com muitas questões em aberto, principalmente do ponto de vista da *Einfühlung*. Aqueles que embasam seus estudos nas considerações de Lipps (1903) afirmam que mesmo diante das “pistas” que corroboram seu posicionamento, nem sempre o autor expressa diretamente suas proposições. Foi por expor um ângulo diferente de estudiosos como Vischer (1853) que seu trabalho adquiriu uma grande visibilidade. Ao lançar novos olhares acerca da noção *Einfühlung*, Lipps (1905) favoreceu a abrangência do universo de estudo das artes visuais para as artes em geral, incluindo a literatura e o teatro. Por isso ele geralmente é mencionado nos estudos da Empatia como uma figura transitória. Foi suas colaborações multidisciplinares que contribuíram para que outros campos de conhecimento se interessassem pelo termo, promovendo o aparecimento de múltiplas perspectivas.

## 1.2 A Empatia em perspectivas múltiplas

Foi com intenção de respaldar a Empatia Espacial que exploramos no item anterior algumas nuances e considerações relacionadas à *Einfühlung*. De origem alemã, a palavra foi constituída pela junção – “*ein*” através e “*fühlen*” sentir, literalmente sentindo através – para carregar em sua etimologia o sentido tanto de uma identificação mental como afetiva com o Outro, que poderia ser pessoa ou objeto.

A ideia de que o Outro poderia ser qualquer coisa além do sujeito – pessoa, objeto ou até mesmo o meio circundante – foi capturada por vários estudiosos que se interessaram pela *Einfühlung*. Na visão de Titchener (1909), por exemplo, *Einfühlung* não era apenas a maneira pela qual aprendíamos o mundo, como pregava Herder (1997), mas principalmente de como “humanizamos o entorno”. Por isso, para o primeiro, Empatia descrevia, na verdade, uma sensação e sua respectiva captura que resulta da projeção de si mesmo, o Outro que está além de si mesmo. A tradução para *Empathy* foi uma maneira encontrada para corresponder a esta amplitude conceitual que, para Titchener (1909), já era inerente à palavra *Einfühlung*.

A constante presença de *Einfühlung* em estudos estéticos contribuiu para que sua vinculação fosse mais relacionada a objetos e com um sentido que remetesse a uma projeção sentimental, como tratamos. Com o tempo e com a aplicação, coube ao termo Empatia carregar com maior intensidade o componente emocional e afetivo, enquanto *Einfühlung* passou a expressar uma relação entre estímulo visual e/ou muscular com uma cinestesia imaginária que permite vivenciar certos tipos de experiências. Isto fez com que muitas das nuances características do termo em sua origem passassem a ser utilizadas apenas por um dos dois termos.

Além de estar relacionada com a gênese da Empatia, a importância da *Einfühlung* para o estudo da Empatia Espacial reside em sua proximidade com o espaço, resultado de sua aplicabilidade na arquitetura. Mas, embora seja uma abordagem que propicie correlações, ela ainda carece de complementos que permitam uma melhor adaptação ao contexto espacial citadino. Por isso, mesmo trazendo considerações importantes acerca da estética espacial, ela não contempla elementos relacionados às práticas espaciais. Desta forma, diante das variadas definições que moldam a Empatia na atualidade, opta-se por iniciar esse

percurso a partir das variáveis que nutrem o termo e que se fazem presentes em todas as definições.

Um dos desafios apontados por aqueles que estudam atualmente a Empatia é que desde sua origem as discussões em torno do termo têm reunido muitas visões. Com a cisão conceitual que culminou com a existência de dois termos onde cada um é aplicado em contextos diferentes, a Empatia adquiriu uma abrangência conceitual. Os vários entendimentos e conceituações que lhe parecem correlatos, às vezes são tão opostos ao ponto de parecerem conflitantes. Mas, ao mesmo tempo em que as diversas compreensões dificultam a adoção de uma definição única, favorecem a sua aplicação em diferentes situações. Para adotar uma visão mais direcionada, autores como Batson (2009) estabelecem paralelos entre as diferentes perspectivas. Esta seria uma forma de preencher lacunas e de descobrir delineamentos que se fragmentaram em torno dos dois entendimentos – *Einfühlung* e Empatia – depois tradução de Titchener (1909).

Conforme Batson (2009), independente de sua aplicação ou associação, a ideia de Empatia tangencia componentes relacionados à cognição, à afeição e ao comportamento. A correlação desses três aspectos permite que a literatura apresente e explore a Empatia a partir de três grandes categorias classificadas por Reynolds (1982) como: Empatia cognitiva, Empatia afetiva e Empatia emocional. Tratar a Empatia sob esses parâmetros não significa que exista certo ou errado, mas sim que se está fazendo uma referência mais direta a uma das nuances associadas ao termo e a certo fenômeno ao qual ele aparece relacionado.

A *Empatia cognitiva*, por exemplo, está relacionada ao aprendizado e é descrita como a capacidade de perceber, reconhecer e identificar o pensamento do Outro. Geralmente as pesquisas centradas nesse tipo de Empatia tratam de explorar a consciência do estado interno do Outro, os pensamentos, sentimentos, percepções e motivações e até anteciper o estado psíquico. Já a *Empatia afetiva* diz respeito ao compartilhar a emoção do Outro e por isso está relacionada à reação afetiva. Esta ótica é bastante tratada por psicólogos que recorrem a essa categoria empática como um caminho para reconhecer e trabalhar a harmonização dos estados emocionais de seus pacientes. Já a terceira categoria se relaciona ao comportamento e é definida como a compreensão não egocêntrica do Outro, acompanhada por uma coordenação emocional. Em outras palavras, o que ocorre é que a interpretação dos significados da situação observada desencadeia reação emocional caracterizada pela aceitação do ponto

de vista da outra pessoa. Nesta perspectiva, os processos cognitivos jogam papel mediador no processo de ativação emocional, o que torna a *Empatia emocional* uma combinação das duas primeiras categorias. (REYNOLDS, 1982)

A importância dessas categorias, explica Batson (2009), reside no fato de que as conceituações sobre Empatia são desdobradas a partir delas. Por meio das colocações do referido autor, foi possível reunir os conceitos mais recorrentes e suas conseqüentes variações. Ressalta-se, no entanto, que nem todas as óticas aqui mencionadas podem ser diretamente – ou completamente – aplicáveis ao estudo proposto, mas se fazem necessárias como uma maneira para clarificar a adoção ou exclusão de certos aspectos.

Por meio dos conceitos mais recorrentes também é possível identificar os eixos estruturadores da Empatia, que, segundo Decety e Ickes (2009), são diretrizes a se considerar tanto na observação como na aplicabilidade da Empatia como um todo. Neste sentido, entendemos que o primeiro passo é explorar os distintos pontos de vista que estão vinculados ao entendimento que se tem atualmente sobre a Empatia. O propósito é posteriormente realizar associações entre as fundamentações teóricas e o estudo empírico, que resultará na metodologia proposta nesta tese de doutoramento. Iniciamos, então, através das inúmeras perspectivas já consolidadas, a partir das quais estabeleceremos alguns paralelos, eixos estruturadores, que podem avalizar a construção do que aqui pretendemos chamar de Empatia Espacial.

### 1.2.1 A Empatia e seus conceitos: eixos estruturadores

A falta de um conceito universal favoreceu a existência de diversos entendimentos acerca da Empatia. Neste item, apresentaremos as conceituações mais recorrentes, a partir das quais pretendemos ilustrar os eixos estruturadores e elementos que a embasam, de maneira genérica, que são vinculados ao termo.

O conceito mais frequente associado à Empatia é o *conhecer/entender o estado interno do Outro, seus pensamentos e sentimentos*, ou seja, o estado mental de um indivíduo. Alguns clínicos e pesquisadores, como Preston e Wall (2002) e Wispé (1986), concordam que a compreensão do estado interno do Outro pode ser chamada de Empatia. Mas, existem aqueles que afirmam que esta conceituação se refere apenas a uma categoria, associando essa noção a uma “Empatia cognitiva” (ESLINGER, 1998) ou “afinação empática” (ICKES, 1993).

A vinculação da Empatia com as questões interpessoais também está presente no dicionário que diz que *adotar a postura corporal ou expressão de outro observador* é o que define o termo (HOUAISS,2017). A mesma ação, para filósofos como Gordon (1995), remete apenas a uma “Empatia facial”, enquanto os psicólogos como Hoffman (2000) chamam de “mímica motora” ou “imitação”, por considerarem um reflexo do processo empático. Para Preston e Wall (2002), existe uma falta de consenso se a tomada de postura é Empatia em si ou uma resposta empática, já que existe algo além da mímica automática envolvida na seleção das ações copiadas. Perceber o Outro não seria simplesmente produzir uma atividade motora correspondente ou consciente, mas produzir uma ação que é a expressão do entendimento do estado interno do Outro.

**Perceber o que o outro sente** é o que neurocientistas como Eslinger (1998) descrevem como a melhor definição de Empatia e que interessantemente reforça um aspecto comum nas conceituações até aqui colocadas. Embora até este ponto tais conceituações tenham feito referência ao Outro enquanto sujeito, nesta última o fator “sentir” não surge como resultado do processo. O sentir, neste caso, está associado ao entender/perceber e à ideia de que a Empatia pode ser observada, já que o processo empático pode ser evidenciado a partir de ações e/ou reações. Esta é uma constatação que é tomada como premissa em alguns estudos da neurociência como os realizados por Berthoz (2006), cujas descobertas reforçam a observação que a Empatia pode ser espacializada, como voltaremos a mencionar mais a frente.

Na continuidade de reunir as conceituações, notamos que, embora o fator “sentir” não esteja presente nas fontes mais disseminadas pela literatura especializada, sua menção é recorrente. Segundo a maioria dos dicionários, que afirma ser este conceito o mais partilhado pelo senso comum, a Empatia nada mais é do que **se sentir como a outra pessoa está sentindo**. Esta definição também é usada por alguns filósofos como Darwall (1998) e psicólogos como Eisenberg e Strayer (1987). A Psicologia social contemporânea compartilha dessa definição, mas a relaciona à ideia de **sentir por outra pessoa que está sofrendo**.

Além de concordar que sentir pelo Outro é Empatia, Hoffman (2000) arremata mais qualitativamente a definição. Para o autor, por ser uma resposta afetiva apropriada à situação de outra pessoa, não é preciso sentir necessariamente o mesmo sentimento ou a emoção, e sim algo similar. Embora ele não esclareça o que determine essa similaridade, sua colocação evidencia o que Decety e Ickes (2009, p 08, tradução nossa) descreve como “a chave para o

uso do termo”: “em relação a ela [Empatia] o que importa não é o sentimento correspondente, mas o sentimento capturado”.

A similaridade é apontada por alguns autores como alicerce do conceito, onde se verifica não existir uma igualdade na captura, e sim uma consonância a partir da ressonância corporal e emocional, como trataremos posteriormente. Sem desconsiderar a relevância da similaridade, Batson (2009) afirma que este não é o único fator de relevância a ser levado em conta. Para o autor, o principal fator estruturante da Empatia está atrelado mais diretamente ao “sentir o que o outro sente”, mesmo não configurando este entendimento como definição.

A adoção do “sentir o que o outro sente” pelo senso comum, no caso, seria o resultado de uma frequente alusão que ocorre principalmente por parte dos dicionários. O fato é que esta compreensão traz, de maneira implícita, uma importante questão relacionada à gênese e à essência do termo e que, embora deva ser considerada, não a qualifica como tal. Os filósofos Hume (2000) e Smith (1759/2002), responsáveis pelas primeiras incursões no estudo da Empatia, corroboram o ponto de vista de Batson (2009) e dizem que sentir o que o outro sente é na verdade o que descreve Simpatia. Psicólogos como Eisenberg e Strayer (1987) dizem o mesmo e defendem que sentir o que o outro sente não corresponde a Empatia, mas um “contágio emocional” ou uma “Empatia afetiva”.

Mesmo afirmando que “sentir como o outro” não pode ser tido como conceito, Batson (2009) não reduz sua relevância enquanto entendimento. Para sentir o que o outro sente, afirma o autor, é preciso se colocar no lugar desse Outro e imaginar sua perspectiva, o que genericamente pode ser chamado de “**imaginar-se como o outro**”, que então se qualificaria como uma verdadeira Empatia (BATSON, 2009). Ao considerar a “troca de lugar” como a definição de Empatia, pode-se presumir que a captura do sentimento seria o sentir pelo outro: um ato de simpatizar que impulsionaria o desejo dessa troca de lugar. Entende-se, então, que a captura do sentimento poderia ser o indício da existência do processo empático, reforçando o motivo pelo qual ela é considerada a chave do processo. Para Batson (2009 p. 32, tradução nossa) a Empatia poderia ser facilmente explicada pelas palavras de Smith (2002) que a descreve como “o ato de imaginar como uma pessoa pode pensar e sentir no lugar ou na situação do Outro” como “**trocando de lugar fantasiosamente**”.

O fenômeno de “**trocar de lugar com o Outro**” é, inclusive, tratado por diversos autores, a exemplo de Daewall (1998), como “Empatia projetiva” ou “simulação”, o que no sentido piagetiano pode ser entendido como “tomar por

perspectiva” ou “descentralizar-se”. Em um posicionamento que parece remeter a esta linha de raciocínio, Adolfs (1999) defende que é na descentralização do sujeito que consiste a Empatia e que por isso seria pertinente considerá-la neste sentido. Segundo o autor, colocar-se no lugar do Outro remete a uma projeção, um ato de descentralização e, conseqüentemente, um processo que envolve o sentir de forma interiorizada. Quando esse imaginar se refere ao que o Outro – pessoa – está sentido, explica Wispé (1986), chamamos de “Empatia psicológica”. Esta seria uma maneira de diferenciar esse entendimento da Empatia estética, que é associada a objetos principalmente artísticos, remetendo ao que anteriormente tratamos como *Einfühlung*.

Deparar com a gênese do conceito novamente nos permite dizer que arrematamos o trajeto realizado através da diversidade de concepções e aplicabilidades. O que se percebe é que entre os entendimentos mais disseminados, quando não fazem referência direta, trazem implícita a ideia de que, enquanto fenômeno, a aplicabilidade da Empatia é aparentemente restrita ao estudo e compreensão das relações interpessoais. No entanto, à medida que desvendamos e buscamos encontrar os eixos estruturadores de tais conceitos, identificamos também aspectos intrínsecos ao termo. Um dos primeiros que podemos mencionar e que pode ser importante para o estudo empírico é o fato de que a Empatia pode ser observada, como ressaltamos nas primeiras conceituações: uma constatação que nos fornece um direcionamento, sobretudo metodológico, para o estudo da Empatia Espacial.

Entre o que aqui entendemos como eixos estruturadores que balizam de maneira geral a Empatia, vimos que **a captura do sentimento, a similaridade e o projetar-se** estão relacionados com o imaginar-se. Devido à sua relevância, acreditamos que alguns pontos aqui tratados serão resgatados mais adiante no delineamento do conceito de Empatia Espacial. Mas antes de desenvolvermos o conceito, existe outro ponto a se considerar que é o fato de que tratamos a Empatia até agora como um fenômeno unitário, um posicionamento que vem sendo bastante contestado nos últimos anos. Segundo alguns estudos e pesquisas recentes, a Empatia seria na verdade uma construção, uma visão considerada pelos mais diversos campos disciplinares. Seguimos, assim, considerando a Empatia sob um viés ainda mais atual cada vez mais elencado nas pesquisas e que têm colaborado com a retomada do tema.

### 1.2.2 A Empatia como constructo

Além de demonstrarem a abrangência e sua estreita correlação com as relações interpessoais, as distintas óticas relacionadas à Empatia evidenciaram seu caráter de fenômeno unitário (BATSON, 2009). No entanto, esta delimitação tem sido contestada por alguns pesquisadores que veem que sua aplicabilidade ultrapassa o campo das ciências da saúde (DECETY; ICKES, 2009). No debate contemporâneo, vários estudiosos de distintos campos multidisciplinares, a exemplo de Davis (1996), Currie (2011) e Batson (2009), têm defendido que a Empatia, é na verdade uma construção multidimensional que envolve fatores comportamentais, afetivos e cognitivos. Este posicionamento é centrado na ideia de que, por ser o resultado de um processo que aqui tratamos como mecanismo de projeção, a Empatia passaria por estágios, até chegar a sua consolidação.

Ainda que indiretamente Robert Vischer (1994) foi o primeiro a cogitar a ideia de um “fenômeno em construção” quando se reportou à *Einfühlung* como o resultado de um processo que envolve níveis que vão da esfera sensorial até a esfera emocional. Um dos grandes enigmas da época, e presente ainda hoje, era explicar em pormenores como ocorria a consolidação desse processo, cujo resultado seria o projetar-se no Outro. Diferentes teóricos, incluindo o próprio Vischer (1994), fundador do conceito *Einfühlung*, trabalharam para tentar responder e explicar essas questões. No entanto, foi seu precursor, Theodor Lipps (1903) quem mais forneceu informações, mas que ainda assim deixou alguns questionamentos em aberto.

Além dos autores acima, destaca-se a tese de doutorado de Edith Stein (1917/2000), que explora os aspectos centrais da Empatia sob a perspectiva da fenomenologia. Por dialogar de maneira interdisciplinar com estudos de diferentes autores, seu trabalho ainda hoje é fonte de potenciais contribuições, seja por explorar a Empatia conceitualmente, seja por tomá-la como uma vivência que tem um alcance estrutural para a constituição da pessoa. A pesquisa de Stein (2000) transita no sentido da abrangência que Titchener (1909) havia almejado ao termo, sendo umas das poucas autoras que fazem uso da palavra Empatia tanto em relação a pessoas como a objetos.

Como Herder (1997), Stein (2000) considera que a Empatia pode embasar qualquer entendimento com o mundo. Em sua ótica o Outro, humano ou inanimado, é o meio pelo qual nos inserimos no mundo através de uma conexão. Neste processo, a autora faz referência ao sentimento e à presença corpórea como componentes essenciais em qualquer interação em que se tenha o Outro;

interação que ela afirma estar intrinsecamente relacionada com a construção da Empatia. Neste sentido, ela ressalta duas perspectivas que devem ser consideradas e exploradas no contexto da Empatia: a perspectiva do sujeito, “aquele que apreende algo” e a do Outro, o qual ela não distingue como inanimado ou vivo e, sim, simplesmente como “o apreendido”. Mesmo sem fazer referência direta, seu pensamento já remete à ideia de constructo não só por enfatizar três fases, mas por estar pautada na relação do indivíduo com as pessoas e com o seu meio circundante.

Stein (2000) considera que o sujeito é levado ao encontro do mundo e das coisas através de diferentes construções, entre as quais se destaca a Empatia. Em seus escritos, a Empatia é descrita a partir da comparação com outras situações nas quais nós trabalhamos a apreensão das coisas que nos rodeiam, como, por exemplo, o aprendizado. Assim, de acordo com a autora, a Empatia ocorre especificamente em três níveis ou, segundo suas palavras, “momentos”. O primeiro é constituído através de um vínculo passivo e associativo involuntário, quase que um conhecimento primitivo ou “animalesco”; o segundo é a apresentação do Outro para si mesmo e o terceiro, a ação que resulta de uma conexão a partir da apresentação.

A vinculação entre o ato Cognitivo e Empatia, intermediadas a partir das afirmações de Stein (2000), nos remete em um primeiro momento à noção de Empatia Cognitiva. Mas esta seria uma ideia equivocada, já que em um olhar mais detalhado, percebe-se que a autora trata de delineamentos de uma Empatia Emocional: quando os processos cognitivos fazem papel mediador no processo de ativação emocional. Por ser uma combinação das duas primeiras categorias – Empatia Afetiva e Empatia Cognitiva – os estudos focados na Empatia Emocional, geralmente abrangem componentes cognitivos, afetivos e comportamentais e de fato, após as primeiras incursões para a construção da metodologia (capítulo 05), percebe-se que o agente emocional dirige as experiências de cunho espacial.

Embora desde o princípio a Empatia tenha sido subentendida como algo que ocorre em etapas, foi Davis (1996) quem solidificou a ideia de um constructo multidimensional. Para ele a construção está pautada em três componentes principais – o cognitivo, o afetivo e o comportamental – a partir dos quais se desdobram três tipos de Empatia (cognitiva, afetiva e emocional). Tal delineamento se deu devido ao fato do autor compreender a Empatia como resposta afetiva, uma perspectiva que favorecia sua aplicabilidade na psicoterapia. Entretanto, ao ser vista como constructo, a Empatia assume uma

perspectiva de um processo experiencial, com fases que envolvem elementos próprios e que por isso permitem seu estudo em contexto diferente daquele proposto inicialmente pelo autor.

Mais recentemente, Decety e Ickes (2009) e seus colaboradores têm desenvolvido, nos últimos dez anos, o que ele considera como sendo os momentos da Empatia. Correlato ao que prega Stein (2000), eles trazem três processos que podem ocorrer simultaneamente, não carecendo necessariamente que uma parte esteja concretizada para que outra parte seja desencadeada. Esta ótica de Decety e Ickes (2009) expressa mais claramente a presença dos eixos estruturadores que se combinam com os fatores afetivos, cognitivos e comportamentais. O momento afetivo se caracteriza pela captura do sentimento, que é seguido pelo comportamental, que, primeiramente é reação emotiva e depois ação e, por fim, o cognitivo, que consiste na avaliação da situação acarretada pela flexibilização mental.

Assim, podemos dizer que por mais distintos que pareçam os pontos de vista tratados até aqui, na ótica de constructo os aspectos estão em algum momento, direta ou indiretamente, vinculados à gênese do conceito. Além de nos levar a uma compreensão sobre o termo, tais entendimentos também podem ser relevantes para delineamento conceitual da Empatia Espacial. Por meio da *Einfühlung*, por exemplo, é possível estabelecermos uma associação mais direta com a questão espacial através da Empatia arquitetônica assim como uma melhor compreensão do mecanismo empático. Já as diferentes perspectivas da Empatia em sua contextualização mais atual nos deixa mais cientes de sua multiplicidade e de sua estruturação, onde a Empatia pode ser tanto um fenômeno como uma construção. Entretanto existe um ponto em comum que se faz presente na Empatia independente de sua compreensão e de seus desdobramentos: o corpo, que é primordial também na experiência espacial

### **1.3 Entre *Einfühlung* e Empatia: o corpo na experiência empática**

De maneira geral, os estudos desenvolvidos a partir *Einfühlung* almejavam compreender a expressividade emocional de obras provenientes das Artes Visuais. Buscava-se descobrir as condições e premissas sob as quais o sujeito era afetado pela estética da obra de arte a ponto de esta suscitar um sentimento no primeiro. Uma das primeiras hipóteses lançadas por Vischer (1994)

era que o processo empático estava principalmente pautado na percepção e por isso relacionado com o movimento dos olhos. Anos mais tarde, Lipps (1903), através de seus estudos, concordou com a importância da percepção na Empatia, mas esta não estaria apenas relacionada aos olhos, e sim ao corpo com o todo.

O que era uma suposição nos estudos iniciais da Empatia, nos dias de hoje, já é validado pela ciência. Pautada na exploração dos neurônios espelhos, as descobertas e pesquisas realizadas pelos neurocientistas Gallese e Rizzolatti confirmam que o corpo tem um papel fundamental no processo empático (MODELL, 2006). Segundo os cientistas, usamos nosso corpo como um modelo que nos permite encontrar o caminho até a experiência do Outro. No caso do estudo da Empatia Espacial, entendemos que o corpo assume uma dupla relevância, pois, além do seu papel no processo empático em si, ele também ganha destaque nas questões espaciais. Como afirma Merleau-Ponty (1994, p. 206), o espaço é praticamente uma superfície de existência, apreendido por meio da nossa existência e onde “a espacialidade do corpo é o desdobramento do seu ser de corpo, a maneira pela qual ele se realiza como corpo.” Assim, “o espaço não existiria para um indivíduo se esse indivíduo não fosse um corpo no espaço, concluindo que ele é no espaço” (CARDOSO, 2016).

A partir de experimentos neurológicos que têm como base o estudo da Empatia, Berthoz (2006) faz uma colocação interessante sobre a experiência empática corporal. Ele afirma que o Outro é um fator preponderante na percepção corporal do espaço uma vez que enquanto corpo esse Outro pode assumir empaticamente um papel de referência espacial. Tal referência não seria só de localização, mas também de ação, influenciando a maneira em que nos tornamos um corpo no espaço. E sendo esta uma ação condicionada ao Outro, entende-se que, além de corroborar a vital importância do corpo no processo empático, existe uma correlação entre a Empatia e como nos localizamos espacialmente.

Em relação à Empatia, podemos dizer que Vischer (1994) foi o primeiro a enfatizar a participação do corpo quando trouxe o sujeito para o centro do processo de projeção empática. Mas a consagração do corpo a um patamar de importância fundamental é validada no trabalho de Lipps (1903; 1905) partir do núcleo de Empatia definido pelo autor. Na tentativa de explicar que os objetos eram sentidos ao invés de apenas percebidos, Lipps (1903) destacou o mimetismo motor – o corpo – como o segundo momento após a experiência da imitação interior – a mente. Estes dois aspectos fazem parte do que seria o

mecanismo de projeção, um processo que trata principalmente da objetivação do sujeito no objeto que explicamos no item anterior.

Foi a partir do corpo que não só percebe, mas também sente, que outras vertentes além da *Einfühlung* passaram a se interessar em explorar o processo empático. A fenomenologia é uma das áreas de conhecimento que trazem contribuições significativas sobre diversos fatores relacionados à Empatia, sobretudo em relação ao corpo. Elie (2012) supõe que o interesse pelo corpo foi um fator que contribuiu não só para abrangência do campo de estudo, mas também nas várias noções de Empatia tidas na atualidade. As conjecturas do autor são baseadas no fato de que o último trabalho de Lipps (1905), onde o corpo é considerado fator preponderante, é temporalmente muito próximo à tradução de *Einfühlung* para *Empathy* feita por Titchener (1909). Além de ser um fato curioso, a colocação de Elie (2012) evidencia a necessidade de que, para se compreender o corpo a partir da natureza da experiência empática, devemos explorar trabalhos que nos situam entre *Einfühlung* e Empatia.

Para Elie (2012), trazer o sujeito para o centro dos estudos da *Einfühlung*, e conseqüentemente o corpo na mediação do processo empático, é um divisor de águas no estudo da Empatia. A partir de Lipps (1903) e de seus estudos precedentes foram abertos permitindo que a Empatia fosse entendida de outras maneiras. E isto, afirma o autor, tem a ver com a maneira como o sujeito apreende o Outro, um viés que é tratado na *Einfühlung* a partir da estética arquitetônica em estudos relacionados ao engendramento espacial.

### 1.3.1 O engendramento espacial segundo princípios estéticos

O universo arquitetônico, enquanto artefato/obra/pensamento do campo artístico de cunho visual e tátil, se apresentou como sendo o mais instigante quando comparado com outros objetos artísticos estudados pela *Einfühlung*. Entre as obras de arte estudadas, a arquitetura se destacou como a que mais alicerçou estudos pautados na relação entre Empatia, corpo e espaço. Lipps (1905), por exemplo, dedica uma atenção especial para o estudo da estética arquitetônica, trazendo uma distinção entre ela e as artes visuais em geral. Galland-Szymkowiak (2017) explica que na *Einfühlung lippsiniana* a arquitetura é “a arte do espaço” assumindo um status que a torna peculiar, seja a partir das propriedades estéticas ou da conexão com o sujeito. Nas palavras da autora:

[...] a arquitetura estabelece uma conexão íntima entre a obra e o sujeito, entre a atmosfera do edifício e a nossa vida interior; porque esta arte desperta em nós emoções que nos afetam profundamente, em movimentos que se desenrolam no limite inferior da consciência e cuja orientação intencional em direção a um objeto ou motivo específico é ainda mais influenciada. (GALLAND-SZYMKOWIAK, 2017, p 02, tradução nossa).

Do ponto de vista da *Einfühlung*, a experiência estética arquitetônica não diz respeito apenas ao espaço construído e geométrico, uma vez que “o espaço estético [na arquitetura] nasce entre o sujeito e o edifício, como a conjunção de uma forma e as sensações por ela despertada” (GALLAND-SZYMKOWIAK, 2017; p 02, tradução nossa). Griffero (2014) também reforça a afirmação de que a arquitetura pode ser lida em sua qualidade estética sob um enfoque mais imaterial do que material, pois “sua beleza, ou a falta dela, está em sua capacidade de afetação”. (GRIFFERO, 2014, p.26, tradução nossa) Por isso, vários teóricos e pensadores de arquitetura se apropriaram da noção de *Einfühlung* desenvolvida no âmbito da estética para não só analisar, mas também para estabelecer diretrizes na concepção arquitetônica.

Para Galland-Szymkowiak (2017), através da arquitetura, os estudos da *Einfühlung* conseguem demonstrar mais claramente o que ela chama de “entremeio”: algo que surge entre nós e o edifício a partir da nossa experiência e que *pode ou não* nos conectar a ele – e isso se tornou o ponto chave nas associações com a ideia de Empatia, mais especificamente o que cunhamos no LASC como Empatia Espacial<sup>2</sup>. Embora a ideia de entremeio possa, em um primeiro momento, remeter à noção *Stimmung*, a autora clarifica que não seria este o caso. *Stimmung* se trata de uma espécie de *tom ou corante* que é captado de maneira sensível pelo o sujeito (GRIFFERO, 2014), que seria a ambiência; enquanto que o entremeio seria literalmente o entre, o que liga ao Outro.

Assim como Galland-Szymkowiak (2017), Caliandro (2014, p.14, tradução nossa) também explora uma ideia de conexão, como um “emaranhamento das almas do lugar e do sujeito”. Para ambas as autoras, entremeio e emaranhamento aparecem como uma maneira de expressar uma conexão que, mesmo que se estabeleça nos moldes da *Einfühlung*, esteticamente falando, não seria o único viés a ser considerado. Mesmo sem citar termos específicos, acreditamos que ambas as autoras estão tangenciando o que

---

2 Desde que começou a ser explorada em 2014, o LASC tem desenvolvido estudos com enfoque na Empatia Espacial, alguns dos quais estão citados nas referências bibliográficas deste trabalho.

consideramos como Empatia Espacial, revalidando, assim, a premissa da sua existência.

Foi na busca de compreender como surge essa conexão que os estudos da *Einfühlung* centrados na arquitetura “*exploraram não só a criação e a natureza estética das formas arquitetônicas como figuras materiais/geométricas, mas também a natureza da experiência do espectador (ou do caminhante)*” (GALLAND-SZYMKOWIAK, 2017; p 05, tradução nossa). Com enfoque na intermediação do corpo no estabelecimento da relação entre Empatia e estética arquitetônica, tais estudos deram origem a algumas teorias focadas em um engendramento espacial corpóreo. Entre as existentes, particularmente nos interessam três, as quais são corroboradas por Galland-Szymkowiak (2017) como as mais relevantes por tratar de maneira mais direta do corpo engendrado em um espaço que faz parte da experiência empática: a arquitetura como arte do espaço (LIPPS, 1905), a ressonância das formas arquitetônicas no corpo (WOFFLIN, 1886) e a teoria da intuição espacial (SCHMARSOW, 1907).

A primeira menção que associa o corpo ao processo empático é creditada à Vischer (1853), como já citamos. Para a maioria dos estudiosos, a maior contribuição do autor em relação ao corpo no processo empático está relacionada à percepção ótica. Entretanto, quando vista a partir do contexto da arquitetura essa ideia de corpo é tomada na Empatia de maneira diferenciada, já que é a imaginação que assume um ponto de destaque. Apenas por meio da imaginação é que se teria o ato do projetar-se, uma premissa que fundamentou muitas reflexões e contribuiu para que a arquitetura ganhasse outros contornos teóricos quando comparadas a outras obras visuais.

Lipps (1905), por exemplo, traz contribuições para o engendramento espacial que são derivadas das colocações de Vischer (1853). Uma das mais citadas é a distinção da arquitetura como a arte do espaço (*Raumkünste*) das artes visuais em geral que são as “artes da imagem” (*Bildkünste*). Esta diferenciação propiciou que novos contornos teóricos surgissem relacionados à Empatia arquitetônica, alguns dos quais foram empregados como referenciais na construção da teoria da arquitetura. Além disso, ao levar em conta a imaginação, ele traz à luz a possibilidade de considerar que a projeção, de um ponto de vista puramente psíquico, depende não só das formas, mas também do sujeito. Este último seria levado a uma reação motora que resulta da afetação, parâmetro que trataremos na segunda parte deste trabalho.

Wöfflin (1886/1994) foi um dos teóricos que fez uso da teoria de Vischer (1853) a partir da premissa da imaginação. Em seus estudos, a experiência estética é tida como projeção inconsciente de nossa imagem corporal em uma forma arquitetônica externa a nós, resultando em um sentimento de unidade afetiva: um sentimento ao mesmo tempo em que é engatilhado pela forma é intermediado por ela. Esta é uma constatação que interessa ao estudo da Empatia Espacial, sobretudo porque remete à relação de reciprocidade a que somos levados quando estamos no meio urbano, pois ao mesmo tempo em que construímos o espaço somos construídos por ele (PARK, 1967). Além da relevância nos estudos da estética arquitetônica, suas reflexões transformaram notavelmente o paradigma da *Einführung*, centrando a análise não na transposição imaginária do corpo para o objeto, e, sim, na sensação física que temos a partir das "formas de massa" dos edifícios. Em sua abordagem, Wöfflin (1994) também traz pontos correlatos à Lipps (1905) na relação do corpo com o movimento motor no ato de projetar-se, o qual estaria condicionado ao estabelecimento de possíveis correlações entre a ressonância corporal e a sensação do sujeito:

A partir de Wöfflin a experiência estética do espaço arquitetônico (ou a experiência do espaço arquitetônico como um espaço estético), tal como se baseia no eco de meu corpo com a edificação como um corpo, e me manifesta como um tom afetivo que qualifica minha maneira para me sentir nesta configuração específica de estar lá. (GALLAND-SZYMKOWIAK, 2017, p 90, tradução nossa)

Tais reflexões acerca da experiência estética do espaço a partir da Empatia nos coloca diante de teóricos como Worringer(1907) que traz um olhar ampliado para além da arquitetura. Em seu trabalho intitulado *Abstração e Empatia* (1907) ele traz uma análise das condições em que a representação da paisagem se converte em obra de arte. O autor é um dos poucos que salienta esta questão, dotando seus estudos de grande importância teórica sobretudo em relação a arte e ao ambiente natural. Embora não explore muito a dimensão individual, que conotaria no sentido de engendramento espacial aqui proposto, a perspectiva de Worringer (1907) parece alimentar as ideias de Schmarsow (1907/1994) que em relação a maioria dos autores, traz uma visão diferenciada acerca do engendramento espacial corpóreo.

A visão de Schmarsow (1907/1994) é distinta porque embora conceda ao corpo humano um papel central na Empatia estética arquitetônica, ele vê a fonte da experiência estética no deslocamento corporal. Para o autor, essa experiência, que equivale à transferência da vida subjetiva em relação ao objeto, seria o único meio capaz de dar vida às formas espaciais. Ele considera que, ao invés das formas, a dimensão essencial do espaço arquitetônico é a profundidade pois é através dela que sentimos a liberdade de nossos movimentos. A ausência da profundidade nos faria sentir prisioneiros e impedidos, sendo no inverso, na sua abrangência, que teríamos o espaço:

Um espaço arquitetônico é [esteticamente] engendrado por mim quando minha própria corporeidade afetiva se torna uma maneira pela qual eu estou ou vivo esse espaço. Assim, o espaço que se abre para mim na experiência [estética] do edifício se torna, desde o início, uma polarização entre meu corpo vivo e essa alteridade que deriva da massa que ressoa em mim. Por isso é necessário entender a espacialidade arquitetônica a partir dessa tensão, entre o aqui e o ali, não apenas ecoando as massas do corpo, mas a partir da conexão do sujeito, entre sua percepção e sua mobilidade (real ou potencial). (SCHMARSOW, 1999, p.54, tradução nossa)

Schmarsow (1994) parte do princípio de que o ser humano não é estático e por isso a conexão entre a estética arquitetônica e o sujeito surge quando existe a possibilidade de movimento corporal. Para o autor, a arquitetura é *Raumgestalterin* “configuradora do espaço” e se manifesta também quando o sujeito se projeta no vazio, e não só nas formas maciças. Assim, ao estabelecermos um contraponto a partir de Schmarsow (1994), vemos que a abordagem de Wölfflin (1994) pode ser adequada para apreender o efeito produzido pela escultura que é de certa maneira criadora de uma massa corpórea, mas não do espaço que nos rodeia quando estamos dentro de um edifício arquitetônico. Por sua experiência estética estar condicionada simultaneamente pelo corpo em movimento e pela apreensão mental que se dá a partir do deslocamento, a arquitetura não só atua sobre como sentimos. Mais do que as outras obras visuais, ela participa da estruturação do nosso relacionamento com o que nos rodeia e irradia a partir da captura do sentimento do sujeito, que é tanto um corpo orientado como em movimento.

Para entender a experiência estética do espaço arquitetônico, Schmarsow (1994) parte do que ele chama de intuição do espaço, que surge quando o observador colocado na posição de centro intui a lógica espacial de cada situação.

Essa lógica estaria condicionada a um elemento essencial que seria evidente ao senso comum, como algo auto referencial e assimilado pela cultura. A partir da intuição se instaura uma corporeidade que resulta em uma projeção que constantemente constrói um espaço em torno do sujeito, "*o espaço que nos rodeia, onde quer que estejamos, o espaço que estamos constantemente construindo ao nosso redor e que nos representa mais que a forma do nosso corpo.*" (SCHMARSOW ,1994, p.55, tradução nossa)

Cada um dos autores mencionados traz uma reflexão sobre o papel do corpo no processo empático. Mesmo estando respaldadas na estética arquitetônica, acreditamos que, por envolver o corpo em um engendramento espacial, as colocações trazidas elas podem auxiliar na clarificação de alguns elementos e processos relacionados à Empatia Espacial. Podemos dizer que Vischer (1853) e Lipps (1903/1905) trazem colocações mais gerais que são voltadas à *Einführung* e ao universo das obras de arte como um todo. Quando voltadas à arquitetura em específico, respaldaram os argumentos do que Galland-Szymkowiak (2017) chama de teoria do engendramento espacial. Por meio da imaginação, Vischer (1994) evidenciou o ato de projetar-se que Lipps (1905) interpreta como recíproco à motricidade corporal. Foi também a projeção e a indução motora corporal a ela correlata que fez com que Wöfflin (1994) considerasse não só a afetação, mas sua concretização estava condicionada ao favorecimento de uma ressonância entre corpo e sentimento capturado. A ampliação da questão espacial a partir de Worringer (1907), com a introdução do estudo da paisagem no âmbito da Empatia, tangenciou a dimensão da profundidade respaldando o distinto ponto de vista de Schmarsow (1994). Em relação a este último, não podemos desconsiderar a ideia de movimento a partir de um corpo que se desloca em uma busca de satisfação através da arte. Esta, inclusive, seria uma consideração muito pertinente para o estudo do espaço público, já o movimento corporal a partir do deslocamento do sujeito faz parte da maneira que reconhecemos o meio. Seja parado ou em movimento, o corpo no espaço praticamente endossa a Empatia, já que é a partir de nós mesmos e do nosso corpo que temos consciência do Outro.

### 1.3.2 Alteridade: o endosso da Empatia

Quando se trata de compreender a Empatia, sobretudo a partir do enfoque do corpo, encontramos muitas menções sobre os estudos de Edith Stein. Em sua

tese de doutorado intitulada *O Problema da Empatia* (1917/2000) a filósofa estabelece um confronto teórico de cunho fenomenológico a partir de reflexões levantadas a respeito da *Einführung/ Empatia*. Embora faça uso da palavra Empatia, o pensamento da autora parece não se prender a delimitação conceitual entre os dois termos. A busca de esclarecimentos acerca do tema de uma maneira geral é uma de suas grandes inquietações, que tem o corpo como cerne de suas questões. Para ela, o corpo não é apenas físico, material (*körper*), o qual necessariamente não nos leva a uma atitude reflexiva, mas também o corpo próprio dotado de sensibilidade (*Leib*), corpo vivente; duas dimensões de um único corpo que se relacionam intrinsecamente. (STEIN, 2000)

Stein (2000) discorre suas investigações procurando entender qual seria a verdadeira essência da Empatia. A própria autora diz tomar como base muitas das colocações de Lipps (2000) a partir das quais ela desdobra mitos e verdades sobre o processo empático. Mas ao invés de se concentrar no universo das obras de arte, ela estabelece diversos paralelos com a fenomenologia, principalmente com os trabalhos de Husserl (1901/2008) e Merleau-Ponty (1994). Neste momento, no entanto, não temos a intenção de discorrer acerca de todas as confrontações, e sim de trazer algumas pontuações feitas pela autora, sobretudo aquelas relacionadas ao corpo.

Quando menciona a relação corpo e Empatia, percebemos que em alguns momentos seu pensamento converge com o de Lipps (1905), sobretudo acerca da importância de seu papel no processo empático. De maneira geral, a autora descreve a Empatia como “um ato de conhecimento *sui generis*”, onde se tem o corpo como o principal alicerce da apreensão do conhecimento. Por meio da Empatia se estabelece um encontro entre sujeito e o mundo, por isso a relação ‘única em seu gênero’ é qualificada – uma vez que as relações empáticas predis põem um arsenal cognitivo pessoal. O mundo, aqui, seria tanto o mundo das coisas como o de outros sujeitos. Por isso, segundo a autora, a Empatia pode ser vista como um ato de conhecimento que dá estrutura ao ser humano em sua integridade, e que assim pode favorecer a concretização de relações com o que se encontra ao nosso redor.

Além do corpo em relação a nós mesmos, Stein (2000) também trata da nossa relação com o Outro. Se através da Empatia se estabelece o encontro entre sujeito e o mundo, o qual é formado tanto por coisas como por objetos, o Outro aparece em sua obra como tudo aquilo que está além do sujeito. Nesse sentido,

evidencia-se a presença do Outro, que está em troca recíproca, o que se compreende por Empatia.

A Empatia se dá na relação essencial do Eu e o Outro. Ou seja, assim como “eu” sou o centro de orientação do meu mundo fenomênico, o “outro” também é parte deste mundo. Relaciono-me com as partes do meu corpo, assim como toda a espacialidade que se encontra fora deste, como o ponto zero de orientação (STEIN, 2000, p. 127, tradução nossa).

Assim existiria o “eu que vive e conhece” e os “sujeitos alheios”, que se estabelecem em relação ao mundo e a cotidianidade. A cada momento em nossas vidas, somos impulsionados pela nossa corporeidade às relações intersubjetivas ao estar diante do Outro, ao mostrar-se da mesma forma que o Outro também se apresenta diante de nós. Seja nas relações ou no fluir de vivências, a Empatia se consagra como a maneira através da qual podemos perceber o Outro, que faz parte como corpo e como sujeito. Neste sentido, a autora coloca em pauta outro aspecto relevante no estudo da Empatia, que é a alteridade. O que ela busca demonstrar em sua investigação é que o ato de Empatia é concreto, acontece aqui e agora, executado pelo sujeito, sempre em referência de alteridade na experiência vivenciada. Se corpo é o meio pelo qual o mundo nos é apresentado, podemos dizer que “sentir e compreender constitui um mesmo ato de significação” (STEIN, 2000, p.51, tradução nossa); uma interpretação que emerge como resultado da relação entre o eu e o mundo, onde o fenômeno que leva o sujeito ao encontro das coisas e ao mundo de outros sujeitos se estabelece pela Empatia.

Deste modo, é imediato perceber que a ocorrência da Empatia está condicionada à alteridade. A noção de alteridade permite vários entendimentos, inclusive a partir de sua etimologia, mas de maneira geral podemos dizer que é quando se tem consciência do Outro (EISENBERG, 1986). Entre as diversas definições, a que usaremos aqui é de cunho filosófico, que se refere à alteridade enquanto reconhecer-se no outro, mesmo que a princípio existam diferenças físicas, psíquicas e culturais (GORDON, 1995).

Eisenberg (1986) explica que a consolidação dos sentimentos obtidos individualmente, que acarreta em uma relação de Empatia, só acontece quando existe uma abertura ao Outro. É o outro que se revela como “Outro de meu eu, no momento em que me é dado em um modo diferente do meu, com uma vida que é diferente da minha, com seus valores, sua história e com suas vivências”

(STEIN, 2000, p. 121). Por isso, ressalta a autora, é necessário que se tenha consciência desse outro inicialmente, para que em seguida exista uma verificação, da nossa parte, e um conseqüente reconhecimento de uma essência semelhante à nossa. Compreender essa tomada de posição exige a percepção de que eu só existo a partir de Outro, sendo então a alteridade o que me permite, também, compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente quanto de mim mesmo, sensibilizado que estou pela experiência do contato. É um processo de ida e vinda sensível que não apenas culmina na Empatia, mas também no estabelecimento de vínculos com nós mesmos e com o Outro (EISENBERG, 1986).

Logo, compreendemos que é através do Outro que o Eu é levado a refletir sobre si mesmo e se constituir como objeto de conhecimento. É “na percepção de si mesmo que prevalece a percepção corpórea, que se realiza como apreensão do corpo vivente, enquanto na experiência do Outro prevalece a percepção externa” (STEIN, 2000, p. 55, tradução nossa). Por meio da presença corporal, nos colocamos em relação ao Outro, encontramos na corporeidade humana a possibilidade de compreender o sujeito e o seu mundo. Cientificamente, Berthoz (2006) corrobora essa importância do Outro tanto no processo de Empatia como no engendramento espacial quando comprova que a área do cérebro que é responsável por perceber nosso próprio corpo é a mesma ativada quando percebemos visualmente a ação deste Outro. Desta maneira, além de o Outro constituir um possível ponto de referência espacial, suas ações estão associadas à nossa percepção do corpo, favorecendo conexões entre o corpo próprio e a espacialidade por ele desdobrada.

As fundamentações traçadas até aqui nos permitem ter uma ideia geral de como o corpo – físico e sensível – tem uma relação intrínseca, seja do ponto de vista da *Einführung*, com o estudo das obras de arte, seja a partir de uma visão mais fenomenológica. O corpo é um conector entre o eu e o meio que é reforçado a partir do Outro, já que seria por meio deste que o corpo não é só percebido, mas que se torna corpo vivido (BERTHOZ e JORLAND, 2004). Neste sentido entendemos que não só existe uma Empatia Espacial como seria pertinente a sua associação com a experiência coletiva. No terceiro capítulo retornaremos à questão do corpo com um enfoque mais voltado para a sua observação, um meio a partir do qual podemos obter pistas e identificar os possíveis engatilhamentos de uma Empatia Espacial. No entanto, antes de estabelecermos qualquer paralelo, buscaremos entender o nosso objeto alvo de estudo da Empatia Espacial, que é o espaço urbano.

## 2 | O ESPAÇO PÚBLICO

### COMO CENÁRIO DA VIVÊNCIA HUMANA

Toda relação de reciprocidade com outrem ou com alguma situação de ordem social ocorre em um suporte espacial que, quanto mais coletivo, mais propenso ao acaso, aos encontros, ao inesperado. Por isso, ao iniciar um capítulo sobre o ente físico que suporta a vivência humana, adentramos no campo de estudos sobre o espaço (livre) público das cidades. O espaço citadino envolve uma série de fatores além dos que configuram o espaço fisicamente e que a maioria dos arquitetos e urbanistas se sente mais familiarizada a abordar. O espaço urbano é munido de uma complexidade que não diz respeito apenas à sua abrangência espacial, mas também às suas práticas e dinâmicas que o (re)configuram cotidianamente. Existe também toda uma carga imaterial não apenas proveniente do lugar, enquanto fato simbólico, histórico, mas também o cultural que se desdobra tanto a partir destas duas condicionantes, como das relações sociais. Por isso, consideramos inicialmente que a Empatia Espacial tem suas fundamentações como algo “entre”: entre as abordagens *Einfühlung* e Empatia, às quais recorreremos em certas nuances.

No capítulo anterior versamos algumas considerações sobre a Empatia para explicar o alcance de sua aplicabilidade e entendimento. Embora sua associação mais recorrente a relacione às questões interpessoais, o termo, desde sua gênese, tem se mostrado versátil enquanto abordagem. A Empatia, que adquire delineamentos de um fenômeno unitário, pode ser também considerada um constructo. E a escolha de um desses parâmetros para a sua aplicabilidade – fenômeno ou constructo – dependerá do contexto estudado, o que Strayer (1987) chama de “alvo de empatia”. Por isso, além de descobrir elementos e fatores que de alguma maneira fazem parte da natureza do termo, faz-se necessário estabelecer paralelos como o seu “alvo” para entender o que seria mais pertinente considerar em sua aplicabilidade.

Neste trabalho onde a Empatia Espacial surge como uma ferramenta para explorar a fundação de experiências coletivas no espaço urbano, a *Einfühlung* é, entre os entendimentos colocados, o que mais aproxima das questões espaciais. Tendo como prerrogativa a apreciação estética arquitetônica, ela fornece alguns subsídios teóricos que tangenciam a relação entre Empatia e espaço, considerando inclusive o

corpo neste processo. Através das teorias que contemplam o engendramento espacial na ótica de Galland-Szymkowiak (2017), e dos diferentes entendimentos relacionados ao termo *Einfühlung*/Empatia, ilustramos que existem estudos que tangenciam existência de uma Empatia Espacial, embora a literatura não faça uma referência direta ao termo no sentido aqui almejado.

Assim como ocorre no processo empático, entendemos que a Empatia Espacial será construída ao longo de reflexões, de fundamentações teóricas e de rebatimentos no nosso alvo da Empatia, que associamos ao espaço livre e público. Na continuidade desse processo de busca e delineamento teórico-metodológico da ferramenta que é a Empatia Espacial propomos, neste capítulo, lançar olhares mais direcionados que permitam entender melhor o espaço urbano, palco do desenvolvimento de Empatias.

Quando explorado através da abordagem *Einfühlung*, o processo empático envolve a necessidade de que o objeto alvo de Empatia seja fraccionado para que possa ser mais bem compreendido e descoberto suas potencialidades empáticas. Embora tenha seus atributos estéticos, sabemos que o espaço da cidade não se consolida no mesmo patamar dos objetos artísticos tratados pela *Einfühlung*, mesmo com estudos relevantes acerca do espaço. Tampouco, a cidade é um Outro como indivíduo, com sentimentos e com o estado de alma, embora ela tenha o seu *Stimmung*, sua ambiência.

No processo de descortinar o espaço citadino a partir de seu fraccionamento, o que vemos em um primeiro momento é que ele, como meio físico, se configura a partir da junção de outros espaços. São ruas, largos, praças, parques e tantos outros espaços que podem ser caracterizados como públicos que, assim como a cidade, se mostram plurais em sua essência. Diante de tal fato, entendemos que o espaço livre público se configura como uma amostra da cidade, um fragmento de relações maiores, constituindo um ponto de representação da vida citadina, “expressão da dialética entre o material e o intangível que é inerente a todo e qualquer espaço” (VIAL, 2004, p.45).

Como recorte, no sentido de delimitar ainda mais a nossa observação empírica, inclusive em relação à fundação de experiências coletivas, selecionamos a Praça<sup>3</sup>, a qual será explorada melhor mais adiante. Iniciaremos explorando o meio urbano e suas conexões que propiciam com que os espaços públicos sejam propiciadores da fundação de experiências coletivas na cidade. Em seguida, o

---

<sup>3</sup> Espaço público urbano livre de edificações e onde geralmente há uma prioridade para o pedestre e não associada a veículos. (ROBBA & MACEDO, 2002)

sujeito, que por estar imerso na cidade se constitui não só como indivíduo, mas como um ser público, dotado de características e anseios específicos relacionados à vida urbana. Entender o sujeito vai nos fornecer não só um perfil, mas quais são os possíveis anseios e desejos que constituem o homem público e que influenciam sua aproximação e imersão na cidade através da experiência – terceiro item pontuado neste capítulo.

## 2.1. A cidade e urbano: a força do espaço coletivo

A natureza gregária, o ser humano está sempre à procura de associar-se, de reunir-se. Uns menos, outros mais, dependendo de características pessoais e condicionantes socioespaciais, sinal da pluralidade dos modos de sentir, ser, existir e conceber as relações e o mundo. Como constructo social, resultado de um processo sócio histórico, a origem das cidades reside nesse sentimento gregário e, conseqüentemente, na necessidade de convívio social e reflexo do instinto de sobrevivência (ETLIN, 1998).

Antes de nos prendermos em conceituações, buscamos um entendimento a partir da etimologia da palavra público, que aparece relacionada a dois termos em latim: *publicus* e *publicare*. O primeiro termo significa aquilo que diz respeito a todos e o segundo se refere a tonar público, para publicar (LARROUSE, 2017). Embora pareçam denotar coisas diferentes, podemos ver que ambas têm um significado convergente de uma atribuição a algo que passa a ser comum. Sob o aspecto físico, o espaço público é qualificado como todo aquele que é acessível. Por isso ele deve permitir o engajamento de qualquer um que ali se faça presente, “sendo esta uma condição que deve ser respeitada por todos que nele convivem e/ou circulam” (GOMES, 2002, p. 196).

Autores como Lamas (2004), que têm como foco nas especificidades, caracterizam os espaços públicos a partir de suas tipologias atribuindo um conjunto de definições diversificadas. Em sua ótica a praça, objeto empírico deste trabalho, surge como “lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária, de prestígio e, conseqüentemente, de funções estruturantes” (LAMAS, 2004, p.102).

Em sua definição mais óbvia, o espaço público também aparece como aquele que simplesmente se opõe ao espaço privado, contradição que

retomaremos posteriormente. Definição tida como muito genérica por autores como Gomes (2002), trazemo-la aqui não apenas pela oposição, mas porque a palavra “público” tem uma ligação com a vida pública que vai além do livre acesso. Para o autor, o livre acesso traz implícita a ideia de que é vital a existência de uma copresença de indivíduos não só corporalmente, mas também no estabelecimento de diálogos ou na emissão de opiniões. Serpa (2007) exprime uma opinião similar em relação ao espaço público na contemporaneidade, o qual defende como “o espaço de ação política ou, ao menos, da possibilidade da ação política” (SERPA, 2007, p.09), uma vez que por meio da comunicação estamos expressando nossas crenças e convicções. Esta visão do autor aparece engendrada com uma representação subjetiva e cultural do espaço público, que se alinha com a dimensão imaterial que falaremos posteriormente. Em suas palavras, o espaço público se torna também “o espaço simbólico, da reprodução de diferentes ideias de cultura, da intersubjetividade que relaciona os sujeitos e percepções na produção e reprodução dos espaços banais cotidianos” (SERPA, 2007, p.09).

Ao falar da cidade enquanto espaço agregador e de convívio social, nos referenciamos então ao espaço público e a sua força enquanto desencadeador da experiência coletiva. No contexto geral da cidade ele surge como uma parte fraccionada a partir do qual podemos olhar mais de perto as dinâmicas, práticas e diversidades típicas da cidade. A afirmação de Carlos (2001, p.39) de que “o espaço é um produto do trabalho humano, logo histórico e social e por isso mesmo uma vertente analítica a partir da qual se pode fazer a leitura do conjunto da sociedade” acaba por revalidar o nosso ponto de partida. Desta forma, entender como o espaço público dialoga com os demais na estrutura física da cidade é também uma maneira de investigar o espaço citadino.

Seja na ordem política, econômica ou social, os espaços públicos têm seguido e refletido as transformações ocorridas ao longo da história das cidades (SERPA, 2007). O espaço público é, sem dúvida, o espaço por excelência da/cidade. Conhecemos a cidade através dele e todos os signos impressos na dimensão espacial/cultural/social se fazem compreender pela atuação de espaços (para todos) na composição do tecido (cada vez mais denso) das cidades. Para entendermos melhor a dimensão dos conceitos de espaço público, recorreremos às definições de Arendt (1972). Além do papel articulador nos projetos urbanos, é importante frisar que *públicos* são os atores institucionais (ARENDR, 1972) e neste *locus* o espaço público se encontra enquanto lugar da ação política e expressão de modos de subjetivação. Surge daí a compreensão de espaço público como

lugar da comunicação e encontros sociais, da democracia e do uso livre (HABERMAS, 1994), sempre ativo e eficiente, mesmo que em profunda crise identitária nas metrópoles atuais.

Na pólis grega, onde o espaço público retratava o nível de sociabilidade e convivência, era a Ágora (ἀγορά, lugar de reunião) que representava o espírito público desejado pela coletividade e onde se exercia a cidadania. Em Roma, a divisão de classes e a hierarquização do poder interferiam na apropriação dos espaços públicos, trazendo uma diminuição da universalidade. Na Idade Média essas diferenças se acentuaram, continuando na cidade mercantil, onde a diferença de acordo com o nível de renda ampliou ainda mais a interiorização da vida a espaços privados (BENÉVOLO, 2005).

Os espaços públicos na cidade industrial também acompanharam as profundas mudanças resultantes dos meios de produção. Mas, segundo Mumford (1998), foi no século XX, com a chegada dos automóveis, que se detectou uma mudança impactante na relação da cidade com seus espaços públicos, principalmente na rua. Por ser o principal meio de circulação, o transporte motorizado passou a ser o norteador do desenho da cidade, fazendo com que os espaços fossem destinados a eles em detrimento de outras funções urbanas. Nas palavras do autor "hoje o meio mais popular e eficaz de destruir uma cidade é a introdução de autoestradas expressas de muitas pistas, especialmente os elevados, no núcleo central" (MUMFORD, 1998, 47).

As modificações na vida coletiva que se evidenciaram no panorama histórico demonstrado e sua conseqüente revalidação por autores como Jacobs (2003), podem ser igualmente corroboradas a partir de nossa vivência cotidiana. Basta um olhar mais apurado para vermos que transformações que acontecem atualmente na cidade podem ser observadas no espaço público, seja como reflexo ou como resultado do modo de viver a/na cidade. Nas últimas décadas, temos vivenciado cada vez menos nossos espaços, uma realidade que Sennett (1996) já havia identificado. Os fatores associados a essa mudança podem ser diversos e já apontados/estudados por diversos autores. Bauman (2001) fala do medo da violência, Castells (1995) das novas centralidades que surgem nas cidades, enquanto Martí (2014), relaciona às intervenções urbanas que, ao invés de potencializar os usos, provocam uma reação inversa. Independente do motivo, o fato é que o espaço público vem tendo suas dinâmicas transformadas. Nos últimos anos, no entanto, podemos observar um movimento inverso, onde frequentadores têm buscado produzir eventos para atrair novamente pessoas

para os espaços na cidade que têm sido paulatinamente esvaziados. Longe de querer apontar os motivos dessa retomada, o que podemos afirmar é que essa transformação em curso pode estar conectada com a nossa necessidade gregária que parece ser sanada com a nossa imersão na coletividade. Diante desse quadro, torna-se pertinente entender qual seriam os aspectos e fatores fundantes da experiência coletiva, uma questão que acreditamos ser possível de ser observada através da Empatia Espacial.

Por ser parte deste contexto macro (cidade), o espaço público possibilita não só visualizarmos a maneira que nos relacionamos com o meio citadino. Nele, vemos também uma multiplicidade própria, o que o torna complexo, se observado em sua totalidade. Em seu campo conceitual, ele pode ser compreendido sob diferentes aspectos e ênfases e assim definido a partir de vários ângulos. No entanto, como o objetivo é explorar o espaço público a partir de seu potencial fundante de experiência coletiva, estaremos nos atendo às conceituações que nos permitam visualizá-lo a partir de sua relação com a coletividade.

As definições lançadas até este ponto já permitem uma compreensão mais ampla do espaço público e da proposta que desenvolvemos nesta Tese. O que podemos dizer em linhas gerais é que vários são os aspectos que vão conferindo caráter e configuração dos espaços públicos assim como a relação com eles estabelecida. No entanto, como o objetivo é explorar o espaço público a partir de seu potencial fundante de experiência coletiva, estaremos nos atendo às conceituações que nos permitam visualizá-lo a partir de sua relação com a coletividade e a cidade. Diante da dimensão material e imaterial inerente a tais espaços, entendemos que ao falar de vida cotidiana e de coletividade não poderíamos deixar de mencionar a esfera pública. Não há como entender as dinâmicas estabelecidas no espaço público sem entender o peso dessa esfera e sua importância na dimensão coletiva da cidade.

## **2.2. Coletividade encarnada e a esfera pública**

Entre os entendimentos que regem os espaços públicos, tomaremos como norteador deste trabalho os atributos que podem ser relacionados diretamente com a vida pública. Neste sentido, o espaço adquire uma significação

que remete a um espaço comum, que se mostra acessível a todos, qualificando o que pode ser entendido como esfera pública.

Assim como a maioria das fundamentações que embasam o estudo da Empatia Espacial, a expressão *esfera pública* inclui um conjunto extenso de interpretações. Em um resumo descompromissado e abrangente, Gomes (2002) apresenta cinco sentidos que são inerentes à esfera pública:

1) Esfera pública como domínio daquilo que é público, isto é daquilo sobre o qual se pode falar sem reservas e em circunstâncias de visibilidade social, que acredito ser o sentido mais original da expressão; 2) Esfera pública como arena pública, isto é, como locus da discussão sobre temas de interesse comum conduzida pelos agentes sociais; 3) Esfera pública como espaço público, isto é como locus onde temas, ideias, informações e pessoas se apresentam ao conhecimento geral, sem que necessariamente sejam discutidas; 4) Esfera pública como domínio discursivo aberto, isto é, como conversação civil; 5) Esfera pública como interação social, como sociabilidade (GOMES, 2002, p.56).

As palavras de Gomes (2002) nos fazem concluir que por ser qualquer lugar onde os homens ajam coletivamente, a esfera pública não remete a qualquer tipologia de um espaço físico específico e/ou institucionalizado. Mas se pensarmos em um espaço onde a liberdade e a pluralidade possam ser exercidas, é certo que a associaremos ao espaço livre, irrestrito de ocupação privatizada. Por isso, independente do sentido que se é dado à esfera pública, entendemos que seu vínculo com os espaços públicos não pode ser desconsiderado.

É no espaço público que surgem as questões relativas à cidade, que após ganharem forma e visibilidade atingem uma dimensão pública que possibilita sua solução (GOMES, 2002). A capacidade de julgamento entre o que é bom ou ruim favorece que sejam discutidos e decididos assuntos do interesse de todos. Neste contexto, a esfera pública adquire uma relevância fundamental na constituição de uma realidade abrangente e plural, proporcionando, aos que estão presentes, a possibilidade de contribuir com óticas diferentes, dando mais completude e riqueza a qualquer questionamento.

Como no espaço público tudo o que é exposto pode ser visto e ouvido por todos, a presença dos outros nos faz estar diante tanto da realidade do mundo como da nossa própria. Além da variedade de opiniões, a liberdade também expressa a singularidade de cada um que, se respeitada, pode propiciar a

integração social e uma forma de sociabilidade baseada no entendimento recíproco: "a esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e, contudo, evita que colidamos uns com os outros, por assim dizer" (ARENDR, 2011, p. 480).

A condição da pluralidade é, aliás, para Arendt (2011) o que torna real a esfera pública; condição essa que é propiciada pelo agir humano. Como lugar da ação, a esfera pública garante que sejam estabelecidas entre os indivíduos "relações em liberdade, para além da força, da coação e do domínio. Iguais com iguais que regulamentam todos seus assuntos por meio da conversa" (ARENDR, 2011, p. 481). A ação seria assim uma atividade eminente e o único meio capaz de adquirir permanência e durabilidade no mundo coletivo, que, por ser realizada através da palavra e do discurso, se torna a atividade política por excelência.

A esfera pública como lugar de ação não é um parâmetro apenas considerado por Arendt (2011). Na fala de Habermas (1994), ela surge também como o lugar do agir, no sentido comunicacional, tendo como característica principal a discussão livre e racional entre os cidadãos. Esse mesmo engendramento a partir da comunicação é para Serpa (2007) o que caracteriza o espaço público contemporâneo, tornando-o espaço de ação política ou da viabilidade desta ação. Nesse espaço, as opiniões passariam a ser validadas pelo debate público e pela força do melhor argumento, que deveriam ser valorizados e considerados de maneira racional, independentemente da posição social, riqueza ou poder.

Como um dos que trazem contribuições importantes sobre a esfera pública, Habermas (1994) explica que o desenvolvimento dessa esfera está pautado em pressupostos como: a igualdade de status entre aqueles que participam da esfera pública; a liberdade da discussão pública de problematizar o que até então não eram considerados questionáveis; e, por fim, o princípio de abertura ao público, de modo que "todas" as pessoas poderiam se apropriar dos objetos de discussão. Assim, a esfera pública política, diferentemente do espaço público antigo, apresenta como objetivo não as tarefas políticas em si mesmas, mas sim as tarefas civis ou a regulamentação e preservação das mesmas. (HABERMAS, 1994)

Além de atingir uma relevância por atuar como legitimadora do poder público, a esfera pública também aparece caracterizada como o resultado da distinção entre o público e o privado. Espacialmente, os conceitos entre público e privado são interpretados por Hebertzberger (1981) como coletivo e individual.

Segundo o autor, o público é determinado como a área acessível a todos e o segundo, o privado, acessível a poucos. O coletivismo seria então correlato à ideia de um indivíduo que se insere na sociedade, onde ele passa a ser visto como parte da humanidade, ou seja, não se vê apenas o homem mas sim a sociedade. A separação entre público e privado representa para Habermas (1994) um dos pilares da esfera pública burguesa. Essa demarcação histórica permite que o autor faça uma revisão do conceito em suas bases originais, deixando-o sob uma ótica mais contemporânea em suas composições, funções e absorvendo os limites tênues entre público e privado com os quais se convive na sociedade contemporânea.

Com variação dos limites entre público e privado decorrentes das transformações sociais nas cidades ao longo da história, a esfera pública sofreu uma série de mudanças. Como Arendt (2011), Habermas (1994) expressa preocupação com a rapidez com a qual o espaço público vem perdendo sua relevância na época atual. Para ambos os autores isso seria um reflexo do fim de uma separação mais explícita entre aquilo que é público e o privado nas sociedades contemporâneas.

De acordo com Arendt (2011), a ascensão do "social" nos assuntos públicos descaracteriza a esfera pública nos seus objetivos mais essenciais. Isso ocorre porque quando os interesses privados ou os sentimentos individuais invadem o espaço específico de domínio do bem comum, eles trazem junto de si aspectos muito particulares, violentos e hierárquicos que se tornam incompatíveis com os pressupostos da pluralidade, igualdade e liberdade da esfera pública. A esfera pública se transforma então em uma arena de conflitos privados e de disputas particularizadas de interesses. Habermas (1994), por sua vez, argumenta que a partir do momento em que a sociedade não apresenta mais uma delimitação clara entre o público e o privado, o papel da esfera pública política se torna de certo modo obsoleto, já que a sua função é, justamente, a de realizar o intermédio entre os âmbitos do poder público e os interesses privados. À medida que se perde a delimitação dessas duas esferas, a esfera pública política perde seu sentido principal.

Sendo o lugar onde a esfera pública se faz presente, entendemos que o esvaziamento do espaço público pode trazer percalços em relação à participação na vida pública. Assim, quando falamos de experiências coletivas, estamos não só trazendo à tona questões sobre o espaço físico enquanto base de dinâmicas sociais, mas discutindo também sobre práticas de cidadania, participação e

inclusão. Segundo Bauman (2001) o esvaziamento do espaço público traz não só implicações para a coletividade, mas pode implicar no enfraquecimento do indivíduo como sujeito histórico autônomo. Além de ter seus direitos cerceados, principalmente no que remete à tomada de decisão, existem diversas mudanças relacionadas ao sujeito em si, enquanto homem público, que foram inclusive tratadas por Sennett (1996). Por agora ainda continuaremos falando do espaço, em específico de sua imaterialidade, uma de suas dimensões que se mostram relevantes não só no estudo da Empatia, mas também por fazer parte da complexidade e diversidade própria dos espaços públicos.

### **2.3. O ser da/na cidade: o sujeito público**

Viver a cidade, diz Harvey (2013) é antes de tudo ter direito a ela, o que vai além da liberdade individual, incluindo também a “liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos” (HARVEY, 2013, p.02) Em suas reflexões, na busca de compreender como (re)potencializamos ou até mesmo favorecemos esse tipo de construção cidadina, Louis Queré (1995, p.36, tradução nossa) diz entender que ela acontece a partir de uma “completude fraccionada”: como “um todo a partir de cada rua, parque, praça que faz parte dos nossos caminhos cotidianos, das nossas memórias ou daquelas que simplesmente passamos para nunca mais voltar.”

A cidade nos marca através de seus lugares e da experiência que tivemos neles. É por meio deles que a conhecemos e a descobrimos como um quebra cabeça que aos poucos a torna inteira dentro de nós. No entanto, estar na cidade impõe desafios. A condição de cidadão faz com que seja inevitável que em algum momento estejamos diante de um espaço público onde a diversidade da cidade nos leva a confrontar os dilemas próprios da vida urbana. No espaço público também nos deparamos com o Outro que ao mesmo tempo é diferente de nós, subjetivamente falando, também é nosso igual, no sentido de ser habitante e ter direito à mesma cidade. Assim, estar no espaço público, independente da motivação e do uso, implica que todos, por mais diferentes que sejam, sejam colocados em um mesmo patamar. Tantas vicissitudes, próprias das dinâmicas e da cotidianidade trazem à tona um sujeito com desejos e motivações que são características da vivência urbana. Entender este sujeito é fundamental para que

possamos compreender como experienciamos os espaços citadinos e nos conectamos ou não com eles. Por isso, antes de falar da experiência em si, falaremos do sujeito: daquele que se encontra em corpo e sentimento imerso na cidade e na vivência cotidiana de seus espaços.

Observar, nos dias atuais, os espaços públicos e as pessoas que neles estão nos faz deparar comportamentos que são descritos como típico da cidade contemporânea (SENNETT, 1996). Tal cidade seria reflexo e resultado do efeito da globalização, conceito consagrado no final do século XX para ilustrar uma etapa mais homogênea e madura da transição social, política e econômica. O termo que faz referência à mudança de paradigma da sociedade para algo mais global, traz também paradoxos que segundo Cardoso (2014) caracterizam a contemporaneidade. Para a autora, a contemporaneidade parece estreitar a proximidade física, pois as pessoas parecem estar cada vez mais amontoadas vivendo em apartamentos colados uns aos outros. Entretanto, isso não parece ser o suficiente para que haja o compartilhamento da vida e das experiências pois com a globalização acabamos por estar mais voltados para si devido às interações virtuais. Para Sennett (1996) e Bauman (2001) na cidade contemporânea se vivencia cada vez mais a experiência de uma comunidade desagregada e dispersa, onde nos aprisionamos porque pagamos nossa própria separação: se “é alimentado por um cabo telefônico, uma onda de rádio, um circuito de televisão”, já enfatizava Mumford (1998, p.553) há vinte anos atrás. Nos dias atuais seguimos os mesmos moldes, onde é a internet e as redes sociais que ilustram uma versão mais atualizada da colocação do autor.

Ao compreender melhor o contexto da contemporaneidade entendemos o motivo pelo qual Hebertzberger (1981) diz que a cidade passa a favorecer um conformismo silencioso quando oferece poucas possibilidades de debate coletivo, de reunião e de ação comum. A falta de promoção de uma vida coletiva, evitaria contra-ataques ou até mesmo uma rebelião, uma tomada de ação acerca de uma situação. Quando o individualismo se torna mais latente, o sujeito acaba por assumir uma perspectiva que privilegia a sua inserção na humanidade, quando na verdade esta última deveria ser vista como parte de si. Em outras palavras, o sujeito passa a ver a humanidade a partir da relação desta consigo mesmo, levando-o a um estado existencial vinculado à ideia de solidão. Assim, enquanto o coletivismo estaria relacionado ao fazer parte da humanidade, o individualismo nos levaria a ver a humanidade como parte de nós.(HEBERTZBERGER, 1981)

Sennett (1996) concorda que a hipervalorização da privacidade e do retraimento tem levado ao esvaziamento da esfera pública e provocado o declínio do homem público. Fazer parte da cidade acarreta no vir a ser urbano, uma característica inerente àqueles que habitam a cidade. Por meio desta característica somos capazes de promover modos urbanos e atitudes humanas e morais entre os habitantes. Para o autor a ideia de civilidade, polidez, cortesia, refinamento, são qualidades que estão se perdendo nas cidades, um reflexo das transformações da época atual. E de fato, ao olharmos para nossos espaços públicos podemos ver que as típicas cenas características – pessoas conversando sentadas nos bancos, crianças brincando nos parquinhos – são cada vez menos frequentes em alguns lugares da cidade.

Observar tais espaços nos faz ver que a relação das pessoas com o meio e entre si vem passando por mudanças. Uma das características do espaço público é justamente a possibilidade de reconhecimento da alteridade, possibilitando a expressão da individualidade dentro de um universo forçosamente plural. Diante deste fato, se o ideal da cidade enquanto espaço não é apenas de trânsito mas de interação pública, podemos dizer que o que muda essas transformações se refletem na cidade como um todo.

As transformações ocorridas na cidade e as reverberações sobre o homem do/no meio urbano é um tema tratado também por Simmel (2005). Embora sua ótica verse principalmente em sua experiência individual na Berlim no século XX, ele traz reflexões interessantes de como a cidade, enquanto lugar da modernidade, pode construir e estimular a própria individualidade. O fundamento do autor, pautado na psicologia, é a “intensificação da vida nervosa, que resulta da mudança rápida e ininterrupta das impressões interiores e exteriores” (SIMMEL, 2005, p.577). O elemento fundamental destacado é a mudança contínua e sua influência na conformação da individualidade e da experiência do homem. Neste caso, o homem é considerado em sua condição moderna, que tem característica essencialmente desenraizadora. Esta seria o resultado da busca do sujeito por se enquadrar por conta própria à realidade que a cidade lhe apresenta, conforme as palavras do autor:

Enquanto o sujeito *se ajusta* inteiramente por conta própria a essa forma de existência, a sua *auto conservação* frente à cidade grande exige-lhe um comportamento não menos negativo de natureza social. A atitude espiritual dos habitantes da cidade

grande uns com os outros poderia ser denominada, do ponto de vista formal, como *reserva*. (SIMMEL, 2005, p. 582)

Desse processo de *adaptação* do indivíduo resultam uma hipertrofia do intelecto e uma atrofia das sensibilidades, o que constitui o próprio cerne da experiência moderna: uma experiência pautada pela despersonalização nas relações, pela objetividade e pela indiferença no tratamento das coisas e das pessoas. Decorrência da saturação dos sentidos do indivíduo, do excesso de informações a que estaria submetido, a indiferença seria mesmo, para Simmel (2005), a expressão de certo *ethos* próprio da cidade grande, que se conformaria em estilo de vida, em comportamento estilizado, ao qual autor se refere de “caráter blasé”.

Ao falar de atrofia das sensibilidades, Simmel (2005) coloca em pauta um tema que merece atenção em nosso estudo, que é a transformação da sensibilidade. Sendo a Empatia Espacial algo de cunho sensível, considerar as mudanças significativas na sensibilidade do ser/estar na cidade se torna um viés que possibilita compreendermos o que nos guia em nossas experiências e vivências no meio, sobretudo as coletivas. Sobre o aspecto da sensibilidade, Haroche (2008) fala desse homem exterior, aquele que se apresenta e atua em público e no qual ela identifica mudanças significativas na maneira de sentir.

Sob o impacto da globalização, as sociedades contemporâneas tendem a se tornar sociedades que se transformam de maneira contínua; sociedades flexíveis, sem fronteiras e sem limites; sociedades fluidas, líquidas. Tais condições têm consequências sobre os traços de personalidade, dos mais contingentes e superficiais aos mais profundos, sobre os tipos de personalidade que tendem a desenvolver e encorajar, assim como sobre a natureza das relações entre os indivíduos. (HAROCHE, 2008, p. 123)

Para Haroche (2008), o sujeito da cidade contemporânea se encontra diante de constantes e rápidas mudanças próprias de um mundo globalizado onde os limites geográficos são transpostos pela agilidade da informação. Ao fazer referência à época moderna, momento de avanço tecnológico e profundas transformações equiparáveis aos dias atuais, Sennett (1996) mostrou sua preocupação com a individualidade, com a forma como as pessoas estavam

preocupadas consigo mesmas. Assim, numa versão concatenadora, o ser público parece tender a uma individualização que é tão latente em seu comportamento e que o leva a olhar para si mesmo e a ter atitudes que remetem à indiferença ao outro. Tal contexto reforça ainda mais a relevância da experiência coletiva, já que é por meio da diversidade que somos levados a sair de nós; ação que além de remeter à Empatia, pode influenciar nossa sensibilidade e a maneira como experienciamos nossos espaços.

## 2.4. Espaço público e a ambiência urbana

Ao tomar como premissa o espaço público coletivo como nosso enfoque de estudo da Empatia, iniciamos sua exploração como caminho para conhecer seus atributos e elementos. Quando falamos da esfera pública, já havíamos adentrado um pouco em sua porção imaterial conferida pela dimensão social e política. Também tangenciamos tal dimensão, quando exploramos o espaço público a partir de sua relação com as cidades, enquanto tipologia, ao longo da história. Conforme Lamas (2004), até é possível definir o espaço público de forma genérica, mas entendê-lo nos leva ao encontro de uma bagagem sensível que faz com que uma rua seja diferente de uma praça; não apenas morfologicamente, mas em seus usos, suas apropriações (LAMAS, 2004), nas sensações que nos despertam e, no caso da Empatia Espacial, também como e o que nos motiva a vivenciar as experiências coletivas.

De fato, por mais que nossos lugares sejam caracterizados por uma materialidade, não conseguimos deixar de atribuir certo corante “certo tom emocional, certo *‘Stimmung’*; privacidade, grandiosidade, alegria, tristeza, sobriedade” (CAZAL, 2014, p.01, tradução nossa). Como vimos, através dos estudos da *Einführung*, cada objeto e a maneira que interagimos com ele tem seu ritmo próprio. E, como estamos falando de Empatia Espacial em relação ao espaço público, não poderíamos de deixar de falar de seu corante, seu tom sentimental: a ambiência urbana.

Segundo Böhme (2016), as ambiências podem ser derivadas tanto de coisas como de pessoas sendo “manifestações características da copresença de sujeito e objeto” (BÖHME, 2016, p. 16). A maneira como o espaço se mostra para nós, que tipo de relação que temos com ele e como a cada momento nos sentimos

nele é algo que experimentamos não objetivamente, mas a partir de sua ambiência. Por ela corresponder exatamente à união entre os dados físicos do espaço com os sentidos que os percebem, captá-la pode ser definido como agarrar um sentimento no espaço circundante (AUGOYARD, 1979). Nas palavras de Griffero (2014, p.08, tradução nossa) é aquele “algo a mais que nos agarra e que nem sempre conseguimos explicar, mas sentimos e mergulhamos nele”.

Duarte (2013) explica que a ambiência está relacionada às sensações térmicas, lumínicas, sonoras, culturais e subjetivas de determinado lugar e seus usuários, funcionando como um agente de ligação entre as diversas sensações experimentadas pelos indivíduos. Por meio dela é possível convocar uma memória sensível, aquela que ao despertar os sentidos remete a associações sensitivas e emocionais, levando o usuário a uma identificação sensitiva e afetiva com o lugar (SANTANA; UGLIONE, 2013). Na realidade, a ambiência unifica o suporte espacial e preenche os significados, o que permite que ela não seja percebida, mas que se perceba de acordo com ela e, assim, se estabeleçam os termos da percepção que, como consequência, afetarão as ações (DUARTE, 2013).

Conforme Augoyard (1979), existem algumas condições para que determinado fenômeno seja classificado como ambiência. Por isso, ela não pode ser como um conjunto de objetos isolados, de impressões contínuas ou modelos de comportamentos individuais, já que um dos pontos a se considerar são as possibilidades de interação entre a percepção, as emoções, as ações e as representações sociais e culturais. Para Duarte (2013), além dos pontos citados, algumas ambiências têm caráter motivador, que envolve o habitante e o convida a participar da “atmosfera do lugar”. Por meio de certas características apresentadas, as ambiências podem participar dos processos de construção identitária e criar possibilidades de vínculos, como, por exemplo, através do reconhecimento sensível e/ou afetivo, através da evocação da já mencionada memória sensível. Também podem ter a propriedade de motivar experiências espaciais e permitir apropriação, sobretudo quando é uma condicionante positiva. E como a apropriação simbólica e/ou material é um dos primeiros passos da atuação do usuário no ambiente e uma condição para uma experiência espacial, as ambiências podem favorecer e acelerar o processo de adoção do lugar por meio da ação (DUARTE, 2013).

Embora se represente na individualidade, a ambiência se faz reconhecer na coletividade, pois evoca a interpretação subjetiva da experiência coletiva, da consciência de fazer parte de um lugar, cujas sensações possuem significados

compartilhados. Contudo, estar exposto a uma ambiência coletiva não significa que se estará motivado a se engajar a ponto de interagir com ela. As ambiências, explica Duarte *et al* (2015), podem ser tanto o modo como o reflexo pelo qual os indivíduos exploram e expressam relações derivadas da experiência com o meio, que por ser sensorial é também corporal.

A ambiência seria, assim, o que preenche de sentido o Lugar. No entanto, necessariamente não é estando exposto a uma ambiência de um espaço público, por exemplo, que haverá a fundação de uma experiência coletiva. A ambiência, descreve Minkowski (1967, p.70, tradução nossa), pode ser para o espaço "simplesmente algo que o preenche" ou "algo que o preenche e nos faz vibrar". O que faria esta diferenciação não é explicitado pelo autor, mas por estar relacionada à capacidade de afetar o sujeito, acreditamos que pode ser explicada ao longo deste estudo através da Empatia Espacial.

O que explanamos até este ponto sobre as ambiências nos permite ver que, ao contrário do que ocorre com os objetos artísticos tratados pela *Einführung*, o corante espacial – a ambiência – faz com que cada lugar ganhe contornos próprios que influenciarão na maneira que sua base espacial é consolidada na cotidianidade. O que queremos dizer é que diferente do contexto artístico explorado pela *Einführung*, o espaço é tão cambiável quanto a sua ambiência, estando ambos atrelados um ao outro e susceptíveis às dinâmicas e práticas desdobradas. Por isso, cada praça terá seu próprio tom, seu próprio corante, afetando-nos diferentemente, sendo um reflexo tanto dessas diferentes variações "tonais" como de fatores individuais. Mas assim como a bagagem sensível dos lugares pode remeter a certa semelhança a partir de sua tipologia, os fatores individuais podem também ser correlacionados a partir da cultura que tem um grande influência em como traduzimos as ambiências.

#### 2.4.1 A premência da Ambiência Cultural

Cada espaço e lugar são um convite para uma sugestão de atos e atividades distintas, que podem ser estimuladas ou desencorajadas a partir de sua ambiência. Em alguns estudos recentes, a relação da ambiência com sua capacidade de promover certo tipo de ação tem sido associada ao afetar-se e ao fator emocional, temas recorrentes nos últimos anos em trabalhos realizados por Griffero (2014); Bohme (2014), Kasig (2014) e Thibaud et al (2016). Para os autores citados, não seria só a capacidade de afetar, mas a propensão do sujeito

a ser afetado, um traço que de fato é individual, mas que é inserido em um contexto maior, o cultural.

A cultura interfere no espaço físico, seja ele arquitetônico ou urbano (HALL, 1999), contribuindo para que certas ordens simbólicas, códigos culturais ou sistemas de representações, que estão na base das práticas humanas, sejam expressos em sua consolidação. Sendo o espaço construído – cidades e habitações – uma prática significativa e uma das expressões físicas de determinada cultura, o meio acaba se consolidando como uma estrutura de significações através da qual o homem dá forma às suas experiências. Malard (2006) afirma que mesmo sendo executadas por indivíduos distintos, quando avaliadas na ótica da cultura as atividades contemporâneas se espacializam de maneira similar,. Talvez por isso Pallasmaa (2014) diga que culturalmente e quem sabe até geneticamente, estamos inclinados a escolher certas ambiências.

Kasig (2014) é um dos autores que mais tem se interessado pelo estudo de ambiências culturais, trazendo posicionamentos originários de estudos empíricos e concatenações teóricas sobre o tema. Em um de seus estudos, uma Praça na Alemanha, onde ele identificou diferentes tipos de ambiência a partir das dinâmicas urbanas associadas a alguns hábitos próprios da cultura do lugar. O termo *Stimmung* é recorrente em seu trabalho, um viés usado para corroborar que as ambiências são o meio onde as relações sistemáticas entre o homem e sua base espacial se fundem. Neste processo, ele enfatiza que as emoções, os modos de atenção e a motricidade são as três dimensões a serem levadas em conta para detalhar o estado sensível do sujeito.

Assim como a motricidade, que pode ser associada à Empatia através do mimetismo motor, a similaridade também pode ter um cunho empático e cultural. Batson (2009) especula que a similaridade pode estar relacionada a aspectos culturais, a uma facilitação na captura dos sentimentos, por um viés engendrado pela vivência em determinada cultura. No caso de situações como as que estamos expostos no espaço público, onde somos convidados a interagir com a coletividade, fazer parte da mesma experiência cultural é um facilitador de partilhas emocionais. Esta foi inclusive um aspecto bastante evidente em algumas experiências vivenciadas pela pesquisadora durante a imersão urbana em Grenoble, na França. E, de fato, os indivíduos que compartilham uma base cultural semelhante, quando em coletividade, parecem entrar em consonância mais rapidamente, não só em relação à compreensão do sentimento, mas também na tradução da expressão corporal.

A Rede Internacional de Ambiências<sup>4</sup> tem se debruçado nos últimos quatro anos a se questionar, justamente, sobre a questão da tradução das ambiências. Segundo Duarte e Santana (2016), o papel do espaço físico e da cultura no sistema de interatividade e adesão aos eventos nas diversas ambiências é, também, o de amalgamar experiências, em especial pelo trabalho mútuo do usuário em ‘traduzir’ e ‘corporificar’ uma experiência nova pelo desejo de adesão:

(...) No trabalho de tradução operado pelas ambiências vemos que, em primeiro lugar, não há dúvida de que o espaço/evento valorado deva ser tratado analiticamente em situação *posteriori*, ou seja, num jogo posterior ao do impacto do estranhamento. Primeiro sentimos, depois questionamos. Deste modo, animamos (damos alma) ao evento. No entanto, se o espaço/evento é visto apenas como uma "coisa" inanimada, ele irá, em certo sentido, permanecer estrangeiro e impassível de tradução.

Baseado na ideia de que a motivação do movimento corpóreo espacial depende de certa “essência”, Schmarsow (1994) diz que podemos intuir o espaço a partir de determinados filtros (culturais). A intuição é também um ponto relevante a ser considerado na Empatia Espacial, visto que para engendrar espacialmente somos levados a intuir, como falaremos nos capítulos seguintes. Como regra, toda a intuição espacial surge a partir da interação de órgãos dos sentidos com o próprio corpo e com os aspectos relacionados também ao nosso universo cultural.

Logo, o que aqui consideramos como a ambiência cultural seria, na verdade, um tipo de “ressonância cultural”, uma forma de dar “certa especificidade a atmosferas que são criadas em primeiro lugar pela copresença de sujeitos com o mesmo fundo cultural” (KASIG,2010). No espaço público, esta ressonância traria um caráter de intimidade com os que ali estão presentes e uma consequente confiabilidade para as pessoas que usufruem daquele meio, mesmo que fossem estranhas entre si. Entendemos, assim, que o contexto cultural seria um facilitador no processo de Empatia Espacial, já que através dele normalmente tenderíamos a estarmos mais aberto ao Outro e à experiência na cidade.

---

4 Esta rede foi montada a partir de iniciativa do Laboratório CRESSON em 2014 e conta hoje com a participação de alguns grupos de pesquisa espalhados pelo mundo, incluindo o Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura LASC/Proarq/UFRJ. [www.ambiances.net](http://www.ambiances.net)

## 2.5. A experiência na/da cidade: arrematando as ideias

Para melhor entender as características e possíveis influências relacionadas à condição de sujeito público, autores como Simmel (2005) recorriam a sua própria experiência na cidade. Neste ponto, buscaremos seguir um raciocínio semelhante, não no sentido de discorrer sobre uma experiência (empática) urbana em particular, mas de explorar algumas finalizações teóricas que possam nortear a compreensão da influência da experiência coletiva na cidade.

Se é por meio da vivência que entendemos a cidade, podemos dizer que nossa aproximação com ela ocorre a partir da experiência. Experiência, vivência e aprendizado são termos que aparecem como correlatos da Empatia, quando vista à luz da apreensão do Outro, como enfatizou Stein (2000). Experienciar é aprender, é atuar sobre algo e criar a partir dele (TUAN, 1977). E, no caso da cidade, a experiência é algo recíproco, pois “aprendemos com o espaço à medida em que ele nos apreende.” (QUERÉ, 1995, p.36, tradução nossa).

A partir da experiência o dado pode não ser conhecido em sua essência, mas é certo que é descoberto em sua realidade. Esta última seria um constructo da experiência e que é variante a depender de como é captado pelo sujeito. (TUAN, 1977). Na obra de Benjamin (1996) encontramos reflexões que remontam à sua vivência e que enfatizam principalmente os diferentes níveis experiência. Ele inclusive tinha a intenção de produzir uma “teoria da experiência” que não foi iniciada devido ao seu falecimento. A ênfase de Benjamin (1996) é na vivência individual, mas a importância do coletivo também é salientada, sobretudo a partir de seu ponto de vista como flâneur. O que ele chama de “experiência autêntica”, por exemplo, é resultante de um processo coletivo que tem na relação entre passado e presente seu eixo estruturador; momentos temporais cuja distinção ele julga estar em colapso nos tempos modernos.

A experiência autêntica de Benjamin (1996), de cunho coletivo, aparece mencionada nos estudos de Gagnebin (2004). A partir dela, da experiência autêntica, desdobram-se outros dois tipos de experiência: a experiência partilhada e a experiência individual que, como o nome diz, tem caráter pessoal. O autor define a experiência partilhada como sendo aquela condicionada à existência de um mundo comum entre os homens e que deixa vestígios de emoção mais significativos do que a segunda experiência, que tem um caráter mais imediato.

Segundo Queré (1995), no espaço público, a experiência é um processo que ganha contornos a partir dos eventos e situações que ali acontecem. Mas, quando ele associa a experiência aos eventos e situações a que somos expostos no meio, ele não está isentando que existam outras formas de experiência possíveis, e sim que todas elas se darão de maneira processual e, por isso, mutável. Em relação à experiência coletiva em si, que coaduna com a Empatia Espacial, trazemos também o ponto de vista de Dewey (2011) que, com uma abordagem mais recente, explora o princípio da continuidade e da interação a partir do *estar* no espaço público. De acordo com o princípio da continuidade, "cada experiência no coletivo altera o sujeito e essa mudança, por sua vez, afeta a qualidade das seguintes experiências "(DEWEY, 2011, p.472, tradução nossa). Já diante do princípio da interação, a experiência aparece definida como sendo uma questão de transferência entre o sujeito e seu meio ambiente.

Queré (2015), por vezes, também correlaciona as ideias de Dewey (2010) como uma maneira de reforçar suas colocações. Na relação entre sujeito e coletividade, ele trata de fatores específicos relacionados à esfera pública e à relação desta com a experiência. Conforme o autor em estudos que envolvem a observação ou exploração empírica do espaço público, como é o caso da Empatia Espacial, é mais pertinente considerar a experiência que surge a partir da interação. A tomada de perspectiva sob esse sentido se dá pelo fato de que não há experiência sem troca:

A experiência é o desenvolvimento de interações entre um organismo [sujeito] e um ambiente. É uma coprodução que decorre da articulação de energias e de operações que solidificam um a partir do outro. (...) transferência reflete melhor essa natureza integrada do comum que é compartilhado de que a contribuição de cada componente é indissociável da dos demais (QUERÉ, 2015, p.07, tradução nossa).

Ao considerar a experiência como troca/interação, Queré (2015) parte de duas premissas para a classificação: o "que" e o "como". O primeiro faz referência ao que consiste em *estar* no espaço público, ou seja, do ponto de vista da experiência quais seriam as características que a delimitam como coletiva; o segundo seria a questão de como se dá o desenrolar da experiência coletiva no espaço público. Pressupõe-se que, por ser coletiva, a experiência não é privada, mas ela é sempre individualizada no sentido de que:

a) ela [a experiência] ocorre em uma função de uma situação, que é sempre qualitativamente única b) é influenciada por experiências passadas da vida do indivíduo c) envolve sensibilidade, hábitos e habilidades individuais e d) depende do modo e grau de compromisso pessoal em interações com o meio ambiente. (QUERÉ, 2015, p.08, tradução nossa).

Delineando “o que” consiste a experiência coletiva – a primeira premissa – o autor caracteriza como sendo o processo desencadeado pela troca entre o sujeito e o meio; um processo serial porque, como a própria classificação diz, “se dá a partir de uma série de eventos que ocorrem no ambiente”. Esse tipo de experiência pode originar circunstâncias e situações ou ser decorrente delas, o que significa que está acontecendo em um modo de interação que envolve um indivíduo, objetos e outras pessoas. Assim, “situação e interação são inseparáveis um do outro”. (QUERÉ, 2015, p.10).

Uma das características da experiência pública é a possibilidade de que os sujeitos sejam afetados por eventos e situações que nem sempre promovem experiência direta. Como exemplo, podemos citar as pessoas que ali coexistem e suas iniciativas e/ou abstenções, bem como hábitos e costumes, ideias, pensamentos, produtos da imaginação e as respostas espontâneas que se constituem em forma de ação/reação a algo ou alguém em um determinado meio. Este meio não é apenas físico, mas também corresponde às condições que, a certo nível, interagem (ou não) com as necessidades, desejos, objetivos e as habilidades pessoais para que se crie a experiência. Toda experiência circunda a troca sujeito-meio, inserindo os objetos construídos por pensamento ou imaginação, que Queré (2015) chama de “objetos imaginários” e de “objetos culturais”, o que nos leva a subentender que também podemos – e devemos – considerar a ambiência.

Já na segunda premissa – “como” ocorre a experiência – são considerados os diferentes status e as possíveis participações. Por mais que a experiência pública seja sustentada por uma pluralidade de perspectivas, como Arendt (2011) coloca, ela não se caracteriza apenas por aqueles que efetivamente atuam como cidadãos, no sentido de atuação intensa. Para a maioria das pessoas, o ponto de vista é de um espectador, não no sentido de uma atuação passiva, do princípio da ação, mas de espaço comunicacional, onde a esfera pública é a engrenagem (QUERÉ, 2015). Como em qualquer espetáculo, “o show pode até acontecer, mas sem a plateia não se tem sucesso, não se tem aplauso e, assim,

não se tem a continuação do evento” (QUERÉ, 2016, p.25, tradução nossa). Assim, é o espectador quem reconhece as forças que exercem o ritmo do espaço e que, ao notá-las, dá uma visibilidade ao que está acontecendo. Pelo que entendemos, essa “força” não está apenas relacionada a uma atuação direta por meio da ação, mas ao se dar conta, corporalmente e sensivelmente. Geralmente na cena presente no espaço público predominam a dinâmica e o acesso sensorial, iniciados pela atenção que esta instiga no Outro. Particularmente supomos que tal visibilidade não é só condicionada ao perceber, mas ao sentir e à consequente manifestação da ação/reação ao afetar-se que ocorre a partir do processo empático.

Na tentativa de melhor compreendermos o que poderíamos identificar como espectador, trazemos as colocações de Goffman (1983) sobre os diferentes níveis de interação possíveis em uma experiência coletiva. O autor apresenta dois parâmetros, denominados "estrutura de participação" e "status de participação" para diferenciar posições e papéis possíveis no que ele chama de "reunião social", que em linhas gerais Queré (1995) diz se tratar da experiência coletiva. Goffman (1983) define essas duas noções em referência ao "momento de fala", que é expandida em forma de atividade localizada. O momento de fala corresponde a uma estrutura participativa que se abre a "uma gama de oportunidades estruturalmente diferenciadas dentro de uma totalidade de uma atividade ou situação" (Goffman, 1983, p. 146, tradução nossa). Os participantes em uma "reunião social" têm o mesmo foco de atenção, que não é só cognitiva, mas também sensorial (especialmente visual e auditiva). É o tipo de atenção que, conforme permite a coordenação da atividade, é impulsionada pelo "interesse comum em realizar uma tarefa de acordo com o cenário do plano geral". (Goffman, 1983,p. 146, tradução nossa).

Há também o “espectador emancipado”, que envolve o "paradoxo do espectador”, ignorando o processo de produção da realidade. É o espectador que permanece imóvel, passivo (QUERÉ, 1995). Lembrando que ser espectador não quer dizer ou indicar uma posição estática e que tampouco não possa ser relacionada com a ausência do poder de ação. Em seu livro *Art as Experience*, Dewey (2011) descreve a atividade realizada pelo espectador, uma perceptiva que soa interessante não só por nos fornecer uma fundamentação, mas porque ao se tratar do espectador da obra de arte, existe uma referência indireta: a ideia de *Einfühlung*. Para caracterizar o espectador, Dewey (2011) relaciona intimamente a atividade a e passividade na receptividade: "A receptividade não é sinônimo de passividade. Ela pode ser associada a um processo que consiste em uma série de atos de resposta que se somam à realização objetiva "(DEWEY, 2005, p. 78,

tradução nossa). Se estamos passivos, ficamos sobrecarregados com o que nos acontece, não sendo capazes de entender ou integrar nossa conduta: "Quando testemunhamos uma cena que nos deixa passivos, nos sobrepõe, por falta de resposta, não percebemos o que pesa em nós. Precisamos reunir energia e colocá-la a serviço de nossa faculdade de reação para poder assimilar "(DEWEY, 2005, p. 79, tradução nossa).

Ao consideramos uma interação com o meio ambiente, entendemos que a emoção e a produção da condição de continuidade estão intimamente entrelaçadas na receptividade. A atividade e o agir dão ritmo à experiência. Já a passividade, através de emoção, pode ser integrativa, conectando as diferentes partes em um todo. A partir de tais considerações podemos complementar as ideias de quadro e status de participação, apresentados acima, diferenciando ambas as formas atividade/passividade do espectador e os graus de sua experiência. A condição de espectador é um modo de participação na experiência pública, mas ele é diverso, variando de acordo com o grau de desenvolvimento da percepção. Podemos, por exemplo, sem deixar nossa posição de espectador, isto é, sem nos envolvermos em ações coletivas ou em discussões públicas, manifestar preocupação. Também podemos ser a força motriz que reforça um evento e uma situação a partir da conversa, que é igualmente importante.

Em resumo, podemos dizer que um dos pontos de convergência entre Queré (1995) e Dewey (2011) é o afetar-se: um dos fatores mais importantes para a experiência. Isto seria o resultado desencadeado tanto por características objetivas das situações como por características relacionais – atividade e arranjos espaciais – que são avaliados de acordo com motivações, desejos, intenções, dentre outros fatores. As mudanças de direção, tanto no sentido corporal – parar/deslocar, como intencionais – sair/permanecer – podem provocar ou até mesmo alterar a situação e o evento, tanto para o Outro como em relação a nós mesmos. As reações e ações que se misturam são de origem sensorial e estão intimamente conectadas com a afetação, um tema que trataremos na segunda parte, e que envolve um fator importante tanto na experiência como no estudo da Empatia: a emoção. A partir dos fatores estruturadores de ambos – Empatia e espaço – assim como o perfil do sujeito envolvido no processo empático – o sujeito público – e sua aproximação com o objeto a partir da experiência, tentaremos lançar alguns paralelos entre as fundamentações e o estudo empírico.

# 3 | A OBSERVAÇÃO EMPÍRICA

## APLICANDO A EMPATIA ESPACIAL

Entre os diversos cenários que permeiam o entendimento do espaço público, podemos dizer que, em seu sentido coletivo, ele pode ser descrito como lugar da sociabilidade. Estar presente no espaço público nos torna mais um de seus atores e, mesmo que indiretamente, leva-nos a vivenciar as relações sociais, práticas de interação e de oposição, ritos, comportamentos e hábitos inerentes à convivência urbana. No meio coletivo, a vida cotidiana tem um pulsar que nos instiga todo momento a colocar nossa identidade pessoal e coletiva em teste, levando-nos a experimentar a diversidade urbana que se apresenta a partir das práticas e das significações.

Merleau-Ponty (1994) explica que é por meio do corpo que apreendemos o que é exterior a nós, mas é por meio dos sentidos que efetuamos o primeiro encontro. Esse contato sensível contribui para que, durante o processo de reconhecimento, atribuamos significados ao meio. Mas, mesmo sendo algo de natureza subjetiva, e por isso variante de pessoa para pessoa, Queré (2015) diz que certas experiências na cidade, sobretudo as mais sensíveis, já são carregadas de significação do ponto de vista espacial. O autor chama isto de “lastro histórico-cultural”, o qual tem a ver com o papel social, histórico e cultural que certos espaços, sobretudo públicos, adquirem na cidade. Neste caso, Queré (1995) enfatiza a carga simbólica que é inerente ao espaço enquanto tipologia e/ou função, trazendo ao longo de seu discurso o que entendemos como ambiência. Para ele existiriam tonalidades espaciais que, através da materialidade espacial, práticas e dinâmicas, juntamente com este “lastro”, influenciariam como o meio é moldado e/ou construído no cotidiano.

Entre os lugares onde se tem contato com a vivacidade e amplitude da esfera pública e as relações cotidianas, ruas e as praças se tornam exemplares da experiência da carga significativa da sociabilidade que lhe é própria. Foi na intenção de estabelecer um recorte que nos permita enfatizar a estudo da fundação da experiência coletiva a partir da Empatia, que consideramos a Praça enquanto estudo empírico. Após a delimitação do recorte e com uma compreensão maior acerca da Empatia – seus entendimentos, sua natureza e aplicabilidade – apresentados no primeiro capítulo, chegamos neste ponto onde nos perguntamos:

como observar/identificar uma possível Empatia Espacial? De fato, algumas suposições existiam, as quais discorreremos a partir das fundamentações trazidas nos itens anteriores, como por exemplo, o mecanismo empático de Vischer (1994) e Lipps (1905) que atualmente foi retomado nos estudos de Cazal (2014). Mesmo com um enfoque prioritariamente estético foram das fundamentações correlatas à *Einfühlung* que inicialmente nortearam parte das observações empíricas. Os estudos sobre o engendramento estético, que dão ao corpo o papel central no processo de apreensão e na experiência do espaço arquitetônico, forma bastante pertinentes pois permitiram que visualizássemos melhor os possíveis paralelos e associações mais diretas entre experiência coletiva e Empatia.

O corpo não é só um caminho de conexão empática como um identificador de sua ocorrência a partir de ações/reações. Por meio dele adotamos posturas que são acionadas e/ou copiadas a partir do que é expresso pelo Outro. Seja esse Outro o meio ou um sujeito, o corpo aparece como um liame ou a indicação da incidência da Empatia, ou seja, respondemos a tudo o que sentimos desde nossa corporeidade. Logo, entendemos que é necessário considerar o corpo no entendimento da construção de relação entre Empatia e espaço, sobretudo como indicativo para o mapeamento de possíveis Empatias às ambiências. Foi por isso que no momento de teste/aplicação do objeto de estudo metodológico – a Praça São Salvador e a Praça Edmundo Bitencourt – escolhemos iniciar com uma observação participante, a partir das quais traçamos paralelos e rebatimentos entre o embasamento teórico, as reações corporais e ações coletivas capturadas.

Com a observação empírica respaldada na fundamentação pudemos reunir tanto informações sobre como as pessoas se conectam com os lugares, como identificar a repetição de certos padrões de comportamento e ação. Ao final do processo de investigação preliminar, pudemos apontar possíveis contágios emocionais e suas respectivas associações com os eventos e a base espacial. O ponto de partida foi a observação das dinâmicas, dos autores, das práticas e como elementos espaciais materiais e imateriais apareciam inseridos nesse processo. Desta forma, iniciamos este capítulo com um panorama geral acerca da praça como tipologia, de maneira a entender fatores, peculiaridades e carga simbólica inerente a esse tipo de espaço. Em seguida, apresentaremos o recorte e a metodologia que utilizamos para observar as praças estudadas. Antes, no entanto, nos prenderemos a considerações como espaço pessoal, que são estruturantes da nossa interação corporal com o espaço. Acreditamos que isso pode nos dar mais parâmetros de observação para visualizar possíveis inter-relações de cunho empático.

## 2.5 Corpo e Espaço em busca de uma relação empática

Aprendemos e conhecemos o espaço urbano a partir do nosso corpo e da realidade sensível que o meio apresenta a nós. Mas, nem tudo que captamos através dos sentidos é percebido. Como a maioria das atividades humanas, a percepção resulta de uma interação complexa entre diversos fatores como o estado biológico do organismo, as experiências, os sentimentos momentâneos ou permanentes do sujeito (MERLEAU-PONTY, 1994). Por isso, algo sempre pode nos fugir a compreensão em um primeiro momento, mas não é por isso que deixamos de sentir e nosso corpo reagir ao que ainda não nos é consciente.

Em contato com o mundo exterior mergulhamos em uma dimensão sensível, onde os nossos movimentos corporais são o meio pelo qual percebemos diferentes perspectivas de mundo. Para Pallasmaa (2013), os estudos sobre os neurônios espelho, comprovam que as raízes da Empatia estão no corpo e, da mesma maneira da identificação projetiva, o processo ocorre inconscientemente. Por isso, neste processo é preciso, com efeito, levar em consideração que não podemos apenas considerar o que acontece com o corpo próprio dotado de sensibilidade, mas também com o corpo físico.

Ao mesmo tempo em que prestamos atenção em como agimos, também estamos atentos ao que acontece com a nossa corporeidade. No espaço urbano, por exemplo, se estamos em um ambiente quente, buscamos formas de refrescar, assim como quando nos sentimos ameaçados, sentimos vontade de fugir: podemos tanto nos aproximar quanto nos distanciar de tudo aquilo que está em volta do nosso corpo próprio. O espaço é um componente integrante de nós mesmos, uma vez que *“nosso sentido psicológico de individualidade tem uma dimensão espacial que reconhecemos em nossas sensações de conforto ou desconforto em resposta aos lugares que visitamos e habitamos”* (ETLIN, 1998, p.02, tradução nossa). Assim, nossas respostas em relação ao meio, seja ele natural ou construído, envolvem um sentido corporal de nós mesmos e a dimensão espacial que é formada a partir dele, constituindo o que podemos chamar de sentido corporal espacial (ETLIN, 1998).

De acordo com Etlin (1998), o nosso sentido corporal não se limita ao espaço literal do corpo, mas também se estende para além dele. Por isso, é importante observar a qualidade espacial de nosso relacionamento com outras pessoas. Este, aliás, é um ponto abordado nos estudos de Hall (1999) acerca do espaço pessoal, onde segundo, o autor cada pessoa carrega em torno de si uma

bolha espacial. O tamanho da bolha, que pode ser ampliado ou reduzido, ocorre de acordo com a formalidade ou intimidade da relação que possuímos com a outra pessoa e varia de cultura para cultura (HALL, 1999).

A relevância da observação da existência dessa bolha para o estudo da Empatia Espacial pode ser explicada a partir da colocação de Minkowski (1967). Conforme o autor, todos nós temos um instinto à proteção que usamos no nosso espaço pessoal, sendo este a representação quase primitiva de um dinamismo espacial que marca a nossa relação afetiva com outro ser humano. Como no espaço pessoal estão presentes importantes características psicológicas, que evidenciam o quanto estamos envolvidos, a partir dele podemos notar a existência ou ausência do estreitamento dos laços emocionais (MINKOWSKI, 1967). Assim, se partimos do princípio de que por meio da Empatia nos envolvemos com o Outro, estabelecemos esse laço emocional, subentendemos que **observar o quanto comprometemos nosso espaço pessoal pode nos fornecer informações sobre a intensidade de nosso engajamento em uma coletividade.**

Não é só em relação ao Outro que nosso sentido corporal pode ser observado na interação espacial, mas também com a aparência das coisas. Este ponto, em específico é um tema central para os teóricos da *Einfühlung* ainda no século XIX. Ao considerar a *Einfühlung* como projeção sentimental, alguns estudiosos a entendiam como sendo derivada de uma fusão entre a forma dos objetos visíveis com a nossa própria forma corporal transcendendo até a nossa alma. Essa relação com a alma traz um ponto muito interessante acerca da acomodação do corpo no espaço que pode ser conjecturado também a partir de Vischer (1853). Para o referido autor, os sentimentos derivados da projeção no Outro poderiam levar algumas pessoas a uma experiência espiritual, mantendo-as em um posicionamento corporal acomodado.

Para Etlin (1998), essa descrição remete ao que ele chama de espaço existencial, no qual, a partir do nosso corpo, buscamos construir a nossa existência no espaço. Esse sentido espacial corporal pode ser visto como parte do nosso contínuo relacionamento com a natureza do nosso ser que se estende tanto no significado que damos às coisas como nos dispomos ao redor de objetos ou até mesmo como arrumamos os objetos ao nosso redor. Isto seria aplicável para todas as coisas com as quais as pessoas se envolvem e que de certa maneira participam da construção de seus espaços. Como exemplo, o autor menciona a questão do abrigo, onde desde os utensílios de cozinha até os seus móveis podem participar da construção do sentido espacial corporal: “*essas coisas constituiriam o nosso ser,*

*em parte, através das memórias que nós associamos, através de sentimentos e sensações e de continuidade ao longo do tempo que esses objetos passam a nós, mas também através de nosso senso de espaço existencial* (ETLIN, 1998, p.18 tradução e grifo nosso).

Em linhas gerais, o que Etlin (1998) afirma é que a maneira como nos territorializamos e o valor simbólico que atribuímos às coisas constitui o que ele define como senso corporal espacial. Além de suas colocações, não podemos deixar de reiterar a relação corpo/espaço explorada através das teorias do engendramento espacial. Sob este viés, o enfoque dado às propriedades estéticas das obras visuais de maneira geral, como massa e linha, aparecia de maneira diferenciada na arquitetura, uma vez que o espaço se tornava um componente a ser considerado. Dentre os estudos, os realizados por Schmarsow (1909) são os que mais nos interessa por considerar que a arquitetura, enquanto objeto estético, instiga ritmos diferentes onde o corpo também é levado uma vivência através do deslocar-se.

Neste seguimento, seja a partir de Etlin (1998) ou das teorias de engendramento espacial, subentende-se que todas as experiências corporais são por princípio experiências espaciais, fato reforçado também por Berthoz (2006a) e Merleau-Ponty (1994). Nesta busca em estabelecer associações com a Empatia Espacial, compreendemos que a observação corporal pode nos fornecer pistas, indicando a manifestação ou possíveis gatilhos a serem observados durante processos empáticos; processos que nos levam a considerar também o papel simbólico da Praça enquanto espaço público.

### **3.2 A praça como tipologia de estudo**

Sendo o espaço coletivo também um espaço sensível, não poderíamos deixar de falar sobre os significados dos lugares, os quais, segundo Queré (2015), vão além daqueles que são atribuídos pelos sujeitos. Lamas (2004) reitera a importância dessa carga simbólica inerente ao espaço quando, ao desdobrar suas conceituações de espaço público, toma como base as peculiaridades que surgem a partir das tipologias. Neste sentido, subentende-se que é importante também compreendermos a Praça, a qual tem a sociabilidade como um ponto fundamental e peculiar em sua compreensão enquanto espaço público (LAMAS, 2004).

Para Sitte (1992), ontologicamente e historicamente, a Praça se consagrou como o elemento mais importante da cidade. Este seria o motivo pelo qual em alguns contextos urbanos ela assume o papel de centro e/ou de símbolo da cidade. Sob o enfoque do panorama histórico, Benévolo (2005) relata que as Praças são conhecidas como as mais antigas formas de espaço aberto. Suas origens podem variar, podendo ser planejada ou ter surgido a partir da evolução do tecido urbano, do alargamento e/ou intersecção de ruas, de espaços em frente a igrejas ou edificações diferenciadas na malha da cidade.

Intimamente conectadas às mudanças da sociedade, ao longo do tempo, as Praças passaram por modificações e adaptações em seu desenho para se adequar as demandas de seus usuários (ALEX SUN, 2008). Por trazerem as marcas dessas transformações elas podem ser tidas como um ponto de representação da história urbana, ao mesmo tempo em que referendam o presente como o local onde se tornam visíveis as tendências sociais (MELIK, 2008). Por ter como principal característica morfológica o fato de serem um espaço aberto – no sentido de falta de barreiras espaciais e sociais, espaço para todos – as Praças se configuram como clareiras na cidade. Elas se tornam um lugar de visibilidade tanto do sujeito a partir de si mesmo como de outros, de conversa, mas também de passagem, de permanência temporária.

Etimologicamente a palavra Praça vem do latim *platea*, derivada do grego *plateia*, trazendo sem si dois tipos de entendimentos: a ideia de algo plano e amplo e de local de congregação de pessoas, o que remete a uma associação pela aproximação física. Nela ocorre as mais diversas comemorações, cerimônias e manifestações das mais diversas ordens, assim como diferentes usos, motivações, práticas e dinâmicas espaciais e diversas classes sociais. Sennett (2006) afirma que essa sobreposição, ou justaposição de atividades e atores sociais, dotam-na de uma dimensão educacional. O ato de estar na praça favorece com que se aprenda a estar com o Outro e a realizar uma conversa em meio à desordem, momento e situação que favorecem o início da argumentação e do discurso (SENNETT, 2006). Em resumo, a praça dá àqueles que ali estão a sensação de existência que é muito próxima do que Arendt (2011) e Habermas (1994) chamam de esfera pública e que está estreitamente vinculada à consciência de cidadania e à civilidade. Logo, a Praça também pode ser considerada o lugar de liberdade do discurso e da ação, onde a comunicação e o encontro cidadão podem ser colocados em prática.

Para Robba e Macedo (2002), a forma e o uso são as duas principais variáveis que condicionam o entendimento e a própria classificação da Praça

enquanto tipologia. Mas é principalmente em torno do uso que seu caráter é definido e isso envolve tanto as atividades que acontecem no lugar como em seu entorno. É comum que a vitalidade espacial seja proporcionalmente associada à diversidade de usos e atividades, já que “as praças de maior sucesso, embora tenham uma função predominante, são aquelas que suscitam uma diversidade de outros usos” (MOUGHTIN, 2003, p.23). Subentendemos que o espaço, que se configura de uma maneira a atrair os usuários e frequentadores, seja um espaço que apresente uma variedade de usos e por isso acabe adquirindo uma relevância dentro da memória coletiva urbana e um sentido. De fato, algumas das praças consideradas mais dinâmicas, e ainda hoje conhecidas, são geralmente aquelas que além de favorecerem a sociabilidade o ócio, o lazer e a comunicação são ou foram locais de mercado, ou serviam como local de coleta de água (BENEVOLO, 2005).

De uma maneira geral, a variável “usos” também pode ser relacionada à função principal da praça. Ela é cívica, por exemplo, se está ligada às edificações religiosas, à estabelecimentos de ensino, entre outras, sendo este um fator que pode influenciar nas dinâmicas do lugar e de seu entorno. O outro ponto a se considerar e que também pode intervir em sua função e no seu uso é a sua localização. A sua inserção na malha urbana pode fazer com que a praça seja caracterizada como “de bairro” ou “central”; referências que podem proporcionar diferentes formas de interação entre seus usuários. Todos esses fatores juntos podem influenciar o caráter do lugar e sua ambiência, podendo levar a variações no grau de diversidade das dinâmicas e do perfil dos frequentadores.

Além dos fatores citados, existe também a questão cultural, visto que as Praças em seus usos e apropriações podem ser diferentes neste sentido. Até mesmo a compreensão do sentido de “praça” varia de população para população, de acordo com a cultura de cada lugar. No Brasil, a Praça é caracterizada por Marx (1980, p. 50) com um caráter multifuncional “para a reunião de gente e para o exercício de um sem-número de atividades diferentes, surgindo de maneira marcante e típica.”.

Do ponto de vista de uma reflexão sobre espaço público, a Praça é um espaço de transações, de interações, práticas de pluralidade, superposição (ou emaranhamento) e usos que ilustram em suma, tudo o que se pode resumir como habitar e vivenciar a cidade. Como espelho da cidade, ela é o lugar da constituição de uma identidade urbana e até mesmo cívica. Por ser o local de encontro nela se faz presente a comunicação, consolidando-a como espaço da dimensão política, do embate que surge através das diferentes classes sociais e das manifestações sociopolíticas que fazem dela seu palco. Sua qualidade pública reside na resistência,

consciente ou não, de uma apropriação que tem sua essência voltada para a expressão das mais diferentes dinâmicas sociais. Assim, como qualquer espaço público, podemos observar na Praça as diferentes classes sociais, as dinâmicas cotidianas e as lutas que são próprias da vida nas cidades. Por isso, no espaço estamos mais propensos a nos aproximar da cidade através dos Outros e de nós mesmos, mas ocorre também de sermos levados ao distanciamento, ao estranhamento e ao medo.

Para Whyte (1980), mais do que a forma, tamanho ou design, a procura por um espaço público é determinada pelo acesso e pela opção de lugares para sentar. Em sua ótica, a atratividade do lugar não seria indicada pelas atividades e sim pelas pessoas e pela proximidade a qual elas tendiam a se agrupar no espaço público. O que Whyte (1980) constatou foi fruto de estudos a partir da observação que mais tarde serviram de diretrizes para o redesenho de espaços nas cidades que queriam aumentar seu uso, como foi o caso do Bryant Park em Nova Iorque. O ponto de vista do autor demonstra não só a importância da fundação da experiência coletiva e de sua potencialização no espaço público, mas, também, assim como propusemos nesta tese, que partir da observação para a prática – da teoria para a experiência – é uma maneira de adquirir respostas. É diante deste cenário, que corrobora a nossa escolha como objeto empírico para o estudo da Empatia Espacial, que traremos as primeiras incursões realizadas em duas praças públicas no Rio de Janeiro, como projeto-teste para a construção metodológica.

### 3.1 Definindo o recorte de análise experimental

Definido dentro da cidade do Rio de Janeiro, o recorte empírico contempla duas Praças que, através de suas práticas, apropriação e ambiência, remete à ideia de “lugar onde a população é convidada a vivenciar o ócio, o flunar, a trocar ideias e mercadorias e a se manifestar culturalmente ou politicamente” (ROBBA e MACEDO, 2002, p. 15). O intuito foi escolher duas Praças para que, a partir da comparação, pudéssemos estabelecer alguns contrapontos entre tais lugares que nos levassem a identificar possíveis gatilhos relacionados à fundação de experiências coletivas.

Um dos lugares escolhidos no nosso primeiro estudo de caso foi a **Praça São Salvador** no bairro de Laranjeiras no Rio de Janeiro. A escolha por esse Lugar se deu a partir impressões da própria pesquisadora e da inquietação ao tomar ciência de que aquela Praça, antes descrita pelos moradores das adjacências como

“abandonada”, estava sendo novamente muito procurada e frequentada diariamente desde 2010. A iniciativa de instigar a apropriação coletiva partiu da ação popular, com a realização de eventos efêmeros idealizados pelos próprios frequentadores, moradores das adjacências da Praça. Desde então, tal atitude parece ter provocado, mesmo na ausência de eventos previamente organizados, a ocorrência constante de um engajamento social de diversas ordens no Lugar.

Hoje a Praça São Salvador parece vitalizada pela dança, música e pelo uso de diversas atividades afins em um mesmo espaço físico. A composição e decomposição de eventos, as atividades e as práticas ali existentes corroboram a existência de um cenário propício para observar e analisar as possíveis relações entre o engajamento coletivo, a ambiência e o espaço físico. Perante tais condicionantes de ordem cinestésica e sensorial, a Praça São Salvador pareceu oportuna para a observação do estabelecimento da adesão espacial, da fundação de experiências coletivas e a possível construção de uma Empatia Espacial.

O segundo lugar estudado foi a **Praça Edmundo Bittencourt** em Copacabana, cuja morfologia e implantação na malha urbana se assemelham à da Praça São Salvador. Assim como esta última, a Edmundo Bittencourt era desconhecida por parte da pesquisadora e foi encontrada por acaso após uma flanagem pelo bairro. A primeira coisa que chamou atenção no lugar foi que a Praça, assim como a área em que ela está localizada, possui um ritmo muito diferente do resto do bairro, que é bem frenético. Além disso, o que instigou ainda mais a curiosidade em explorar esta praça foi a primeira impressão despertada pelo Lugar. Por ter dinâmicas e práticas sociais que a fazem ser caracterizada como uma típica praça de bairro, ela sempre tem frequentadores e parece bastante atrativa à primeira vista. Mas, em um olhar mais atento, notamos que as pessoas se concentram de maneira dispersa umas das outras, o que nos fez pensar que ela pode ser um contraponto interessante em relação à primeira praça.

O que também contribuiu para a escolha das Praças foi observar seu entorno e ver como ambas possuem ambiências diferentes dos bairros que estão localizadas. Elas são espaços de resistência de práticas sociais, de uso e de atividade que não são comuns no bairro em que estão localizadas. Ambas as praças escolhidas estão próximas a áreas de grande movimentação, são de fácil acesso e localizadas em regiões majoritariamente residenciais na zona sul do Rio de Janeiro. Elas estão cercadas por prédios e têm forma retangular que se configura como uma convergência de ruas que a contornam. Cada praça foi observada por um período de três meses no ano de 2016, em dias da semana e horários diferentes. Essa



### 3.1.1 Observação e desenvolvimento de croquis etnográficos

Cada vez mais utilizada por grupos de pesquisa e metodologias de projeto em arquitetura e urbanismo, em especial pelo LASC/Proarq em seus mais de doze anos de existência, a observação etnográfica – como indica sua própria denominação – se traduz em observação e anotação do relato sobre o local pesquisado. Como método de investigação e análise originado da antropologia, a etnografia se caracteriza pelo trabalho de campo, observação participante e observância da alteridade, demandando práticas específicas no trato com o Outro, enquanto objeto de estudo. Quando descreveu a importância da experiência de campo, Lévi-Strauss (1991, p. 415) a salienta como momento não somente do exercício, mas da formação e educação do pesquisador:

É por uma razão muito profunda, que se prende à própria natureza da disciplina e ao caráter distintivo de seu objeto, que o antropólogo necessita da experiência do campo. Para ele, ela não é nem um objetivo de sua profissão, nem um remate de sua cultura, nem uma aprendizagem técnica. Representa um momento crucial de sua educação, antes do qual ele poderá possuir conhecimentos descontínuos que jamais formarão um todo, e após o qual, somente, estes conhecimentos se "prenderão" num conjunto orgânico e adquirirão um sentido que lhes faltava anteriormente.

Desta forma, podemos dizer que cada experiência traz especificidades e que o cuidado com a observação e a inserção do pesquisador no grupo/espço de pesquisa é preciso para a completude de qualquer trabalho de cunho empírico. Observar implica saber ouvir, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso ponderar sobre o momento certo para se aproximar ou se distanciar e, por vezes, esperar mais do que o imaginado. Assim, faz-se necessário o período de impregnação, que é o momento no qual o pesquisador se familiariza com a situação na qual está inserido e, ao mesmo tempo, favorece que sua presença seja absorvida pelo contexto ao qual observa.

Geralmente, após o período de impregnação, são feitas anotações, em um caderno de campo, que enfatizariam em detalhes tudo o que foi visto: a dinâmica do uso do espaço, comportamento das pessoas, impressões e emoções do pesquisador, a descrição de como é o lugar, assim como outros fatos vistos e considerados importantes para a compreensão da "atmosfera". A observação

nesta pesquisa foi realizada, para além dos moldes que seguem os preceitos básicos descritos pela etnografia, através de croquis de campo e notações gráficas – que configuram o instrumental de todo arquiteto e urbanista – como cunhada pelo LASC: a etnotopografia. Nesta ferramenta, desenvolvida em pesquisas anteriores, apoiadas pelo Edital Universal (CNPq), utilizam-se os croquis de campo como suporte investigativo, que consistem em um produto gráfico da observação e, sempre que necessário, a eles podem ser acrescentados desenhos arquitetônicos, croquis e esquemas. A elaboração dos croquis é realizada em campo, o que o torna uma ferramenta tanto de observação como de interpretação imediata, possibilitando até comparações entre situações (DUARTE, 2013).

Falaremos assim sobre as primeiras impressões, as quais já possibilitam um melhor entendimento acerca do lugar e algumas suposições sobre a ideia de Empatia Espacial. O que pretendemos nesta parte é possibilitar o reconhecimento do lugar e o estabelecimento de alguns paralelos pautados nas fundamentações apresentadas no primeiro e segundo capítulos.

### **3.4 Primeiras incursões**

Neste momento, apresentaremos algumas informações referentes ao estudo de campo na Praça São Salvador e na Praça Edmundo Bittencourt. O que chamamos de primeiras incursões corresponde a um período de cinco meses no ano de 2016, onde realizamos o estudo de campo a partir de coletas de dados e informações provenientes da observação participante. Como explicado, o objetivo das primeiras idas a campo foi possibilitar, através do que fosse observado, o estabelecimento de paralelos com a fundamentação.

As observações foram iniciadas na Praça São Salvador em Laranjeiras e o interesse em observá-la se deu, entre os fatores colocados no item anterior, pela sua trajetória de um Lugar denominado como “desinteressante” para um espaço que reúne muitas pessoas e eventos semanalmente. O lugar foi observado durante três meses, sobretudo aos domingos, dia de maior movimentação e concentração de eventos. Após a escolha do primeiro estudo empírico, seguimos em busca de outra Praça, que pudesse servir de comparação. Além da morfologia semelhante, a Praça Edmundo Bittencourt, que também é uma típica praça de bairro, chamou a atenção por seus frequentadores, que

estavam no mesmo espaço, parecem ter uma propensão mais para a dispersão do que a reunião. Esta observação foi feita ainda durante as primeiras idas ao lugar, quando se percebeu que os grupos de pessoas ali presentes ao invés de se unir, se dispersavam. Foi também por essa aparente contradição que esta Praça foi tomada como contraponto. Da mesma forma que a primeira, sua observação durou três meses e foi realizada também durante a semana, em dias variados. A seguir, falaremos um pouco da caracterização dos lugares e de algumas informações que tomamos nas primeiras incursões.

#### 3.4.1. Praça São Salvador

A Praça São Salvador está localizada entre as ruas Senador Corrêa, Esteves Júnior e São Salvador, na fronteira entre os bairros de Laranjeiras e o Flamengo. A Praça é retangular e tem no centro uma fonte adornada por uma das esculturas de Louis Sauvageau. Intitulada como “La font”, a fundição da obra datada de 1878 é o único dos monumentos franceses importados por Pereira Passos ainda existentes no Rio de Janeiro. Atualmente tombado pelo município, a fonte foi inicialmente instalada no Largo do Catete, no final do século XIX, sendo transferido em 1903 para a Praça São Salvador, quando, pelo que indica o projeto, foi construído o jardim no centro do qual a obra foi posicionada.

A Praça surgiu nos primeiros processos de urbanização pelos quais passavam a cidade do Rio, no começo do século retrasado. Seu projeto foi idealizado pelos técnicos da Inspetoria de Caça, Pesca e Arborização que, pelo então prefeito Francisco Pereira Passos, foram imbuídos da missão de fazer um modelo que não existia no Rio até então: um local de convivência pública dentro de lotes urbanos. Durante muito tempo, tanto visitantes como moradores passaram a desfrutar da Praça, no entanto, com o passar dos anos o Lugar foi abandonado pelo poder público.

Com a degradação em seu espaço físico e a má iluminação, tornou-se um reduto de assaltantes e moradores de rua viciados em drogas. Em 2007, a praça começou a ser o ponto de encontro de um grupo de amigos que se reuniam para tocar clássicos do chorinho no coreto existente. Essa pequena iniciativa na época começou a atrair pessoas e em 2011, a São Salvador foi incluída em um programa governamental para sua reurbanização. Isso proporcionou que bares, restaurantes

e supermercados fossem reformados e abertos nos arredores e que os imóveis do entorno experimentassem uma valorização expressiva.

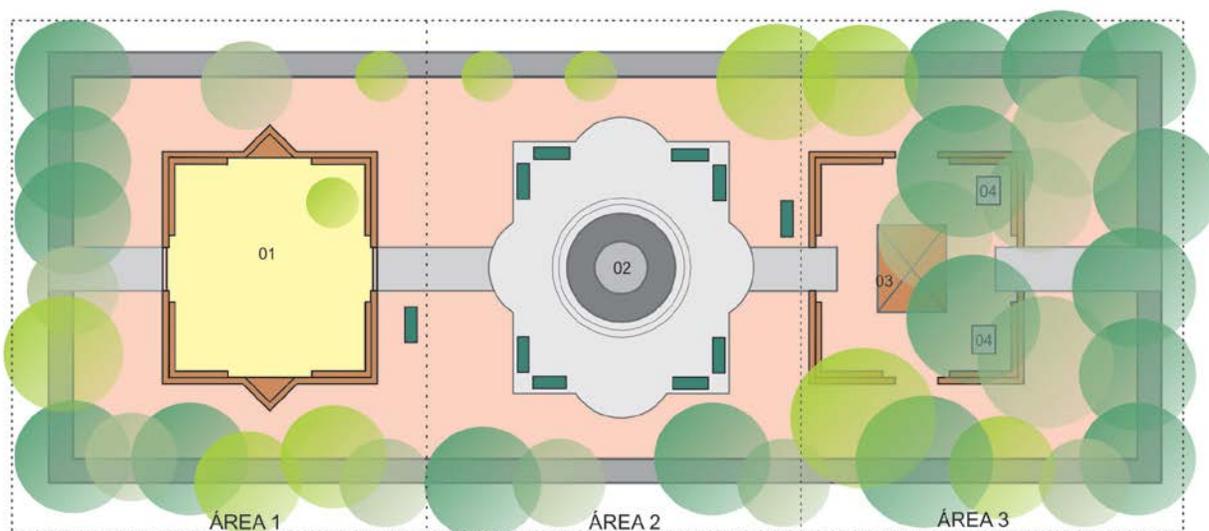
**Figura 03.** Fotos da Praça São Salvador durante a semana (acima) e no domingo (as duas abaixo) Tiradas do mesmo lugar para ilustrar a diferença entre as ambiências. O coreto é usado de diversas maneiras, desde grandes eventos até grupos menores

**Fonte:** Acervo da autora, julho de 2016



## PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES

Com um traçado retangular, a Praça São Salvador pode ser identificada ao longe a partir de suas inúmeras árvores e sua tão característica fonte localizada em seu centro. Ainda durante a impregnação, observamos que as pessoas se agrupavam mais intensamente em três pontos da Praça: ao redor da fonte, em torno do coreto e no parque infantil. Devido à sua simetria, podemos dividir a praça em três partes a partir desses pontos identificados como de encontro, conforme mostramos no mapa abaixo: a primeira parte: área infantil (área 01 do mapa); a segunda parte: área de transição, onde fica localizada a fonte (área 02 do mapa) e a terceira parte: o coreto. Para nos auxiliar na análise, seguiremos essa divisão como uma maneira de observar mais detalhadamente.



- 01 - PARQUINHO INFANTIL
- 02 - CHAFARIZ
- 03 - CORETO
- 04 - MESAS DE CIMENTO

**Figura 04.** Mapa esquemático da Praça São Salvador com a divisão  
**Fonte:** A autora, julho de 2016

As primeiras observações, realizadas entre 2015 e 2016, foram colhidas por meio da observação etnotopográfica. O primeiro contato com o lugar, que até então era desconhecido pela pesquisadora, foi em um domingo. Após a primeira ida, seguimos frequentando a Praça no decorrer da semana por um período de quinze dias para a impregnação e para fazer um reconhecimento do espaço.

Durante a semana, a Praça São Salvador é frequentada por poucas pessoas, em sua maioria crianças e idosos que moram nos arredores. Geralmente, no final da tarde, é comum aparecerem alguns artistas de rua – cantores, músicos, circenses – que se concentram perto da fonte para realizar pequenas performances. Na quinta e sexta-feira à noite, com o aumento da movimentação nos bares e restaurantes da região, jovens e adolescentes fazem da Praça um ponto de encontro. No sábado, o movimento diurno é semelhante aos outros dias da semana, mas no final da tarde a ambiência é modificada com a chegada de um grupo de amigos, artistas de rua, que se reúnem, eventualmente, próximo ao coreto, para fazer um samba.

Depois de frequentar a Praça durante toda a semana, observamos que é no domingo que todas as atividades e possibilidades de uso de seu espaço aparecem reunidas. Também foi durante os domingos que, por iniciativa de seus frequentadores, surgiram as primeiras atividades e eventos que favoreceram a retomada do convívio na Praça. Assim, optamos por esse dia para a coleta de informações e dados que fomentariam as primeiras incursões.

Como no domingo a Praça reúne tanto frequentadores semanais assíduos como pessoas de outras partes da cidade, nossa presença não trouxe qualquer estranhamento e, por isso, não tivemos dificuldade em permanecer no lugar durante o período de impregnação. Uma das principais características do domingo é a presença de tendas que vendem artesanato e comida, o que não acontece em outros dias da semana. A montagem da estrutura começa pela manhã, por volta das nove horas e em torno do meio dia começa o primeiro evento: o chorinho que acontece próximo ao coreto. Aos poucos, com a chegada do entardecer, o chorinho começa a ser substituído pela mesa de samba que fica no local até o anoitecer, momento em que terminam as atividades de venda de artesanatos. Primeiramente, nossa observação foi pautada no que chamava nossa atenção, na interação e no comportamento das pessoas no espaço, sobretudo no sentido mais coletivo. As informações colhidas foram documentadas através de anotações e desenhos no caderno de campo, assim como fotos e vídeos feitos no local.



**Figura 05.** A cotidianidade na São Salvador: croquis sobre as primeiras impressões da São Salvador observando o dia-a-dia do lugar. Os croquis selecionados com o intuito de analisar a redução ou amplitude do espaço pessoal, colocando barreiras ou objetos a seu redor que impeçam ou facilitem a aproximação dos outros e o agrupamento das pessoas. Também permite suposições sobre o quanto as pessoas estão dispostas a comprometer seu espaço como subentendemos a partir de Minkovski (2006)

**Fonte:** A autora, julho de 2017



**Figura 06:** Parte Infantil na Praça São Salvador em um domingo  
**Fonte:** acervo da autora julho 2017

**Primeira parte:**  
**Área infantil**

A Praça São Salvador é de fácil acesso, seja de transporte particular ou público. Se a opção for o transporte particular, é possível fazer uso das vagas de estacionamento que se encontram do lado esquerdo da Praça. Já se a preferência for por transporte público, existem paradas localizadas nas ruas paralelas e a estação de metrô, que fica em torno de 5 minutos de caminhada da mesma. O Largo do Machado, onde fica a estação de metrô mais próxima, é um ponto referencial para a maioria das pessoas que têm interesse em ir ao lugar. Se a escolha para se chegar à Praça for através de transporte público, como optamos, o acesso será por uma rua paralela. A chegada à Praça, assim, se dará pelo que aqui estamos chamando de primeira parte ou zona infantil. Nela está instalada a caixa de areia e um parquinho das crianças e é uma das áreas onde sempre tem frequentadores, inclusive no início da noite. O que à primeira vista chamou mais atenção foi a constante ocupação da zona infantil, seja porque crianças sempre se encontravam por lá ou porque, pela pouca existência de bancos, as pessoas fazem uso do pequeno muro, que cerca a caixa de areia, para ficarem sentados. Embora existam árvores, o parquinho e o muro baixo que o cerca têm, em grande parte do tempo, uma incidência solar direta.

Mesmo assim, tem-se a opção de ficar na sombra ou no sol na mesma área, coisa que não acontece com as outras partes da Praça. Aliás, este é um fator que foi observado e que parece ditar a permanência das pessoas, principalmente as crianças e daqueles que as acompanham no local. A Praça é cercada por árvores e tem um sombreamento na zona onde está localizada a caixa de areia, mas dentro do retângulo delimitado para as crianças não tem sombra.

A incidência solar direta causa um desconforto enorme, impossibilitando inclusive a permanência das pessoas na mureta que contorna o lugar e serve de banco improvisado. O segundo fator, que também acreditamos ser influenciador da não permanência, é o horário escolar. Notamos que o lugar está mais cheio geralmente no final da tarde, que é quando as crianças não estão na escola, e nos finais de semana. Também é constante a presença de pessoas, que não são acompanhantes das crianças, mas que preferem sentar ao redor da mureta que cercam o parquinho. Mas, ao contrário de outras partes da Praça, elas se concentram de maneira dispersa. Assim embora se identifique que existe um grupo, ele aparece fracionado, com pessoas que exercem atividades voltadas para si mesmas – lendo livro, olhando telefone – ou para o que acontece fora do parquinho. Geralmente a postura corporal parece ser mais fechada, mais retraída.

Em geral, podemos dizer que consideramos a área que delimitamos como zona infantil como muito alegre por sua associação com as gargalhadas constantes das crianças e de seus frequentadores, que se divertem observando as atividades infantis. Mesmo no domingo, dia em que a Praça fica concentrada de atividades e pessoas, a zona infantil continua em pleno funcionamento. Nem a música ou a cantoria que vem do coreto parece interferir no ritmo das atividades que ali acontecem. A rotina das crianças é a mesma de domingo a domingo, com a diferença do pequeno grupo que se concentra à direita para realizar atividades artísticas de desenho. A impressão que se tem é que essa zona é alheia ao que está acontecendo na Praça: não se deixa influenciar pelas atividades externas, mas, ao mesmo tempo, está integrada, pois as pessoas que ficam sentadas no muro ao redor da caixa de areia estão atentas ao que está acontecendo ao redor.



**Figura 07:** Área de transição onde fica a Fonte. A foto é uma montagem de sobreposição tirada do mesmo ângulo, mas com uma maior aproximação da fonte.  
**Fonte:** acervo da autora, julho 2017

### **Segunda parte: Área de transição**

Como diz o nome, o que chamamos de área de transição é a parte da Praça onde as pessoas geralmente a atravessam. É o meio da Praça e onde está situada a fonte e alguns bancos e, por isso, onde podemos ver tanto passantes, quando pessoas que ali permanecem por longos intervalos. No domingo, é o espaço onde as pessoas se concentram, principalmente ao redor da fonte, sentados. A Fonte parece ser um tipo de parada: mesmo diante da constante movimentação de pedestres, que passam quase sempre em um ritmo mais acelerado, vemos pessoas permanecerem ali, sentadas com um semblante de tranquilidade. Então, além de área de transição, para quem fica ou permanece, existe uma ideia de transitoriedade entre corpo em deslocamento e/ou acomodado.

Entre as pessoas que atravessam a Praça, notamos que existe uma maior tendência que o façam por essa parte, talvez porque ao contrário das outras duas áreas, esta não é cercada por muros baixos onde as pessoas sentam. Tanto o parque infantil como a área do coreto possuem pequenos muros que além de delimitar o espaço também funcionam como bancos; o que inclusive é um equipamento urbano pouco existente na São Salvador. A Praça só possui apenas

quatro pares de bancos dispostos ao redor da fonte, ou seja, nesta área. A passagem de pessoas por essa zona se torna mais visível durante a semana ou quando a praça está mais vazia.

As pessoas que se sentam nos bancos ou ao redor da fonte geralmente se “espalham”, dispõem objetos. Mas basta a aproximação de uma pessoa que pareça querer fazer parte do grupo para que essa postura mude. É normal ver que mesmo sem falar, as pessoas cedem o que entendemos como espaço pessoal: se alguém tem intenção de sentar ou até ficar em pé próximo das pessoas, um espaço é aberto e o sujeito incorporado ao grupo. É comum também ver que essa ação acaba por levar a se conversar com o vizinho. Assim, é um espaço de conversa, de troca e de contato com o outro através do discurso principalmente

Esta parte da Praça é um espaço sem árvores, por isso a partir da fonte é possível ter uma visão completa do local como um todo. As árvores mais próximas ficam ao fundo da fonte, lado direito de quem vem do parque infantil. Embora proporcionem sombra, ela tem uma incidência solar que, ao contrário da área infantil, não é tão direta. Alguns bancos são sombreados, o que favorece a permanência de frequentadores cativos ao lugar. Outro aspecto interessante sobre a área é que é no entorno da fonte que artistas de rua, circenses, e cantores se concentram para fazer suas breves apresentações semanais. Durante algumas noites, principalmente nas quintas e sextas-feiras, a fonte também é o ponto de encontro de grupos de jovens e adolescentes que frequentam os bares e restaurantes do entorno da Praça.

Quando se está no meio, é que se tem uma ideia mais real do tamanho da Praça, que é bem maior do que aparenta na chegada. A sensação de pequenez, diante da fonte, corrobora a ideia de seu tamanho, visto que, além de estar um pouco mais elevada do que o resto da Praça, ela possui em torno de quatro metros de altura. Quem se senta ao redor dela fica em uma posição mais elevada e tem uma boa visão do lugar. Nos domingos, ao redor da fonte, às vezes fica a feirinha de artesanato, pois, segundo os comerciantes é a área de maior passagem de pedestres, o que comprova nossa observação prévia. Mesmo com o barulho e o tumulto do comércio, é possível ver os idosos, os maiores frequentadores dos bancos da área da fonte, presentes também no domingo, fazendo sua leitura como se fosse um dia da semana, em que o único som que se ouve é dos pássaros e das crianças ao longe.



**Figura 08:** Fotos da parte do coreto no domingo  
**Fonte:** acervo da autora julho 2017

### **Terceira parte:** **Coreto**

A terceira parte onde identificamos um ponto de agrupamento coletivo é onde está o coreto e onde também encontramos algumas mesinhas. Nela ocorrem os eventos artísticos e musicais, sobretudo os eventos do domingo, e talvez por isso seja pouco utilizada e procurada durante a semana. O coreto forma um recinto não enclausurado, mas delimitado, sendo ao seu redor onde se concentram o maior número de árvores da Praça, o que nos dias quentes é a parte mais confortável para se permanecer.

Um aspecto interessante e imperceptível nas primeiras observações é que a área onde está localizado o coreto é mais baixa que o resto da praça. Assim como a caixa de areia do parque infantil, ela é cercada por um baixo muro que, ao mesmo tempo em que funciona como delimitação, serve como banco e como apoio. Outra coisa que nos chamou a atenção é que embora esteja também sobre uma plataforma, que o deixa mais elevado, o coreto não é tão perceptível como a fonte.

Acreditamos que isso se deva ao fato de que sua estrutura de madeira vazada e sua cobertura vegetal se camuflam com as diversas árvores existentes nesta parte. Assim, ao mesmo tempo em que não destoa, ele também não é tão evidente. Ao contrário das outras áreas da Praça, essa é a área em que existem mais barreiras visuais. Mas, mesmo assim, quando se está ali se pode ter ideia

do que se passa em outras partes, como por exemplo na fonte. No entanto, nos dias de eventos e de maior público, é impossível se ter noção do que está acontecendo do outro lado da Praça, o que não ocorre quando estamos nas outras áreas. Provavelmente, por estar em nível mais baixo, a visão seja dificultada pelas árvores e pelo coreto. A falta de visibilidade parece também influenciar a passagem das pessoas que não se sentem seguras em passar por ali durante a semana, quando geralmente ficam os moradores de rua. E como o coreto é mais baixo, só se tem noção de que alguma pessoa está ali escondida, quando se chega muito perto.

Da mesma maneira que ocorre com a área infantil, esta área parece alheia ao que acontece ao seu redor, não por falta de integração com as outras atividades, mas por parecer que é a partir daí que o ritmo da praça é originado nos domingos. A troca das atividades que ali acontecem é feita de maneira muito sutil. O que se nota é que existe um auge que aos poucos vai sendo reduzido e quando está prestes a terminar, outra atividade que estava ali presente, de maneira despercebida, ganha força. Como exemplo, podemos citar o chorinho dos domingos que se inicia por volta das 11 da manhã e que por volta das 14h termina. No entanto, antes mesmo de os músicos dizerem que o evento está no fim (última música), já se ouve do outro lado do coreto um samba baixinho, que ganha toda a força às 15h. A sensação é de se estar presente no gerador de energia da Praça.

Através desta análise experimental, podemos identificar que na praça existem três pontos onde verificamos engajamento coletivo. A área infantil, que parece estar mais associada ao uso, às atividades; a área onde está a fonte, que é uma área de transição e o terceiro ponto que é o coreto. Em relação a esta última, o que notamos é que o coreto assume uma função abrangente, sendo utilizado da maneira que é motivada pelo grupo que está ali reunido. Também percebemos que os engajamentos coletivos assumem uma forma nuclear, remetendo quase a uma ideia circular, existindo situações onde se parece formar um círculo, uma roda. A partir desta disposição coletiva parece mais fácil se agregar à multidão, que corrobora esta permissividade cedendo frequentemente parte de seu espaço pessoal, apertando-se em um banco para encaixar o outro, retirando seus pertences para que o Outro possa se integrar à multidão. O que vemos é que existe não só uma disponibilidade ao Outro, ao convite a participar, à permanência ou à passagem, como é o caso da área de transição. O que percebemos é que, mais do que a disposição em estar motivado a ser mais um na multidão, é a predisposição em ceder e se ajustar corporalmente para que o

outro possa fazer parte. Esse compartilhamento espacial favorece a discussão, a conversa entre desconhecidos, a interação social que são tão próprios da essência do espaço público.

### 3.4.2. Praça Edmundo Bittencourt

Assim como a São Salvador, a Praça Edmundo Bittencourt está na Zona Sul do Rio de Janeiro e é circundada por quatro ruas. Ela está localizada em Copacabana, em uma área que hoje conhecemos como Bairro Peixoto, um sub-bairro. Originado a partir das terras de uma chácara que pertencia a um comerciante português que optou, ainda em vida, dividir e doar suas terras para cinco instituições de caridade já que não possuía descendentes diretos. A única condição era que os empreendimentos não contemplariam estabelecimentos comerciais e não teriam mais de três pavimentos.

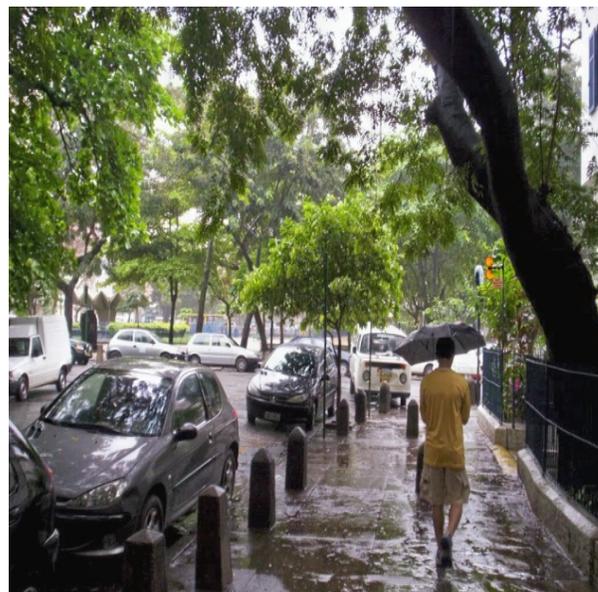
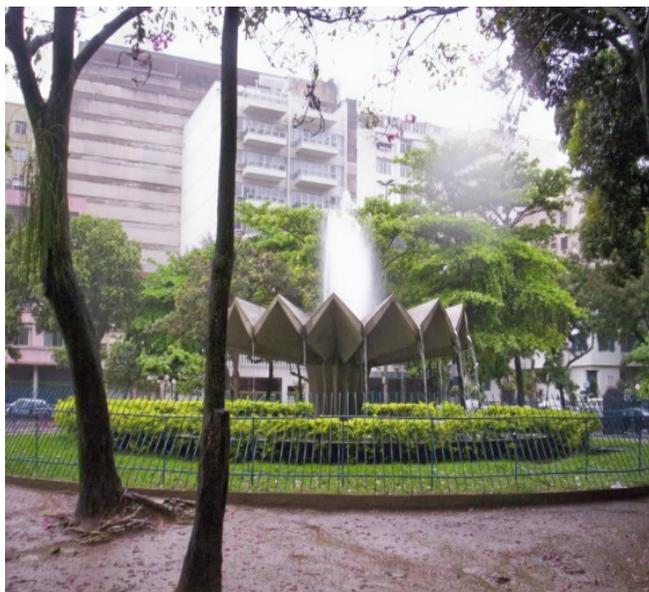
A parte do terreno destinada à Praça foi delimitada em 1942, mas se tornou oficialmente espaço público em 1945. A nomeação da Praça em 1950 foi uma homenagem ao jornalista Edmundo Bittencourt, dono de um dos jornais mais famosos da época, o Correio da Manhã. Ainda hoje seu busto em bronze pode ser visto na praça sobre um pedestal de granito.

Para uma Praça localizada dentro de um sub-bairro e com pouco tempo de existência, a Edmundo Bittencourt já sofreu significativas mudanças em comparação com outras Praças da cidade. Segundo os jornais da época, na sua primeira urbanização nos anos 50, a Praça recebeu bancos, brinquedos, arborização e iluminação. Em seguida, nos anos 60, veio a primeira intervenção, quando construíram quadra esportiva que inicialmente foi idealizada como para ser um rинque de patinação. Alguns anos depois, o local ganhou o chafariz de um morador que residia em uma das ruas na frente da Praça. Nesta mesma época, os brinquedos do parquinho infantil foram colocados e permanecem até hoje no mesmo local. As mudanças seguiram na década de 70, quando a iluminação foi trocada e o entorno da Praça foi cercado por barreiras em concreto para impedir que os carros subissem na calçada. Na década de 80, mais uma vez, houve modificação na iluminação com a inserção dos postes de quinze metros que existem até os dias atuais. Nesta mesma época, o parquinho recebeu grades e foram colocados mais canteiros ao redor da praça.

Relatos orais passados por moradores contam que durante muitos anos, antes de ser urbanizada, a Praça foi apenas um capinzal com cercado de bambus e muitas árvores frutíferas. Ainda hoje, é possível perceber que a Praça mantém esse caráter bucólico, não só pela presença das árvores que cobrem mais da metade da Praça, mas pelos prédios que a cercam e a protegem – muitos dos quais mantêm um gabarito baixo com quatro pavimentos – tornando-a praticamente um oásis em Copacabana.

**Figura 09** . Fotos da Praça Edmundo Bittencourt

**Fonte:** Acervo autora data: julho 2017

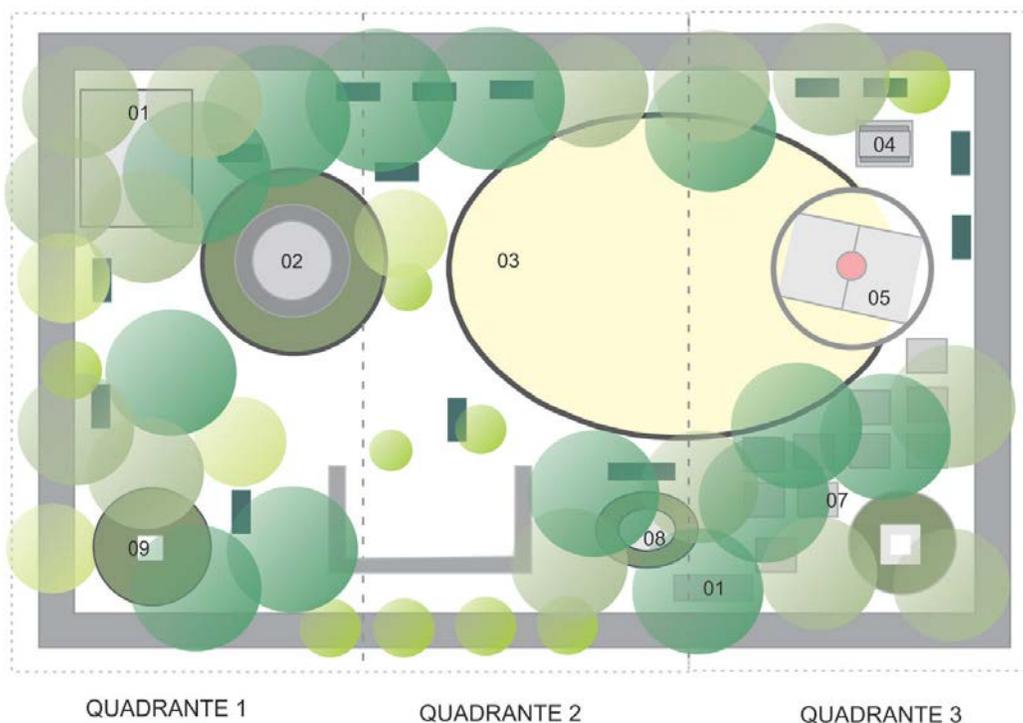


## PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES

As observações realizadas na Edmundo Bittencourt foram feitas após findar as incursões na Praça São Salvador. Assim como na outra Praça, as primeiras observações buscaram colher informações, impressões e sensações relacionadas ao lugar. Seguindo uma linha de raciocínio semelhante e usando a etnotopografia, tivemos um período de impregnação que teve a duração de quase um mês e, posteriormente, uma observação regular em um dia da semana mais pontual. A intenção inicial era que o dia escolhido fosse o domingo, mas durante a impregnação percebemos que, ao contrário da São Salvador, o dia que reunia o maior número de atividades no mesmo espaço eram sábado quarta-feira devido a uma feira que acontece na praça.

Diferente da primeira, a Praça Edmundo Bittencourt não tem atividades com artistas de rua ou qualquer outra coisa que atraia pessoas de outras partes do bairro. De vez em quando, existem algumas atividades diferenciadas como uma festinha infantil no parquinho, uma reunião entre amigos, um grupo de jovens, que se reúne para tocar ou jogar na quadra. Uma vez por mês acontece uma feirinha de artesanato que traz alguns cantores e músicos, mas, além dessa atividade e da feirinha de produtos orgânicos e doação de animais (aos sábados e quartas, respectivamente), a praça mantém sua rotina de domingo a domingo.

Como a escolha da segunda praça também tinha como objetivo estabelecer comparações com a primeira, buscamos seguir os mesmos pré-requisitos, como, por exemplo, a divisão em áreas ou zonas a partir de pontos de encontro. Assim como a São Salvador, esta é retangular, cercada por edifícios e próxima ao metrô. Mas, ao contrário da outra Praça, foi mais difícil identificar essa reunião, pois as pessoas pareciam mais dispersas, afastadas. E como a Edmundo Bittencourt, que não permite uma divisão tão simétrica como a São Salvador, consideramos a divisão em três pontos a partir das circunferências que estão presentes em seu espaço: a quadra, o parque infantil e o chafariz. Coincidentemente, esta divisão remete um pouco à da primeira praça, tendo apenas como diferencial a quadra de esportes ao invés do coreto, já que este é um elemento ausente na segunda Praça. Assim a dividimos em três áreas: primeiro quadrante: Chafariz; segundo quadrante: a clareira e terceiro quadrante: sombra e permanência.



- 01 - APARELHOS DE GINASTICA  
 02 - CHAFARIZ  
 03 - PARQUINHO INFANTIL  
 04 - MESA GRANDE  
 05 - QUADRA DE ESPORTES  
 07 - MESAS DE CIMENTO  
 08 - CANTEIRO COM IMAGEM  
 09 - BUSTO DE BRONZE

**Figura 10.** Mapa da Praça Edmundo Bittencourt com divisão em quadrantes  
**Fonte:** A autora, julho de 2016

Mesmo com algumas similaridades com a primeira, uma coisa que nos chama atenção, nesta segunda Praça, é que cada zona contempla, às vezes, duas atividades ou áreas dentro dela. Enquanto na São Salvador a divisão tem uma atividade ou equipamento urbano que serve para representar a divisão – praticamente um elemento onde as pessoas se reúnem em volta, a Praça em Copacabana apresenta, às vezes, dois equipamentos em uma mesma zona, outras vezes nenhum. E, às vezes, nenhum dos equipamentos presentes na mesma zona está em uso. Para ilustrar a nossa fala, citamos a parte da quadra de esportes que divide o quadrante com uma área de bancos e mesas de concreto. Assim, é possível ver que existem momentos em que as atividades se concentram em apenas um dos quadrantes da Praça, enquanto o outro permanece vazio. Para favorecer a comparação, faremos no texto que segue um percurso semelhante ao realizado na primeira Praça, ou seja, a partir do metrô.



**Figura 11:** Cotidianidade na Praça Edmundo Bittencourt

Fonte: acervo da autora, julho 2017



**Figura 12:** Fotos da parte do chafariz com os bancos próximos e à esquerda a imagem que se tem quando se entra na rua Capelão Álvares, antes de chegar na Praça  
**Fonte:** Acervo da autora, julho 2017

**Primeiro  
quadrante:  
Chafariz**

Como a Praça anterior, a Edmundo Bittencourt é de fácil acesso, seja de transporte particular ou público. Se a opção for o transporte particular, é possível parar em torno da praça ou nas vagas de estacionamento próximas aos edifícios. Se for de transporte público, existem paradas localizadas nas ruas paralelas e a estação de metrô, que fica a 5 minutos de caminhada dali.

A praça pode ser acessada por diferentes caminhos, inclusive se a opção for de utilizar o metrô para chegar até lá. O acesso pode ser tanto pela Rua Capelão Álvares da Silva como pela Rua Tenente Marrones de Gusmão. Neste caso, optamos pela primeira rua por ser a que aparece assim que saímos do metrô. Antes mesmo de chegar à Praça, já se sente uma ambiência diferente, pois saímos da Rua Figueiredo de Magalhães, que tem um tráfego veicular pesado e entramos numa calma protegida por árvores, que é a Capelão Álvares Silva, o com que faz que sejamos arrebatados por uma sensação de leveza, de ar campestre, levando-nos a reduzir o ritmo do caminhar.

Quando se entra pela rua que dá acesso à Praça, não é possível vê-la à primeira vista. É preciso caminhar um pouco através de um percurso que parece preparar para o que está por vir: praticamente um caminho de transição que nos faz desacelerar do resto do bairro. À medida que se anda, o barulho do trânsito vai ficando para trás e o som dos pássaros, o clima mais ameno, proporcionado pelas árvores vão mudando a percepção do lugar. Ao chegar à esquina, já é possível ver a Praça, que em um primeiro momento parece bem convidativa, com suas árvores verdes e seu ar bucólico.

Na primeira parte de acesso, que aqui chamamos de primeiro *quadrante*, a impressão é que a praça não tem muitos equipamentos. Na borda há uma estação de aluguel de bicicletas e um banco; do lado direito há outro banco e um canteiro com um pedestal vazio, que parece servir para apoiar alguma escultura que foi retirada. Do lado esquerdo, bancos e equipamentos de ginástica para os idosos. A parte calçada da praça, na qual se intui que é por onde deve ser feito o deslocamento, fica nas bordas. Falamos intuir porque é possível se deslocar pelo centro, que não é calçado e nem tem grama, mas, pela falta de um caminho pré-determinado, notamos durante todo o período de observação realizado que poucos são os que o fazem. Observamos que geralmente quem corta caminho pelo meio da praça tem como objetivo permanecer, isto é, na maioria dos casos, quem está cortando a Praça está indo em direção a algum banco para sentar, ou a um equipamento urbano – como os aparelhos de ginástica, por exemplo. Os passantes a cortam pelas bordas. Toda a Praça é em terra batida, tendo pequenos canteiros com plantas espalhados e cercados ao longo dela.

Ainda nesta parte da Praça, é possível ver o chafariz, que tem um pequeno canteiro ao redor cercado por grades. O chafariz é uma estrutura que parece ser de concreto e devido à sua cor neutra e por estar cercado de plantas só é perceptível à primeira vista quando está funcionando. Perto dele há alguns bancos que, tomando como base a divisão que fizemos para melhor explorar a Praça, estão concentrados na segunda parte. Pode-se dizer até que esta é uma característica desta parte da Praça: poucos bancos, dispersos. E parece que conseqüentemente há pouca aglomeração, com pessoas também dispersas. Em alguns momentos da observação, percebemos a presença de pessoas nos bancos que estão localizados nesta parte, mas geralmente desacompanhadas ou à espera de alguém. A impressão é que não se tem muito que observar. As pessoas mexem no celular ou leem um livro. Este lado da Praça, onde fica o chafariz, parece ter uma menor permanência de pessoas quando comparada com as outras partes que falaremos a seguir.



**Figura 13:** Clareira sem árvores no meio da Praça Edmundo Bittencourt  
**Fonte:** Acervo da autora julho 2017

**Segundo  
 quadrante:  
 A clareira**

Esta área é uma das poucas partes da Praça em que, dependendo do horário, pode estar ensolarada ou sombreada e que também apresenta mais oscilação entre estar cheia ou vazia. Esta parte chamamos de clareira por ser visivelmente onde se concentra o menor número de árvores, trazendo uma ideia de clareira para o lugar. Nesta parte, encontramos mais bancos e mais pessoas. Embora tenha alguns bancos espalhados, a maioria está concentrada no lado esquerdo, onde ficam sentados muitos idosos. A depender da hora do dia, o grupo social varia desde jovens casais até famílias com crianças. É notório que as pessoas que ficam ali sentadas, pela proximidade talvez, acabam conversando com pessoas que estão em outros bancos. Isto é visível inclusive com os grupos de idosos que ficam sentados ali e que, ao final da tarde, mesmo em bancos separados, interagem bastante entre si.

Do lado oposto está um grande banco de cimento, em forma de “u”. Esta parte da Praça é usualmente conhecida pela permanência de pessoas passeando com seus cachorros, que curiosamente ficam juntas, compartilhando o mesmo banco em “U”, mas que raramente se falam ou sequer compartilham alguma

expressão, um cumprimento. É um dos maiores grupos e que embora estejam em coletividade parecem não engajar coletivamente: permanecem separadas entre si com grandes distâncias. Andando para dentro da Praça, encontramos outro canteiro, perto das bordas, onde tem um banco e a imagem de uma santa. Logo à frente da imagem, um grande banco, onde é comum ver pessoas meditando ou até grupos pequenos reunidos rezando. Este é um fato interessante porque é comum ver na Praça velas e oferendas, sobretudo na primeira parte, no canteiro onde tem atualmente a base que parece ser parte de uma escultura que foi retirada dali. Mais à frente tem um aparelho de ginástica, onde é possível improvisar alguns exercícios. Tanto o canteiro com a imagem como os aparelhos de ginástica ficam em uma parte que é bastante sombreada.

Na parte onde está o parquinho infantil, que é cercado por grades, é comum ver algumas crianças de vez em quando na área livre, correndo ou jogando bola. Mas quem está fora do parque infantil não consegue ter uma visão do que acontece lá dentro, se há muitas crianças ou não. É o som das crianças brincando que dá um indicativo. O parquinho ocupa uma grande área da Praça, não estando restrito apenas à parte da clareira, mas também à terceira parte que pertence ao terceiro quadrante da nossa divisão.



**Figura 14:** Imagem da Santa na Praça Edmundo Bittencourt no segundo quadrante  
**Fonte:** Acervo da autora julho 2017



**Figura 15.** Praça Edmundo Bittencourt: aglomeração de gente para prestigiar o Futebol, pessoas descansando nas mesinhas, busto que ninguém reconhece.

Fonte: Acervo autora

### Terceiro quadrante: sombra e permanência

Seguindo mais para dentro da Praça chegamos à área que é mais sombreada e onde encontramos mesinhas com bancos de cimento. É aqui que está o busto de bronze que parece ser do homenageado que dá nome à Praça e que está cercado por um canteiro que fica praticamente na borda, próximo à calçada.

Esta área é a mais interessante para se observar, pois sempre está ocupada com grupos sociais diferentes. Pela manhã tem muitos idosos jogando cartas, dominó e xadrez, além de famílias com crianças de colo. À tarde geralmente o que vemos são pessoas desacompanhas lendo, comendo ou em pequenos grupos. Quanto mais chega o fim da tarde, mais esta parte se torna um reduto de jovens. Como a quadra de esportes fica na mesma área, praticamente vizinho às mesinhas, é recorrente que no final da tarde tenha concentrações de adolescentes. Já o parquinho que fica ali segue uma rotina parecida com a São

Salvador e parece que seu uso é determinado tanto pela insolação como pelo horário escolar.

Diferente da São Salvador, onde o parquinho e o coreto são delimitados por uma mureta baixa, onde as pessoas podem sentar, os equipamentos desta Praça são cercados por grades. Poucas são as pessoas que atravessam a Praça em ritmo de passeio e as que o fazem passam pela clareira de maneira transversal. Em todo o período de observação, como já frisamos, raros foram os que passaram pelo meio da praça com o objetivo de atravessá-la. As pessoas que não seguiam os caminhos das bordas iam em direção a um grupo ou a um banco para sentar.

Perto da quadra, do lado esquerdo, tem uma grande mesa de cimento onde famílias inteiras ou grandes grupos de amigos se reúnem para fazer churrasco, festinha de família ou confraternização de amigos. No cair da noite, a Praça muda completamente com a chegada de muitos grupos de jovens, usando a quadra e as mesinhas, geralmente com o som alto. Os aparelhos de ginástica que permitem exercícios alternativos também são bastante utilizados. Neste mesmo horário, é comum ver muita gente passando pelas bordas (o perímetro externo da praça), a maioria fazendo caminhada ou corridas ao redor da mesma. A parte que chamamos de primeiro quadrante geralmente está mais vazia e é a menos iluminada da Praça. Ali é comum encontrar moradores de rua dormindo nos bancos. Embora seja iluminada, o conjunto dos bancos que fica perto do chafariz é a parte mais escura e a mais vazia.

Diferente da Praça São Salvador, a Edmundo Bittencourt não tem eventos musicais ou atividades que promovam diferentes experiências das que são vistas cotidianamente. O que acontece são atividades agendadas, como a feira livre de todas as quartas pela manhã e a feira orgânica de todos os sábados pela manhã. Uma vez por mês acontece uma feirinha de artesanato e de adoção de animais. Além das atividades citadas, a Praça não tem nenhuma outra que mude sua cotidianidade. Uma coisa que observamos é que os jovens, de vez em quando, trazem caixa de música ao lugar e se reúnem para jogar na Praça, fundando uma nova ambiência.

Os jovens e as crianças parecem se sentir mais à vontade na Praça e se comportam de maneira expansiva, com som, com cantoria. Geralmente chegam em grupo e acabam por fazer quem estava no silêncio do lugar não permanecer por muito tempo. Mas mesmo com toda sonoridade e agitação, aos poucos o lugar parece que vai retomando um ar de calma e os grupos vão se dispersando.

Mesmo em áreas que parecem ser mais agregadoras, como é o caso das mesinhas, as pessoas se concentram de maneira dispersa. Apenas vimos uma coesão maior nos grupos que chegam juntos, como acontece com os mais jovens.

Atividades voltadas para certos grupos e por eles organizadas de maneira espontânea surgem normalmente quando famílias ocupam a grande mesa de cimento perto da quadra esportiva para fazer festinhas infantis e pequenas celebrações. São eventos que quase sempre acabam restringindo o acesso de pessoas que não fazem parte daquele grupo social com a colocação de barreiras, isolamentos feitos com corda, balões e afins. O que se percebe é que esse tipo de restrição, seja por grupo, pelo som ou pelas barreiras físicas, na sua maioria não é feito pelas pessoas que moram ao redor da Praça, mas por pessoas que vivem próximo dali. Esta seria outra característica da Praça: os diferentes grupos sociais que ali se concentram e que fazem uso do mesmo espaço aparentemente de maneira harmoniosa.

Em resumo, o que nos chamou mais atenção na Praça é que, mesmo reunindo pessoas que até estão corporalmente próximas entre si, às vezes compartilhando o mesmo banco, parece existir uma tendência à dispersão. Uma atitude diferente é vista apenas em grupos de pessoas que chegam ao local juntas e que parecem, se conhecer. A impressão é que as pessoas se reúnem para compartilhar uma parte da base espacial que lhe dê suporte à ação, havendo uma convergência de ações que ocorrem em determinado ponto. Como exemplo, citamos o fato das pessoas que vão passear com cachorro se situarem no mesmo banco, mas não interagirem entre si. No entanto, ao mesmo tempo, vemos também grupos menores, como o de idosos, que parecem mais abertos à interação.

Em relação às duas Praças, o que podemos dizer é que temos situações diferentes, ambiências diferentes e engajamentos diferentes, onde a primeira parece ser mais nuclear, enquanto a segunda é mais esparsa. Os comportamentos também se mostraram bem diferentes. Foi mais comum na primeira Praça ver as pessoas parecerem mais propensas a ceder seu espaço pessoal, enquanto na segunda a maioria parece preferir não compartilhar seu espaço. Diante destas primeiras observações, seguiremos estabelecendo algumas comparações que, na segunda parte, possam nos auxiliar com um direcionamento na delimitação da Empatia Espacial.

### 3.2 Breve análise comparativa das observações empíricas

Depois de apresentar um panorama geral acerca das duas Praças estudadas – São Salvador e Edmundo Bitencourt – seguiremos fazendo uma breve análise comparativa a fim de identificar similaridades e peculiaridade entre ambas. O que descrevemos nos itens anteriores foi um resumo da pesquisa de campo realizada a partir da observação participante e da etnotopografia.

Cada uma das Praças foi observada durante o período de dois meses consecutivos para cada uma delas, intervalo de tempo no qual buscamos conhecer o lugar, colher informações e dados. No terceiro mês, quando já tínhamos um prévio conhecimento sobre ambas as Praças, a observação foi feita de maneira concomitante: aos sábados na Praça de Copacabana e aos domingos na Praça de Laranjeiras. É importante ressaltar que, embora tenhamos escolhido dias específicos para uma observação mais detalhada, os lugares eram frequentados diariamente, sobretudo no período de impregnação. Isso possibilitou que se tornassem mais evidentes algumas situações, eventos e frequentadores rotineiros, possibilitando identificar alguns tipos de comportamentos e dinâmicas inerentes aos lugares.

Durante o período de observação que durou cerca de cinco meses – dois meses para cada Praça em separado e um mês as duas em paralelo – anotamos tudo que parecia ser relevante em cadernos de campo e registramos graficamente. Posteriormente, com a análise da documentação, retiramos os fatores gerais para a descrição apresentada no último item, incluindo os desenhos e as fotografias. Além de informações sobre os lugares – usos, elementos estéticos, ambiência e os eventos que aconteciam, tentamos capturar também dados que pudessem auxiliar na compreensão de como as pessoas interagem tanto com o espaço como entre si. Por meio da informação colhida, foi possível levantar hipóteses, fazer algumas suposições e estabelecer certos paralelos entre o que observamos e a fundamentação teórica; considerações que estaremos trazendo neste item e que servirão de base para a parte posterior “da experiência à teoria”.

Na Praça São Salvador, lugar onde realizamos as primeiras observações empíricas, nos demos conta de que alguns eventos pareciam ser originados de maneira nuclear, que por sua vez poderia ser facilmente referenciado a partir de elementos espaciais. Foi no caderno de campo, ainda durante o período de

impregnação, que notamos que as ações e eventos relacionados à fundação de experiências coletivas pareciam estar condicionados não só ao grupo social, mas ao suporte espacial, isto é, à capacidade de o espaço de prover espacialmente condições para a ocorrência do evento. Foi a partir daí que optamos por dividir espacialmente a Praça para facilitar o estudo e nos nortear em análises mais pontuais. A divisão foi favorecida pela sua simetria que proporcionou a divisão em três partes a partir dos três elementos que representavam esses possíveis núcleos de ações: o parque infantil, o chafariz e o coreto. No caso da Edmundo Bittencourt, que estudamos em seguida, buscamos fazer uma divisão semelhante, mas os pontos que pareciam reunir pessoas estavam no meio da Praça e à sua direita, perto da quadra de esportes. Assim, para contemplarmos o espaço completamente, dividimos a Praça em três quadrantes. O coreto é único elemento que não é comum às duas Praças e, por isso o terceiro quadrante desta segunda praça foi representado pelas mesinhas com banquinhos.

A partir desta divisão topológica feita nas duas Praças, o que vimos foi que algumas partes têm uma dinâmica própria, ou seja, ações que são direcionadas às vezes pelo uso, pelo grupo social ou pela ação/evento que ali acontece. Essas dinâmicas, em alguns momentos, parecem expor diferentes facetas da mesma ambiência, uma vez que participam da construção de uma totalidade. Em outras palavras, parece haver um ritmo característico do lugar, onde cada evento que ali acontece, torna-se uma engrenagem de um contexto maior. E, nestes casos, encontramos situações que estão relacionadas à dinâmica das ambiências, ao ritmo e ao pulsar do lugar: eventos cujas ambiências podem estar abertas ou não a um possível encadeamento. Este será um dos pontos que trataremos mais adiante, pois acreditamos que está intimamente relacionado à Empatia Espacial explorada na segunda parte.

Os croquis de campo trazem em si uma ideia do que seria esse ritmo em um contexto maior, a partir das matrizes de cores e sua respectiva diferença quando comparadas. As duas praças são bem arborizadas, mas a São Salvador parece ter uma vegetação mais quente do que a Edmundo Bittencourt. Essa variação de cor – mais quente para São Salvador e mais fria para a Edmundo Bittencourt – é percebida praticamente em todos os desenhos. Este item só foi constatado depois da finalização do estudo de campo, quando começamos a analisar a estética visual e social dos croquis, relacionando-os ao ritmo dos eventos e à ambiência do lugar. As cores mais frias parecem trazer um ritmo mais homogêneo, uma ambiência mais linear e menos mutável ao lugar. Já o lugar de cor mais quente parece ter um ritmo mais múltiplo, mais pulsante.



**Figura 16:** Praça Edmundo Bittencourt acima e São Salvador abaixo em um croqui etnográfico (panorama)

**Fonte:** A autora, Setembro de 2017

A relação de cores que mencionamos nas Praças analisadas neste primeiro experimento e depois reforçada nos estudos realizados durante o doutorado-sanduíche em Grenoble e na inferência da metodologia final nas mesmas Praças está relacionada diretamente à Teoria das Cores defendida por Leonardo Da Vinci (sec. XV), Isaac Newton (sec. XVII) e Goethe (sec. XVIII), quando da associação da luz com a natureza inerente de cada cor. O que Da Vinci e Newton demonstraram em suas pesquisas, especialmente Da Vinci com o livro “*Tratado da Pintura e da Paisagem – Sombra e Luz*”, é que a cor depende

da luz ambiental e não dos objetos. Assim, ao dizer que uma Praça é mais ‘quente’ que a ‘outra’, estamos inferindo a temperatura subjetiva de cada local, pois é a quantidade de luz em cada ambiente que o adorna com variáveis sensitivas e sensoriais. Goethe, por fim, influenciou toda a sociedade moderna ao afirmar que a percepção subjetiva das cores é uma relação psicológica e fisiológica de cada lugar, por isso nos portamos ou agimos de maneiras diferenciadas em contextos com mais ou menos luz.

Uma coisa que se evidenciou na comparação entre as duas Praças é que na São Salvador o meio e os elementos espaciais parecem dar um suporte à ação pretendida, enquanto na segunda Praça o espaço e seus elementos parecem delimitar o campo de ação. Para explicar melhor, citaremos o exemplo do parque infantil, que pode ser tomado para os dois estudos de campo. Em ambas as Praças, o parque infantil tem um ritmo e dinâmica de uso semelhante: o espaço está direcionado para crianças que escolhem utilizá-lo independente do horário do dia e de fatores como a insolação e o horário escolar.

Quando observados diariamente, os parques infantis têm uma dinâmica conforme descrevemos acima, mas, quando são reunidas diferentes atividades no mesmo dia – domingo na São Salvador e sábado na Edmundo Bittencourt, surgem outras duas considerações. A primeira é que, no caso da São Salvador, no domingo, o parque infantil parece ter uma dinâmica própria que independe de acontecimentos externos. Mesmo dentro dele existe uma diversificação de atividades que são independentes umas das outras: crianças nos brinquedos no centro, atividades artísticas nas bordas e crianças correndo entre centro e borda. Não importa o que esteja acontecendo em outras áreas da Praça, o parque infantil estará sendo ocupado, pois a sua não utilização parece estar mais condicionada à rotina do grupo que faz seu uso, do que ao que está acontecendo na Praça. Além disso, o espaço permite que, se quiserem, as crianças possam fazer uso desse espaço independente de usarem os brinquedos: elas podem correr e desenhar, pois o espaço dá o suporte para este tipo de ação, permite a liberdade e uma apropriação mais livre.

A questão da independência das atividades realizadas no parque infantil também é visível na Edmundo Bittencourt, sendo este um ponto em comum entre as duas Praças. No entanto, no caso desta última, os adultos que acompanham crianças ficam cercados pelas grades de dentro do parque, o que impossibilita a interação destes com as outras atividades que acontecem na Praça, um fato contrário ao que acontece na São Salvador. Mesmo quando não estão interagindo

diretamente com outras dinâmicas ou atividades, percebe-se que os adultos e crianças estão sendo afetados pelo que acontece ao redor e conseqüentemente compartilham das atividades indiretamente, direcionando sua atenção através do olhar ou acompanhando as músicas através do canto ou dançando ao longe, por exemplo. Em resumo, ambos os parques infantis dão o suporte espacial para as crianças terem liberdade de ação, mas a Praça São Salvador parece possibilitar uma maior amplitude de participação.

Outro ponto em comum entre as duas Praças é a existência do chafariz e da fonte. Na Edmundo Bittencourt, ele, assim como outros equipamentos, está cercado com um engradado e parece servir de pano de fundo ou de ponto focal – a depender para onde está voltada a visão – do conjunto de bancos situados próximo a ele. No caso da São Salvador, por estar no centro, a fonte também funciona como ponto focal, mas é possível se aproximar dele e até sentar nos degraus que eleva seu nível na Praça. Assim ela, em alguns momentos, sobretudo no domingo, é apropriada pelas pessoas que sentam a seu redor e observam o movimento. A questão da proximidade com o Outro é um dos pontos que se tornaram muito visíveis nos croquis. De maneira muito interessante, nos desenhos capturados podemos ver que em alguns pontos das Praças existe uma redução desse espaço pessoal, as pessoas ficam mais próximas umas das outras (figura 15). Na maioria dos desenhos na São Salvador as pessoas aparecem retratadas mais próximas umas das outras, enquanto na Edmundo Bittencourt é comum estarem mais separadas.



**Figura17:** Croquis da Praça São Salvador (esquerda) e Edmundo Bittencourt (direita). Na primeira imagem, o croqui capturou como as pessoas tendem a ficar mais próximas, enquanto que, na segunda, mostra a foto comum que observamos onde mostrado.

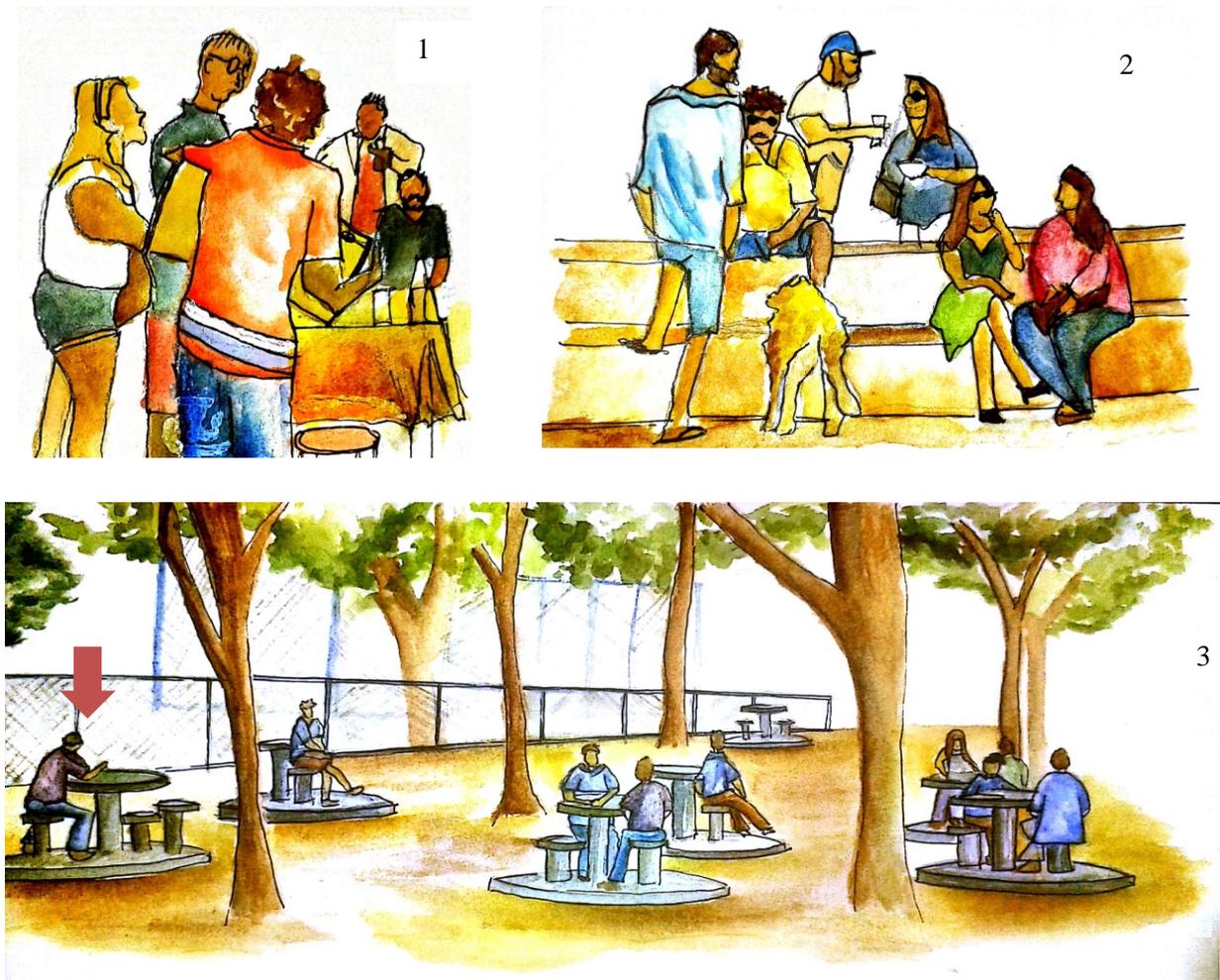
Embora ambas as Praças tenham muitas árvores, existe uma região central que caracterizamos na segunda Praça como clareira, por ter pouca sombra e árvores de grande porte. Isso nos leva novamente a adentrar na questão subjetiva das cores da Praça, promovidas por maior ou menor incidência de luz. Na Praça São Salvador também existe uma área que possui uma insolação direta, que é a parte do meio da Praça. Nas duas Praças, esta parte de clareira está localizada no centro, com uma diferença: na primeira Praça as pessoas atravessam, cortam a praça Por esta área, a partir da qual se tem uma amplitude visual dos dois lados da Praça. Já na segunda, além da falta de visibilidade pelas barreiras visuais, embora seja possível atravessá-la cortando pelo meio, não existe a indicação de calçada, o que provavelmente leva as pessoas a optarem por passar pelas bordas, onde existe o caminho marcado.

A questão *deslocamento* é um item que tem diferenças em relação às duas Praças. Ambas possibilitam o deslocamento pelas bordas, mas, no caso da São Salvador, as pessoas também optam por atravessar cortando a Praça de maneira transversal, sobretudo pelo centro. Embora a segunda Praça possibilite a passagem, o que se observou é que quase nunca as pessoas tomam essa atitude, a não ser que tenham como objetivo chegar a um banco ou um equipamento urbano e ali permanecer. Isso acontece pela falta de um caminho delimitado ou até mesmo a existência de uma parte calçada na Edmundo Bittencourt, como verificamos pela observação participante.

Outro ponto muito visível é a questão do *comportamento*, no sentido de interação, participação e até mesmo o engajamento na experiência coletiva. Em relação aos passantes, sejam aqueles que claramente estão ali apenas de passagem ou até aqueles que andam devagar em um ritmo aparentemente contemplativo e/ou de passeio, falaremos depois. Em relação às pessoas que estão ali sentadas ou até mesmo em pé, mas que permanecem na Praça, notamos alguns tipos de interação que dividimos inicialmente em três: (1) estar presente na coletividade e apresentar uma reação corporal – movimento, expressão facial, gesto – semelhantes às pessoas que estão ao seu redor ou próximas; (2) estar presente e ter uma reação muito distinta de quem está a seu redor, sendo a tomada de ação totalmente distinta das pessoas próximas ou que estão ao redor; (3) estar próximo a um grupo de pessoas, mas parecer indiferente à situação. No geral, podemos dizer que esses três grupos de comportamento foram os que tiveram mais destaque quando tomamos a interação coletiva como premissa.

O tipo de interação (1) foi a situação que nos permitiu identificar mais facilmente a existência de um engajamento coletivo, pois remete à ideia de mímese motora: uma resposta ao que Gordon (1995) chama de contágio emocional e que se torna visível a partir da reação ou ação corporal. Como exemplo, citamos um evento musical, onde as pessoas estão cantando, dançando, ou pelo menos com sua atenção voltada para o evento central. Já o tipo de interação (2), onde existe uma tomada de ação totalmente distinta das pessoas próximas ou que estão ao redor, parece indicar também a existência de um contágio emocional. No entanto, neste caso, a ação/ reação distinta, a depender de sua relação como a totalidade do contexto, pode expressar as diferentes facetas de um evento e de sua ambiência. Sobre este quesito, em alguns momentos, essas ações diferentes pareciam poder intervir na duração do evento, seja reforçando ou dispersando. No tipo de interação (3), estamos fazendo referência ao fato de que existem eventos nos quais pessoas parecem se mostrar indiferentes, praticamente parecendo esboçar o que Simmel (2005) chama de atitude “blasé”. Mesmo assim, notamos que muitas pessoas permanecem presentes no lugar e ali aproveitando o momento a sua maneira.

Esses diferentes tipos de comportamento foram os mais visíveis durante as observações nas duas Praças. Em um paralelo entre as Praças e seus espaços físicos, podemos citar dois exemplos. Em relação ao coreto da Praça São Salvador, a possibilidade de ser um espaço onde é possível serem realizados eventos que ocorrem de maneira mais espontânea, que necessariamente não precisam ser previamente programados, parece dotar esse espaço de diferentes possibilidades de uso. Explicando melhor, por ser um espaço amplo que permite atividades artísticas e qualquer outro evento, a simples reunião de pessoas ali já favorece a fundação de uma experiência coletiva. Na segunda Praça, que não tem coreto, podemos estabelecer paralelos com a parte onde estão os bancos e mesas. No entanto, neste caso, parece que a mesa e as cadeiras balizam as ações, não permitindo muitas vezes a consumação de um evento que, por exemplo, envolva música. Aliás, é comum ver alguns grupos de jovens que ali chegam com música e festa e que, ao contrário da São Salvador (que promove um ‘contágio’ na praça sem dispersar as atividades), acabam por ficar ali e fundar uma ambiência só deles. Neste sentido, na Praça Edmundo Bittencourt parece não haver uma mesma disponibilidade espacial de fundar uma experiência coletiva, embora se reconheça que esta última independe da interação indireta.



**Figura18:** Exemplos de aproximação corporal, interação e comportamento. Os croquis 1 e 2 são da Praça São Salvador enquanto o 3 é da Praça de Copacabana. Como podemos ver existe uma maior aproximação corporal na primeira do que na segunda. O que notamos é que o espaço da Praça de Copacabana não só é organizado mas que de alguma forma parece restringir as ações. Na Praça São Salvador as ações são mais livres. Os croquis também exemplificam os tipos de interação que observamos, onde o 1 e o 2 ilustram o tipo de interação (1), enquanto no croqui 3 temos o tipo de interação (3) marcado com a seta vermelha.

**Fonte:** A autora, setembro de 2017

Em relação aos aspectos sociais, podemos dizer que na São Salvador não vimos a presença de diferentes classes sociais como na Praça de Copacabana. Socialmente podemos dizer que a Praça do bairro de Laranjeiras é mais homogênea que a de Copacabana, já que esta última apresenta uma diversidade de classes sociais diferentes, usufruindo o mesmo espaço. Sobre os aspectos comportamentais, vimos que na Praça São Salvador parece ser mais frequente a interação com o Outro, o ceder o espaço para que o Outro possa fazer parte, enquanto na Edmundo Bittencourt vemos uma maior dispersão, embora seja possível ver também que pessoas se reúnem mesmo sem haver muita conversa.

Logo, em relação à Empatia Espacial e a fundação de experiências coletivas, entendemos que na Praça de Laranjeiras parece haver uma maior relação com a sociabilidade, diferente da Praça de Copacabana, onde parece que são seus usos que levam as pessoas a compartilharem a experiência do lugar.

O que podemos identificar, de maneira geral, é que ambas as Praças possuem um espaço físico delimitado mais propício ao engajamento, notoriamente por fornecerem um 'palco aberto' para múltiplas formas de uso. O coreto da primeira e as mesinhas na segunda são os espaços que mais agregam grupos sociais e atividades distintas, o que não ocorre em outras partes da Praça. No parquinho infantil, por exemplo, seu uso está condicionado às brincadeiras e à permanência infantil. Já em relação às suas peculiaridades, o que mais aparece nos cadernos de campo é a proximidade entre as pessoas, o trajeto feito pelos passantes e o fato de que na primeira Praça parece haver uma maior disponibilidade para a geração de eventos mais espontâneos.

Observamos que na São Salvador um evento que ocorre no coreto, por exemplo, parece ter mais possibilidade de se expandir pela Praça sem que influencie a dinâmica de outras atividades, mas incorporando-as de uma maneira mais plural. Não é que as pessoas que estão no coreto tomam a Praça, pois elas ficam limitadas pela parte ao redor dele, mas as pessoas que estão ao longe, por exemplo, no parque infantil, acompanham a vibração da ambiência promovida no coreto através do canto ou do balançar do corpo ou uma dança, mesmo ao longe. Já na segunda Praça, não se nota tanta diferença de eventos e, geralmente, quando existe a geração de uma atividade espontânea, a atividade parece não ser incorporada e conseqüentemente acaba por dispersar as outras atividades ou não reforça a primeira atividade. Um dos motivos observados e que parece explicar tal ação é a base espacial, pois a maneira como alguns equipamentos estão dispostos segregam aqueles que vão à Praça com possível intenção de interagir a partir da conversa. A falta de passantes que cortem a Praça transversalmente também pode ser apontada como um motivo, pois, enquanto observávamos, nos demos conta de que a falta de movimentação em algumas partes da praça levava a uma monotonia que tornava o lugar pouco atrativo para se permanecer por longo tempo. Neste sentido, parece que qualquer evento que surja fora do cotidiano do lugar parece não ser reforçado, já que as pessoas que vão ali têm o objetivo apenas de concretizar a ação e ir embora.

As informações e observações aqui apresentadas permitem que sejam traçadas algumas considerações, que retomaremos na segunda parte desta tese,

para refletir acerca da Empatia Espacial. O que percebemos, a partir das dinâmicas, ritmos, cores e comportamentos é que, no contexto da interação e conexão espacial, a Empatia não assume delineamentos de um fenômeno unitário, ou seja, não podemos nomeá-la simplesmente como cognitiva, ou afetiva, ou emocional. Neste sentido, assumimos que a Empatia Espacial corresponde a um construto multidimensional, que contempla esses elementos que tangenciam tais fatores. Esta perspectiva de considerá-la enquanto constructo corrobora a ideia de autores como Batson (2009) e Davis (1996), que compreendem que uma perspectiva multidimensional é mais coerente para a análise e a compreensão da Empatia do que as perspectivas unidimensionais, uma vez que estudos empíricos demonstram que as inter-relações entre elementos cognitivos e afetivos indicam que as pessoas experimentam diferentes tipos de experiências emocionais durante os episódios empáticos. E como nossa aproximação com o espaço se dá através da experiência, principalmente a sensível, entendemos que considerar a Empatia Espacial como multidimensional é cabível, sobretudo diante da pluralidade que é própria da imersão na coletividade.

Assim, após a observação empírica fundar a premissa de que existe, de fato, uma Empatia Espacial, *também consideramos que todos os espaços são potencialmente empáticos*. O que nos perguntamos a partir desta constatação é qual seria o limiar que permite que a Empatia se torne parte e até influenciadora da experiência coletiva. Uma das respostas é a relação do indivíduo com a emoção, cuja captura se torna um dos estruturadores do processo empático, e que está intimamente conectada com o afetar-se na cidade contemporânea – em todos os tempos. No capítulo a seguir, trataremos do delineamento da Empatia Espacial no contexto de sondagem e buscaremos entender quais são os gatilhos e sob quais condicionantes um lugar pode ser caracterizado com empático a ponto de favorecer a fundação de experiências coletivas.



**Figura19:** Croqui etnográfico no Parque Paul Mistral em Grenoble .  
Fonte: A autora, maio de 2017

## PARTE 2 | DA EXPERIÊNCIA À TEORIA

# 4 | A EMPATIA ESPACIAL

## E SEUS DESMEMBRAMENTOS

Na primeira parte da tese, apresentamos algumas fundamentações que forneceram um apanhado geral acerca da Empatia, sua aplicabilidade e pertinência no contexto estudado, assim como os possíveis fatores e elementos presentes em sua consolidação. Seguimos com o segundo capítulo onde o Outro, que é alvo de estudo da Empatia (o espaço coletivo cidadão), foi o enfoque que nos levou a traçar considerações sobre o espaço público e seus aspectos materiais e imateriais. Juntamente com o terceiro capítulo, onde tratamos do estudo empírico, formamos a primeira parte da tese: da teoria à experiência; onde trouxemos as nossas primeiras aproximações teóricas e empíricas acerca da Empatia Espacial.

Buscávamos na primeira parte reunir considerações que pudessem nortear a compreensão do papel da Empatia na fundação de experiências coletivas. E como a Empatia Espacial sob o ponto de vista aqui abalizado é uma abordagem pouco explorada, tomamos como ponto de partida a construção de um arcabouço teórico que nos guiou através do estudo e observação empírica. Observar empiricamente foi vital para que mudássemos nosso ponto de vista, para cogitar algumas diretrizes e fazer algumas suposições mais plausíveis acerca da Empatia Espacial, as quais retomaremos como premissa nesta segunda parte.

Para colher as informações, recorreremos à observação participante através da etnografia – mais especificamente, da etnotopografia – que, em conjunto com a fundamentação teórica, possibilitou traçar algumas análises. Através do estudo das Praças São Salvador e Edmundo Bittencourt, observamos dinâmicas e padrões de comportamento que, às vezes, eram similares entre os dois lugares, outras vezes peculiares. Por meio do estudo de campo e do respaldo teórico, foi possível reunir algumas constatações que apresentaremos resumidamente, neste momento, a partir de pontos.

O primeiro ponto faz compreender que a Empatia Espacial assume delineamento de um constructo. Ou seja, ela é resultante de um processo e construída não só por atributos de ordem social ou espacial, mas também por diversos fatores extra materiais – comportamentais, sensíveis, sociais, éticos, culturais, dentre outros – que estão relacionados ao espaço e aos grupos sociais ali presentes.

O segundo ponto diz respeito à experiência coletiva e às diferentes maneiras de participação e de interação, que nos levam a questionar e a refletir se existiriam níveis de interação e se algum deles – ou apenas um tipo de interação – poderia ser considerado como engajamento coletivo.

O terceiro ponto gira em torno de considerar alguns espaços empáticos em detrimento de outros que não seriam. Após as observações *in loco* chegamos à conclusão de que todos os espaços podem ser potencialmente empáticos – o que nos levou a questionar, em relação à fundação da experiência coletiva, quais seriam os fatores desencadeadores ou facilitadores de um engajamento coletivo. São esses parâmetros, e a tentativa de clarificá-los ou corroborá-los, os objetos de ponderação na consolidação da Empatia Espacial.

Neste momento, em que já compreendemos mais claramente os possíveis elementos envolvidos no estudo da Empatia Espacial, passaremos a delinear a enquanto ferramenta conceitual e metodológica. Um dos fatores que trataremos inicialmente é um dos principais elementos presentes no processo empático como um todo: a captura do sentimento. Juntamente com outros fatores estruturantes que explanamos no primeiro capítulo – a similaridade e a projeção – a captura do sentimento é tida como o cerne da Empatia, onde os estímulos são elementos que se associam diretamente em seu processo. Em seguida trataremos os diferentes momentos da Empatia que, a partir de certos componentes, embasam alguns parâmetros que podem ser adaptados ao contexto da Empatia Espacial. Tais colocações versarão no respaldo teórico que trouxemos nos capítulos antecedentes e que levam em conta as nuances conceituais próprias do termo, as peculiaridades próprias do nosso objeto empírico e os dados colhidos *in loco*. A continuação será dada no item seguinte, onde apontaremos os possíveis fatores que podem engatilhar a Empatia Espacial.

No trajeto percorrido ao logo do delineamento conceitual e metodológico, partimos tanto do teórico, para nortear a exploração empírica como do empírico, para construir as premissas teóricas. Nesta parte da tese, em especial, esse caminho de idas e vindas foi mais recorrente, fruto das observações surgidas no estudo empírico, do repensar das considerações feitas pela banca na qualificação e da vivência do estágio doutoral realizado na França. Este último propiciou não só a construção da metodologia que apresentaremos no capítulo final, mas o delineamento conceitual e a utilização da Empatia Espacial como ferramenta metodológica.

#### 4.1 A captura do sentimento: o compartilhamento na experiência espacial

O ato de colocar-se no lugar do Outro está intimamente associado à captura do sentimento, ação que, em linhas gerais resume o entendimento geral de Empatia. Projeção e captura aparecem como correlatos na literatura especializada, mas na verdade são consolidados paralelamente a partir de idas e vindas, um processo que mais adiante explanaremos melhor. O que queremos colocar em evidência neste momento é que a Empatia é uma conexão cambiável, suscetível a condicionantes internas (constituintes do sujeito) e externas (relacionada ao alvo da Empatia) que são as abalizadoras de sua construção e consolidação.

A depender do campo de estudo para o qual a aplicação da Empatia esteja voltada, veremos que ora a captura do sentimento surge como fator principal, ora a projeção. Esta última pode ser tida tanto como meio quanto resultado da captura do sentimento, constituindo empatias que em sua natureza são similares, mas que podem refletir diferentes tipos de aproximação com o objeto.

Como explica Geiger (2011), empatias podem ser diferentes, sendo objetivamente ou subjetivamente condicionadas. E, assim como ocorre com o termo e suas diversas definições, não existe certo ou errado, e sim pontos de vista e fatores a serem considerados. Mas, seja na *Einführung*, onde projeção surge a partir do sentimento despertado ou na Empatia interpessoal onde o projetar-se é o meio de captura, o fato é que o sentimento se faz presente (BATSON, 2009). É o sentimento que nos instiga, enquanto a Empatia, por estar embasada em sua captura e/ou projeção, seria o indicativo de uma conexão estabelecida. Assim, entre os vários fatores que podem guiar o sujeito no processo de perceber algo, o pontapé inicial, segundo Stein (2000), acontece por meio do sentimento. De fato, a experiência também não pode ser desprezada, já que é por intermédio dela e da realidade sensível, compreendida corporalmente, que o aprendizado se dá originalmente (SANTANA, 2010). Mas, quando sentimos algo, seja por um objeto ou pessoa, estamos propensos a nos abrir à sensibilidade que emana deste algo e consequentemente nos abrimos à compreensão dele.

“Quando capto um valor e permaneço frio ante ele, então não há sentimento que eu possa abandonar com uma troca de atitude; encontro-me internamente vazia. Então me pergunto como seria possível uma estimacão de valor, se falta este material fundante que é o sentimento” (STEIN, 2000, p. 32, tradução nossa).

Tisseron (2010) explica que o sentimento traz ao observador uma susceptibilidade que muitas vezes é sentida no próprio organismo, como algo que nos toca de dentro para fora. Mas que antes do sentimento, existe todo um processo emocional, onde o objetivo ou resultado do processo empático pode ser a captura do sentimento, mas ele não seria seu desencadeador em todos os casos.

Com base nos estudos de Damásio (2001, p.21), notamos existir certa diferenciação, sendo “emoção e sentimento duas faces distintas da mesma moeda”. Os sentimentos são associações mentais e são desencadeados pelas reações às emoções. São subjetivos e por isso influenciados pela experiência pessoal, crenças e memórias. Um sentimento é o retrato mental do que acontece com o corpo no momento de uma emoção e é o subproduto do cérebro o qual percebe e atribui significado à emoção. Já as emoções são relacionais e contribuem para pontuar a posição da pessoa no fluxo dinâmico do contexto em que ela se encontra. E como o cérebro necessita de emoção para apreender, para colocar atenção, ela se manifesta através das inter-relações que estabelecemos – conosco, com os outros e com o meio – revelando-se na forma de um caráter social e cultural que é impresso entre as pessoas (DAMÁSIO, 2001).

Uma das questões que surge acerca da captura do sentimento não é a dúvida de sua relevância no processo empático. O fato é que tanto na *Einfühlung* quanto em outros estudos de questões interpessoais a Empatia é tida como fenômeno unitário, o que torna a captura do sentimento e a projeção o seu cerne. E embora a Empatia Espacial possa ser conceitualmente situada entre *Einfühlung* e o conceito geral de Empatia, nos perguntamos se a captura do sentimento poderia ser igualmente considerada seu ponto principal quando ela assume delineamentos de constructo multidimensional. Em uma tentativa de esclarecer este questionamento, buscamos compreendê-la melhor como uma forma de clarificar suas possíveis associações com o ato de captura na Empatia Espacial.

Ao estudar e explorar a Empatia, a partir do viés de constructo, Strayer (1987) toma o sentimento sob outro aspecto. Para ele, o sentimento é de fato o enraizamento de uma emoção que, a partir de um reconhecimento sensível e corporal, conjuga-se em uma disposição mental, uma decisão que o sujeito toma em sua mente a partir de um propósito em relação a algo. Se tomarmos como base que o sentimento norteia nossas decisões e que ele surge a partir da emoção, podemos dizer que o processo empático se resume ao modo como somos ou que

buscamos ser afetados. Segundo Gregg e Seigworg (2010) o afeto é uma prova persistente de um corpo em curso de imersão dentro e entre obstáculos e ritmos de mundo, de suas recusas tanto quanto de seus convites.

O afeto reside entre a capacidade de atuar e se deixar atuar, atitudes que dependem do que é imposto ao sujeito, a sua mente e corpo, da duração, das forças e intensidades dessa imposição. O afetar é encontrado nas intensidades que passam de corpo a corpo (humano, não-humano, parte corpo e de outra forma), nessas ressonâncias que circulam sobre, entre, e às vezes se mantêm em corpos e mundos e nas próprias passagens ou variações entre essas intensidades e ressonâncias. (GREGG e SEIGWORG, 2010, p.14 tradução nossa)

A captura do sentimento como o principal fator a ser considerado na Empatia Espacial foi ponderada ainda durante o período de impregnação nas primeiras idas a campo no Brasil, quando usamos a etnotopografia. Nas primeiras incursões nos demos conta de que o até então chamado 'tom sentimental' (*stimmung*) parecia tomar proporções diferentes no contexto urbano do que aquelas mencionadas em outros estudos sobre a Empatia. O que foi observado espacialmente remetia muito ao que foi tratado pelas teorias do engendramento espacial, mas a presença de outras pessoas parecia trazer o afetar-se também para o cerne do processo.

Se voltarmos a atenção para a *Einfühlung*, veremos que, mesmo sem ter feito referência direta ao afetar-se, Lipps (1905) já parecia cogitar essa ideia, quando separou a arquitetura das artes visuais em geral. Nos estudos da ambiência, a afetação também é trazida por Kasig (2014), quando ele afirma que é através de sua dimensão emocional que a ambiência nos motiva a participar ou não do seu compartilhamento. Em uma perspectiva correlata, Böhme (2016) classifica as ambiências como detentoras de espaço emocional onde existe tudo aquilo que nos deixa emocionalmente afetados. Conforme o autor, a função desse espaço emocional é de desencadear conexões entre nossas vontades e necessidades com nosso meio ambiente. As emoções evidenciam corporalmente nosso estado de espírito nos auxiliando a julgar os eventos, sendo o sentimento o que nos guia diante das nossas possibilidades e das intenções de ação (BÖHME, 2016).

Além das colocações até aqui trazidas, muitas são as fundamentações que, com base na Teoria dos Afetos (GREGG e SEIGWORG, 2010), mencionam a relação do afetar-se com a experiência empática que surge entre nós e o que se situa ao nosso redor como todo: “a experiência que surge a partir do que nos afeta nos inquieta, traz uma vulnerabilidade que permite transcender” (GREGG E SEIGWORG, 2010, tradução nossa, p. 42). Segundo Blackman (2012), é por meio do afetar-se que adquirimos uma permeabilidade, uma porosidade que nos leva a encarnar um sentimento. E se, como garante Pechman (2009), “todos os afetos estão na cidade”, parece pertinente considerarmos essa perspectiva.

Por estarmos tomando como base que a Empatia Espacial é uma construção, entendemos que ela se consolida a partir de uma soma de fatores. Também não estamos desconsiderando os eixos estruturantes da Empatia, que entendemos não assumir a mesma função que em sua perspectiva de fenômeno unitário, que seria de componente. Ao supormos que os três componentes se fazem presentes no processo como estruturantes, é a partir do ‘afetar-se’ que essa modulação será guiada.

Assim, o sentimento estaria condicionado a uma disposição mental, cujo propósito, no caso do nosso estudo, estaria relacionado ao engajamento coletivo. Com isto, podemos explorar as nuances presentes no espaço e em sua ambiência, onde a afetação nos instigaria a uma experiência compartilhada. Mas, até chegar ao ponto de compartilhamento, ela seria desencadeada primeiro individualmente, sendo construída a partir de componentes e solidificada ao longo de um processo.

#### 4.1.1. A Empatia Espacial como constructo

A partir das abordagens e entendimentos tratados nas linhas acima, entendemos que a Empatia Espacial remete a um constructo, mais do que a um fenômeno unitário. A adoção deste viés se deve primeiramente à pluralidade e diversidade do meio urbano, o que nos leva a explorar tanto a base espacial como as práticas sociais nela desdobradas. E, como a Empatia em sua perspectiva de constructo é como um processo experiencial, a maneira pela qual apreendemos como o meio se associa à pertinência de enquadrar a Empatia Espacial sob esta mesma ótica.

Como constructo se firma através de um processo, a Empatia é constituída por momentos que levam à sua consolidação. Lipps (1905), em estudos sobre a *Einfühlung*, havia considerado duas etapas que expressariam o núcleo da Empatia: o movimento da mente – a captura do sentimento – e a resposta corporal – a mímese motora. Stein (1917/2000), tendo como parâmetro o trabalho de Lipps (1905;1909), chega à conclusão de que a Empatia ocorre em fases no total de três. A primeira seria o estabelecimento de um *vínculo inconsciente que é visceral*, quase que intuitivo; a segunda, *a apresentação do Outro para si mesmo* e a terceira seria a ação que resulta de uma *conexão com o Outro* (STEIN, 2000).

Como vimos a partir de Lipps (1905) e Stein (2000), a ideia de que a Empatia era construída, mesmo quando tomada em forma de fenômeno unitário, parece permear seu entendimento praticamente desde sua gênese. Mas, foi nos trabalhos de Kohut (1959) que a Empatia assumiu pela primeira vez tal perspectiva, não como fases de um fenômeno, e sim como um processo em vias de construção. Ao tomar como prerrogativa a combinação de fatores cognitivos, afetivos e emocionais, Kohut (1959) permitiu que a Empatia fosse vista como um conjunto de elementos que, a depender do contexto, poderiam se engatilhar ou resultar em uma conexão com o Outro.

Gerdes e Segal (2004) relatam que, historicamente, sempre existiram controvérsias sobre os componentes constituintes da Empatia, no sentido de apontar quais poderiam ser considerados seus constituintes ou resultado de sua ocorrência. Esse conflito impossibilitou que o viés da construção fosse tomado como parâmetro de estudo, impedindo que o conceito fosse explorado sob outras perspectivas. Para Kohut (1959), por exemplo, a Empatia aparece embasada em fatores emocionais/afetivos e expressa por elementos pautados em fatores cognitivos. Embora kohut (1959) tenha lançado as primeiras sementes, é Davis (1996) quem aparece nos trabalhos mais recentes como o responsável por solidificar a Empatia enquanto um constructo multidimensional. Em seu processo estão envolvidos diversos fatores que permitem a associação de diferentes correntes de pensamento em sua constituição e abordagem. Rogers (1957) e Hoffman (2000), por exemplo, têm como enfoque a Empatia como uma resposta inata e involuntária de um sinal afetivo. Já Batson (2009) e o próprio Davis (1996) se concentram na Empatia como uma habilidade comunicacional ou tomada de papel consciente.

A perspectiva de Strayer (1987) demonstra que a construção da Empatia deve ter como enfoque os estímulos que se fazem salientes no momento em que

ela é “produzida”. Esses estímulos tornam-se “salientes para o observador porque geralmente são intensos, possuem significado, são diferentes de experiências familiares e são emocionalmente excitadores” (STRAYER, 1987, p.68, tradução nossa) – o que indica que a Empatia pode ser observada, seja antes ou depois de sua consolidação, assumindo um caráter cambiável, pois depende de como os estímulos se manifestam e atingem o sujeito.

Para Strayer (1987), a Empatia sob a ótica de constructo reflete respostas afetivo-cognitivas e por isso está ligada a situações específicas, sendo, portanto, mais disposicional do que constitucional. Isso significa que se deve considerar o sujeito como pertencente a um contexto que o mune de desejos, medos e vontades relacionadas à vida pública e urbana. Entretanto, não está sendo descartada a parte constitucional, uma vez que o homem é gregário por natureza, mas tomando como princípio a sua disposição (enquanto sujeito público) de se engajar na experiência coletiva.

Além da observação empírica e de todos os pontos que expusemos até aqui para validar a pertinência da adoção da ideia de constructo para a Empatia Espacial, salientamos também a ótica de Decety (2009). Ao encorajar diferentes campos do conhecimento a recorrerem ao estudo da Empatia, seus trabalhos propõem uma aplicabilidade do constructo de maneira interdisciplinar. Embora ele deixe claro que, assim como Davis (1996), seu enfoque esteja mais vinculado à neurociência e à psicanálise, ele deixa em aberto a possibilidade para que diversas áreas de estudo possam fazer uso de suas descobertas. Com isso, podemos enfatizar que determinados momentos e condicionantes participam do processo de consolidação da Empatia, assim como é possível entender que o conjunto de elementos que a constrói diz menos que a própria construção (o constructo).

#### 4.1.2. Interações no processo de construção empática

A Empatia como representação do resultado de um processo teve seu desenvolvimento majoritariamente pautado em estudos da Psicologia e Neurociência. Por isso, é comum encontrá-la associada a assuntos que exploram as relações interpessoais. Mesmo assim, são os mais variáveis campos disciplinares que fazem alusão sobre a adequabilidade da perspectiva de constructo para os mais diversos tipos de estudo e campos do conhecimento.

Como um dos maiores incentivadores da aplicabilidade da Empatia em campos de conhecimento distintos, Decety (2009) buscou que sua abordagem contemplasse um alcance interdisciplinar e a possibilidade de adaptação para diferentes estudos. Seguindo o raciocínio de Davis (1996), Decety e seus colaboradores (DECETY e LAMM, 2006; DECETY e ICKES, 2009) propuseram uma estruturação onde os momentos são embasados por condicionantes que podem ser associadas a fatores, componentes e/ou elementos relacionados ao objeto alvo de Empatia.

A estrutura a partir da qual Decety e Lamm (2006) desenvolve sua ideia de constructo consiste na verdade em parâmetros que guiam a existência ou vinculação de certas condicionantes, que são variáveis a depender do contexto. Assim, são destacados três momentos, com componentes que dinamicamente interagem para que possa ser gerada a experiência empática: **compartilhamento afetivo/ enquadramento** (affective sharing/perceptual and action coupling); **autoconsciência** (Self Other Awareness) e **flexibilidade mental/emocional** (mental flexibility ad self emotion regulation).

O primeiro momento possui duas condicionantes, onde a primeira é descrita como compartilhamento afetivo, o que em um primeiro momento parece remeter às questões relacionadas à afetividade. De fato, este é um viés que pode ser pertinente de ser seguindo e que é inclusive utilizado em alguns estudos de Davis (1996). Mas como a intenção de Decety e Ickes (2009) era de tornar a estruturação aberta a adaptações, quando os autores falam de compartilhamento afetivo, eles estão fazendo referência ao compartilhamento sensível que ocorre entre o sujeito e o Outro a partir do afetar-se. É o início ou o presságio dos tipos de afetos e estímulos que podem engatilhar uma conexão, o que em algumas situações pode não ser tão facilmente identificável.

Como a reação está associada a uma motricidade, o acoplamento de percepção ou de ação é citado em seguida (DECETY e ICKES, 2009). Esta seria uma ação/reação de que se pode ou não dar conta, mas que o corpo assume como resposta, seja por meio de gestos, expressões faciais, vocais ou comportamentos. Isto seria o que Stein (1964) descreveu como a *apreensão sensitiva* do que está ao redor e que nos “toca” os sentidos, sem que nem sempre nosso corpo se dê conta (cognitivamente), mas que nos aciona corporalmente. No contexto espacial, consideramos que este seria o primeiro contato sensível, o qual ocorre a partir da ambiência. Assim, entendemos que o corpo não seria o único ponto observável, uma vez que os modos de atenção, ou seja, para onde o

sujeito volta o seu olhar também pode ser um sinal de que se foi afetado sensivelmente (THIBAUD, 2014).

O segundo momento fala da autoconsciência do Outro (*Self-Other Awareness*), momento em que nos damos conta de que nos deparamos com sentimentos, sensações e emoções que, embora estejam dentro de nós, são desencadeados a partir do Outro. “A verdadeira Empatia não pode existir sem que haja o forte senso do Eu que sou diferente do Outro” (DECETY, 2006, p.30, tradução nossa). Algo é despertado ali, naquela interação, que, embora esteja em mim, é revelada/capturada a partir do Outro, trazendo à tona uma alteridade. No momento em que já fomos afetados, buscamos logo em seguida nos reconhecer ou não no sentimento compartilhado. Decety (2009) explica que nesse momento nos permite fazer inferências cognitivas sobre o estado mental ou sobre a perspectiva dos Outros (DECETY e LAMM, 2006). Em relação ao um lugar, diríamos que este é quando atribuiríamos um sentimento em relação ao espaço ou algo que ele nos remete através da memória sensível. Neste momento, categorizamos inconscientemente e sem necessariamente verbalizar, nos daríamos conta que algo ali nos confortaria ou incomodaria ou até mesmo não nos remete a nada.

Já o terceiro e último momento também traz duas condicionantes e que são descritas pelo autor de maneira conjunta como “uma habilidade cognitiva sofisticada” que nos permite alternar entre o absorver a perspectiva que nos é apresentada ou nos fechar, entre identificar-se com o Outro e identificar unicamente com o eu” (DECETY e LAMM, 2006, p. 260). A flexibilidade mental/emocional é uma espécie de regulação emocional que é definida como “o processo de iniciar, evitando, inibindo, mantendo ou modulando a ocorrência, a forma, a intensidade ou a duração interna, estados de sentimento e fisiológicos”.

Tais estados estão relacionados à emoção de uma maneira geral: “processos emocionais”, objetivos relacionados à emoção e/ou comportamentais concomitantes à emoção” (DECETY e LAMM, 2006, p. 260). A regulação é tipicamente conceituada como um esforço consciente e intencional para controlar os próprios pensamentos, emoções ou comportamentos, seja em sua manutenção, quando já se sente ou em sua busca, quando se quer capturar. A maioria os teóricos enfatizam que a observação do comportamento pode ser a chave para fornecer informações sobre a ocorrência desse componente. Ao tentar forçar certo grau de sensação ou o desprendimento a partir da emoção, do tom que se apresentam as ações e as reações, o corpo pode fornecer pistas,

corroborando o parâmetro que utilizamos na observação empírica. Este momento na estruturação da Empatia seria o freio ou a aceleração entre o perceber o que se manifesta no espaço e se tem como entramos em consonância ou não com o sentimento partilhado pelo coletivo, levando-nos a tomar uma perspectiva distinta ou não àquela que nos apresenta.

Segundo Lamm (DECETY e LAMM, 2006), todos os fatores expostos por Decety (2009) são importantes no processo de Empatia. No entanto, para o autor que é especialista em estudos que relacionam a Empatia e a coletividade, o mais significativo é o tomar consciência de si mesmo a partir do Outro. Este é o fator que possui maior influência nas experiências que compartilhamos, sobretudo em relação à sincronia de ações e reações entre indivíduos que ocorre desde os grandes fenômenos de massa como “concertos de música ou em manifestações políticas”, como até mesmo os eventos cotidianos (DECETY e LAMM, 2006, p.76).

Embora não tenha falado diretamente da projeção, podemos ver que se a tomarmos sob o ponto de vista do imaginar-se (BATSON, 2009), podemos estabelecer paralelos que podem demonstrar a sua presença. No primeiro parâmetro, por exemplo, ao ser tocado pela ambiência, o sujeito é levado a imaginar situações, contextos que podem ser experienciados. No segundo parâmetro, a projeção a partir do imaginar fica mais evidente, pois o sujeito pode se imaginar como partícipe ou não em alguma situação apresentada, um raciocínio que também pode ser adotado no terceiro parâmetro.

Outro fator que não podemos deixar de mencionar é a similaridade, que reside na busca de entrar em consonância a partir de algo que lhe corrobore, isto é, seja similar ao que se sente. Neste ponto, a Empatia Espacial, enquanto instrumento de abordagem sensível do mundo, é um processo onde sensações, emoções, impressões e memória sensível tocam o sujeito, despertando sentimentos que estão associados à sua disposição mental, à sua decisão em fazer parte ou não do contexto espacial que lhe é apresentado, que neste caso é relacionado à experiência coletiva.

Em outras palavras, podemos dizer que o sentimento seria a disposição de engajar em uma experiência coletiva e a captura que o levaria a essa ação, um entrar em consonância com a ambiência que para o sujeito seria a correspondência corporal e sensível desta intenção. É um processo construído por idas e vindas, no sentido da busca de conexão que ocorre a partir da projeção: do imaginar-se fazendo algo ou estando em algum ponto do lugar, como parte de situação, evento ou ação, que necessariamente não implica em um apego, no

sentido de identidade, embora isso não precise ser desconsiderado. O que consideramos é que há um reconhecimento do sujeito que se vê como partícipe, seja corporalmente e/ou sensivelmente e que por isso busca estar em certo ponto no espaço e se comportar de certa maneira para que assim possa fazer parte daquele contexto.

Embora o nosso enfoque seja a fundação da experiência coletiva, a partir das observações empíricas, verificamos, assim como Duarte et al (2015), que a Empatia Espacial começa de maneira individual, mas que pode ser redirecionada quando em contato com a coletividade. Como é um processo construído, para que passe do individual para o coletivo, entendemos que é preciso haver um encadeamento entre os diferentes momentos.

Anteriormente explicamos como se dá esse constructo do ponto de vista de Decety (2009), que considera o emprego multidisciplinar da Empatia apresentando um ponto de vista aberto a adaptações e ajustes. Segundo o autor, temos três momentos de compartilhamento afetivo e acoplamento perceptivo e de ação, autoconsciência e flexibilidade metal e regulação emocional que aqui tomaremos como **afetação e compartilhamento**, a **autoconsciência** de si e **ressonância emocional**. Para dar continuidade às conjecturas sobre a experiência coletiva da Empatia Espacial e os modos de afetação do sujeito, prosseguiremos no próximo subcapítulo falando melhor sobre cada um desses momentos

#### 4.1.3 Afetação e compartilhamento

A princípio, consideramos que é a partir da interação sensível nas ambiências que a Empatia Espacial é desencadeada. Imbuída de estímulos, a ambiência favorece o surgimento de sensações que podem instigar e/ou motivar certos tipos de (re)ações. Quando em contato com a ambiência, ou imerso nela, o sujeito tem seu lado sensível provocado, trazendo sensações com as quais ele pode se sentir conectado ou não. Tais sensações trariam emoções que, como explicamos, são fundamentais para que o cérebro possa aprender. A emoção, por ser uma reação psicofisiológica, traz ao sujeito uma inquietação, um desconforto que leva a uma vulnerabilidade que o deixa aberto ao mundo:

Afetar é o nome que damos a essas forças – visceral, forças embaixo, ao lado ou geralmente, além do consciente, forças vitais insistindo além da emoção - que podem servir para nos dirigir para o movimento, para o pensamento e a extensão, que também pode nos suspender (como se estivesse em ponto morto) em um registrado acréscimo de relações de força ou que podem mesmo sair de nós e nos levar a uma aparente intransponibilidade do mundo. (GREGG e SEIGWORG, 2010, p.35 tradução nossa)

Tal acessibilidade propiciada pelo afetar-se é sentida no organismo na forma de expressão ou reação, remetendo posteriormente a ações, comportamentos que surgem como respostas corporais na busca de se adaptar à situação que se vivencia. Por isso, embora seja desencadeado pelo Outro, o que surge é inerente ao sujeito e por isso nasce de maneira individual. Ao nos questionarmos como poderíamos compreender ou abordar no sentido do coletivo, recorreremos aos estudos de Louis Queré (2015) – que ao tratar da experiência coletiva no espaço público corrobora que afetar-se tem vínculo com a emoção, que em sua ótica é descrita como uma força:

“(...) a emoção é uma força motriz e uma força de ligação, que é parte das energias do corpo porque, [o coletivo] como o meio ambiente é um "reservatório de energias", mas de energias que não são imediatamente unificadas; essas energias compõem – na maioria das vezes com base na resistência mútua, porque elas se opõem – com as do meio ambiente (materiais, objetos, ferramentas, etc.) na parte de sua transação, que é um jogo interativo de diferentes energias.” (QUERÉ, 2015, p. 35, tradução nossa)

A emoção é um “mover” e, desta forma, o componente essencial do modo de transição entre o organismo e o meio ambiente, cuja finalidade principal é a geração de um sentimento. Assim, "a emoção faz parte de qualquer tipo de experiência, e não só da experiência estética" como previamente tratamos a partir de *Einführung* (QUERÉ, 2015, p. 33, tradução nossa). E no espaço público, onde geralmente as pessoas não se conhecem, mas estão no mesmo lugar, essa força, a partir de certas condicionantes, pode estar relacionada a certos sentimentos que podem levar às atividades de sentido comum.

Se tomarmos como base a experiência no espaço público e todo o conjunto de atribuições referentes à Praça, podemos associar emoção como *uma*

*força que busca corresponder a alguns tipos de sentimento.* Com base em seus estudos e observações, Queré (2015) lista alguns, os quais vemos que têm relação com a sociabilização, cidadania dentre outros fatores que notamos ser inerentes à esfera pública. No entanto, independente do que se é atribuído ao espaço, o que soa mais importante destacar é que, quando se está diante da coletividade, o que o sujeito busca é se conectar com o Outro e consigo mesmo, reconhecer-se (TISSERON, 2010). Conectar neste sentido não remete à ideia de uma relação de dependência, mas de estabelecer vínculos através da afinidade ou semelhança. Sendo a emoção uma força participativa da ambiência (KASIG, 2014), partimos do princípio de que a capacidade desta de arrebatá-lo, motivar ou instigar vai de encontro à possibilidade de busca do sujeito de entrar em consonância com seu entorno. Ou seja, quando algo é despertado em nós, reagimos e buscamos entrar em sintonia com o lado sensível que nos é despertado através da ação, seja harmonizando com essa força que rege a situação – entrando em consonância – ou discordando dela – entrando em dissonância.

Neste ponto, nos perguntamos se a captura do sentimento no sentido coletivo seria apenas a agregação de várias emoções individuais, que são mais ou menos semelhantes de forma contingente e que se reconhecem como similares. De fato, Queré (2015) fala da possibilidade da existência de uma convergência de emoções, mas também podemos pensar que essa emoção coletiva resulta de um compartilhamento com base em foco comum, em eventos ou em uma situação de atenção mútua, como afirma Rancière (2008).

Para explicar essa convergência de emoções, Rancière (2008) não desconsidera que esta possa ser o reflexo coincidente de intenções e/ou motivações individuais. Entendemos que isto se deve ao fato de que, mesmo compreendendo que o espaço público tem uma carga sensível coletiva que nos leva ao sentimento gregário, a condição de sujeito público pode nos munir de um caráter mais individualista, como já enfatizaram Simmel (2005) e Sennett (2006). Mas é provável também que a captura de sentimento coletivo possa estar relacionada com intenções coletivas, estando centrada na ideia de *Nós*. Deste modo, a captura de um sentimento pelo coletivo pode ser resultado dos alinhamentos emocionais que são decorrentes da sensibilidade compartilhada pelos valores comuns.

A atestação de que existe um compartilhamento de emoções ou até mesmo da existência de captura de sentimento, a partir do viés coletivo, se dá a

partir da existência de situações ou eventos que ocorrem no espaço público (QUERÉ, 2015). É a partir das práticas e da maneira que elas se reúnem ou se afastam que podemos entender como essas forças entram em consonância ou dissonância, a partir do que o sujeito sente (RANCIÈRE, 2008) – uma descrição que em nosso ponto de vista parece estar intimamente relacionada com as dinâmicas das ambiências.

O compartilhamento de emoções ou sua convergência é apontado por Queré(2015) e Rancière (2008) como um indício da captura do sentimento, que compreendemos se manifestar a partir do engajamento coletivo. No entanto, para que este último se consolide como tal, é preciso que haja uma ativação de valores que sejam comuns e que assim correspondam a um "status coletivo". Este seria o caso de eventos ou de atividades sociais que são vinculadas de alguma maneira à dimensão sensível no aspecto coletivo ou da ordem social presente nas práticas socioespaciais (QUERÉ, 2015). Entretanto, também consideramos que a captura do sentimento, no sentido coletivo, pode estar relacionada com o que reconhecemos no sentido individual, nos remetendo a memórias sensíveis ou até a um reconhecimento de pertencimento a certo contexto cultural.

A forma como nos comunicamos corporalmente e sensivelmente através do comportamento, das práticas, apropriações e até mesmo nas atitudes em relação ao meio e com o Outro pode ilustrar a configuração e a criação daquilo que surgiu através de ações conjuntas que têm certo foco (QUERÉ, 1995). Assim, compreendemos que a maneira como atuamos no meio tem relação direta como gerenciamos o que sentimos o que, segundo Rancière (2008), nos levaria a dois enfoques: atuar no evento, na situação juntamente com os outros que ali estão, ou atuar no meio de maneira individualizada. Ambas as ações estão relacionadas à tentativa de "tentar alterar em grau ou qualidade uma emoção ou sentimento" (HOCHSCHILD, 1979, p561 tradução nossa), o que está relacionado com a maneira não só como experienciamos os lugares, mas como compartilhamos essa experiência.

## **4.2. Autoconsciência e o Outro: interação e experiência**

Ao estarmos imersos na coletividade, por mais individualizados que nossas atitudes e intenções sejam, é impossível não consideramos o Outro, que como nós está partilhando da mesma base espacial. Quando falamos do

compartilhamento sensível, compreendemos que ocorre em paralelo um processo de reconhecimento tanto de nós mesmos, como das nossas ações, reações, comportamentos. Por mais que remeta a algo visível, o que nos toca é sensível e intangível. Por isso, quando na coletividade se manifesta algo que entendemos como correspondente ou vinculado ao que nos toca, ao que nos é similar, acabamos sendo levados ao encontro do Outro. Neste momento adquirimos uma autoconsciência, remetendo ao que tratamos anteriormente a partir da noção de alteridade.

Estar diante do Outro pode levar a diferentes experiências. No segundo capítulo, quando exploramos a relação empática entre sujeito e o Outro, tangenciamos a experiência como uma forma de aproximação e apreensão que seria o alvo da Empatia. No caso do espaço, vimos que é pertinente afirmar que existe uma aproximação não só sensível, mas também corpórea, como demonstram as teorias do engendramento espacial (GALLAND-SZYMKOWIAK, 2017). Segundo Queré (2015), as emoções que surgem entre indivíduo e meio ilustram apenas uma parte da carga sensível envolvida na experiência coletiva, sendo importante também considerar as pessoas implicadas nas situações já que elas podem ser responsáveis pelo prolongamento ou encurtamento dos eventos. E como as emoções são parte da dimensão sensível dos eventos, situações e práticas presentes no espaço, podemos dizer que é o **compartilhamento sensível da ambiência que desencadeia a Empatia Espacial e que sua duração depende da evolução e das dinâmicas do que acontece no espaço.**

A partir de Queré (2015), vimos que no contexto coletivo as experiências podem ser coletivas ou individualizadas, sendo esta última inclusive a maneira pela qual a aproximação sensível ocorre primeiramente. Em se tratando do espaço público, a maneira que a experiência é compartilhada parece expressar a evolução, a transformação, ou até mesmo diferentes níveis ou maneiras de o espaço e suas práticas serem compreendidos, e seus aspectos imateriais vivenciados. Em ambos os casos, a forma de desencadeamento da experiência pode estar relacionada com a construção empática, que ao engendrar a troca a partir da interação pode engatilhar uma Empatia Espacial.

O estudo empírico desenvolvido como piloto permitiu que identificássemos alguns modos de comportamento relacionados a práticas presentes, o que nos levou a questionar o que realmente poderia ser considerada uma experiência coletiva. Em outras palavras, se a experiência é uma troca e a interação ilustra seus diferentes níveis, nos perguntamos qual seria o limiar a partir do qual

determinaríamos que uma pessoa está realmente engajada na coletividade. Essa dúvida surgiu a partir da observação em campo, quando em alguns momentos, via-se que as pessoas não pareciam estar interagindo diretamente (como em uma conversa) ou corporalmente (engajada em um evento), mas cuja presença, por mais passiva que aparentasse, parecia de certa forma revalidar a prática ou o evento coletivo que estava acontecendo.

Sobretudo na Praça Edmundo Bittencourt, era usual encontramos grupos de pessoas juntas em uma atitude aparentemente contemplativa. Embora a expressão facial e corporal das pessoas desses grupos remetesse a comportamentos que convergiam, que eram similares – uma *mimese motora* que em um primeiro momento parece indicar que existe uma Empatia, não era esboçada qualquer outra reação que permitisse corroborar que de fato havia um engajamento coletivo. Aparentemente as práticas seguiam um ritmo que parecia evocar uma linearidade: *com ações e comportamentos que não traziam mudança significativa na ambiência do lugar*. Foi a partir desta observação que supomos que existiria uma possibilidade de a experiência coletiva não estar condicionada apenas a sua fundação, mas também à sua **manutenção** a partir daqueles que praticamente pareciam ter uma postura de espectador.

Esta dúvida, entre qual seria o contexto que permitiria identificar se era uma experiência de cunho individual ou coletivo, é clarificada por Queré (2015). O autor explica que, mesmo na condição de espectador, o sujeito que não interage na conversa pode estar sendo sensivelmente tocado e talvez até mais do que aquele que participa ativamente. Goffman (1983) nos auxiliou nesta resposta ao explicitar dois parâmetros denominados "estrutura de participação" e "status de participação" para diferenciar posições e papéis possíveis, no que ele chama de "reunião social", que nada mais é do que uma descrição da experiência coletivizada. O autor define essas duas noções em referência ao "momento de fala" e como ela se expande em forma de atividade localizada. O momento de fala corresponde a uma estrutura participativa que se abre a "uma gama de oportunidades estruturalmente diferenciadas dentro de uma totalidade de uma atividade ou situação" (GOFFMAN, 1983, p. 146, tradução nossa).

Embora o momento de fala possa ser marcante e importante, uma representação máxima ou até mesmo uma validação da experiência no âmbito coletivo, a conversa não é o único fator a ser levado em conta. Acreditamos que o "momento de fala" mencionado pelo autor envolve qualquer tipo de comunicação (canto, leitura, choro), inclusive a não verbal. Os participantes em uma "reunião

social" podem ser identificados com o compartilhamento do mesmo foco de atenção, a qual não é só cognitiva, mas também sensorial (especialmente visual e auditiva). É o tipo de atenção que, conforme permite a coordenação da atividade, impulsiona o "interesse comum em realizar uma tarefa de acordo com o cenário do plano geral" (GOFFMAN, 1983,p. 146, tradução nossa). Este é, aliás, um viés muito explorado por Thibaud (2013) para identificar o que ele chama de ambiências principais e secundárias. Para o autor, entender para onde os observadores voltam sua atenção pode fornecer pistas sobre a cena principal e, conseqüentemente, das principais práticas, eventos e dos possíveis encadeamentos sensíveis espaciais.

Em uma perspectiva semelhante, Dewey (2005) traz algumas ponderações sobre a experiência do espectador. Em seu livro *Art as experience*, originalmente publicado em 1954, ele estuda como as pessoas, desde sua infância, são moldadas pela experiência. Como professor, seu interesse era fazer da arte uma abordagem interativa a partir da qual seus alunos poderiam aprender assuntos diversos, incluindo política e cidadania. Por incluir temas que têm relação com a esfera pública e com a arte, a qual ele aborda a apreensão a partir da *Einfühlung*, Dewey (2010) traz um panorama diferente de como são criadas novas experiências. A perspectiva de Dewey (2010) nos interessa principalmente por suas associações entre *Einfühlung*, experiência e engajamento coletivo. Para caracterizar o espectador, Dewey (2005) faz paralelos entre a atividade e a passividade na receptividade:

"A receptividade não é sinônimo de passividade. Ela pode ser associada a um processo que consiste em uma série de atos de resposta que se somam à realização objetiva. Ficar passivo não é ficar indiferente. A passividade indica que estamos sobrecarregados com o que nos acontece, não sendo capazes de entender nossa conduta. Quando testemunhamos uma cena que nos deixa passivos, nos sobrepõe e, por falta de resposta, não percebemos o que pesa em nós. Precisamos reunir energia e colocá-la a serviço de nossa faculdade de reação, para poder assimilar "(DEWEY, 2005, p. 79, tradução nossa).

Para Dewey (2005), ser espectador é estar separado da capacidade de conhecer através do poder de ação. Todavia, pode ser um indicativo de uma intenção a se engajar, uma transição, que entendemos poder ser diferenciada de

outras atitudes de indiferença e passividade a partir da (re)ação corporal e dos modos de atenção. Todo aquele que está indiferente, segundo Dewey (2005), estaria na condição de espectador "emancipado", sendo aquele que envolve o "paradoxo do espectador", mas ignora o processo de produção da realidade e por isso permanece indiferente.

Queré (2015) explica que este processo é a base da construção da percepção, que se dá primeiramente de maneira individualizada, é impregnada de emoção e por isso indispensável para a compreensão e avaliação de eventos. A captura de sentimento de forma individual favorece "a interpenetração total do eu no mundo dos objetos e eventos" (DEWEY, 2005, tradução nossa), levando-nos ao encontro do Outro, o que pode despertar ou motivar a busca por fazer parte de um todo, de um coletivo. A imersão no espaço coletivo levaria a uma reflexão sobre o que é sentido, apreendido e vivido de maneira individual e sua convergência para algo que evolui e adquire um sentido maior, a partir da esfera coletiva.

Sem a experiência do Nós, a experiência individual pode ser enfraquecida, uma vez que diante da coletividade ela pode não conseguir ser sustentada durante muito tempo. Já quando sob o viés coletivo, o sentimento se torna tão forte que chega a arrebatá-lo a ponto de nosso corpo ser mais guiado pela reação e pela afetação do que pela racionalização, como já observado em vários estudos relacionados às ambiências urbanas. E, nesta captura de um sentimento que é coletivo, individual, o espaço se torna a base na qual intuimos como participar, como fazer parte. Tornamo-nos, assim, às vezes, sem perceber, membros da coletividade por sermos sensivelmente afetados por nela estarmos imersos:

"(...) uma vez que as emoções são compartilhadas, expectativas, objetivos e as preferências são também. O compartilhamento do que sentimos é muitas vezes a única maneira de capturar a convergência das nossas próprias metas e preferências"(RANCIÈRE, 2008, p, 125).

Assim, entendemos que, ao considerarmos uma interação com o meio ambiente, a emoção que surge do afetar-se e a produção da condição de continuidade da experiência estão intimamente entrelaçadas na receptividade, o que primeiramente parece evidenciar a compreensão da dinâmica da ambiência. A atividade, o agir, dá ritmo à experiência, enquanto a passividade, através de emoção, pode ser integrativa, conectando as diferentes partes em um todo.

A partir de tais considerações, podemos complementar as ideias de quadro e status de participação, diferenciando ambas as formas atividade/passividade do espectador e os graus de sua experiência. A condição de espectador é um modo de participação na experiência pública, mas é ele diverso, variando de acordo com o grau de desenvolvimento da percepção. Obviamente que a condição de experienciador nos dá respostas mais diretas e visíveis, mas na questão da Empatia Espacial, atentar para esses 'intervalos' de adesão é tão ou mais importante do que definir o acontecimento. O que desperta a mudança de posicionamento parece estar relacionado com a maneira com que somos afetados e ao que estamos dispostos a engajar, como veremos a partir da ressonância emocional.

#### 4.3. Flexibilidade mental: a ressonância emocional

O terceiro dos momentos descrito por Decety et al (2006) está pautado no que ele afirma ser uma espécie de regulação emocional. É o que autores como Berthoz (2006a) e Stein (2000) caracterizam como a busca de entrar em sintonia com algo ou alguém. Para Decety (2009), essa flexibilidade mental seria um processo de iniciar, evitar, inibir, manter, modular a ocorrência, forma, intensidade ou duração de estados internos emocionais, intenções pautadas em sentimentos e comportamentos concomitantes, entre outros fatores de origem sensível relacionado ao cumprimento de alguma intenção ou motivação.

Neste processo, o aporte sensível traz um tom sentimental, colorindo ou temperando a situação. As emoções seriam assim concebidas como relacionais, emergindo por meio dos estímulos das relações que se desenvolvem e que pontuam o sujeito na dinâmica socioespacial.

Quando somos afetados, somos inundados de sensações que podem levar a considerar o Outro ou nos fecharmos completamente. E esse fator que nos leva a abertura ou ao fechamento em relação ao Outro, seja ele sujeito ou meio material, conectando-nos ou desconectando-nos, é a **ressonância emocional** (GARVIN e SILVA, 2008).

Na Empatia como um fenômeno unitário, a ressonância emocional aparece entre a captura de sentimento e a projeção, sendo um elo conector que ocorre de maneira inconsciente e que é praticamente a solidificação da manifestação empática. (STERN, 1989) A ressonância surge como a disposição de se considerar

outras perspectivas, nos impulsionando a uma ação ou comportamento automático que nos leva a refletir. Ela não é sinônimo de emoções individuais, mas uma representação de um "pacote interpretativo" (KEYNE e GRAIG, 2012) que expressa a dialética entre o que se sente e a possível compatibilidade com os quadros situacionais que surgem na experiência sensível. Stern (1989) explica que a ressonância está associada à maneira pela qual se é afetado pelo visual, pelos sons e pelas formas, a natureza sensorial. Ela seria "uma autorrepresentação, dentro de uma representação, uma sensibilidade orgânica que emana de todas as sensações internas que despertariam no ser humano o sentimento" (STERN, 1989, p.08, tradução nossa).

Os estímulos que nos chegam podem provocar reações motoras, que por sua vez podem ser associados a sensações, sentimentos, memórias. No entanto, também pode acontecer o caminho inverso: tentamos considerar certas ações para nos enquadrar em certa situação ou para sentir como os outros estão sentido, uma atitude que é desencadeada pela ressonância.

Em sua pesquisa, Trevarthen (2005) diz que a Empatia é uma captura que só ocorre depois de *idas e vindas*: primeiro do sensível para o sujeito, depois do sujeito para o meio. A ressonância emocional estaria inserida nesta troca emocional dinâmica, constituindo uma comunicação não verbal do sujeito consigo mesmo que pode ser compreendida como um sinal que motiva ou desmotiva o sujeito a continuar seu modo de comportamento. Para Trevarthen (2005) a motivação e a intersubjetividade estão enraizadas na detecção dos estímulos. A partir daí seríamos inspirados, ou nas palavras do próprio autor, "empurrados" em direção ao Outro. Através desse encontro aconteceria uma interação que levaria a um tipo de manifestação emocional, uma reação que o autor denomina como mimetismo motor. A ressonância surgiria assim como um comportamento que seria regulado ou não a se apropriar da situação observada. Caso exista um encadeamento onde a ação corresponde ou corrobora o que se sente, o sujeito busca entrar em sintonia com a situação. Caso não esteja de acordo, ou haverá o fechamento por parte do sujeito a engajar na situação que lhe é colocada, ou se buscará entrar em sintonia a partir de outra ação ou outra situação presente, tornando assim a construção da empatia um processo de idas e vindas.

Por ser esse "pacote interpretativo", a ressonância emocional pode facilitar a interação com o mundo, já que entrar em ressonância significa em linhas gerais estar disposto a modular a sua própria frequência, sua vibração. Ela se consolida como um arcabouço corpóreo e emocional que busca correspondências que não

precisam de uma mediação cognitiva. Este é um processo inconsciente e está relacionado às crenças, valores, ideias que são tidas como importantes para a vida do indivíduo e que assim o molda.

Ao discutir como as práticas sociais produzem significados coletivos variados, Keyne e Graig (2012) explicam que a ressonância emocional é fortemente relacionada aos contextos culturais. É por meio dela que são mediadas as práticas ideológicas que nutrem as relações sociais, os significados e as interpretações que se têm do mundo. Um ponto interessante ressaltado pela autora para o estudo da Empatia Espacial é a relação da ressonância emocional com a localização espacial. Com base em estudos empíricos, Robnett (2004) demonstra que certos pontos espaciais escolhidos para reunirem certos grupos sociais estão relacionados com o grau de ressonância emocional. Segundo a autora, quão mais fechado o grupo social, inclusive se pertence a uma cultura muito específica, mais restritas serão as práticas sociais que o ponto escolhido vai permitir. É praticamente como direcionar aqueles que estão ali a uma ressonância única, que mediará não só as práticas sociais, mas também ideologias.

Na Empatia Espacial em específico, entendemos que o papel da ressonância emocional não se restringe apenas à flexibilidade mental, mas em sua relação com a localização, uma constatação que é correlata à descoberta de Berthoz (2006) em relação à Empatia. Em um experimento de cunho neurológico, o autor constatou que a mesma área do cérebro relacionada à Empatia, no sentido de colocar-se no lugar do outro afetivamente, é a mesma que é sinalizada quando nos localizamos espacialmente.

Toda experiência ou situação pode estimular variadas respostas emocionais que, em seguida, promovem uma incongruência entre o significado, a prática ou a ideologia da organização situacional do grupo. A emoção aparece, portanto, dentro de um campo que busca apreender as emoções através das relações que se estabelecem, mostrando-se social, cultural e impressa entre as pessoas. Somos influenciados não só pelas ações, mas também reconhecemos uma similaridade de emoção a partir de qualquer outro (homem, objeto ou espaço físico), contribuindo para que entremos em estado de integração com as ambiências.

Assim, com relação à ressonância, componente do último item do processo empático, entendemos que na Empatia Espacial ela não estaria só condicionada a uma modulação emocional, mas também como um fator que atribui uma pontuação

espacial. A partir dela podemos vincular à Empatia duas outras condicionantes: o ritmo e o movimento, ambos associados à cinestesia.

#### **4.4 A Empatia Espacial: delimitação da ferramenta**

Quando partimos da premissa de que todos os espaços são empáticos, estamos dizendo que as condicionantes necessárias para a ocorrência da Empatia Espacial se fazem presentes no espaço urbano a partir de seus elementos. A ambiência, que é relativa ao lugar, a experiência é como conhecemos o espaço e, conseqüentemente, como apreendemos o objeto alvo de Empatia e a ressonância emocional, que contribui para que reconsideremos nossas perspectivas.

As duas primeiras são inerentes ao meio e a última mais ao sujeito. Mas, assim como estar presente na ambiência não nos faz engajar coletivamente (DUARTE et al, 2015), apenas a presença desses três fatores não faz com que seja consolidada uma Empatia Espacial. É preciso que haja um encadeamento, levando à existência de um ritmo. O que defendemos aqui é que a Empatia espacial vai depender da maneira não só como suas condicionantes acontecem, ou seja, como elas são engatilhadas, mas sobretudo como elas são tecidas, costuradas.

Pela lógica da estruturação dos momentos que constroem a Empatia Espacial, seríamos primeiramente tocados pela ambiência. Na Praça São Salvador, onde ao longe já podemos ouvir a música ou na Praça Edmundo Bittencourt quando, ao entramos na rua paralela que lhe dá acesso, sentimos a tranquilidade do lugar antes mesmo de vê-lo, são exemplos de situações onde sentimos a ambiência antes mesmo de chegarmos ao lugar. Em contato com a ambiência somos estimulados através de sua imaterialidade, o que favorece o surgimento de emoções, sensações, sentimentos que conseqüentemente nos levam a reações. Esse seria o primeiro momento, o afetar-se.

Com o afetar-se e as reações que daí são acarretadas, podemos ser motivados, instigados ou até mesmo o inverso, desestimulados a corresponder a certos tipos de ações. Esse é o momento no qual buscaremos corresponder ativamente à ação provocada e onde ela se enquadraria para ser executada. A partir de um engendramento espacial, buscaremos não só que o espaço nos dê suporte, mas correspondências sensíveis que contribuem socialmente e espacialmente para a nossa pertinência ao contexto que nos é apresentado.

Conforme os estudos de James (2010), esse enquadramento de ação é influenciado pelo comportamento do Outro, que nos leva a perceber onde haveria uma possível correspondência e onde nossa ação seria mais bem ajustada no contexto. Neste ponto, estamos fazendo referência à similaridade, que seria o que nos levaria ao encontro do que para nós, ainda de forma inconsciente, é reconhecido e por isso entra em sintonia em consonância com nosso estado de espírito.

Mas, a subjetividade faz com que cada um encare e entenda a situação de maneira diferente a partir de sua própria história, crenças, valores e experiências de vida. Depois dos dois momentos, chegaríamos ao terceiro, o qual poderíamos descrever como a *captura de sentimento*: a nossa motivação a estar ali poderia ser enquadrada em um campo de ação e em uma dimensão sensível. Neste caso, a captura do sentimento (intenção) é o engajamento coletivo. Entretanto, a Empatia Espacial não seria apenas condicionada a um momento ou a uma simples captura, mas a uma busca por entrar em consonância a partir de um encadeamento rítmico.

O transcorrer do evento produz uma mutabilidade nas práticas dos grupos sociais que nos levam a ser afetados em vários momentos, contribuindo para que a Empatia Espacial não se finalize a partir de sua consolidação única, mas a partir de uma reconstrução que se apresenta a cada câmbio sensível, despertando em nós a necessidade de uma flexibilidade mental.

Quando interagimos, estamos em um processo de troca onde nos sintonizamos em relação ao Outro por meio de várias experiências emocionais. Essas experiências em relação ao espaço estariam associadas aos eventos, situações coletivas nas quais nos encontramos ou somos levados a vivenciar. Assim, a cada novo estímulo que nos afeta somos levados a repetir o processo, cuja continuação se daria de maneira rítmica que nos levaria a movimentar, tanto corporalmente como imagetivamente através das diferentes situações. Esse processo em serial, que proporciona a continuidade da experiência, levaria o sujeito a diferentes vivências e níveis de interação e participação, que em alguns momentos corresponderão às suas expectativas. Assim, quando fornece um suporte para o engendramento corporal, o espaço consegue estabelecer uma ponte entre a motivação e a ação.

O caminho que traçamos até aqui, relatando como as dinâmicas de afetação e engajamento ao espaço físico são desenvolvidos e suas respectivas condicionantes envolvidas na Empatia Espacial, constroem pontes de saber para a definição que talhamos a partir de experimento-piloto em duas praças no Rio de

Janeiro e, em especial, através das incursões em duas praças estudadas na França, durante o estágio doutoral, nas Praças Victor Hugo e Jardin de la Maire.

Deste modo, a análise do relato de consolidação do processo nos auxilia a delinear **definitivamente** o conceito. Em linhas gerais, a Empatia Espacial poderia ser entendida como um conceito estruturador e fundante da experiência. Fundante porque é por meio dela que estabelecemos maneiras de como podemos intermediar o que sentimos pelo lugar com as ações e práticas suportadas em sua base espacial. Através do imaginar-se (projeção) podemos experimentar possibilidades e da ressonância emocional reconsiderar perspectivas. Estruturador porque ela direciona o engendramento, estruturando a experiência a fim de que se possa haver uma consonância entre o que o lugar desperta sensivelmente no sujeito, as ações possibilitadas e seu estado de espírito que estaria relacionado com as intenções. E, no engendramento, as ações podem não apenas modificar as práticas, mas o que se sente a partir da ação, levando a mudanças ou até mesmo uma manutenção da ambiência através do ritmo desencadeado, nos levando a uma Empatia Espacial: **quando, ao engajarmos coletivamente, a consonância entre as práticas abalizadas espacialmente e o sentimento que nos é despertado são ativados. Quando dizemos que sentimos Empatia por um lugar, não é só porque nos vemos como parte da situação, mas porque inconscientemente vemos sentido na maneira que nosso engendramento é direcionado.**

Um ponto importante a esclarecer é que o engendramento necessariamente não precisa ser corporal. Ele pode ser também através do ato de imaginar-se percorrendo certos caminhos, considerando certos pontos ou até através do considerar a possibilidade de engajamento em certos grupos sociais. Este seria, na Empatia Espacial, o que equivale ao projetar-se, que entendemos acontecer durante toda a experiência espacial, mesmo se já estiver engajado em certo evento ou ambiência (que por sua vez exige a ativação *in loco*). O projetar-se através do imaginar favorece que o sujeito possa, por exemplo, vivenciar uma experiência plural estando corporalmente engendrado em certo ponto do espaço, mas com a atenção voltada para outros pontos que posteriormente podem levar à continuação do engajamento. Este fato nos leva a colocar maior atenção para o espectador por compreender que seu posicionamento diante de certa prática, mesmo não sendo direto, pode indicar que está se considerando em uma participação corpórea mais direta.

Quando falamos de captura de sentimento, estamos fazendo referência à afetação e como os diversos estímulos que provocam reações nos levam a um

sentimento, a uma disponibilidade mental que é similar à apresentada pela coletividade. Assim, não depende só do que o espaço nos provê e nos faz sentir, mas como ele ritmicamente direciona nosso engendramento (é direcionado) para que sejamos sensivelmente afetados. Em se tratando da Praça, um dos fatores que acreditamos direcionar nosso engendramento em primeira instância é sua associação com um espaço de sociabilidade.

No percurso histórico que trouxemos no segundo capítulo, demonstramos como os espaços públicos acompanharam as mudanças nas cidades em sua mais diversa ordem – política, social, econômica e cultural. Agora, fazemos uma junção com a ciência de que existe uma carga sensível relacionada a cada espaço que diz respeito tanto à sua história dentro da cidade como à importância de seu papel nas práticas cotidianas. Esta bagagem sensível acaba por imbuir, mesmo que indiretamente, as práticas, os eventos e a até mesmo a própria ambiência, pois a experiência coletiva favorece o engatilhamento de uma Empatia Espacial, onde o engendramento espacial permite ativar nossas emoções.

#### **4.5 A Empatia espacial e seus gatilhos**

A consolidação da Empatia Espacial, como mencionado acima, parte de três momentos: o afetar-se e a correspondência perceptiva da ação, que depende da ambiência e das ações desencadeadas por ela de maneira coletiva, autoconsciência a partir do Outro através da interação e a flexibilidade mental, que ocorre a partir da ressonância emocional, a qual está relacionada mais diretamente ao sujeito, suas crenças, valores e pensamentos.

A presença ou a ocorrência desses momentos, por si só, não garante o sucesso do desenvolvimento de empatia. É por isso que compreendemos que a base espacial se torna importante, pois é a partir do suporte e das possibilidades por ela oferecidas que os ritmos, as práticas e os encadeamentos poderão ser consolidados. Ao entrar em contato com a ambiência, o sujeito tem a sensibilidade instigada por estímulos os quais se refletem em seu corpo e ganham sentido em sua mente. Seu corpo, então, será "levado" a buscar entrar em sintonia com o que é sentido. Porém, a Empatia Espacial não seria um processo pontual a partir do momento que, teoricamente, alcançamos ou encontramos essa sintonia uma única

vez. Ela pode ser continuada a partir de como esse espaço tece as condicionantes favorecendo um engendramento que pode ser corporal ou mental.

Neste sentido, trazemos agora alguns fatores que são importantes no engatilhamento da Empatia Espacial. Tais fatores compreendem elementos relacionados aos aspectos imateriais, ao espaço enquanto suporte físico além de condicionantes de aspectos sociais e relacionados ao sujeito. Tais descobertas foram possibilitadas pelos experimentos nos contextos vivenciados da Praça Edmundo Bittencourt e São Salvador, no Rio de Janeiro, mas foram ratificadas na imersão e finalização da proposta metodológica delineada nas praças Victor Hugo e Jardin de la Mairie em Grenoble, França.

#### 4.5.1 Condicionantes imateriais

Na primeira parte da tese, quando falamos de ambiências, mencionamos que o afetar-se tem sido recorrente em seus estudos, principalmente nos últimos anos. Várias são as maneiras que esse viés aparece sendo explorado e conseqüentemente a partir de diferentes enfoques como a motricidade (THIBAUD, e THOMAS, 2004), dimensão emocional (KASIG, 2014), estética emocional das ambiências (GRIFFERO, 2014; BÖHME, 2016). Mas principalmente nos últimos autores, nota-se que a relação com a emoção é feita de maneira mais direta, uma perspectiva mais recente e que, segundo Thibaud et al (2016), tem trazido muitas contribuições para o estudo da dinâmica das ambiências.

Entender a dinâmica das ambiências não apenas nos traz contribuições para o estudo urbano, mas também para a compreensão da Empatia Espacial, já que ela corresponde ao que a *Einfühlung* descreve como *Stimmung*. Especificamente na Empatia Espacial, acreditamos que a compreensão de como “o objeto chama”, no sentido de que a ambiência nos convida ou motiva a certos tipos de ações e reações, é importante para entendermos os fatores sensíveis e materiais envolvidos neste processo.

Para se refletir ou até mesmo explorar as dinâmicas das ambiências, deve-se ter em mente que o lugar, sobretudo se é um espaço público, constitui-se de um jogo de tensão e relaxamento, um ritmo que lhe dá sua verdadeira consistência. (THIBAUD, 2002). Essa é inclusive a premissa tomada por Kasig (2014) em seus estudos sobre uma Praça em Bonn, na Alemanha, para analisar uma ambiência

que motiva a contemplação em detrimento de uma que motiva o engajamento da ação corpórea.

A partir das duas Praças exploradas no Brasil, São Salvador e Edmundo Bittencourt, notamos haver ambiências diferentes, um aspecto que ficou muito evidente quando, ao comparamos os croquis etnográficos realizados durante as primeiras incursões, vimos que existiam paletas de cores diferentes (paletas ópticas, sensoriais e sociais). Ao relacionarmos a experiência coletiva e sua relação com a emoção, com a convergência ou divergência de forças partilhadas pelos sujeitos, compreendemos que os ritmos que se instauram em ambos os lugares possuíam diferentes delineamentos.

Ambas as Praças são caracterizadas por uma cotidianidade, pelo uso diário e pela presença de frequentadores das mais diversas idades. Mas ao contrário da Praça localizada em Copacabana, a Praça em Laranjeiras parece por meio de sua ambiência permitir uma maior manifestação de espontaneidade por parte de seus frequentadores e a maneira como estes se apropriam dela. Na Praça São Salvador, a ambiência de festividade parece continuar pairando no ar mesmo nos dias sem música. Já a Praça Edmundo Bittencourt tem um ar bucólico que lhe é inerente e que ‘acende’ antes mesmo de se chegar nela. As ruas que lhe dão acesso, e que não permitem que se tenha um primeiro contato visual com o lugar, parecem preparar por meio de sua ambiência o que está por vir. É um ritmo mais calmo, que não tem grandes mudanças, grandes oscilações. E mesmo nos dias de festa, esse ritmo calmo parece se manter, como se fosse parte inerente do lugar.

Falar dos diferentes ritmos que capturamos a partir de cada Praça, nos remete à relação que Milliot (2013) estabelece em relação ao ritmo da ambiência e o espaço público. Em um de seus estudos, a autora versa sobre a análise das modalidades sensíveis e como estas se relacionam com a copresença das pessoas no bairro parisiense La Villette, em Paris. Milliot (2013) menciona constantemente a dinâmica das ambiências quando fala sobre a “irradiação das coisas”, como uma referência genérica aos elementos e práticas espaciais. A autora descreve uma “densidade elétrica que produz sensações contrastantes e ambivalentes que vão desde se sentir exposto até comprometido com o ambiente” (MILLIOT, 2013, p.07).

A ambiência deste se caracteriza por uma vida pública que leva todos a reposicionarem-se em um mundo plural. Conversar com um estranho, fazer piadas com estranhos em um café, fazer parte por acaso de um evento, juntar-se com os outros para comentar o espetáculo da rua, posicionar-se e justificar-se a ações que vão

além do nosso próprio quadro normativo, são experiências que têm fortes repercussões em termos de socialização e dinâmicas sociais (MILLIOT, 2013, P. 08 tradução nossa)

O posicionamento de Milliot (2013), ao associar o pluralismo do espaço com a ambiência, leva-nos em uma direção semelhante. Assim, remetendo ao pensamento da autora, trazemos dois tipos de ambiência que traçamos a partir das observações realizadas nas duas praças: a *ambiência “plural”* e a *ambiência “linear”*. É importante ressaltar que ambas são micro ambiências<sup>6</sup> (LIRA, 2014), e que a depender da maneira em que são “costuradas”, podem potencializar a fundação das experiências coletivas.

A ambiência plural é uma ambiência que pode ser redirecionada, pois seu tom depende do público. Ela se caracteriza pela captação ou exposição de diferentes ações trazendo um ritmo oscilante que é construído a partir da dinâmica de seus atores. Se hipoteticamente uma ambiência plural pudesse ser desmembrada, ou seja, se todos seus elementos constituintes fossem fraccionados, ela provavelmente seria transformada. Ela geralmente é nuclear, no sentido de que podemos ter ideia do evento que ali se consolida e que, ao mesmo tempo, é independente de outros micro eventos, situações que servem para reforçar essa pluralidade. Essa ambiência é agregadora, ou seja, ela atrai outras situações para ela e ela inclusive interage com outras possíveis ambiências que surjam ao seu redor. Essa pluralidade a torna mais convidativa, pois, além de permitir ser modulada, ela se mostra aberta a receber qualquer tipo de ação, favorecendo para que diferentes formas de experienciar o espaço (seja por meio da ação direta ou da observação) reforcem a ambiência no âmbito da coletividade. É uma ambiência que é partilhada a partir da ideia do Nós, do valor de uma atividade comum, e assim na partilha de um sentimento comum. É uma ambiência associada a sociabilidade.

Já a ambiência linear foi assim nomeada por parecer possuir uma linearidade rítmica, que parece modular as ações. Ela não tem um núcleo definido que nos permita identificar um evento principal, mas ela pode ser identificada a partir do espaço, de maneira que as pessoas se apropriem de suas ações. Essa ambiência é fechada e parece estar mais relacionada a uma tonalidade afetiva.

---

<sup>6</sup> Por ‘ambiência-originária’ chamamos aquilo que promove a construção de uma noção conglomerada de ambiência, que só é possível de ser nomeada após a observação de várias ‘ambiências-originárias’. Seria assim uma bolha maior, que engloba as microambiências (LIRA, 2014)

Caso haja algum evento que mude as ações que lhe são correlatas ela é susceptível a se fraccionar e enfraquecer. Nela parece que a quebra do ritmo linear quebra a frequência dos eventos, que devido ao espaço – sua configuração, sua morfologia – não permite um leque maior de ações. Pelo que observamos, essa ambiência, que caracterizamos como linear, é pautada na partilha de uma intenção comum, mas que se consolida a partir da convergência do mesmo interesse individual. É uma ambiência que tem uma forte relação com a base espacial e que por isso aparece relacionada ao ceder, onde o corpo é levado a se adequar com o que lhe é apresentado. A ambiência plural é mais observada na São Salvador, enquanto a linear é característica da Praça Edmundo Bittencourt. Isto não quer dizer que elas não ocorram em ambas, o que vai depender dos eventos, situações e práticas sociais, os quais têm o poder de, a partir de suas ações e motivações, (re) configurarem o espaço.

Ainda supomos haver uma terceira ambiência, que aqui caracterizamos como pontualmente dispersa. Estas seriam ambiências que se situam “*entre*”, remetendo ao conceito tratado por Santana (2010). Elas se formariam a partir das rebarbas sensíveis, isto é, das sensações e dos sentimentos que, de alguma maneira não convergem nem divergem. Elas seriam fortemente sensoriais, uma ambiência de manutenção e por isso teriam uma dupla função: de enfraquecer uma ambiência levando-a se desfazer ou a mudar, permitindo corroborar a ideia de que o espaço é constituído por forças opostas, ou de fortalecer uma ambiência, favorecendo a fundação da experiência a partir da convergência. A outra função e mais importante é que essas rebarbas sensíveis permitem que as microambiências sejam interligadas, costuradas entre si, já que elas estabelecem pontes sensíveis, o “entre” a experiência individual e coletiva.

Sobre esta última ambiência, como a categorizamos em conjunto com as outras duas que apresentamos, a delineamos de uma maneira correlata à ambiência linear e à plural. No entanto, durante a experiência de imersão urbana da França, que falaremos no segundo capítulo, foi possível observar a existência dessa rebarba sensível, que supomos ser este tipo de ambiência. Tem a ver com o ritmo, com evento serial da experiência, a possibilidade de ressonância e a conseqüente captura de sentimento. Não só faz as entidades oferecerem possibilidades incorporadas, mas o mesmo objeto pode ser utilizado de várias maneiras diferentes, dependendo da prática em que está envolvido.

#### 4.5.2 Condicionantes sociais e culturais

Se considerarmos que a Empatia é uma comunicação não verbal (CALIANDRO, 2004), a experiência coletiva não se manifesta apenas a partir dos eventos, situações e práticas espaciais, mas também através do compartilhamento desta comunicação entre o sujeito e o que se encontra ao seu redor.

Quando sentimos algo, comunicamos através do nosso corpo, um processo que ao ser interiorizado por nós serve tanto para comunicar o que estamos sentindo como para ampliar nossas motivações e intenções. No estudo empírico, foram os sinais emitidos pelo corpo e pelo engendramento espacial que serviram de parâmetro para a observação participativa a partir da etnotopografia. Da mesma maneira, para o nosso estudo de campo, essa forma de comunicação nos auxiliou a “ler” os sinais. Ela demonstra ser, assim, uma maneira de o Outro se reconhecer (ou não) nas práticas, ações e até mesmo localização espacial.

As experiências são formadas de maneira individualizada e podem até ser correlacionadas sem serem confundidas, porque os pontos de vista permanecem singulares. Mesmo quando está inserida na experiência do Nós, quando assume delineamentos de uma experiência coletiva, a experiência de cada um é de cada um. Mas “a experiência do Eu é uma coisa, enquanto que a experiência do Eu no Nós é outra” (RANCIÈRE, 2008, p. 32 tradução nossa). É a comunicação não verbal da experiência individual que pode se transformar em uma experiência “comum e pública”, gerando “uma existência comum e pública em que cada indivíduo participa mais ou menos e ao qual ele próprio pertence” (Park, 1921, p. 15). Produzem-se, assim, gestos, sinais, símbolos, palavras e conceitos que podem ser entendidos por certas pessoas.

Por mais que os comportamentos, as ações, reações e até mesmo a captura sensível sejam refletidas corporalmente como uma resposta ao meio, não podemos esquecer que não são apenas as condicionantes climáticas ou fisiopsicológicas que estão envolvidas. A cultura e o grupo social, ao qual o sujeito se sente pertencente, também moldam suas ações, reações e principalmente o reconhecimento daquilo que lhe é estranho ou familiar, exatamente através da produção de um tipo de comunicação não verbal que pode ser compreensível por certo grupo.

Alguns autores como Dewey (2010) e Tisseron (2010) concluem que cada sociedade tem sua cultura emocional que expressa seus valores, regras e normas

sociais, que prescrevem os tipos de emoção apropriados para diferentes ocasiões. Isso pode levar o sujeito por iniciativa própria ou por influência dos outros a corrigir as formas como ele expressa suas emoções publicamente. E esse reconhecimento das práticas e dos costumes com que temos contato, a partir da experiência espacial, é outro gatilho importante para a Empatia Espacial.

Neste sentido, destacamos um fator relacionado ao pertencimento social e que pode ser relevante para o estudo da Empatia Espacial: as *regras sentimentais*: padrões que fazem referência não apenas à manifestação pública do que se sente, mas ao que pode ser conveniente para se sentir e experimentar ou não, de acordo com circunstâncias Queré (2015). Para ser mais do que reflexos automáticos, as emoções "devem se tornar uma parte integrante de uma situação global", isto é, não basta apenas afetar-se, mas ter um contexto no qual se possa reconhecer que certa reação/ação corresponde a certo sentimento e a certa situação.

Em um funeral, as regras de sentimento prescrevem tristeza como emoção obrigatória. Se você comparecer ao funeral de uma tia rica que você nunca teve contato, mas é o único herdeiro, você deve sentir culpa ao invés de sentir contentamento e alegria e assim você irá reprimir esses sentimentos. É precisamente para evitar afetos desagradáveis, como preocupação, vergonha ou culpa, que aderimos às regras oficiais do "sentimento". (QUERÉ, 1995, p. 45, tradução nossa)

Esse reconhecimento não se trata de algo cognitivo, e sim de distinguir o automático do que pode ser imbuído de sentido, levando-nos ao encontro e à vinculação a um tipo de evento e/ou prática espacial, que nos remete a certo tipo de ambiência. Por isso entendemos, que na Empatia Espacial não podemos apenas ver as práticas como uma tentativa de (re)configurar o espaço, mas também de modificarmos o que sentimos

#### 4.5.3 Condicionantes físico-espaciais

Segundo DEGEN et al (2010), as diferentes experiências que decorrem da nossa imersão no meio se fazem presentes devido a certas conjecturas, que envolvem fatores materiais e imateriais. Nosso corpo é afetado em todos os

momentos pelo espaço e por tudo que nele se faz presente, onde consideramos os elementos que estão relacionados a seu aspecto físico, as pessoas e a ambiência.

Sendo a experiência coletiva entendida como o resultado de forças – emoções – que convergem porque nos reconhecemos ou porque compartilhamos do mesmo sentimento e comportamento, compreendemos que é necessário que exista certo suporte, por parte do espaço, para que as reações que nos tomam corporalmente possam ser canalizadas através de ações. É a materialidade da cidade que constantemente embasa a concretude de nossas ações, afinal, nossa experiência no espaço construído, por mais sensível que seja, é desdobrada a partir da Carne e da Pedra (SENNETT, 2010).

Como já sabemos, a maneira que o espaço é configurado pode interferir na experiência do lugar. Nosso corpo tem uma maleabilidade que responde, interage e se remodela de acordo com o entorno e com os recursos e elementos disponibilizados pelo meio. Vimos, através das teorias do engendramento espacial, que a arquitetura como *a arte do espaço* favorecia um tipo de experiência empática distinta das outras artes, que como ela também poderia ser tida como visual. E, em se tratando da Empatia Espacial, considerar o espaço materializado e sua estética não poderia ser diferente.

Na observação empírica realizada em praças do Rio de Janeiro em 2017, notamos que o espaço físico – assim como objetos de cunho espacial como mesas, coretos, chafariz – tinham um papel preponderante na questão de possibilitar e/ou restringir certas ações. Assim, mesmo havendo a intenção ou até mesmo a fundação da experiência coletiva, notamos que havia também certo balizamento do campo de ação, ampliando a concretização ou até mesmo podendo a sua expansão. Da mesma forma, a presença ou ausência de alguns elementos pareciam direcionar a um uso mais específico, não permitindo outra atividade ou até mesmo outra maneira de se apropriar que não fosse permitida por alguns suportes e equipamentos espaciais.

Enfatizar esse lado físico espacial nos leva a dois momentos, onde no primeiro exploramos a expansão ou a contenção no sentido da ambiência, da convergência de força e da conseqüente captura do sentimento; no segundo entendemos a ação em si e como esta pode ser concretizada ou extinta a partir do abalazamento espacial.

#### 4.6. O espaço que converge/diverge e o encadeamento espacial

Além das ambiências “plurais” e “lineares” que explicamos anteriormente, identificamos também a existência de uma terceira que chamamos de ambiências “entre”, obtidas sobretudo a partir das rebarbas sensíveis das outras ambiências.

Embora nas duas praças estudadas no Rio de Janeiro só tenhamos identificado a presença de uma das duas ambiências – ou plural, ou linear – combinada com a ambiência “entre” não descartamos que possa haver situações e lugares com a combinação das três e até mesmo outros tipos de ambiência. Os tipos de ambiências levantados estão relacionados com a fundação das experiências coletivas, sendo a terceira, a ambiência “entre” a que se relaciona mais intimamente com a manutenção e possivelmente estruturação das outras ambiências.

Não é só a consolidação desses tipos de ambiência que possibilita a continuidade da experiência coletiva; também o modo como elas são costuradas: um fator que depende tanto das práticas espaciais como da maneira conforme o espaço propõe, direciona, agrega, separa o entrelaçamento dos eventos e situações que correspondem à manifestação dessas ambiências.

Ao entender que as possibilidades do organismo dependem, em algum sentido, da forma ou das características de quem as percebem, Gibson (1977) afirma que o significado do ambiente consiste do que é viabilizado. São exatamente essas possibilidades que, mais tarde, Gibson (1977) denominou como *affordances* e que tomaremos como uma premissa para compreender melhor a convergência, divergência e o encadeamento do processo de Empatia Espacial. Por isso, antes de explicarmos as nossas suposições, falaremos um pouco sobre *affordance* (GIBSON, 1977)

As *affordances* do ambiente são pautadas no que o meio pode oferecer enquanto possibilidade de ação. Gibson (1977) diz que durante o ato perceptivo não são as qualidades ou as propriedades dos ambientes que são captadas e sim as ações que podem ser realizadas. Para ele, o agente ao invés de perceber as qualidades do objeto, percebe *affordances* e conseqüentemente o comportamento associado às características do ambiente. De fato, se considerarmos a Empatia Espacial podemos compreender que o sujeito sente as qualidades do objeto, que lhe são apresentados pelos estímulos presentes no âmbito sensível das ambiências. Esses estímulos trazem uma afetação e em seguida reações que

levam a ações que precisam de um campo de atuação que permitam sua concretização.

No contexto das microambiências e de sua inter-relação, que em nossas conjecturas se consolida como a maneira na qual a experiência se torna um processo continuado, observamos que existem alguns parâmetros espaciais relacionados a uma permissividade de interação entre as ambiências.

A primeira que frisamos é a amplitude visual. Na Praça São Salvador, as muretas que cercam o parquinho infantil e o coreto são baixos; ao mesmo tempo em que contêm as atividades ou eventos que ali acontecem, servem como bancos que possibilitam que os espectadores que estejam sentados optem a ficar virados para dentro, para o evento, ou para fora, favorecendo o contato – visual e de conversa – com pessoas que estejam “fora” da contenção. A possibilidade de permitir que aqueles que estão no parque infantil tenham visão do que acontece no coreto, no outro lado da praça, possibilita um contato visual, um modo de atenção que favorece uma participação como espectador. É essa possibilidade de compartilhamento, a partir dos modos de atenção e até de um contágio emocional da música que se desdobra no coreto e que pode ser vivenciada pelos que estão no parquinho infantil, que conjecturamos como uma amplitude visual tem relação com o comportamento e a ação.

Na Praça Edmundo Bittencourt, notamos o inverso, uma vez que existem grades entre meio metro a um metro e meio que cercam o espaço, particionando de uma maneira que as atividades ali realizadas não são visualizadas por quem, por exemplo, está no outro lado da praça. No caso desta praça, acreditamos também que a observação da presença das ambiências lineares se deve porque os equipamentos urbanos não permitem outras formas de usos e assim restringem os comportamentos. Enquanto na Praça São Salvador as muretas baixas servem como bancos, ao mesmo tempo em que zoneiam algumas partes da praça sem restringir o olhar, na Edmundo Bittencourt as grades que cercam a quadra e o parquinho parecem, de certa maneira, zonear a área trazendo controle em excesso para a área de mesinhas. Esta área da praça está constantemente com pessoas, mas todas permanecem sentadas e separadas umas das outras. A distância entre as mesinhas permite que haja uma separação, onde é possível se deslocar entre elas, mas raramente as pessoas passam por ali, possivelmente por estarem dispostas de maneira alternada, levando a quem pense passar entre elas a um movimento de zigzague. Mas, ao mesmo tempo, tem um afastamento que poderia ser um caminho para pedestres, as mesinhas têm uma distância que

implica que os diferentes grupos estejam separados. Assim, as ações e os comportamentos acabam sendo moldados, gerando uma ambiência linear que se caracteriza muito mais pela convergência de uma motivação individual do que o compartilhamento de uma situação que tem o compartilhamento de uma atividade comum, como é considerada a partir das ambiências plurais.

Entendemos que a amplitude visual tem relação direta no processo do imaginar-se. Poder ver o que acontece no outro lado da praça, por exemplo, favorece para que do ponto onde se está se possa engendrar possíveis percursos e engajamentos, ou seja, ativar a imaginação. Por isso entendemos que o ato de se imaginar que se está, ou que se pode estar em alguma situação ou evento, ou até em algum tipo de ação e comportamento, é igualmente relevante no processo.

Por estar relacionado com a ideia da projeção, o imaginar-se na Empatia Espacial faz com que os caminhos possam ser determinados antes mesmo que eles sejam tomados e que algumas situações sejam ponderadas. Conforme Heidegger (2002), atravessamos espaços antes mesmos de os ter sobre nós ao longo de toda travessia:

Quando começamos a atravessar a sala em direção à saída, já estamos lá na saída. Não nos seria possível percorrer a sala se nós não fôssemos de tal modo que somos aquele que está lá. Nunca estamos somente aqui como um corpo encapsulado, mas estamos lá, ou seja, tendo sobre nós o espaço. É somente assim que podemos percorrer um espaço. (HEDEIGGER, 2002, p.31 )

Além da amplitude visual, o ato de imaginar-se também pode ser relacionado à *affordance*, o que nos leva ao encontro das teorias de engendramento espacial (GALLAND-SZYMKOWIAK, 2017) pautadas na *Einfühlung*, tratadas no primeiro capítulo. Nelas, vemos que o imaginar-se pode ser correlacionado à ideia de intuição espacial tratada por Schomanov, onde o que intuímos espacialmente pode ser equiparado ao que o espaço nos faz compreender como possibilidades de ação ou até mesmo as possibilidades de imaginação.

Entretanto, não é só na costura das ambiências que a base espacial e a *affordance* tem influência. O ritmo espacial é um dos responsáveis pelo 'afetar-se'. Esse ritmo não está associado apenas ao deslocar-se, mas como as

condicionantes relacionadas à Empatia Espacial são engatilhadas e tecidas entre si, fatores relacionados ao compartilhamento da experiência.

Ao estar imerso na ambiência, somos levados a manifestar ações e reações que estão relacionadas com a sua natureza interna. O estado de espírito será influenciado também a partir de como, quando e o que será quando em contato com a ambiência. Neste sentido, o sujeito expressará em forma de ação, reação, motivação, uma vez que o que é apreendido é capturado pelo corpo. Quando estamos em contato com a coletividade, existe uma força motriz que pode convergir para certos pontos espaciais, certas regras comportamentais e sentimentais que podem ser reconhecidas ou não por nós. Um ritmo mais rápido favorece uma ambiência mais cambiável, um feito que depende de como se desdobram as práticas e eventos instaurados no espaço, assim como os grupos sociais presentes. Assim, a Empatia Espacial estaria atrelada não só à maneira que o corpo engendrado permite a interação entre o sujeito e o meio, mas pela forma que interagimos com o outro e que nos leva a uma experiência compartilhada, uma experiência onde somos levados a práticas que para serem continuadas dependem do reconhecimento das regras morais, comportamentais e sentimentais que as regem.

Após desvendarmos as condicionantes relacionadas à construção da Empatia Espacial e explicar como é desencadeado seu processo, podemos dizer que não só a delineamos conceitualmente, mas que conseguimos mostrar que é pertinente considerá-la enquanto um constructo que envolve fatores diversos. Foi a partir de paralelos com abordagens que exploram este viés que conseguimos estabelecer associações que nos permitiram identificar suas condicionantes no contexto espacial, traçando, assim, o caminho de seu processo. A partir do que foi colocado entendemos que Empatia Espacial é um conceito fundante e estruturador da experiência coletiva. Entender os fatores envolvidos neste processo nos permitiu identificar alguns de seus gatilhos, que auxiliaria na estruturação da metodologia.

# 5 | O INSTRUMENTO METODOLÓGICO DELINEADO

## NARRATIVAS DO ENGENDRAMENTO ESPACIAL- NESE

Na primeira parte da tese, quando propusemos a observação empírica, recorremos a métodos de imersão no espaço provenientes da Antropologia. Através da observação participante dentro de um contexto etnotopográfico, colhemos algumas informações sobre o lugar, suas práticas, dinâmicas e tudo aquilo que consideramos importante, seja porque nos saltava aos olhos, seja porque se desdobrava a partir do rebatimento teórico na experiência. Ainda durante o período da observação, nos demos conta de que, embora nos possibilitasse observar o lugar e entendê-lo, a etnografia não se mostrava eficaz no sentido de um estudo mais direto sobre a Empatia Espacial. Assim, embora os desenhos e anotações tenham auxiliado a direcionar o foco teórico e metodológico, não conseguimos identificar através do método os possíveis engatilhadores da empatia, como queríamos.

De certa maneira, as possíveis lacunas que surgiram na exploração metodológica já eram previstas, uma vez que a Empatia Espacial se consolida nesta tese como uma ferramenta teórico-metodológica. Embora tenhamos começado este capítulo a partir da conceituação da ferramenta, este foi um trabalho de idas e vindas, onde metodologia e conceito eram construídos paralelamente e alternadamente. Por isso, o empecilho da falta de um método mais pertinente não permitia o aprofundamento do estudo da Empatia Espacial, assim como também a sua construção enquanto ferramenta teórica.

Na busca de complementar e encontrar novos caminhos para o estudo, a pesquisa foi continuada na França em um estágio doutoral realizado no Centre de Recherche sur l'espace Sonore & l'environnement Urbain (CRESSON). No centro de pesquisa Francês, lugar de referência na pesquisa sobre ambiências há mais de 40 anos, foi possível o contato com as novas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas, além de novas abordagens e ferramentas metodológicas que exploram o espaço sensível.

Da mesma maneira que ocorre no Brasil, a Empatia Espacial é uma abordagem recente e, como já mencionamos, tratada a partir da premissa da *Einfühlung* e da ambiência apenas pelo Laboratório Arquitetura, Subjetividade e

Cultura (LASC). Entretanto, como também já mostramos, existem vários trabalhos que, embora não façam menção da existência de tal conceito, o tangenciam de alguma maneira – a maioria dos quais tivemos um maior acesso a partir da estadia na França. Inclusive, grande parte das referências mais recentes aqui utilizadas foram conseguidas durante o período na França.

O estágio doutoral durou quase cinco meses e tinha como objetivo geral auxiliar no delineamento e consolidação da parte metodológica, que foi trabalhada paralelamente com a parte conceitual da ferramenta. O ponto de partida foi atualizar os outros pesquisadores do laboratório francês e o supervisor do estágio doutoral (Prof. Jean Paul-Thibaud) da parte da pesquisa que havia sido elaborada no Brasil, acrescida dos dados encontrados nas primeiras incursões nas praças São Salvador e Edmundo Bittencourt. Em resumo, a teoria que se tinha e seu reatamento empírico, praticamente a primeira parte desta tese, as dificuldades e desafios com os quais havíamos nos deparado e quais eram os objetivos do trabalho.

Para auxiliar o delineamento da ferramenta, foi proposto inicialmente pelo supervisor de estágio doutoral um exercício de macroexploração. A intenção era realizar uma imersão urbana que tinha como objetivo final a escolha de dois lugares na cidade, espaços públicos, onde se poderia observar a experiência coletiva. Preferencialmente os lugares deveriam ser Praças e ter uma morfologia semelhante a das Praças observadas no Brasil. No entanto, a escolha desses lugares não deveria ser guiada por fatores materiais apenas, mas também pela *experiência de uma estrangeira* na cidade. O exercício de macroexploração deveria ser executado apenas durante o primeiro mês, quando ao final seriam apresentados os dois possíveis lugares. Mas no final o exercício foi expandido até o final do estágio doutoral e seguiu em paralelo com as microexplorações, que consistiam no estudo mais pontual para lapidar e testar diferentes abordagens metodológicas e os possíveis delineamentos conceituais que surgiam com a aplicabilidade empírica.

## 5.1 A Experiência de Imersão Urbana

Nos princípios metodológicos qualitativos em que o pesquisador é levado a uma aproximação participativa, o mais recorrente é que se insira na situação para se observar e dali retire os dados e informações que estruturarão parte da pesquisa. Mesmo anotando tudo o que testemunha e inclusive como se sente ali na situação,

Devereux (1980) afirma que isso em alguns casos pode não ser o suficiente. Em situações em que não se têm as respostas ao que se busca, o “observador deve retornar ao coração do processo e considerar observar suas reações e não apenas suas próprias observações ou o relato de seu estado de espírito”. Assim, as suas próprias reações também serão "dados" disponíveis para a pesquisa “indo além do que o pesquisador percebe e sente para as reações que isto desperta nele”. (DEVEREAUX, 1980, p 23, tradução nossa)

A análise empreendida funcionou como um trabalho de ‘psicanalista’, que ao focar as reações de transferência das quais o sujeito faz parte, e é onde a contratransferência aparece, que podem estar as pistas sobre o processo estudado. Por isso, relatar essas reações que dali surgem e se manifestam corporalmente e mentalmente, influenciando as perspectivas e motivações, foi o caminho para compreender tanto o que observamos quanto as correlações mais diretas que traçamos sobre a Empatia Espacial. Esses são dados relevantes e por isso devem ser, no mínimo, ponderados em qualquer processo de investigação que envolva o comportamento e a vivência de pessoas. A "subjetividade" do pesquisador, em vez de ser considerada como fonte de erro, pode ser tida como um recurso disponível para entender qualquer atividade humana.

Tal discurso pode ser comparado ao trazido por Benjamin (1996) em suas obras. Inspirado na figura do flâneur presente nas obras de Baudelaire, Benjamin (1996) trouxe para seus relatos o olhar do explorador urbano e uma nova maneira de compreender a riqueza e a variedade da paisagem da cidade. Ao fazer de sua própria experiência sua fonte de narrativa, o autor acabou por disponibilizar informações sobre as diferentes dinâmicas que testemunhou na cidade. Em relação ao processo empático, sobretudo quando envolve o espaço, a experiência é também o meio pelo qual são possibilitados os diferentes graus de aproximação entre o sujeito e o objeto alvo de Empatia. Por isso, optamos por tomar como ponto de partida no estudo da Empatia Espacial a observação da experiência do lugar com a etnografia que nos levou a estabelecer os paralelos apresentados no terceiro capítulo.

Diante das lacunas e questionamentos que surgiram com a observação empírica e sendo a experiência um viés de aproximação da realidade, tomou-se como um dos norteadores da construção da ferramenta metodológica a inserção da pesquisadora a partir de uma *imersão urbana*, que foi além da observação.

A imersão urbana foi um exercício proposto durante o estágio doutoral na cidade de Grenoble, França, e tinha como finalidade principal auxiliar no

delineamento metodológico da Empatia Espacial. A orientação era fazer um diário pessoal onde seriam contadas as experiências tidas na cidade durante os meses morados nela. O enfoque era descobrir espaços públicos para que posteriormente pudessem ser explorados com pesquisas de campo.

O diário deveria ser iniciado a partir do que chamamos de *macro exploração urbana*, uma experiência mais abrangente de descoberta da cidade que culminaria no apontamento de lugares, espaços públicos que poderiam ser alvo de um estudo de campo mais pontual. A imersão urbana deveria ser contínua, isto é, realizada todos os dias e, mesmo estando ciente do objetivo final, o instruído era não ter a busca de um método como norteador. Não se tratava de um exercício para se testar métodos já consolidados, embora isso pudesse ser feito posteriormente nos espaços públicos da cidade que haviam sido escolhidos.

Os parâmetros a serem seguidos no exercício eram poucos, o que o dotavam de um caráter muito livre. Não havia uma metodologia que deveria ser seguida para a construção do diário, nem para se explorar a cidade ou qualquer outro direcionamento que embasasse a maneira de ser feito o exercício. O foco era descobrir Grenoble, deixar a cidade chamar e se deixar levar por esse chamado. O percurso guiado pelo “tom sentimental” e o que surgia ao longo da experiência deveria ser registrado no diário. Tudo o que era visto e vivido desde o primeiro dia na cidade deveria ser documentado: os caminhos percorridos, os lugares e as pessoas que se tinha conhecido, as impressões e as sensações. A ideia do documentar foi enfatizada porque o diário não precisava ser necessariamente escrito, podendo, assim, assumir qualquer forma de expressão – desenho, áudio, vídeo, fotografia. Quem iria decidir como iria ser e o que iria ser documentado era a experiência e como ela iria ser desdobrada.

O exercício de macroexploração urbana que deu início ao diário deveria ser realizado apenas no primeiro mês. No segundo mês de sua continuação, o diário já se voltaria para a microexploração urbana, com o foco voltado para o estudo dos espaços públicos escolhidos. Na época, o fato de não se conhecer a cidade e não saber quase nada sobre ela foi um fator que dotou o exercício de um maior grau de dificuldade, pois não havia ideia de por onde começar, lugares para ir, um ponto de partida para ser tomado como início da exploração. Como o exercício foi proposto nas primeiras horas de chegada, ainda não havia dado tempo de saber muito sobre Grenoble, o que praticamente tornava a cidade um lugar a ser desvendado. Ao tomar ciência de que a cidade era pouco conhecida, foi solicitado, pelo orientador do estágio doutoral, que fosse evitado ao máximo buscar

informações sobre Grenoble em livros ou sites. O que fosse descoberto deveria ser fruto do engendramento corporal e sensível das práticas, dos atores e das dinâmicas dos lugares. Ao final, a falta de conhecimento prévio e não ter opinião formada ou expectativas sobre a cidade e seus lugares parece ter deixado a experiência mais rica, evidenciando aspectos que surgiam, quando se deixava levar pela intuição.

Na falta de referência ou da informação sobre por onde se poderia começar, foi sugerido que não se pensasse na pesquisa em si e que se deixasse a postura de pesquisadora de lado. Era para se percorrer e conhecer a cidade como uma recém-chegada que não conhecia nada, nem ninguém e que ia praticamente viver em Grenoble, construir uma rotina. Essa deveria ser a motivação: ser parte da cidade, fazer parte das dinâmicas, dos lugares e consequentemente ser um dos atores de sua cotidianidade.

O diário começa guiado pela indagação sobre como nos enquadrados com a coletividade – “e se?” ou “quando?” queremos isso, “como?” fazer parte de algo. Em resumo seria: “como os espaços me chamam, por onde me chamam, o que me fazem sentir para que possa ser considerado por mim como um chamado”? Para que pudesse trazer os resultados, a experiência deveria seguir um curso natural, relatando inclusive os momentos de desconforto, medo, estranhamento e toda e qualquer outra impressão ou sensação – positiva ou negativa – que surgisse enquanto se estava morando na cidade.

A ideia era que se pudesse viver situações, eventos, práticas que deveriam ser documentadas e que, só depois de analisadas, poderiam ser identificados os fatores que levaram ao compartilhamento da experiência. Esse compartilhamento poderia ser considerado dos dois lados, do ponto de vista das práticas socioespaciais que se abre para o sujeito e como este se abre ou se fecha para certas práticas socioespaciais.

## **5.2. O delineamento da ferramenta metodológica: processos e abordagens**

Durante os cinco meses de estágio doutoral, foi documentada toda a rotina que pautava a vida, os hábitos, os encontros e os desencontros, os lugares descobertos, indicados, onde a pesquisadora era convidada/proibida a estar/permanecer/passar. A cidade de Grenoble é de médio porte, tomando uma área muito abrangente para ser totalmente estudada. O que guiava sua descoberta era a rotina da pesquisadora no cotidiano da cidade, os lugares e as

pessoas que surgiam. O diário se tornou uma documentação do cotidiano do lugar e a liberdade na documentação dos fatos permitiu que as informações fossem reunidas das mais diversas formas: escrita, fotografada, gravação de vídeo/áudio, desenhos.

A mudança do diário ao longo do que se vivia na cidade fornecia informações não só de como se estava fazendo parte do cotidiano e da cultura do lugar, mas de como, de experiência para experiência, as abordagens mudavam. Com a análise do que foi documentado, é possível perceber a existência de processos que podem ser resumidos a partir de três pontos: processo de adaptação da pesquisadora em relação à cotidianidade e aos lugares, processo experiencial individual e coletivo em relação aos lugares (desdobramento da experiência desde a chegada até a partida), processos de documentação no diário, onde este último, por ter maior relação com a metodologia, ao que daremos mais enfoque.

O exercício do diário começou sendo realizado *in loco* e durante os eventos, mas acabou também sendo feito algumas vezes logo após o evento/situação. No processo de construção do diário, foi testado de tudo, desde as mais diversas formas de documentação, que variavam a depender de como se estava participando da experiência, até de como eram obtidas as informações que o nutriam – observação, interação direta a partir da conversa, entre outras. Tomar esse parâmetro de seguir o que o lugar e o momento permitiam fez com que aos poucos o exercício fosse mudando e surgissem indicações e pontos que favoreceram o delineamento de uma abordagem mais específica para o estudo. Entre as abordagens que foram testadas, retomamos também a etnografia e a observação participante, escolhendo pontos de observação no espaço para se capturar o que acontecia no lugar, como já tínhamos feito nas duas Praças estudadas no Rio de Janeiro. Também recorremos à exploração a partir do deslocar-se, tentando seguir o que chamava atenção aos sentidos, o que assumiu delineamentos de uma deriva, se posicionar em certos lugares e tomar notas (escrita, desenho, fotografia, vídeo) como uma etnografia, caminhar assumindo uma postura de flâneur. No entanto, foram experiências mais naturais, que levavam a interações mais livres e comuns no cotidiano, as que se mostraram mais propícias a auxiliar na construção metodológica. As mais significativas e que davam pistas sobre os possíveis direcionamentos que poderiam ser considerados surgiam intuitivamente, como ilustraremos a partir de um trecho do diário pessoal:

“Eu não estava com vontade de sair até que o lindo dia azul me fez mudar de ideia, mesmo com todo esse frio. Depois de tantos dias cinzas, me deu vontade de passear. Acho que a cidade me chama para caminhar e é isso que vou fazer. (...) Eu comecei este trajeto pelo que chamava atenção aos sentidos. Tentei seguir o que me afetava de alguma maneira. Sinto que não estou conseguindo, me sinto em descompasso com a cidade, mesmo assim estou andando sem rumo. (...) Cheguei a este lugar que parece coincidir com meu estado de espírito, eu me sinto mais enquadrada aqui. Ainda não sei dizer se gosto ou não, mas as cores das fachadas parecem combinar com o céu azul. Vou ficar um pouco por aqui e passear pelo entorno, como flâneur. (...) Agora que passou o estresse e o medo, vou contar o que aconteceu. Caminhei um pouco e logo vi: acho que me perdi. E não tinha ninguém por perto. Depois de uns quinze minutos tentando sair me perdi mais ainda. Nem o som da cidade escutava mais. Não ouvia nenhum barulho que me fizesse ver que estava perto de alguma via ou parada de tram. Meu coração estava acelerado, eu parecia estar em um labirinto e ainda por cima sem mapa. Estava ficando frio e me dando de verdade uma vontade de chorar. Finalmente surge uma senhora, pensei em pedir informações. Era a última coisa que queria, pois não sei se meu francês está a um nível compreensível. Faz só quinze dias que cheguei à cidade. Mas depois de 10 minutos dando voltas, vi que ela era a única alma viva ali. Resolvi perguntar como faria para chegar à parada de *tram* mais próxima. Ela muito simpaticamente me dá as informações, diz que terei que andar um pouco, entra a direita, esquerda, direita, direita... e me pergunta: está entendendo menina? Eu digo que sim e ela me olha e diz. Não se preocupe, eu vou te guiar. Ela ia à padaria que fica no meio do trajeto e de lá só era eu seguir. Mas ela disse que era melhor fazer outro caminho, um que era só dela, que era mais complicado mas era mais rápido. Nós vamos fazendo o caminho, e ela vai me guiando e me apresentado o lugar, falando das ruas e de cada cantinho, dizendo onde tem a melhor sopa da região, que se eu for por aquela rua eu vou encontrar um jardim muito lindo bem tranquilo, bom para ler... E diz: presta atenção para não se perder de novo! Vai decorando meus cantinhos que aqui é difícil de se achar. Durante o caminho ela me pergunta o que eu fazia por aqueles lados, falei que estava descobrindo lugares. Ela pergunta o que eu achei por ali, se algo interessante. O caminho durou uns cinco minutos. Eu falei das fachadas coloridas e ela diz que sabe onde fica: “é bem perto da padaria.” Ela começa a me indicar outros lugares por ali e, quando chegamos na frente da padaria, ela explica o resto do caminho para se chegar à parada de tram. E me deseja boa sorte.” (Extraído do diário de Grenoble, 2017)

Experiências semelhantes à relatada, que é parte do diário feito em Grenoble, inspiraram e nortearam a construção de uma proposta de abordagem metodológica a partir da Empatia Espacial. Um dos primeiros fatores que foi ponderado era a necessidade de se engendrar corporalmente, experienciando as situações e eventos enquanto paralelamente se documentava tudo o que acontecia. Como a ideia era registrar os acontecimentos e eventos que ocorriam no

espaço público, percebemos que deveríamos atuar de maneira mais natural possível e, assim, assumir uma postura de um indivíduo que estava diante de uma coletividade, na qual se poderia engajar (ou não).

Por isso, foi fundamental entender que a experiência não resultaria em um diário e sim que o diário, e a maneira que ele seria desenvolvido, deveria ser uma consequência e uma resposta da experiência à qual se era exposto. Admitiu-se então uma desnecessidade de permanecer ou se locomover com o intuito de documentar uma experiência, mas de documentar o que se era incentivado a desenvolver ou não; e se o fez ou não, assim como os motivos que levaram a escolher tal ação ou comportamento.

Em algumas situações existia muito deslocamento e movimentação, o que fazia com que a experiência ganhasse certo encadeamento rítmico, impossibilitando, por exemplo, parar e escrever ou desenhar o que acontecia. Nem sempre também era viável fazer o uso de filmagem ou fotografia, pois as pessoas não tinham uma atitude muito natural por estarem sendo expostas. Ainda assim, existiam aquelas que se mostravam contrárias à exposição, fazendo-se necessária a permissão para poder dar continuidade a este tipo de documentação.

(...) Hoje conversei com Gérard\* e Veronique\*, um casal simpático e Monique\*, irmã de Gérard. Eles foram uns dos meus primeiros “entrevistados”, se assim posso dizer, e no fim acabou que ficamos amigos. Eu documentei em vídeo o relato do casal, e em outra oportunidade em áudio, mas na época Monique não quis participar de nenhum dos dois momentos. Disse que não sabia muito sobre o lugar, mesmo eu dizendo que era para falar do dia-a-dia. Enfim, hoje encontrei com os três e estávamos conversando informalmente, quando começamos a falar sobre a Praça onde estávamos, mesmo lugar que havia sido o tema da “entrevista”. Desta vez a conversa surgiu de maneira descompromissada, embora tenha sido eu a pessoa que iniciou a conversa. Mas eu realmente nem estava pensando na pesquisa, até porque já tinha colhido e documentado muita coisa com eles. A conversa era informal, de maneira livre e foi aí que notei uma diferença no diálogo. O discurso que eles tinham comigo na informalidade era totalmente diferente de quando, na época, perguntei se poderia documentar em vídeo, em foto o que eles me diziam sobre o lugar. E Monique? Fiquei surpresa com a riqueza de seu discurso sobre o lugar. Vendo isso direcionei a conversa como se fosse na pesquisa, mas de maneira natural, inserindo o tema no meio da conversa, direcionando para o que queria saber. Acho que estou ficando boa nisso (risos). Os três me trouxeram um diálogo muito rico, vivenciei em 5 minutos de conversa informal e compartilhando a experiência de maneira livre o que em três imersões “formais” com as mesmas pessoas não havia conseguido. E minha intuição de pesquisadora me dizia que tinha algo ali que eu precisava dar

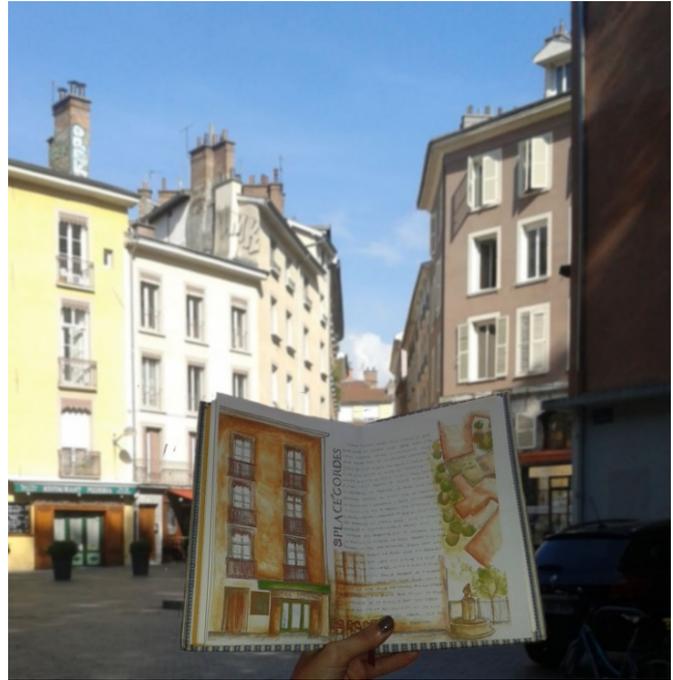
um jeito de colocar no método. Não falei com eles nada sobre a contrariedade do diálogo, mas resolvi testar. Voltei a conversar com as pessoas com que já havia “entrevistado” na Praça Victor Hugo. Eu já era uma “cara conhecida” lá. E dei um jeito de sutilmente documentar em registros breves (até em uma selfie) algo que me permitisse lembrar do caráter da conversa. Ao chegar em casa, uma surpresa. Olhei o diário e vi que 8 em 10 pessoas que eu havia entrevistado haviam mudado totalmente seu discurso. E, sinceramente, além de serem mais ricos, os diálogos que surgiam informalmente eram bem mais dinâmicos. (Extraído do diário de Grenoble, 2017 \*nomes fictícios)

Em outras situações era possível observar e escrever ou desenhar, mas o contato era reduzido e as poucas pessoas que interagiam diziam que iam ser breves e não incomodar. Uma das estratégias encontradas ao longo do diário era de mesclar várias formas de documentar. Por exemplo, começávamos sentados escrevendo, depois éramos levados à locomoção e trocávamos a escrita pela gravação de um áudio. Durante o percurso nas breves paradas fazíamos fotos ou anotações com uma palavra dentre outras ações que serviam como um registo chave sobre o lugar e a situação na qual se estava imerso. A tomada de informações, sempre feita in loco, era variável e poderia ser desde um relato, que era feito no momento que servia para descrever o que se vivia integralmente, ou, a depender do que acontecia, poderia ser registros-chave que eram tomados para representar o momento. Em seguida, para integralizar a documentação, esses registros-chaves eram contextualizados, seja por escrita ou com esquemas de trajetos, croquis, para que posteriormente eles pudessem ser analisados.

Outro ponto que se destacou no diário e que pode ser visualizado no extrato apresentado anteriormente é o “momento de fala”. No diário a pesquisadora aparecia como narradora e personagem com a fala do Eu, fala que além de descrever suas próprias sensações e impressões trazia também a descrição do espaço. Mas em alguns momentos a pesquisadora assumia uma postura secundária, tornando-se uma personagem de uma narração que vinha do Outro, ou até mesmo da coletividade. Quem decidia quando esse papel era modificado eram as práticas socioespaciais e como estas se entrelaçavam com engendramento da pesquisadora. A fala era cedida, em outros tomada, e era compartilhada a partir de quem, a cada momento direcionava as ações. Nesta troca de papéis, era possível identificar no diário três tipos de fala: o eu (pesquisadora), tu (o Outro) e o nós (a coletividade).

**Figura 20:** Foto de uma das páginas do diário de Grenoble: macro exploração urbana

**Fonte:** Acervo da autora



Na França, o estudo começou a ser realizado em quatro Praças, mas, ao fim, apenas duas foram o alvo de uma pesquisa mais direcionada. Foi a partir de uma constante lapidação e da exploração das experiências de campo nas duas praças em Grenoble, das leituras, das conversas via *Skype* com a orientadora no Brasil e das primeiras incursões realizadas no piloto das praças brasileiras que o método proposto foi embasado.

No geral, o trabalho de construção da metodologia foi contínuo e seguia o seguinte percurso: (1) a construção de uma possível abordagem metodológica geralmente pautada na macroexploração urbana, (2) ida a campo para a aplicação empírica pontual a partir da microexploração feita em uma das praças escolhidas em Grenoble, (3) a análise do que foi obtido com a ida a campo, tanto de resultado como de coleta de dados, (4) ver as necessidades de ajuste, a qual muitas vezes também implicava na necessidade de um pré-delineamento conceitual, (5) volta para a experiência de macro ou microexploração para os ajustes necessários; ponto onde o processo voltava para o início com mais um ajuste metodológico ajustada, mais uma ida a campo para rebatimento empírico e assim por diante.

Em resumo, podemos dizer que foi a partir das experiências de macro exploração documentadas no diário que saíram as ideias e diretrizes que poderiam ser adaptadas para o estudo de campo mais específico. Por isso, mesmo quando se tinha como enfoque principal o estudo de campo – microexploração – seguimos

em paralelo com a macroexploração, para nos ajudar no refinamento da metodologia. Além das abordagens com a análise do diário, nos demos conta de alguns fatores que deveriam ser levados em conta no desdobramento da metodologia, como, por exemplo, o ritmo e o movimento que regia o engendramento corporal.

### 5.2.1 Ritmo e Movimento: engendramento do corpo e da imaginação

Assim como tudo que se desdobra espacialmente, compreendemos que a Empatia Espacial é algo cambiável e fluido, e, por isso variante. Entre os diversos fatores que colocamos no capítulo anterior para explicar a sua construção, mencionamos a influência da base espacial no encadeamento dos momentos que regem seu processo que, por sua vez, podem interferir do desenrolar da experiência espacial. Após tratarmos a questão das ambiências e o ato de imaginar-se nela, trouxemos o fator *ritmo* e, conseqüentemente o *movimento* como influenciadores do engendramento tanto corporal, quanto imagético.

O que Thibaud (2014), por ocasião orientador no período de estágio doutoral, relata sobre o corpo, o ritmo e o movimento também pode ser ilustrado com o que foi vivenciado durante a imersão urbana em Grenoble. Principalmente nos primeiros dias na cidade, havia uma grande necessidade de movimentar o corpo. Com isso, documentar tudo o que se via, o que se sentia, as impressões, as sensações durante o deslocamento, tornou-se tarefa árdua pela dificuldade de anotar tantos registros. Não conhecer a cidade fazia com que quase tudo que surgia pela frente fosse algo novo, inusitado e por isso importante de ser documentado. Era tudo muito visceral, a ponto de parecer não existir meio termo: ou se encaixava, sentia-se abraçado pelo lugar ou se sentia deslocado, descompassado. Era algo que não conseguia ser explicado (ainda) verbalmente, mas que sensorialmente e corporalmente o “eu” parecia saber exatamente do que se tratava.

Na tentativa de se capturar quase tudo, muito se perdia. Em algumas páginas do diário, quando o foco estava voltado para o registro, é perceptível que não existia um encadeamento natural, trazendo a sensação de que parecia que se estava deixando algo passar. Depois de novos direcionamentos que permitiram testar diferentes formas de registrar o que se vivenciava no diário, ficou evidente que a questão não estava apenas relacionada com o estar imerso em outro contexto cultural, com a busca de uma possível “aclimação” que é “o processo

onde buscamos nos adaptar ao que o meio nos apresenta” (THIBAUD, 2014). De fato, não se pode desconsiderar o impacto cultural e as novas dinâmicas com as quais se tinha contato durante a imersão, mas a sensação de se estar deslocado parecia também estar vinculada a como se estava coletando as informações, onde a captura do ritmo da experiência era fraccionada.

A constatação da influência do ritmo e do movimento no engendramento foi constada ainda na macroexploração em Grenoble, com a sensação de que se estava deixando algo passar. O que era uma impressão, ficou claro nas primeiras idas a campo que tinham como objetivo estudos mais pontuais: a microexploração. Foram nesses estudos que nos demos conta da quantidade de estímulos e na dificuldade de registrá-los, o que explicava a impressão de se está perdendo algo.

Durante a microexploração foram testadas possíveis abordagens metodológicas inicialmente em seis Praças. A imersão em espaços diferentes evidenciou, com as lacunas dos dados coletados, a necessidade de seguir o encadeamento rítmico do engendramento, para que se pudesse por fim, vivenciar, e, por conseguinte, analisar a Empatia Espacial. Após explorar cada um dos seis espaços em uma breve pesquisa piloto, optou-se por um recorte que contemplou duas Praças: a Praça Victor Hugo e a Praça de Gordes. Esta última tem sua extensão marcada por uma parte ajardinada, o *Jardin de Ville*, chamado também de *Jardin de la Mairie*.

A Victor Hugo foi a primeira Praça a ser explorada e interessantemente, ela remete um pouco a Praça São Salvador, não só em configuração, mas com uma ambiência mais plural, enquanto a Place de Gordes tem uma ambiência mais linear. A escolha por ambas as Praças na época, não se deu pela detecção dessas duas ambiências, mas por sua proximidade com as características morfológicas das Praças estudadas no Brasil. A Praça Victor Hugo é mais quadrada e simétrica e em quase qualquer lugar em que se esteja é possível se ter uma visibilidade da totalidade. É uma Praça onde atividades esporádicas se entrelaçam com aquelas que são descritas pelos próprios moradores como cotidianas. Já a Praça de Gordes é praticamente um átrio, que adentra um espaço maior, dotado de árvores. Pela existência do jardim que fica em sua continuação, ela remete a ideia de oásis no meio do centro, como a Edmundo Bittencourd. É um lugar mais relacionado às atividades cotidianas, mas que também possui, de vez em quando, eventos efêmeros que surgem a partir de um agendamento prévio. Ela é mais extensa que a Victor Hugo e devido à quantidade de árvores e desníveis nem sempre se tem a ideia de sua totalidade espacial. Embora em ambas o desenrolar da experiência

tenha sido diferente, elas tinham algo em comum. No diário ficou evidente que em ambas existia uma ambiência “entre” e que era por meio dela que o encadeamento corpóreo e imaginário era desdobrado. Esta ambiência aparece claramente das descrições a partir dos estímulos e reações corpóreas e da velocidade, incidência de sua captura no diário. Neste caso, fez-se necessário o uso de registros-chaves, que explicaremos posteriormente, que surgem não só como estratégia de coleta de dados mas que fornecem pistas acerca da frequência, da quantidade e da velocidade dos estímulos que surgiam durante a experiência.

Ao trazer a questão do ritmo no engendramento corporal e imaginário, o que queremos destacar é a presença da cinestesia no processo de Empatia Espacial. A cinestesia é um termo híbrido, mas que aqui consideramos no sentido de orientação que permite que a pessoa possa definir a orientação ótica, gustativa, tátil, olfativa e de coordenação (motora). Em uma comparação com a Empatia no sentido de fenômeno, Eisenberg (1987) faz referência à cinestesia como uma forma de sentirmos nossos corpos e, por extensão, sentirmos o movimento. Se a Empatia se torna uma possibilidade de “ler” essa percepção ou de reproduzir, no corpo e na mente do sujeito, as sensações cinestésicas dos outros, as imagens que sintetizam a experiência física e emocional (EISENBERG, 1987), a Empatia Espacial, conseqüentemente, surge como a ‘forma de ler espaços’.

Por ser definida como uma sensação resultante do movimento do corpo, a cinestesia aparece nos estudos das ambiências como o resultado do vínculo e da interação entre o corpo e o espaço. De fato, ao analisarmos o diário concluído, vimos que a cinestesia (tanto a partir do afetar como a partir dos ritmos) se fez presente em praticamente todas as experiências, inclusive no processo de imaginar uma dada situação – ou seja, construir um repertório de uso antecipativo ao espaço físico e à situação social. Isto explicaria o motivo pelo qual intuitivamente fomos levados a explorar abordagens relacionadas ao caminhar, ao movimento corporal. Ao mesmo tempo, via-se a necessidade também de se estar com o corpo acomodado, não como uma decisão baseada na documentação, mas porque éramos levados a tal ação.

Assim, embora tenha sido construído intuitivamente, o método proposto remete em alguns momentos a outras metodologias relacionadas ao deslocar-se, como por exemplo aos ‘Percurso Comentados’ (THIBAUD, 2002). O princípio do percurso comentado é mobilizar as habilidades reflexivas dos transeuntes, levando as pessoas a explicarem sua própria experiência. Trata-se de pedir às pessoas que caminhem nos espaços e descrevam, durante sua jornada, sua percepção e suas

sensações. No entanto, o que propomos de fato é um método onde se possa combinar deslocamento e acomodação, fazendo com que o engendramento seja observado da maneira mais natural a partir dos comportamentos, reações e motivações relacionadas à experiência espacial. No item a seguir, explicaremos o método. No anexo da tese, trazemos uma sistematização e um modelo de mapeamento e de entrevista, com o roteiro empregado no Brasil.

### 5.2.2 Narrativas do Engendramento Sensório-Espacial: a proposta de um método

O método desenvolvido nesta tese foi chamado de *Narrativas do Engendramento Sensório-espacial (NESE)*, podendo ser considerado como um método exploratório. Nele, levamos em consideração a Empatia Espacial enquanto ferramenta conceitual, onde o objetivo é identificar como os gatilhos de uso e apropriação do espaço podem fundar experiências compartilhadas. Ela foi originada a partir de um diário pessoal, onde por cinco meses foram documentadas todas as experiências vividas na cidade de Grenoble na França.

Em linhas gerais, podemos descrever o método como algo que se situa entre o 'Percurso Comentado' e a *Flânerie*, com alguns requintes da etnotopografia. Embora se tenha feito uso destes três métodos durante o exercício de imersão, o que delineamos não se trata de simples junção.

Todo o diário foi feito de maneira intuitiva, isto é, todas as abordagens que dele surgiram são fruto da motivação de conhecer e engajar no espaço. Mesmo sendo esta a motivação, não buscamos em nenhum momento forçar uma experiência. Por isso, são encontrados no diário tantas experiências de diversos graus de empatia. Ao final, quando já podíamos explicar o NESE, vimos que algumas de suas nuances remetiam a outros métodos utilizados.

A intenção era que fosse possível fazer parte da experiência, ao mesmo tempo em que se pudesse documentá-la, sem influenciar no desenrolar do processo coletivo. Sendo a pesquisadora "mais uma na multidão", deveria se ter liberdade para locomover e acomodar, quando fosse levada a executar qualquer ação. Assim, dizemos que remete ao 'Percurso Comentado' porque envolve trajetos e a fala de quem deles participa, mas, ao contrário do método criado por Thibaud (2002), os trajetos não são pré-definidos pelo pesquisador. Os itinerários traçados dentro do espaço são determinados por quem guia e pelo coletivo, ganhando contornos de uma *flânerie*, mas que tem um ponto final pré-determinado.

E tudo isso é descrito em um caderno de campo, com desenhos, gráficos e textos, que se faz presente sobretudo quando o corpo está acomodado.

A partir do diário foi possível lapidar o método, adequando-o à medida que era aplicado nos estudos de campo em Grenoble. No Brasil, após o retorno do estágio doutoral, o método precisou passar por ajustes para ser pertinente ao contexto cultural – a maneira de abordar. Como o objetivo do estudo não é comparativo e sim formativo, não apresentaremos os resultados referentes ao estudo de campo na França, mas, sempre que necessário para a explicação, mencionaremos alguns pontos relacionados. A pesquisa piloto realizada na França está disponível no anexo da tese.

Na NESE, o que se busca é entender a fala do *Nós* – coletividade, que surge a partir de três momentos de fala: *Eu que falo* – pesquisador, *Você que fala* – outro, *Ele que fala* – o meio, as práticas, os outros. Originalmente a construção do *Nós* está pautada apenas nas duas falas – a do eu e a do tu. Mas, ainda nas primeiras idas a campo na França, vimos que os resultados dessa ‘terceira pessoa’ traziam informações que dotavam a abordagem de um cunho muito mais sociológico. E como o enfoque da exploração é de cunho arquitetônico-urbanístico, vimos que era importante ter uma terceira fala, Ele, o espaço e suas práticas, as pessoas. Por isso, embora seja construída ativamente por eu e tu, ao fim temos também o ele. Ao longo do texto que segue explicaremos melhor.

As Narrativas do Engendramento Sensório-espacial são iniciadas pela fala do Eu, pesquisador, que primeiramente deve se abster de qualquer postura analítica. É importante que neste primeiro momento assumamos o posicionamento de uma pessoa que vai ao lugar para experienciá-lo, de mais um na multidão, e não para pesquisá-lo. É o *Eu que falo*.

De posse de um gravador, para que seu próprio relato possa ser gravado, será feito um reconhecimento do lugar ao mesmo tempo em que se relatam as sensações, impressões, reações e as ações que está realizando. A escolha de gravar o que se testemunha é para que se tenha maior liberdade de deslocamento, tonando o relato uma consequência da ação e não o tomar notas como o motivo das paradas e deslocamentos. Em resumo, podemos dizer que se trata de um percurso comentado consigo mesmo, mas sem um itinerário pré-determinado e onde se deve descrever seus próprios sentimentos e comportamentos, assim como os motivos para as tomadas de decisão. O reconhecimento será guiado pelas sensações e será a partir delas que o percurso será construído. Todo o trajeto é livre, sendo este um momento da fala do eu, onde as paradas ou o movimento será

determinado pela interação entre as dinâmicas, o meio e o que é despertado no pesquisador.

Depois de um primeiro reconhecimento do lugar, o qual deverá ser feito a partir do caminhar, escolhe-se um ponto de parada que esteja em consonância com o que se sente no momento. O ponto escolhido é o que, para o pesquisador, seria seu “canto” empático. Daquele ponto seria feita uma descrição do que está acontecendo no lugar, daquilo que chama atenção. É o momento de deixar de ser narrador personagem para ser só narrador. Enquanto observa, o pesquisador cessa de descrever o que sente, o que vê e suas reações e comportamentos para descrever os outros, o comportamento, as ações e reações, o cenário que lhe é apresentado. Este momento remete ao diário de campo que anteriormente fizemos a partir da etnografia, inclusive onde se pode recorrer à etnotopografia. Neste ponto, ainda, é a fala do eu de uma forma mais analítica, que no método chamamos do “ele que fala”, capturando o que o ambiente apresenta. Este momento resume a abordagem que utilizamos nas primeiras incursões.

A qualquer momento, durante a fala do Eu, o outro pode tomar a fala. Essa passagem pode acontecer em dois sentidos: o outro interrompe a fala do Eu, puxando conversa, ditando ações ou direcionando percursos, permanências e/ou partidas (o outro toma o momento de fala); ou a fala é passada por iniciativa do pesquisador, que puxa conversa com alguém próximo (passa-se o momento de fala ao outro); ambas sendo um compartilhamento de fala. Originalmente, o método foi construído a partir das duas situações, mas, no Brasil, com os ajustes incluímos uma terceira: quando nenhuma das duas ocorrem, escolhe-se uma pessoa e vai até ela para passar o relato (cede-se o momento de fala - entrevista com roteiro).

A fala do Outro, ou como chamamos – *Você que fala* – pode começar a partir de uma conversa despreziosa iniciada tanto pelo pesquisador como pelo o Outro. A esse momento de troca chamamos Narrativa compartilhada e é marcada pelo diálogo entre o pesquisador e a outra pessoa. O pesquisador pode então passar a fala para o outro, que assume o protagonismo, quando aceita o convite para continuar a narrativa. O pesquisador apenas direciona o tema do diálogo através de um roteiro, mas a fala, as respostas e ações do outro devem ser livres.

O roteiro é dividido em três partes, onde o Outro é convidado a narrar sobre o lugar a partir do presente. Na primeira parte, buscamos entender o entrevistado e sua relação com o lugar, os motivos que o levam até ali, frequência, permanência. Esta parte é bem livre e embora esteja no roteiro surge quase sempre ao longo da conversa. Por isso, a deixamos para ser respondida por último, pois mesmo sem

perguntar geralmente a informação surge e assim só algumas coisas precisam ser complementadas ao final. A segunda parte é onde, de fato, começamos a aplicar o método, que se inicia a partir dos registros-chave. Pedimos ao outro que nos responda sem pensar muito a partir da associação livre: lugar em uma sensação, o lugar em uma cor, o lugar em um som, o lugar em uma imagem (podendo ser um elemento, uma ação, uma prática, um evento), o lugar em uma palavra.

Em seguida, pedimos que nos aponte qual o ponto (ou pontos) em que geralmente costuma ficar e os pontos onde as pessoas em geral costumam ficar. Pedimos que, entre os pontos indicados, o entrevistado escolha dois para nos levar até lá e que, durante o trajeto, nos deixe a par do lugar, apresentando-o, descrevendo-o. O percurso é livre, podendo ser feito como queira o entrevistado: com várias paradas, de ponto a ponto, sem parar, ficando à sua escolha. Ao chegar ao ponto indicado, pedimos para que o descreva em uma palavra (registro-chave).

O fim da fala do Outro é marcado por um pedido de indicação, onde a pessoa indica um ponto no qual o pesquisador deve ir e que represente a palavra que resume o lugar (falada logo no início). Dirigimo-nos a esse ponto sem o entrevistado, retomando a fala do Eu, que volta a descrever o percurso até chegar ao ponto indicado pelo entrevistado. Assim, retoma-se que foi descrito inicialmente até que a fala seja cedida ou interrompida pelo o Outro, dando seguimento a essa narrativa. Esse percurso que descrevemos é o que foi ajustado para o Brasil, que, em seguida, apresentaremos em uma pesquisa piloto.

### **5.3. Metodologia Aplicada: NESE no Rio de Janeiro**

A metodologia, enfim delineada, foi aplicada nas praças São Salvador e Edmundo Bittencourt no Rio de Janeiro, agora com enfoque conclusivo. Com o objetivo de demonstrar a aplicação da NESE e de fazer os ajustes pertinentes, que permitissem sua aplicação em um contexto de metrópole brasileira, retornamos às Praças previamente analisadas pela observação participante. Uma das maiores adaptações foi em relação à maneira de abordar as pessoas.

Ainda na França, adotamos uma maneira de documentar as informações para que os ritmos dos eventos e o desdobrar da experiência do lugar pudessem ser acompanhados. Como tudo era feito de uma maneira muito sutil, era comum que o momento de fala do Outro fosse “tomado”. Assim, eram constantes as intervenções do Outro e isso acontecia em todos os lugares. Era comum ter momentos tanto de tomada de fala por parte do outro, como uma abordagem do pesquisador.

Já no Brasil, na Praça Edmundo Bittencourt, por exemplo, a fala precisava ser cedida, isto é, sem uma abordagem do pesquisador não era possível a interação a partir da conversa. Quando questionados se conversavam com as pessoas (se interagiam de alguma maneira com outros que também estavam na Praça) os frequentadores quase unanimemente diziam que não. Embora tivessem “rostos conhecidas”, se sentiam inseguros a se abrir à interação ou conversar com quem pudesse ser rotulado de desconhecido.

Na São Salvador também houve momentos em que tivemos que ceder o momento de fala, mas bem menos frequente, sendo comum o hábito de interagir diretamente com outros, principalmente nos eventos musicais – o que confirmou as impressões preliminares pela observação participante.

Assim, entendemos que o que na França era algo inerente a cada sujeito, no Brasil pareceu ser algo relativo ao perfil dos frequentadores do lugar. Entre os ajustes que realizamos estava a inserção de uma abordagem que fazia o uso de roteiro de entrevista e que era utilizada apenas quando as duas primeiras formas de aproximação não eram possibilitadas. A adoção por entrevista se deu ao fato de que em alguns momentos a abordagem precisou ser mais direta, já que houve uma dificuldade de passar o momento de fala para o outro através de um “puxar de conversa”. Em outras palavras, geralmente fazíamos a aproximação que nos fazia ver o quão aberta a pessoa estava à interação por meio da conversa para convidá-la a participar da narrativa. Mas em alguns lugares, talvez devido ao receio de falar com o outro, um resquício da violência urbana, era preciso dizer logo na abordagem que se tratava de uma pesquisa.

Foi na Praça Edmundo Bittencourt que precisamos adotar esse tipo de abordagem, de ceder a fala, visto que foi observado que seus frequentadores mais se dispersavam do que se agrupavam. Essa constatação foi corroborada principalmente na aplicação do método, que, por ser pautada no ritmo do lugar – eventos, dinâmicas, comportamentos, se tornou difícil visualizar como se dava a construção da experiência compartilhada da mesma maneira que o método foi delineado no estudo nas Praças da França.

Em ambas as praças abordamos quinze pessoas, das quais dez aceitaram nos auxiliar com a pesquisa. O Primeiro lugar em que aplicamos a pesquisa foi a Praça Edmundo Bittencourt, que, ainda na busca do primeiro compartilhamento demonstrou a necessidade de ajustes no método. Com a adoção de um roteiro a seguir, o estudo se tornou mais fluido, corroborando alguns pontos que já tínhamos suposto ainda durante as primeiras incursões. A aplicação da pesquisa levou uma semana em cada

praça, intervalo de tempo onde buscamos adaptar o que se mostrava necessário. Os resultados que mostramos aqui foram colhidos em um final de semana – sexta, sábado e domingo em ambas as praças – já que estes foram os dias que observamos concentrar o maior número de atividades.

### 5.3.1 Praça Edmundo Bittencourt

Na Praça do bairro de Copacabana, entre os dez entrevistados que aceitaram nosso convite, seis se declararam frequentadores assíduos e quatro frequentadores esporádicos (frequentam a Praça algumas vezes ao mês ou que mais passam por ela do que permanecem). A maior parte dos motivos que levavam as pessoas ao lugar eram ações com o objetivo pontual (passear com o cachorro, fazer exercício, entre outros) e que por serem possíveis de serem viabilizadas pelo lugar o tornavam ideal para a sua concretização. Oito dos dez entrevistados confessaram que iam ao lugar com certo objetivo e que depois da ação concretizada o comum era não permanecer. Isto corrobora o que havíamos suposto através da etnotopografia, quando mencionamos, no capítulo 03 que a dispersão talvez estivesse associada à quantidade e à disposição dos equipamentos urbanos. A nosso entender, isto propicia que a Praça ao mesmo tempo que é suporte para algumas atividades como exercício físico (aparelhos), esporte (quadra), trazer crianças (parquinho) trazendo pessoas ao lugar, deixe as pessoas separadas uma das outras pela falta de integração e proximidade na disposição dos elementos.

Nas observações também notamos a existência de pessoas que iam sozinhas ou em grupos, mas que ao contrário da São Salvador, parecia que os grupos que se formavam no lugar a partir de uma interação momentânea, com pessoas, que não se conhecem, não eram recorrentes. A maneira que buscamos abordar as pessoas a partir do compartilhamento de fala, deixou isso claro. Somente quando adotamos uma abordagem mais direta, na qual dizíamos que se tratava de uma entrevista, que conseguimos algum tipo de interação. Além de ir ao lugar com o objetivo de concretizar uma ação que é suportada pelo espaço, outra descoberta que apareceu, a partir da narrativa das pessoas, foi que o compartilhamento a partir da experiência individual se tornava coletivo a partir da descoberta de algo que se tem em comum com o Outro. Isto remete ao que falamos anteriormente sobre os dois tipos de experiência compartilhada (Rancière, 2008), onde existe a possibilidade de várias experiências individuais que convergem a um ponto, ou a experiência individual que se torna a experiência do Nós, a partir do compartilhamento da mesma situação. A Praça Edmundo Bittencourt seria o primeiro caso, onde existiria uma convergência

da experiência do “eu”, que se tornaria compartilhada pela convergência pelo mesmo interesse individual do Outro; uma constatação revalidada tanto a partir da imersão de campo como na fala dos próprios frequentadores.

As palavras mais recorrentes nos registros chave em relação à Praça foram casa, família, quintal, remetendo a uma intimidade, proteção que é comum em um ambiente privado. Ao nos mostrar espacialmente um ponto, que para os entrevistados era dentro da Praça, propício para se ter uma experiência compartilhada ao pedir que atribuíssem uma palavra que o resumisse, vimos que a mais mencionada foi ‘contemplação’. Baseada nas observações realizadas a partir da etnotopografia no capítulo 03, o que supomos é que a experiência compartilhada envolveria mais o compartilhamento de uma interação a partir dos modos de atenção; um compartilhamento que é mais do olhar do que verbal. A associação do espaço com palavras que nos remeteriam à esfera privada e familiar foi uma surpresa na hora da análise, nos levando a questionar se isso seria um possível indicativo de uma redução da esfera pública. O mais interessante é que esta praça em particular é compartilhada por dois grupos sociais diferentes: os habitantes do bairro Peixoto (tidos como de classe social mais alta), e os moradores da comunidade Tabajara (de uma classe social mais baixa). O espaço é plural no sentido de acesso social, mas tende a fundar experiências coletivas de uma forma quase que zoneada e mais dispersa do que coesa.

A ideia de ‘casa’ foi referenciada por entrevistados nos dois grupos sociais. Ambos os grupos partilhavam o espaço da praça concomitantemente, como é comum nos espaços públicos. Mas, foram identificadas diferentes maneiras de se territorializar, a depender do grupo observado. Os moradores do bairro Peixoto e até mesmo de Copacabana seriam mais contidos no sentido de territorialização, enquanto os da Tabajara chegariam a estabelecer barreiras – visíveis e invisíveis – pela maneira como se apropriam da Praça. Aliás, um ponto a se mencionar é que este último grupo tem um engajamento coletivo mais coeso mesmo sem o estabelecimento de tais barreiras. Também ressaltamos o fato de a Praça ser caracterizada como o “*espaço que não muda, que é a mesma coisa desde sempre, sendo que o que aqui muda é a maneira que se usa*” (informante B, 2017). Esta frase, retirada de um de nossos informantes nas entrevistas, foi recorrente nas narrativas, assim como a palavra ‘mesmice’ que aparece em um dos registros, que nos leva a corroborar certa linearidade na ambiência que se faz ali presente.

Entre as palavras que resumiriam a Praça, apareceram também algumas associadas à ideia de lembrança e memória de outras épocas e de usos distintos

aos de agora. Ao que tudo indica, neste lugar, parece pairar uma ambiência que se caracterizaria por uma mudança sutil nas situações e eventos que ali se apresentam, dotando o lugar de um ritmo que demandaria, por parte do sujeito, uma adaptação corporal. Outro ponto que apareceu em relação ao lugar e a seu compartilhamento foi a questão afetiva, onde a permanência no levaria ao estabelecimento de laços que reforçaria os existentes. Os poucos que declararam permanecer no lugar demonstraram uma relação afetiva com o meio baseado nos diferentes usos da praça em diferentes épocas da vida.

**Tabela 01:** síntese / registros-chave das narrativas realizadas na Praça Edmundo Bittencourt

	Relação com o lugar	Motivos por que vêm ao lugar	Registros- chave			Registros- chave		Registros- chave	
			Sinto	Vejo	Escuto	O lugar em uma cor	A praça em uma palavra	Lugar para compartilhar Em uma palavra	Lugar para ficar sozinho Em uma palavra
01	Freq. assíduo	Esperar alguém e observar o movimento	Calma Feliz	Chafariz	Pássaros Barulho de obra	Verde	Casa	Reflexão	Natureza
02	Freq. esporádico	Trazer o cachorro para andar	Tranquilidade	Bancos e árvores	Vento	Azul	Quintal	Contemplação	Paz
03	Freq. assíduo	Quando preciso esperar alguém	Segurança	Santinha	Crianças brincando	Bege	Simplicidade	Calmaria	Relaxar
04	Freq. esporádico	Fazer exercícios	Comodidade	Edifícios	Pássaros	Verde	Mesmice	Recordação	Leveza
05	Freq. assíduo	Estudar e ler	Inspiração	Árvores	Vento	Verde	Intimidade	Serenidade	Silêncio
06	Freq. assíduo	Observar o movimento e andar com o cachorro	Tranquilidade	Pessoas passando na rua	Cachorro latindo	Azul	Rotina	Contemplação (paisagem)	Calma
07	Freq. esporádico	Vir na feira, passear com o bebe	Paz	Santa	Crianças	Branco	Proteção	Silêncio	Confortável
08	Freq. assíduo	Trazer as crianças	Feliz	Árvores	Silencio	Verde	Segunda Casa	Lembrança	Momento de paz
09	Freq. assíduo	Esperar alguém	Paz	Chafariz	Pássaros	Areia	Infância	Paisagem (contemplação)	Agradável
10	Freq. esporádico	Esportes com os amigos	Leve	Mesinhas com banquinhos	Pássaros	Cinza	Família	Calma	Liberdade

Logo, a Praça Edmundo Bittencourt pode ser descrita como um lugar com um ritmo lento, pautado em dar suporte a diferentes atividades cotidianas, um espaço onde se compartilha com outros anônimos, mas que são “caras” conhecidas e onde a experiência coletiva está pautada em corroborar/reforçar uma experiência individual. Quando solicitávamos que nos guiassem até o ponto indicado e nos apresentassem o lugar, os entrevistados descreviam a Praça a partir de um zoneamento que estava pautado tanto em lembranças pessoais “ali eu vinha quando era criança” como na capacidade espacial de dar suporte para a concretização de uma ação “ali é para fazer ginástica”. Entretanto, a lembrança pessoal só era frisada quando questionávamos sobre a relação do entrevistado com o lugar, com o passado, sendo o presente condicionado pelas ações as quais eram possíveis de serem executadas espacialmente. Neste sentido, podemos dizer que a experiência coletiva é muito mais relacionada a uma apropriação afetiva e a concretização de uma ação. Abaixo trazemos um quadro que ilustra e sintetiza o que foi mencionado

### 5.3.2 Praça São Salvador

Assim como na Praça Edmundo Bittencourt, na Praça São Salvador conseguimos dez pessoas que concordaram em fazer parte da nossa pesquisa. A amostra envolveu os que estavam presentes no lugar – frequentadores assíduos, frequentadores esporádicos e passantes – no momento em que estávamos aplicando a metodologia. Para a aplicação do método, seguimos os mesmos parâmetros da Praça Edmundo Bittencourt, inclusive com os ajustes que foram adotados na Praça de Copacabana (adoção de entrevistas para auxiliar em uma abordagem mais direta). No entanto, nos primeiros momentos de percurso que contemplava a fala do Eu, fomos levados a compartilhar o momento de fala com o Outro que interveio e tomou-o como seu. Por isso, na São Salvador foi mais evidente e até sentida a existência de um encadeamento mais fluido da Narrativa, assemelhando-se muito ao processo que foi observado e vivenciado durante a construção do método na França.

Dentre os motivos que levavam as pessoas à Praça São Salvador o que mais se citou estava relacionado ao lazer, ao encontro com o Outro e ao aproveitamento do dia ou do Lugar. Quando direcionados a contextualizar o motivo, as pessoas, na maioria das vezes, mencionavam a conversa e a sociabilidade como o fator que embasava a sua ida à Praça. Neste caso, entendemos que na Praça São Salvador

a experiência é pautada no *Nós*, quando existe um compartilhamento que está centrado no que o Outro também está disposto a compartilhar.

Uma coisa importante de se destacar é que, ao contrário da Praça Edmundo Bittencourt, a São Salvador não tem muitos equipamentos urbanos, como aparelhos de ginástica ou quadra, tendo em comum com a outra Praça apenas o parquinho infantil. Mesmo assim, os croquis etnográficos demonstravam que, embora ambos os parques infantis tivessem um espaço de circulação interna, na Praça São Salvador as crianças usavam também as bordas do parquinho, onde não há brinquedos, para outros tipos de apropriação; um comportamento semelhante ao que a maioria dos frequentadores da Praça (adultos) tinham em relação ao lugar como um todo.

Em sua cotidianidade, a Praça São Salvador pareceu ter menos frequentadores do que a Praça Edmundo Bittencourt, mas os poucos bancos que existem na praça pareciam integrar mais, favorecendo uma aproximação “entre” (relacionando ao tipo de ambiência): nem perto o bastante para deixar o outro desconfortável, nem distante para não promover a integração. Esse tipo de disposição do mobiliário possibilitou que a abordagem fosse facilitada, favorecendo para que houvesse um compartilhamento da fala. Talvez seja por isso que era comum ver pessoas indo sozinhas à Praça e, ao chegar lá, se integravam a um grupo de pessoas que não conhecia. Várias foram as situações de abertura para que durante a pesquisa, em um momento de fala do eu, houvesse convite e permissividade por parte do Outro, para que a pesquisadora se integrasse como parte do evento e/ou situação que acontecia no momento.

Outro fator destacado depois de realizar ambas as pesquisas, é em relação os registros-chave pautados no ver, sentir, ouvir. Ao pedir que resumissem tais direcionamentos em uma palavra, a questão do “ver” apareceu associada a dinâmicas do lugar como “pessoas reunidas”, “gente conversando”. De fato, também fizeram menção a elementos como a fonte e o coreto, mas as respostas em relação à dinâmica do lugar foram muito mais frequentes do que a da Praça de Copacabana.

A questão da dinâmica e da sociabilidade também foi clara na palavra que resume o lugar, onde termos como “isso é Laranjeiras”, “carioquice”, “bairro”, “vizinhança”, denotou uma ideia mais próxima de esfera pública, corroborada pela ideia de sociabilidade. Entretanto, não se notou a presença de grupos sociais distintos como ocorre em Copacabana – moradores do bairro Peixoto e da comunidade Tabajaras – no mesmo espaço. É como ver que na Praça de Laranjeiras não apenas se reúne quem mora em suas adjacências, mas, também, e, principalmente nos domingos, frequentadores que vêm de outros bairros. Mesmo

assim, não se notaram diferenças no comportamento ou na maneira como se apropriavam do lugar. Inclusive era comum ver aos domingos os moradores de rua que durante a semana são encontrados mais frequentemente no coreto, presentes no mesmo lugar, recebendo alimentos dos que se reúnem ali para aproveitar o momento de música dos eventos de fim de semana.

Quando pedidos para apontar no espaço os lugares tidos como propícios ao compartilhamento da experiência coletiva e em seguida resumir o lugar em uma palavra, vimos que surgiam termos como “agitação”, “conversa”, “gente” como expressão de compartilhamento e a palavra como “contemplação” e “observação” como algo relativo à experiência no campo individual.

**Tabela02:** síntese / registros chave das narrativas realizadas na Praça São Salvador

	Relação com o lugar	Motivos por que vêm ao lugar	Registros- chave			Registros- chave		Registros- chave	
			Sinto	Vejo	Escuto	O lugar em uma cor	A praça em uma palavra	Lugar para compartilhar Em uma palavra	Lugar para ficar sozinho Em uma palavra
01	Freq. esporádico	Lazer, aproveitar o dia	Boa vibe	Pessoas reunidas	Conversa	Amarelo	Isso é Laranjeiras	Diversão	Liberdade
02	Freq. assíduo	Passear, curtir o lugar	Alegria	Crianças brincando	Música	Laranja	Carioquice	Caloroso	Tranquilidade
03	Freq. esporádico	Encontrar amigos	Aconchego	Gente passando	Crianças brincando	Vermelho	Sociabilidade	Amizade	Paz
04	Freq. esporádico	Lazer	Feliz	Fonte	Pássaros	Verde	Agradável	Agitação	Confortável
05	Freq. assíduo	Ver gente, ver movimento	Clima caloroso	Pessoas conversando	Pássaros	Verde	União	Liberdade	Observar pessoas
06	Freq. assíduo	Encontrar os amigos	Receptividade	Árvores	Crianças	Rosa	Vizinhança	Socializar	Descanso
07	Freq. assíduo	Passear, passar o tempo	Energia positiva	Jovens sentados na fonte	Música	Amarelo	Bairro	Conversa	Agradável
08	Freq. assíduo	Trazer as crianças	Feliz	Coreto	Conversa	Tijolo	História	Gente	Confortável
09	Freq. assíduo	Aproveitar o lugar	Agitação	Pessoas conversando	Pássaros	Verde	Integração	Animação	Leveza
10	Freq. esporádico	Vir na feirinha, lazer	Leveza	Árvores	Pássaros	Bege	Pessoas	Movimento	Calma

O que percebemos das colocações é que realmente existe um ritmo mais oscilante, uma pluralidade, já que palavras como “tranquilidade” e “agitação” (que são opostas) apareciam como correlatas e parte do mesmo lugar (figura 20). Outra coisa que merece destaque é a menção da palavra “liberdade” que aparece relacionada tanto como expressão da experiência compartilhada como da experiência individual.

Assim como fizemos na experiência em Copacabana, trouxemos um quadro síntese onde apresentamos os resultados que sintetizam as narrativas. Embora tenhamos notado, desde o início, que ambas as praças eram diferentes, alguns dos fatores e constatações só surgiram quando comparamos as informações que colhemos nas duas. E é a partir de algumas destas comparações, que apresentaremos a seguir, que traremos um apanhado geral sobre o método e suas possibilidades de relação no estudo da apropriação e uso para a experiência coletiva.

#### **5.4 A Experiência Coletiva através da Empatia Espacial - conclusões advindas do método**

Foi com o intuito de explorar a fundação das experiências coletivas que nos dispusemos a delinear a Empatia Espacial, uma ferramenta metodológica e conceitual que, neste trabalho, tem seu arremate final com método proposto: Narrativas do engendramento sensorio espacial (NESE) construído paralelamente ao conceito. Sua aplicação possibilitou para que identificássemos como os gatilhos de uso e apropriação podem fundar experiências compartilhadas. A partir de sua aplicação empírica, constatamos que a fundação das experiências coletivas está condicionada à sensorialidade, espacialidade e sociabilidade. Os três fatores podem se fazer presentes no espaço e por isso todos os espaços públicos podem ser potencialmente empáticos. No entanto, o que verificamos a partir do estudo empírico realizado nas Praças no Rio de Janeiro, é que geralmente *um deles se torna o norteador da construção empática*.

Como demonstramos no capítulo 04, a Empatia Espacial é uma construção que é desencadeada pelo sensível. Assim, quando falamos em sensorialidade, estamos mencionando fatores presentes no primeiro momento da construção empática, onde o afetar-se e a reação estão presentes. É o momento em que a experiência ainda assume um viés subjetivo e individual que leva o sujeito a ser motivado ou não a fazer parte do contexto que lhe é apresentado.

Em ambas as praças vimos a presença da *sensorialidade*, que em Copacabana assume um delineamento mais afetivo relacionado com lembranças (histórias, narrativas) sobre o lugar. A declaração por parte dos entrevistados de que o lugar “*não muda e sim a maneira que se apropriam dele*”, nos levou a constatar a existência de uma ambiência que muda sutilmente, remetendo a ideia de um ritmo linear pautado na repetição de ações e comportamentos. Tais características aparecem relacionadas muito mais à como se interage com o meio e se estabelecem laços com ele do que com o Outro, com as pessoas que ali estão. Supomos que o Outro ali presente, como já dissemos, parece corroborar o que se captura do Lugar de maneira individual.

Por ser uma condicionante atrelada mais fortemente à ocorrência do primeiro momento da Empatia, vemos a *sensorialidade* também na Praça São Salvador. Nela percebemos que também existe uma convergência à lembrança, a uma memória que parece associada ao objeto mais antigo do local (o chafariz) que marca o centro da Praça – e é tido como um elemento histórico do lugar. No entanto, na Praça do bairro de Laranjeiras, entendemos que a sensorialidade está relacionada mais à convivência, ao contato com o Outro e ao agrupamento. A solicitação de que o usuário da Praça nos guiasse até o ponto indicado, nos apresentando o espaço, foi a forma pela qual se tornou possível supor os possíveis indicadores associados à sensorialidade.

O segundo momento da construção da Empatia é marcado pela *interação*, e é neste momento que vemos em que estaria embasada sua consolidação. Interessantemente, ambas as Praças servem para ilustrar dois tipos diferentes de experiências que a fundamentação teórica traz como parte da experiência coletiva. Como explicamos com base em Queré (1995; 2015), Rancièrè (2008) e Dewey (2005), existem diferentes modos de interação que são deslançados a partir da experiência individual e que podem, ou não, corroborar uma experiência coletiva ou compartilhada (através da compreensão advinda da Empatia Espacial). Assim, a experiência coletiva poderia ser tanto uma convergência de vários pontos de vista individuais ou uma experiência que é moldada pelo Nós e, por isso, converge a partir de um interesse comum.

Podemos então dizer que a experiência individual que se converge à coletiva está embasada na *espacialidade*, enquanto a via contrária está embasada na sociabilidade. Ao solicitar aos informantes que nos apresentassem palavras que resumissem o espaço na Praça São Salvador, por exemplo, as palavras que surgiam denotavam propensão a uma relação mais próxima às dinâmicas sociais,

o que nos fez associar com a ideia de sociabilidade. Enquanto, na outra Praça estudada, a mesma pergunta fez com que a maioria das palavras envolvesse elementos espaciais, corroborando com a ideia de que existe uma maior associação espacial.

Pedir para apontar lugares que potencialmente pareciam ser agregadores também nos deu uma ideia de como esses lugares eram espacialmente abstracionados pelos usuários. Vimos que na Praça São Salvador os elementos de restrição espacial, porém de permeabilidade visual, como o coreto, marcavam essa reunião coletiva expressa pelas palavras “sociabilização”, “conversa”, “gente”. Na Praça Edmundo Bittencourt, os lugares que foram apontados como propensos ao compartilhamento coletivo apareceram relacionados à paisagem, ao contemplar, demonstrando uma propensão à acomodação corporal e à tomada de postura de espectador, daquele que observa e interage a partir do olhar.

O terceiro momento da construção da Empatia, como já mencionado, é construído pela *ressonância emocional* pela flexibilidade mental. Este é um momento que entendemos como crucial para a consolidação de uma Empatia Espacial, pois é quando o sujeito poderá ou não reconsiderar a forma de interação com o meio. Neste momento, observamos que é a base espacial o principal elemento que pode favorecer ou dificultar este processo.

Poder visualizar o espaço como um todo, como ocorre na Praça São Salvador, parece potencializar a capacidade de imaginar-se ali, algo que não foi tão mencionado na Praça Edmundo Bittencourt, que, por sua vez, tem muitos elementos que “barram” a visão, não permitindo que se tenha uma ideia do que se passa do outro lado. (Figura 21)

A disposição dos equipamentos urbanos na Praça Edmundo Bittencourt causa, ao mesmo tempo, agregação de várias pessoas em um espaço e separação de outras atividades, pela distância proporcionada pelo empecilho espacial. Na Praça São Salvador não vemos muitos bancos, mas as muretas baixas que cercam o coreto e o parque infantil, como já frisamos, servem de bancos, de apoio, de mesa exemplificando o que Gibson (1977) trata como *affordance*. O que se presume diante do observado e das leituras engendradas é que *quanto maior às possibilidades de uso espacial, maior affordance*, maiores são as possibilidades de uso e instauração de uma ambiência plural.



**Figura 21:** Foto com a existência ou ausência de barreiras visuais: à esquerda a Praça de Copacabana e à direita, a de Laranjeiras  
**Fonte:** acervo da autora, novembro de 2017

Não é que a ambiência plural seja mais empática do que a linear, mas por ser uma ambiência mais ‘aberta’ do que a linear, leva o usuário a ceder de sua experiência individual e aderir ao compartilhamento, fundando uma ambiência de experiência coletiva. Em um paralelo com o engendramento espacial arquitetônico pautado na *Einfühlung*, notamos que a *affordance* tem interferência na maneira pela qual intuímos o espaço (SCHMARSOW, 1994). Neste sentido, podemos dizer que o espaço ‘nos chama’ a partir de seu tom sentimental, cabendo a base espacial dar condições para que as ações que resultam da afetação possam ser realizadas.

Um ponto importante a esclarecer é que, de forma geral, *ressonância afetiva* e *flexibilidade mental* estão relacionadas na literatura acerca da Empatia. De fato, entendemos que estar aberto a reconsiderar um tipo de experiência é algo subjetivo e que está associado a questões culturais e sociais.

Quando mencionamos que não é a penas a construção da Empatia Espacial que promove a sua consolidação enquanto processo, mas o espaço (recorte físico), estamos evidenciando um aspecto que está relacionado à ressonância e à base espacial: os ritmos a que somos levados a engendrar.

Como explicamos a partir da cinestesia, podemos por meio dela manifestar o resultado da afetação tanto quanto buscar ser afetados. O ritmo que o espaço nos impõe a partir de suas barreiras, equipamentos e até mesmo de como favorece a reunião das pessoas é uma forma de buscarmos entrar em ressonância, seja corroborando por meio da ação ou buscando uma reação que nos faça sentir.

A pluralidade da ambiência presente na Praça São Salvador faz com que o espaço tenha um ritmo mais oscilante, favorecendo para que a experiência se desdobre de uma maneira mais variada e fluida, mais rápida. Já na ambiência linear da Praça Edmundo Bittencourt, cogitamos que o deslocamento pelas bordas de certa maneira, garante a manutenção desta ambiência linear que, ao contrário da plural, aparente é enfraquecida diante de um fraccionamento. E considerando que um deslocamento central pode modificar seu ritmo, podemos dizer que assim como o deslocamento pelo centro garante a mutabilidade da ambiência plural, o deslocamento pelas bordas é o que permite a continuidade da linear. Esta identificação do deslocamento foi visível quando pedimos que os informantes nos guiassem pelo trajeto que ele escolhesse, possibilitando a nós visualizar o que já havíamos suposto durante o estudo de campo.



**Figura 22:** Foto para exemplificar as ambiências mais linear e mais vibrante: à esquerda, a Praça de Copacabana e à direita a de Laranjeiras, ambas em dia de semana

**Fonte:** acervo da autora, novembro de 2017

Na Praça São Salvador, o mapeamento que fizemos partiu dos pontos de deslocamento e permanência que levavam à experiência compartilhada e/ou individual. Isso demonstrou que as pessoas tomavam as mais diferentes direções, cortando a Praça nos mais diferentes sentidos e comprovando que quanto maior a utilização do espaço físico, maior o engendramento. Na Praça Edmundo Bittencourt, os usuários são direcionados a caminhar em suas bordas, levando a deslocamentos maiores que poderiam ser reduzidos apenas ao se cortar a Praça (figura 23). Esta constatação só foi possível porque deixamos o trajeto a ser guiado pelo entrevistado, sem pré determiná-lo, permitindo que o itinerário fosse construído de maneira livre. Aliás, é importante frisar que em ambas as Praças realizamos a pesquisa em momentos em que havia pouca e muita gente e, mesmo assim, os deslocamentos obedeciam ao mesmo padrão: bordas na Praça Edmundo Bittencourt e pelo centro na Praça São Salvador.

Ainda em relação à comparação das duas Praças, pudemos ressaltar a importância que certos elementos espaciais têm na apropriação do lugar. A fonte, presente na Praça São Salvador, é um elemento que, além de servir como marco central e ser associado à história e memória da Praça, é incorporado na apropriação e foi mencionado por muitos entrevistados durante os itinerários guiados como o elemento simbólico do lugar.

Em relação à terceira ambiência que mencionamos, a ambiência “entre” – que supomos surgir a partir de ‘rebarbas sensíveis’ – temos sua aparição como mantenedora das microambiências. Assim, as ambiências plurais e lineares que aqui entendemos serem microambiências relativas à esfera pública, seriam costuradas entre si por ambiências “entre”, que estariam situadas entre a ambiência originária e as microambiências. Por serem rebarbas sensíveis, estas ambiências trariam em si fragmentos das microambiências e das ambiências originárias (como já descrito), cabendo a elas o encadeamento das ambiências que surgem da experiência coletiva. Neste sentido, podemos dizer que as ambiências “entre” seriam um elemento relacionado ao desdobramento rítmico e intimamente relacionadas ao encadeamento dos momentos da Empatia Espacial.



Por ser um processo de cunho sensível, entendemos que a observação e o estudo da Empatia Espacial se entrelaçam com a observação e o estudo das ambiências urbanas. Foi por meio da análise do que se vivenciava e do que se sentia a partir da imersão nas várias ambiências que nos deparávamos durante nossos estudos empíricos que realizamos as associações entre sensação e ação. E sendo o espaço também construído pelo que por sua vez que torna reflexo do mesmo, buscamos compreender as aberturas e proibições que as dinâmicas socioespaciais intermediavam, possibilitando ou não o engendramento (corporal e imaginário) do sujeito.

Por fim, ao constatarmos que as experiências coletivas estão associadas à sensorialidade, à sociabilidade e à espacialidade podemos dizer que comprovamos nossa hipótese de que existem certos fatores que podem engatilhar a Empatia Espacial. Por ser um conceito estruturador e fundante da experiência coletiva, sua construção não estaria pautada apenas no desencadear da experiência, mas também em sua estruturação, modulando-a. Desta forma, seria possível haver um encadeamento de momentos que constroem a Empatia Espacial, a qual seria o viés pelo qual não apenas nos conectamos com o espaço, mas nos inserimos na coletividade que nos leva a participar de sua (re)construção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando, ao iniciarmos este trabalho em 2014, tomamos como premissa a existência de uma Empatia Espacial já em desenvolvimento pelo LASC, ainda se sabia pouco sobre a relação da Empatia no campo da arquitetura e do urbanismo. Embora existissem trabalhos que de forma direta ou indireta corroborassem com sua existência, a sua aplicabilidade como ferramenta conceitual e metodológica no estudo da fundação das experiências coletivas trazia questionamentos. Existiam, de fato, estudos da *Einführung* acerca de uma Empatia (arquitetônica) com considerações sobre o espaço, mas associações mais amplas que eram aplicáveis ao contexto citadino e metodológico eram quase inexistentes – apesar de trabalhos mais recentes como de Cazal (2014) e Galland-Szymkowiak (2017), além dos primeiros artigos produzidos dentro do LASC por Duarte (2015) e Duarte, Pinheiro et al. (2016) fazerem incursões profundas e tentativas de explorar o conceito em contextos urbanos.

Ainda nas primeiras leituras nos demos conta de que era necessário ir além da *Einführung* e que, mesmo reconhecendo que a arquitetura era “a arte de espaço”, e assim diferente de seus outros objetos de estudo, havia um enfoque voltado para questões estéticas. Mesmo assim a *Einführung* em muito nos norteou, sobretudo com estudos que, mesmo com uma perspectiva prioritariamente estética, poderiam ser relacionados ao engendramento espacial corporal. Mas sabemos da diversidade da cidade, com suas práticas e atores que nos levam para além da estética. Falar de experiência coletiva nos coloca diante do Outro, que é também o espaço, e dos Outros (sujeitos), formando uma tríade – sujeito, espaço, coletivo – que até então não era totalmente explorada nos estudos da Empatia. Fomos direcionados a buscar e compreender a Empatia de maneira mais abrangente, contemplando outras *nuances* e uma diversidade teórica que envolvia vários campos do conhecimento. E sendo o espaço citadino também um tema complexo, unir o estudo da Empatia e das questões espaciais se consolidou como um desafio.

Com o objetivo geral de entender o papel da Empatia Espacial na adesão aos lugares e na fundação de experiências coletivas, iniciamos nossos estudos primeiramente pela teoria. Ainda nas primeiras leituras notamos que seria primordial observarmos empiricamente; uma perspectiva que nos auxiliou na busca de identificar as possíveis condicionantes que poderiam embasar a construção e o delineamento da Empatia Espacial. Das primeiras incursões realizadas no Rio de Janeiro até a

experiência de exploração na cidade de Grenoble, na França, passamos por um longo processo de imersão urbana. Embora o estudo fosse direcionado aos espaços públicos do Rio de Janeiro, nas Praças públicas, as quais observamos durante quatro anos, entrar em outro contexto cultural e até mesmo observar diferentes espaços públicos foi um fator preponderante para que alguns pontos se tornassem mais claros e evidentes.

Pode-se dizer que em todas as observações empíricas das quais a pesquisadora fez parte, não apenas se estudou e se buscou desvendar a existência de uma Empatia Espacial, mas intuitivamente se experienciou os diferentes espaços da cidade através dela. E foi apenas vivenciando-a que entendemos a Empatia Espacial, assim como a ambiência urbana, como um conceito fundante – sendo através desta que a experiência espacial é estruturada. Neste sentido, entendemos que a experiência é a maneira como apreendemos o mundo, e a Empatia Espacial é estruturadora desta experiência do meio, tornando-a muitas vezes mais intensa, consistindo em uma forma de conexão onde as interações são os elos.

Ao contrário dos delineamentos de fenômeno unitário que o termo Empatia assume normalmente, a Empatia Espacial é um constructo com fatores culturais, sociais e espaciais envolvidos em seu processo. A hipótese de que existiriam determinados atributos que poderiam favorecer o engatilhamento em lugares de uso público pôde ser constatada, já que são certas condicionantes de ordem física e imaterial presentes no espaço que alavancam sua construção.

Um dos primeiros fatores que chamamos atenção é a **carga simbólica associada à tipologia do espaço público**, que é visível ao longo da história das cidades. Por mais que nunca se tenha ido ao lugar, a simples menção de que se trata de uma Praça de determinada centralidade ou uso, imediatamente trará ao nosso imaginário uma ideia de espaço cotidiano, de sociabilização e, conseqüentemente, do que ali pode ser desdobrado (as histórias praticadas em cada espaço cognitivamente reconhecido), das práticas que podem ser encontradas ou viabilizadas. Cabe à base espacial ser propícia a oferecer suporte necessário para que se possa exercer corporalmente o que somos motivados sensivelmente e até mesmo imaginariamente.

Entre os aspectos sociais, um dos fatores engatilhadores que identificamos fazer parte do processo de Empatia é a **pluralidade social**. O que notamos é que, quanto mais plurais são as dinâmicas e seus atores, mais aberto a possibilidades é o espaço físico – ao mesmo tempo em que ‘controlado’ por tais agentes plurais, as dinâmicas se tornam mais englobadoras. A cada grupo social que se faz presente espacialmente existe o que, empaticamente, pode ser chamado de *regras de sentimento*, que se manifestam tanto por meio das práticas como dos comportamentos.

O reconhecimento de uma *regra de sentimento* leva aqueles que tem algo similar a compartilharem uma mesma experiência. Por isso, mais importante do que favorecer ações e práticas, entendemos que o espaço físico deve propiciar a sua concretização e desdobramento através do desengessamento dos usos.

O **contexto cultural** também tem influência e empaticamente se manifesta não só pelos modos de comportamento mas pelos modos de atenção e percepção tanto de ação como estético. A influência da cultura foi mais visível e intensamente sentida a partir da vivência da experiência de imersão urbana na França, onde foi possível observar certos tipos de reações e comportamentos, onde o espaço físico pôde direcionar, reforçar ou enfraquecer as regras comportamentais e práticas sociais características de uma realidade cultural distinta da que a pesquisadora manejava.

Em relação aos aspectos espaciais, começaremos dando ênfase ao meio físico. Até então, mencionamos que é importante que **o meio físico sirva de suporte às ações** que são desencadeadas pelo meio sensível. Para isso, é importante considerarmos as possibilidades do meio que explicamos a partir da *affordance*. Assim, **quanto mais possibilidades de formas de utilização, incluindo também as diferentes funções dos equipamentos urbanos, mais potencialmente empático o espaço pode se apresentar.**

Entre os fatores de ordem espacial, identificamos a *amplitude visual*, isto é, a possibilidade de se ter uma visão da completude espacial, a maneira que o deslocamento pode ser intuído e realizado e, inclusive, se este é realizado das bordas para o centro ou por elementos e marcos que podem ser apropriados constituindo mais uma forma de uso do espaço – como ocorre com o chafariz da Praça São Salvador. Mas, além de proporcionar diferentes tipos de uso e da inserção de elementos que são referências simbólicas do lugar, é importante que o espaço, através de seus atributos físicos, possa engendrar, costurar as diferentes práticas e dinâmicas de uma maneira a encadeá-las permitindo que se manifeste uma pluralidade. A partir das observações, o que entendemos é que não necessariamente deva haver uma integralização ou uma fragmentação, mas uma tessitura espacial que favoreça um engendramento tanto através do corpo como através da imaginação (e para imaginar é preciso combinar ideias e aprender a representar).

Teoricamente podemos dizer que a Empatia Espacial está entre a *Einfühlung* e a Empatia (interpessoal), tendo a base espacial analisada a partir das teorias desenvolvidas pela primeira e as experiências coletivas relacionadas ao compartilhamento emocional, que é enfoque da segunda. A Empatia Espacial estaria, então, na intersecção das duas abordagens, tendo o corpo no cerne do processo. Por

isso ela estaria condicionada não só à construção de momentos, mas também às questões que envolvem cinestesia, tendo uma relação direta com o corpo engendrado. A Empatia Espacial também se remete à *Einfühlung* e aos sujeitos que estão presentes espacialmente, quando estão presentes algumas nuances que são parte do processo fenomenológico da Empatia, como o contágio emocional.

Outro ponto cogitado durante o processo de pesquisa e corroborado, sobretudo a partir dos estudos de campo, é que todos os espaços podem ser empáticos. A Empatia Espacial é um processo que é iniciado individualmente e que, ao desdobrar de seus momentos, pode ocasionar uma experiência coletivizada – a depender do contato com o Outro e da forma como somos direcionados ao compartilhamento. Assim, o nosso primeiro elo, a nossa primeira interação seria sensível, sendo a partir dela que somos motivados a internalizar subjetivamente e emocionalmente no meio. Compreender que existe um potencial empático em cada espaço e que ele está relacionado às condicionantes presentes, foi importante para que pudéssemos solidificar o conceito de Empatia Espacial: *quando, ao engajarmos coletivamente, a consonância entre as práticas abalizadas espacialmente e o sentimento que nos é despertado são ativados pelo sentido que nosso engendramento é direcionado.*

Além da consolidação do conceito de Empatia, nosso trabalho tinha alguns objetivos específicos como o desenvolvimento de ferramentas e/ou abordagens que permitiriam a exploração e identificação das potencialidades empáticas do espaço no estudo das ambiências urbanas. O que trouxemos como contribuição neste sentido foi a proposta do que nomeamos de *método do engendramento sensível espacial* (NESE).

Desenvolvido majoritariamente durante o estágio doutoral na França, a partir de imersões urbanas, o método foi ajustado a partir do estudo de campo das Praças do Rio de Janeiro, favorecendo respostas mais pertinentes acerca da fundação de experiências coletivas. Por fazer uso da Empatia Espacial enquanto ferramenta conceitual, a aplicação do método possibilitou a identificação de três fatores que regem o compartilhamento da experiência: a sensorialidade, a espacialidade e a sociabilidade.

Além de ter em sua estruturação considerado algumas variantes relacionadas ao “Percurso Comentado”, que é um método já aplicado nos estudos das ambiências e desenvolvido pelo CRESSON-Grenoble, foi por meio do NESE que conseguimos entender os ritmos de engendramento e, conseqüentemente, categorizar as ambiências que aqui trazemos como *plural, linear e “entre”*. Assim como o método considera também a exploração do meio sensível, ele também traz algumas contribuições para o estudo das ambiências, contemplando o segundo objetivo específico deste trabalho.

Explorar a influência da Empatia Espacial no desenvolvimento e na adesão coletiva a uma ambiência urbana, outro dos objetivos específicos, nos leva ao encontro das ambiências observadas, principalmente da terceira, que nomeamos como ambiência “entre”. Sensivelmente ela parece transitar entre as mircoambiências observadas nas Praças e que aqui tratamos como *linear e plural* (ambiência originária), e por isso descrita como resultante de rebarbas sensíveis. O que supomos é que a Empatia Espacial teria sua solidificação vinculada a esta ambiência, já que as rebarbas sensíveis agem como intermediadoras, como um elemento presente na articulação e na dinâmica da ambiência.

Por meio do estudo da Empatia Espacial foi possível também ampliar, no campo metodológico, as possibilidades de análise e projeção de espaços livres nas cidades contemporâneas, outro objetivo específico almejado. Compreender a importância de alguns elementos espaciais como a amplitude visual e a necessidade de, por meio de barreiras ou de sua eliminação, considerar os possíveis ritmos que podem surgir no engendramento espacial nos fez mais conscientes de certos fatores que devem ser considerados durante o projeto de espaços públicos citadinos. O papel do meio físico na concatenação da Empatia Espacial torna o compromisso projetual do arquiteto e urbanista relacionado não apenas à beleza (Teoria do Belo) ou até mesmo à funcionalidade dos espaços, mas também em fazer com que diferentes ações sejam tecidas e sejam concatenadas a partir do engendramento espacial. E para isso é fundamental entender o espaço e sua projeção como facilitador da manifestação da pluralidade, permitindo que seus atores sociais sejam além de protagonistas, também legisladores.

Por fim, compreendemos que o que empaticamente se considera ‘capturar o sentimento’ seria, no contexto espacial, a compreensão de como o espaço nos chama e como ele nos motiva e responder a este chamado, quando nossas respostas são convertidas em ações, ao serem compartilhadas, tornam-se reforçadas e coletivizadas. Trazer o embate social à tona para a plataforma espacial torna a cidade potencialmente porosa e viva, de modo que cada espaço de convívio público se revela espaço de *todos os afetos*, de todas as ações, onde todos somos cidadãos e empáticos com o mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADOLFS, R. **Social cognition and the human brain**. Trends in Cognitive Sciences, v. 3, 1999, p. 469–479.
- ALEX, Sun. **Projeto da Praça: Convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: SENAC, 2008
- MOUGHTIN, C. **Urban Design: Street and Square**. Londres: Third Edition, 2003
- ARENDRT, H. A condição humana. 11 ed. São Paulo: Editor Forense Universitária, 2011.
- \_\_\_\_\_. **La crise de la culture**. Paris: Ideés/Gallimard, 1972.
- AUGOYARD, J. F. **Essai sur le cheminement quotidien en milieu urbain**. Paris : Du Seuil, 1979.
- BATSON, D. C. This thing called empathy: related but distinted phenomena. In: DECETY, J.; ICKES, W. *The social neuroscience of empathy*. Massachusetts: MIT Press, 2009. p. 81-102.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.
- BENEVOLO, L. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo, Perspectiva, 2005
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996
- BERTHOZ, A. A. Perception de Soi, Perception et Compréhension d'autrui In BERTHOZ, A; PETIT, J.L. (Org) **Physiologie de l'action et Phénoménologie**. Odile Jacob: Strasbourg, 2006a
- \_\_\_\_\_. J; JORLAND, G. **L'Empathie**. Paris: Odile Jacob, 2004
- \_\_\_\_\_. Espace des sens et Sens de l'espace In BERTHOZ, A; PETIT, J.L. (Org) **Physiologie de l'action et Phénoménologie**. Odile Jacob: Strasbourg, 2006
- BLACKMAN, L. *Immaterial Bodies: Affect, Embodiment, Mediation*. Londres: Sage, 2012
- BÖHME, G. *Urban Atmospheres: Charting New Directions for Architecture*. In: BORCH, C. *Architectural Atmospheres*. Berlim: Birkhäuser Basel, 2014. p. 42-59.
- \_\_\_\_\_. *Asthetik*. Munique: Wilhelm Fink Verlag, 2016.
- CALIANDRO, S. **Empathie et esthésie: un retour aux origines esthétiques**. *Revue française de psychanalyse*, 2004/3 (Vol. 68), p. 791-800. Disponível em: <: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-psychanalyse-2004-3-page-791.htm>> Acesso em 15.07.2017
- CARDOSO, A.C.C.P. *A cidade contemporânea: da desconstrução geográfica a uma cartografia afetiva*, 2014. 85f (Mestrado em Cultura e comunicação) Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto, Portugal, 2014
- CARDOSO, M. E. R. **O espaço do corpo**, 2016. 140f (Mestrado em Arquitetura) Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto, Portugal, 2016
- CARLOS, A.F. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2001.
- CASTELLS, M. **La ciudad informacional**. *Tecnologías de la información, reestructuración económica y el proceso urbano-regional*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.
- CAZAL, R. **L'empathie en architecture**. *Pour une nouvelle compréhension de l'habitation de l'espace*. Université Paris I Panthéon. Sorbonne. 2014.
- COPLAN, A.; GOLDIE, P. **Empathy: Philosophical and Psychological Perspectives**. Londres: Oxford University Press, 2011.
- CURRIE, G. *Empathy for objects*. In: COPLAN, A.; GOLDIE, P. **Empathy: Philosophical and Psychological Perspectives**. Estados Unidos: Oxford University Press, 2011.

- DAMÁSIO, A. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- DARWALL, S. **Empathy, sympathy, care**. *Philosophical Studies*, Suíça, 1998. 261–282.
- DAVIS. M.H. **Empathy: A Social Psychological Approach**, United States: Westview Press, 1996
- DECETY, J. Perspective taking as the Royal Avenue to empathy. **Scientific World Journal**, 14, 2009
- \_\_\_\_\_, J; LAMM, C. Human Empathy through the lens of social neuroscience. **Scientific World Journal**, 6, 1p.146-1163, 2006
- \_\_\_\_\_; ICKES, W. **The Social Neuroscience of Empathy**. Massachusetts: MIT Press, 2009.
- DEGEN, M.; ROSE, G.; BASDAS, B. **Bodies and everyday practices in designed urban environments**. *Science Studies*, Vol 23, n2, p 60-76, 2010
- DEVEREAU, G. **De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement**. Paris: Champs Essoi, 1980
- DEWEY, J. (1927) *Le public et ses problèmes*, Paris: Gallimard, 2010.
- \_\_\_\_\_. (1934) *L'art comme expérience*. Tours: Farrago, 2005.
- \_\_\_\_\_. (1938) *Expérience et éducation*, Paris: A. Colin, 2011.
- DUARTE, C. R. S. *Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço*. In: THIBAUD, J.-P. *Ambiances en partages: pour une écologie sociale de la ville sensible*. France: métispress, 2013.
- \_\_\_\_\_. PINHEIRO, E. S.; UGLIONE, P.; LIRA, E. M. R.; NASCIMENTO, B. T. L.; GUERRA, J. M. *Uma ambiência urbana à luz do conceito de "Empatia Espacial": a Pedra do Sal, no Rio de Janeiro*. Anais do 1o Congresso Internacional Espaços Públicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015 Disponível em: <[http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/072\\_C.pdf](http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/072_C.pdf)> Acesso em 20.01.2015
- \_\_\_\_\_. e PINHEIRO, E. *Ambiances as Translators of the Urban Culture*. Conferência apresentada no 3ème Séminaire du GDRI, Volos – Grécia, 2016.
- EISENBERG, N. **Altruistic Emotion, Cognition and Behavior**. Nova Iorque: Psychology Press, 1986.
- \_\_\_\_\_, P. J; STRAYER, J. **Empathy and its development**. New York: Cambridge University, 1987.
- ELIE, M. **De l'Einfühlung à l'empathie, Temporel**: *Revue Littéraire et Artistique*, 27 set, 2012 Disponível em: <<http://temporel.fr/De-l-Einfuhlung-a-l-empathie-par>> Acesso em: 25.10.2016
- ESLINGER, P. J. *Neurological and neuropsychological bases of empathy*. *European Neurology journal*, Pennsylvania, 1998.
- ETLIN, R. A. **Aesthetics and the spacial sense of self**. *The Journal os Aesthetics and Art Criticism*, v. 56, n. 1, p. 1-19, Winter 1998.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GALLAND-SZYMKOWIAK, M. **L'engendrement de l'espace architectural** : trois modèles (Wölfflin, Schmarsow, Lipps). *Construire et éprouver, dans l'espace et dans la pensée*. Points de rencontre entre architecture et philosophie, 2017 Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01565280>> Acesso em 10.10.2017
- GARVIN, A; SILVA, F. **Emotions and communication as a dynamic developmental system**. *Espaciotiempo*, n. 2, p. 62-73. 2008
- GEHL, J. *Cidades para Pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GEIGER, M. (1911). *The Problem of Empathy emotional state: Zum Problem der Stimmungseinfühlung* In UBILALI, M; WEHRLE, M. (Org). **Felling and Value, Willing and Action: Essays in the Context of phenomenological Psychology**. Switzerland: Springer, 2015.

- GERDES, K; SEGAL, E. Importance of Empathy for Social Work Practice. **Social Work Journal**, 2, 2004
- GIBSON, J.J. The theory of affordances. In R. Shaw & J. Bransford (eds.), *Perceiving, Acting and Knowing*. Nova York: John Wiley & Sons Inc, 1977
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GOMES, P. C. C. **A condição urbana**. Ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GORDON, R. M. **Sympathy, simulation, and the impartial spectator**. *Ethics*, v. 105, p. 727–742, Jul 1995.
- GREGG, M; SEIGWORG, G. **The affect theory**. Duhan: Duke Press University, 2010
- GRIFFERO. T. **Atmospheres: Aesthetics of Emotional Spaces**. Farnham: Ashgate, 2014.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 1994
- HALL, E. A dimensão oculta. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HAROCHE, C. A condição sensível, Rio de Janeiro: Contracapa, 2008
- HARVEY, D. Direito a cidade. *New Left Review*, n. 53, 2008. Traduzido do original em inglês “The right to the city” por Jair Pinheiro, 2013
- HEBERTZBERGER, H. Lições de Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1981
- HEIDEGGER, M. Habitar, construir, pensar, in: *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002
- HERDER, J. G. V. (1778) **Vom Erkennen und Empfinden der Menschlichen**. Seele, Riga: Hartknock, 1997.
- HOFFMAN, M. L. Empathy, social cognition, and moral action. In: KURTINES, W. M.; GEWIRTZ, J. L. **Handbook of Moral Behavior and Development**. Nova Iorque: Cambridge New Press, 2000.
- HOSCHILD, A R. **Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure**, *American Journal of Sociology* Vol. 85, No. 3 (Nov., 1979), pp. 551-575
- HOUASSIS. **Dicionário online** Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#0>> Acesso em: 05.07.2017
- HUME, D. (1739) **Treatise of Human Nature**. Oxford: Oxford Press, 2000.
- HURSSSEL, E. (1901) **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2008.
- ICKES, W. **Empathic accuracy**. *Journal of Personality*, 1993. 587–610.
- JACOBS, J. Morte e vida das grandes cidades. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (1.ed. 2000).
- JAMES, W. O que é uma Emoção Publicado originalmente em *Mind*, Vol. 9, No. 34. (Abril, 1884), pp. 188-205 e traduzido **como O retorno a William James e à sua “teoria das emoções”**. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 11, n. 4, Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142008000400012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000400012&lng=en&nrm=iso). Acessado em: 08 Nov. 2010.) (N.T.) Acesso em 14.03.2017
- KASIG, R. Les ambiances de résonance culturelle et la création d'espaces publics d'intimité. *Ambiances en partage : culture, corps et langage*, Nov 2009, Rio de Janeiro, Brésil. 2010.
- \_\_\_\_\_. Les ambiances types et leurs dynamiques: reflexios théoriques et évidences empiriques d'une Place à Bonn. *Colloque de Cerisy: Association des Amis de Pontigny-Cerisy/Éditions Recherches*. 2014.
- KEYNEY, J.S.; GRAIG, A. **Emotions Matter: A Relational Approach to Emotions**. Toronto: University of Toronto Press, 2012
- KOEPNICK, L. **Framming Attention: Windows on Modern German Culture**. Baltimore: Jonh Hopkins University Press, 2007.

- KOHUT, H Introspection, empathy and psychoanalysis: An examination of relationship between the mode observation and therapy. **Journal of American Association**, 7, 459-485, 1959
- LAMAS, J.M.R.G. **Morfologia Urbana e Desenho da cidade**. 3ed. Lisboa: Fundação GalousteGulbenkian, 2004.
- LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.
- LIPPS, T. (1905) Empathie, imitation interne et sensations organiques. In: ELIE, M. **Aux origines de l'empathie: Fondements et fondateurs**. Nice: Ovadia, 2009. p. 105-127.
- \_\_\_\_\_. **Einfühlung, innere Nachahmung, und Organempfindungen**. Archiv für die gesammte Psychologie, v. 1, p. 185-204, 1903.
- LIRA, E. Um convite à reciprocidade: Bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos. 280f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014
- MALARD. M.L. **As aparências em arquitetura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- MALLGRAVE, H. F. **The Architecture Brain: Neuroscience, Creativity and Architecture**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.
- MARTÍ I CASANOVAS, M. A la recerca de la civitas contemporària. Cap a uma cultura urbana de l'espai públic: l'experiència de Barcelona (1979 – 2003). Tese (Doutorado em Urbanismo e Ordenação do Território). Universitat Politècnica de Catalunya. Barcelona: UPC, 2004.
- MELIK,, R.V. **Changing public space: the recent redevelopment of Dutch city squares**. In: Netherlands Geographical Studies 373, Utrecht, 2008.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MILLIOT, V. Portée d'une ambiance pluraliste : le quartier de la Goutte-d'Or In: THIBAUD, J.-P. **Ambiances en partages: pour une écologie sociale de la ville sensible**. France: métispress, 2013.
- MINKOWSKI, E. **Vers une Cosmologie, fragments philosophiques**. Paris: Aubier-Montaigne, 1967. pp 63-65,69-78 .
- MODELL,A.H. **Imagination and the Meaningful Brain**. Massachusetts: MIT Press, 2006
- MOUGHTIN, C. **Urban design: Street and Square**. 3.ed.Londres: Elsevier Architectural Press 2003
- MUMFORD, L. **A Cidade na História**. Martins Fontes Editora, São Paulo, 2004.
- NOWAK, M. **The Complicated History of Einfühlung**. Argument psychology Journal, 2011. 301-326.
- PALLASMAA, J. A imagem corporificada: Imaginação e imaginário na arquitetura, Reino Unido:Bookman, 2013
- \_\_\_\_\_. J. Space, Place and Atmosphere: Peripheral perception in Existencial Experience In: BORCH, C. **Architectural Atmospheres**. Berlim: Birkhäuser Basel, 2014. p. 42-59
- PARK, R. **On Social Control and Collective Behavior**. University of Chicago Press: Chicago, 1967.
- PECHMAN, R.M. **Cenas, algumas obs-cenas, da rua**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 21 – n. 2, p. 351-368, Maio/Ago. 2009 Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v21n2/11.pdf>> acesso em 22.11.2017
- PINHEIRO, E ; UGLIONE, P . A memória do futuro e a busca por uma nova sensibilidade cidadina. In: DUARTE, C.; VILLANOVA, R. (Org.). Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia.1ed.Rio de Janeiro: Contracapa, 2013, v. 1, p. 129-144.
- PRESTON, S. D.; WAAL, F. B. M. D. **Empathy: Its ultimate and proximate bases**. Cambridge Journal of Behavioral and Brain Sciences, Nova Iorque, fevereiro 2002.

QUERÉ, L. L'espace public comme forme et comme événement. In: JOSEPH, Osaac (org.) Prendre place. Espace public et culture dramatique. Colloque de Cerisy: Association des Amis de Pontigny-Cerisy/Éditions Recherches. 1995, pp. 93-110

\_\_\_\_\_. **L Pour un nouveau regard sur l'expérience publique.** Occasional Paper 27 Paris, Institut Marcel Mauss – CEMS juillet 2015

RANCIÈRE, J. Le spectateur émancipé, Paris, La Fabrique, 2008

REYNOLDS, W. M. Development of reliable and valid short forms of the marlowe-crowne social desirability scale. *Journal of Clinical Psychology*, Janeiro 1982. 119-125.

ROBBA, F.; MACEDO, S. Praças Brasileiras. São Paulo: Edusp, 2002.

ROBNETT, B. Emotional resonance, social location, and strategic framing. *Sociological Focus*, 2004 Vol. 37, No. 3, special issue: social movements in the new century (August 2004), pp. 195-212

ROGERS, C.R. **Empathic: An unappreciated way of being.** *Counseling Psychologist*. P02-10, 1957

SANTANA, E.P. Cidades 'Entre': dimensões do sensível em arquitetura ou a memória do futuro na construção, 2010. 173f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SCHMARSOW, A (1907). The essence of architectural creation In: **Empathy, Form, and Space: Problems in German Aesthetics, 1873-1893**, The Getty Center Publication Programme, Santa Monica 1994.

\_\_\_\_\_, R. O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental.** 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: BestBolso, 2010.

SERPA, A. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2007.

SIMMEL, G. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

SITTE, A. *A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos.* São Paulo: Ática, 1992

SMITH, A. (1759). **The Theory of Moral Sentiments.** Cambridge: Cambridge Press, 2002.

STEIN, E. **On the problem of empathy.** Estados Unidos: Oxford University Press, 2000.

STERN, D. **Le monde interpersonnel du nourrisson,** Paris, puf. 1989

STRAYER, J. The development of emotional competence In: EISEMBERG, P. J; STRAYER, J. **Empathy and its development.** New York: Cambridge University, 1987.

THIBAUD, J.P; THOMAS, R. L'ambiance comme expression de la vie urbaine, *Cosmopolitiques* no août 2004

\_\_\_\_\_. J.-P; GALLAND-SZYMKOWIAK, M; COLLOT M. **Penser l'expérience sensorielle et affective des espaces habités.** Apports d'une réflexion esthétique élargie. *article d'information scientifique.* 2016, pp.10-12.

\_\_\_\_\_. J.P **Une approche des ambiances urbaines : le parcours commenté.** In *Espaces publics et cultures urbaines* .sous la direction de Michèle Jolé, Paris, Certu, 2002, pp. 257-270

\_\_\_\_\_. J.P . L'énigme des ambiances en partage. THIBAUD. J.P ; DUARTE, C.R.. **Ambiances urbaines en partage.** Pour une écologie sociale de la ville sensible, MétisPresses, 2013, . <hal-01113932

\_\_\_\_\_. J.P. **Petite archéologie de la notion d'ambiance.** In *Coloqne des Espaces publics*, Paris, Certu, 2014

TISSERON, S. **L'empathie au cœur du jeu social.** Paris: Albin Michel, 2010, pp. 7 et 10.

TITCHENER, E. B. **Lectures on the experimental psychology of the thought processes.** Nova Iorque: Macmillan, 1909.

TREVARTHEN, C. Action and emotion in the development of human self, its sociability and its cultural intelligence. In NARDEL, J (org) **Emotion and Intelligence**. Oxford:Oxford press, 2005.

TUAN, Espaço e Lugar: a perspectiva da experiencia. São Paulo: DIFEL, 1977

VIAL, C. R. A dimensão simbólica da Arquitetura: 2004

VISHER, R. (1853). On the Optical Sense of Form: A Contribution to Aesthetics. In: MALLGRAVE, H. F. (org) **Empathy, Form, and Space**. Santa Monica: The Getty Center for History of Art and Humanities, 1994.

WATSON, D; CLARK, L.A. **Emotions, moods, traits and temperaments**: conceptual distinctions and empirical findings. Nova Iorque: Oxford University Press, 1994.

WHYTE, W. **The Social life of Urban Small Spaces**. Nova York: Project for public spaces, 1980

WISPÉ, L. **The distinction between sympathy and empathy**: To call forth a concept a word is needed. Journal of Personality and Social Psychology, janeiro 1986. 314-321.

WÖLFFLIN, H. Prolegomena to a Psychology of Architecture In MALLGRAVE, H.F **Empathy, Form, and Space**: Problems in German Aesthetics 1873–1893. Santa Monica: Getty Publication Programs, 1994.

WORRINGER, W (1907). **Abstraction and Empathy**: a contribution to the psychology of style. Chicago: 1st Elephant pbk. 1953

## NARRATIVAS DO ENGENDRAMENTO SENSÓRIO ESPACIAL

### Uma Breve sistematização

Praticamente, o método chamado de Narrativas do Engendramento Sensório-espacial (NESE) é como qualquer narrativa: possui narradores e personagens, com falas alternadas. Quem inicia a fala é o pesquisador, que ao longo do discurso originado a partir do engendramento espacial, vai narrando o engajamento. A partir do momento que se “entra” no espaço, o pesquisador pode ter sua fala interrompida, compartilhada ou até mesmo cedida. Quem decide o “momento de fala” é a coletividade, cabendo ao pesquisador apenas colher sem atrapalhar ou mudar o andamento do evento. A intenção é ver como o pesquisador, enquanto um dos atores parte do espaço, tem seu engajamento – a partir de suas falas, ações e reações – conectado com a coletividade. O método possui três fases, como vamos explicar:

### ETAPA 1: Afetação

(A) SOU EU QUE FALO: De posse de um gravador o pesquisador vai assumir uma postura de usuário, de frequentador e vai iniciar relatando para si mesmo o que sente estando naquele lugar. Além das impressões e sensações, deve-se relatar principalmente suas reações, seu comportamento – andar, sentar, desviar, entre outras ações e comportamentos. Deve-se relatar a tomada de decisão e seus motivos os quais embasam as suas reações e comportamentos. Estes dois últimos devem ser mapeados, cabendo ao pesquisador escolher quando será o momento de fazer isso, a depender da situação em que se encontra. O mais importante é que sua captura seja um reflexo de sua experiência pois é isso que será levado em conta na análise. O ideal é que esse primeiro reconhecimento seja feito a partir do caminhar. Mas, como neste momento se deve estar livre da postura de pesquisador, deve-se ter ações livres. Assim, se tiver vontade de chegar ao lugar e seguir direito para algum espaço e sentar, isso deve ser feito e relatado.

(B) É ELE (o espaço) QUE FALA- A vontade de permanecer ou ficar no lugar é o indício do fim da fala do “Eu”. O pesquisador, que era narrador personagem passa a ser narrador observador. É o momento de assumir a postura de pesquisador e documentar tudo o que é observado. Foi neste momento que, no estudo da Empatia Espacial, usamos a Etnotopografia. Geralmente se está sentado, mas pode haver casos em que antes mesmo de ter terminado o seu momento de fala, esta seja interrompida. Se isto acontecer a fala é passada para o Outro,

o sujeito e só em seguida se documenta tudo o que se vê. A maneira que este encadeamento acontece, interrupções ou não, são igualmente importantes para determinar o ritmo.

### **ETAPA 2 – Interação – dados a partir da fala do outro**

(C ) VOCÊ QUE FALA – Este é o momento em que a fala é passada ao Outro, onde o pesquisador deixa de ser narrador para ser personagem. A fala para o outro pode ser compartilhada (puxar conversa por parte do pesquisador ), tomada ( o Outro interfere) ou, como aconteceu no Brasil, cedida ( é feita uma abordagem direta ). Nos dois primeiros casos o pesquisador inicia, ou é instigado pelo Outro, a ter uma conversa informal. Caso sinta uma abertura a falar, da parte do Outro, convida-o a participar da pesquisa. Em se tratando da fala cedida a abordagem é direta, já chamando para a entrevistado

(D) Nesta etapa o entrevistado vai ser direcionado a responder algumas perguntas livres mais dirigidas, conforme roteiro a seguir. Em seguida será pedido para que o pesquisador seja guiado pelo entrevistado a pontos espaciais a partir do solicitado pelo pesquisador. Durante o trajeto, o entrevistado deve “apresentar” o espaço para o pesquisador que pode dialogar e inclusive direcionar a conversa caso ache pertinente. Este momento pode ser descrito como um Percurso Comentado Compartilhado, onde os dois, ou três ou até mesmo o grupo pode conversar entre si, cabendo ao pesquisador apenas direcionar a fala do(s) entrevistado (s) para um contexto, assunto ou situação específica. Caso o entrevistado aceite, esse discurso pode ser gravado. Mesmo assim, o pesquisador segue, com seu caderno anotando em forma de registro-chave as reações, estímulos e comportamentos, assim como decisões tomadas por quem o guia. O trajeto deve ser feito ponto a ponto, ou seja, o entrevistado guia o pesquisador a um “objetivo, narra o caminho e ao chegar no ponto final associa uma palavra à aquele lugar específico. A espacialização das palavras pode ser vista nos mapas da análise final da entrevista piloto.

### **ETAPA 3 – A ressonância – Afeta- ação: A análise**

(E) É o momento de análise e de junção do relato em um único lugar. Os eventos são colocados em ordem e o pesquisador vai buscar em sua exploração (aqui no caso da Empatia Espacial) primeiramente duas coisas: o que afeta, como afeta, porque afeta/ qual é a ação, o porquê desta ação. Após o estabelecimento de paralelos buscando as possíveis correspondências, rebate-se no que foi colhido a partir da fala do ele, ou seja, do que foi documentado no espaço.

**REGISTROS-CHAVE: UMA FERRAMENTA DE APOIO**

Assim como todo o método NESSE, os registros-chave surgiram de maneira intuitiva, e sua utilização primeiramente estava relacionada a situações de deslocamento onde era difícil tomar/colher a informação ou até mesmo mapear. O ideia de registrar algo “chave” começou a ser tomada como uma maneira de documentar brevemente: uma palavra, uma foto, um croqui rápido, uma sensação de desconforto, uma lembrança. Depois a ferramenta se tornou um recurso, pois houveram situações na França que as pessoas não nos permitiam gravar a conversa. Ou até mesmo quando o pesquisador estava em seu momento de fala do Eu, gravando a si mesmo, sempre apareciam vozes ao fundo, barulhos que eram detectados quando voltava a ouvir novamente seu relato para transcrevê-lo. Foi neste ponto que surgiu o registros-chaves, que em sua maioria eram capturados sem intenção, mas que ao fim acabavam por respaldar alguma coisa.

O registro chave pode ser um recurso de análise. Por exemplo, em algumas situações se fotografava algo, em seguida anotava alguma palavra, uma lembrança que veio à mente, ou até mesmo uma folha no chão poderia servir na análise posterior. Até mesmo a recorrência da maneira que fez o registro – se foi mais por palavra, por foto, por áudio, por desenho – já pode fornecer muito a respeito do lugar: é um lugar que remete a lembranças (notas de áudio); que se tira mais fotos (uma relação estética), e assim por diante. O objetivo do registro chave é a captura rápida, sem precisar explicar muito que se trata. Depois da narrativa construída, isto é transcrita e analisada, surgem outros registros-chave, como ilustramos nas tabelas síntese da pesquisa piloto no Rio de Janeiro. No caso das pessoas que entrevistamos, sempre pedimos uma palavra resumo, uma associação livre, que ao final é incorporada às narrativas como um todo. O curioso é que os registros chave parecem não fazer sentido, ou não terem utilidade, mas ao fim eram a partir deles que se viam as suposições e até mesmo explicações acerca de certos comportamentos no espaço.

A seguir traremos um modelo de mapeamento, do início da pesquisa piloto realizada na Praça de Copacabana, uma narrativa de um entrevistado e o roteiro utilizado .

## PESQUISA PILOTO

### ROTEIRO PARA DIRECIONAR A ENTREVISTA – FALA CEDIDA/ adaptação Brasil

Perguntas sobre a idade, se trabalha ou estuda

1. Entender sua relação com o lugar: frequência, se permanece ou se fica. Se frequenta sempre o lugar, ou às vezes, o que o traz aqui
1. Vem sozinho ou acompanhado/ Faz atividades/permanece/desloca mais com um intuito pessoal, ou com um grupo
2. Tem lugares que geralmente fica sempre, ou não. (se sim pedir para apontar e tentar entender o porquê escolhe aquele lugar.
3. Tem algum lugar que não passa, ou não permanece? (Pedir para apontar)
2. Engendramento:
  1. Se apontou vários ou um lugar em algumas daquelas perguntas pedir para nos levar até lá, nos “apresentando a praça”, nos deixando a par no que acontece.
  2. O pesquisador pode pedir para gravar em áudio o percurso e sempre que achar pertinente perguntar algo, ao longo do caminho, que é do entrevistado, o pesquisador deve observar o entorno e colher registros-chave (o que ache importante ou chame atenção). Isso não pode ser comunicado ao entrevistado.
  3. Ao chegar ao ponto final pede-se uma palavra.
4. **Caso não tenha obtido ou conseguido que pontos sejam ditos (isto é uma segunda opção- o que está em negrito)**
5. **O que as pessoas costumam fazer aqui e onde elas geralmente ficam (ver se é uma atividade coletiva ou individual) e pedir para que a pessoa faça o caminho. Importante prestar atenção no trajeto feito.**
6. Perguntar o que a pessoa acha que poderia fazer ali em grupo, e sozinha. Qual dessas duas ações ela faria?
7. Um lugar daquele espaço que ela ache que pode ter atividades coletivas. E individuais?
3. Associação livre:
  1. O lugar em uma cor/ em um som/em uma sensação
  2. O lugar em uma imagem, qual seria?
  3. O lugar em uma palavra
  4. Se fosse descrever o lugar para quem nunca o conheceu, como o descreveria.

OBS. Apenas as perguntas do item 1 e 3 são aplicadas em sua totalidade. O item 2 tem mais perguntas apenas para auxiliar, caso alguma não funcione. Embora pareça longa, é uma conversa informal, que leva em torno de 5 min

**EXEMPLO DE NARRATIVA**

Praça Edmundo Bittencourt- Entrevistado B1

Narrativa entrevistado Identificado como B1 – abordagem direta

Perfil do entrevistado

Mulher, 22 anos

Estuda e trabalha

Frequentadora assídua: diz que vem na praça quase diariamente

Mora próximo

Ah minha casa essa praça né? É aqui que eu venho quando quero sentar, esperar alguém, quando eu quero ver alguma coisa diferente, dá pra ficar vendo as crianças brincando. Não tem coisa diferente, mas assim, dá pra ver uma movimentação.

Eu geralmente fico por aqui. Neste lugar que escolhi ficar sentada com você. Ah, também fico em frente à santinha. Mas na verdade na santinha ali é a minha mãe que gosta de ficar. Porque ela acha que a santinha sei lá, protege.

Eu venho aqui todo dia. Eu acho que as pessoas vem aqui porque tem um lazer para as crianças, tem feira, tem um espaço para brincar com o cachorro. E é confortável, agradável, tem árvores, bancos, cachorros, crianças, gente legal.

Eu te diria para ficar ali na frente da santinha, porque... ali é confortável, tem árvores é legal, tem algo para você ficar olhando: a santinha.

Esse lugar não mudou nada. Nunca. Tá igual, mas mudou a forma que eu uso. Porque quando eu era criança eu vinha aqui para brincar. Eu só vinha brincar aqui nessa pracinha. Ai quando eu cresci eu comecei a ficar (na calçada) em volta dela, de skate. Ai às vezes eu ficava na mesinha, conversava com uns amigos. Hoje em dia eu só uso ela se for assim, se eu quiser sentar um pouco, tiver esperando alguém, ou tiver conversando com alguém tipo na frente da minha casa e para ir para a feira.

Ah... eu não acho que essa praça mudou, não tinha nenhuma época que eu lembre que ela ficou muito cheia ou vazia, sem ninguém. Esse horário é sempre mais vazio, outros mais cheio. Esse horário é que as pessoas estão trabalhando e almoçando, as crianças tão indo para o colégio. Mas se você vier aqui, tipo umas 5h tá lotado sabe. Tipo horário que acaba a aula. As pessoas continuam usando, só que vai mudando, tipo quando elas crescem. Posso falar até pelos meus amigos que moram aqui perto. Eles viveram o que eu vivi. Tipo antes eles usavam isso aqui para brincar, depois virou um lugar ara conversar

depois da aula, alguns andavam de skate, outros não, alguns nem vêm mais aqui, não moram tão perto, mas vêm para a feira.

Responder em uma palavra:

aqui eu gosto... de ver as árvores / aqui eu me sinto... em casa / eu vejo... um chafariz / eu escuto... barulho de obra e passarinhos/ estando aqui eu sinto... calma, felicidade/ o lugar em uma palavra: casa

Se tivesse que escolher uma dessas coisas: uma cor, um som, um cheiro para guardar desse lugar, qual dos três você escolheria? Ahh, os pássaros cantando

Se esse lugar pudesse ser pensado a partir de uma cor, qual seria? verde

**[Descrevendo o lugar para um pessoa que não o conhece]** É uma pracinha muito tranquila que antigamente tinha festa junina, e era muito cheia, que as pessoas sempre vão depois do colégio, que é meio cheia

**itinerário 1:** ali o lugar dos cachorros... tem muita coisa para cachorro, ali tem as mesinhas para sentar, um lugar calmo, a santinha ali. Registro-chave: reflexão

Hoje em dia eu só venho sozinha ou com algum boy. Antes eu vinha com uns amigos, a gente voltada da escola, sempre passava por aqui então sempre rolava tipo uma resenha.

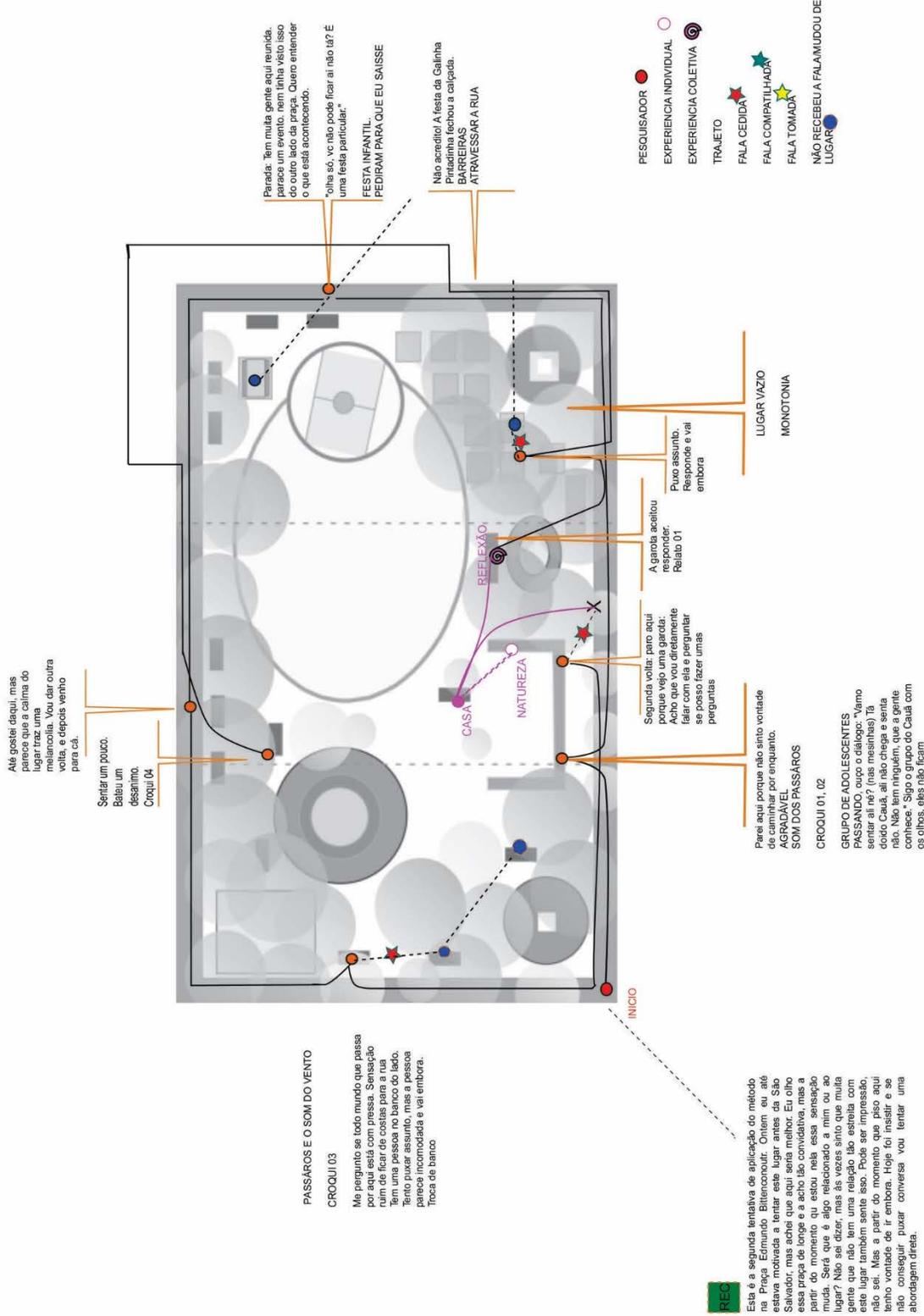
Ali nas mesinhas geralmente ficam grupinhos... fora isso não tenho muito o que falar desse lugar não. Sempre igual.

**Itinerário 2:** Quando eu não fico onde estávamos eu fico naquele cantinho ali, perto da árvore. Tem muita natureza e isso me traz uma sensação boa. Registro chave: natureza

[Peço para me contar como interage geralmente com o lugar: fica, passeia, desloca, parada, trocando...]  
Ah quando venho não dou volta não. Já venho direto. Já sei o que venho fazer aqui. Venho, faço e vou embora. Isso aqui a noite tá cheio.. o banquinho da santa

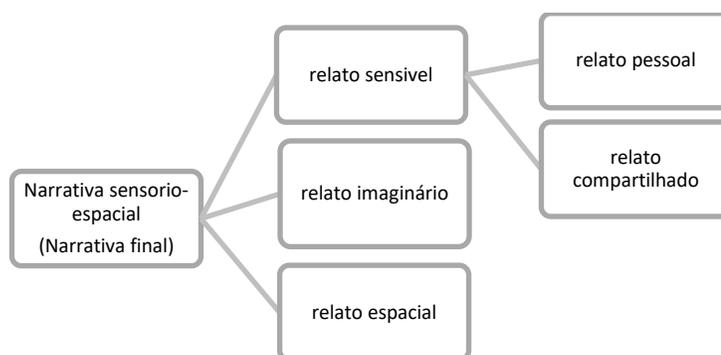
# MODELO DE NARRATIVA

## Praça Edmundo Bittencourt - Copacabana



## A Narrativa sensório-espacial: a narrativa final<sup>7</sup>

Embora os relatos tenham sido apresentados de maneira separada, o fato é que durante o estudo de campo é comum que eles se sobreponham ou até se entrelacem. Por isso, mesmo que durante o relato a fala do personagem (protagonista) esteja direcionada para um tipo de informação, ao final quase sempre haverá outros pontos que podem fomentar ou até desconstruir o que foi coletado. Sendo assim, é importante que na construção da narrativa<sup>8</sup>, que é o produto final onde serão reunidos os relatos, leve-se em consideração não só como as partes formam o todo. Deve-se considerar também como as partes da narrativa interagem ou até excluem entre si. É neste ponto que se torna mais acessível a análise da Empatia Espacial e de como a comunicação entre os diversos aspectos presentes no lugar podem engatilhar o engajamento coletivo.



A partir deste ponto, para melhor compressão do método, ilustraremos alguns exemplos de seu desenvolvimento. O que será destacado são os vários caminhos, estruturados em paralelo ao estudo de campo (piloto) realizado em Grenoble.

### Estudo de campo

O estudo de campo realizado na cidade de Grenoble durou quatro meses e teve como objetivo principal auxiliar no ajuste do método aqui proposto. O método foi moldado a partir de experiências empíricas primeiramente a partir de macroexperiências (reconhecimento da cidade/diário). Depois nos concentramos em microexperiências (estudo de campo pontuais). No

<sup>7</sup> A ideia de uma narrativa sensório-espacial é de espacializar os registros-chave a partir da junção de todos os relatos.

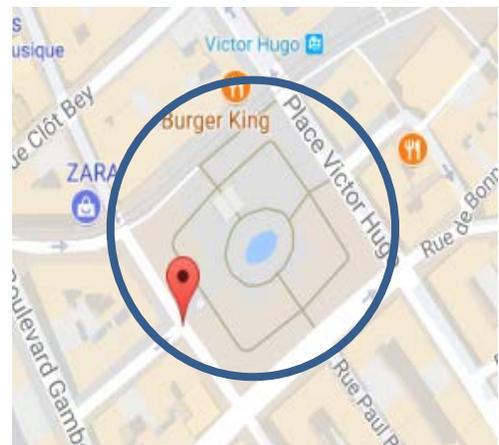
<sup>8</sup> Neste ponto ainda não havíamos concretizado formalmente a NESE. Até então a intenção era ao final espacializar as palavras como em um mapeamento, ou até apresentar uma síntese em forma de narrativa (texto/gráfica) do que resumiria a experiência empática. Ao fim, estamos pensando a estruturar algo que mistura o Parcours Comenté, a Flanerie/Deriva e Etnotopografia

geral foram realizados estudos em seis lugares de Grenoble: Place Victor Hugo, Place du marché de Villeneuve, Place de Gordes/Jardin de la mairie, Place de Saint-Bruno, Place de Saint-Andres/Place Hervres e Caserne du Borne. O estudo apresentado neste momento será o da Place Victor Hugo, que juntamente com a Place de Gordes, Jardin de la Ville ( Mairie) fizeram parte do recorte empírico.

## Pesquisa de campo: Place Victor Hugo

### Breve Histórico

É a primeira Praça que se vê quando se chega a Grenoble, pela Gare. Localizada no Centro, ela é quadrada, simétrica e tem uma grande fonte marcando seu centro. Quando se está nela se pode ter uma vista de 360 graus da cadeia de montanhas que cerca a cidade, os Alpes. Dela também é possível ver os principais pontos de referência da cidade que ficam no alto, como a Bastilha e o Teleférico. Cercada de edifícios históricos a Praça fica do lado da linha do VLT e de paradas de ônibus, sendo de fácil acesso. Curiosamente nela tem uma escultura muito parecida com a fonte da Praça São Salvador.



### Motivo de escolha:<sup>9</sup>

Era uma praça descrita como “nada interessante”, e que “só morador vai”. Ela apareceu no diário como lugar de ponto de encontro e sempre era mencionada pelos outros como um ótimo lugar para se estar. A partir do momento que me “declararam” moradora, esta Praça começou a se tornar parte do cotidiano. Assim, eu a dividia com os



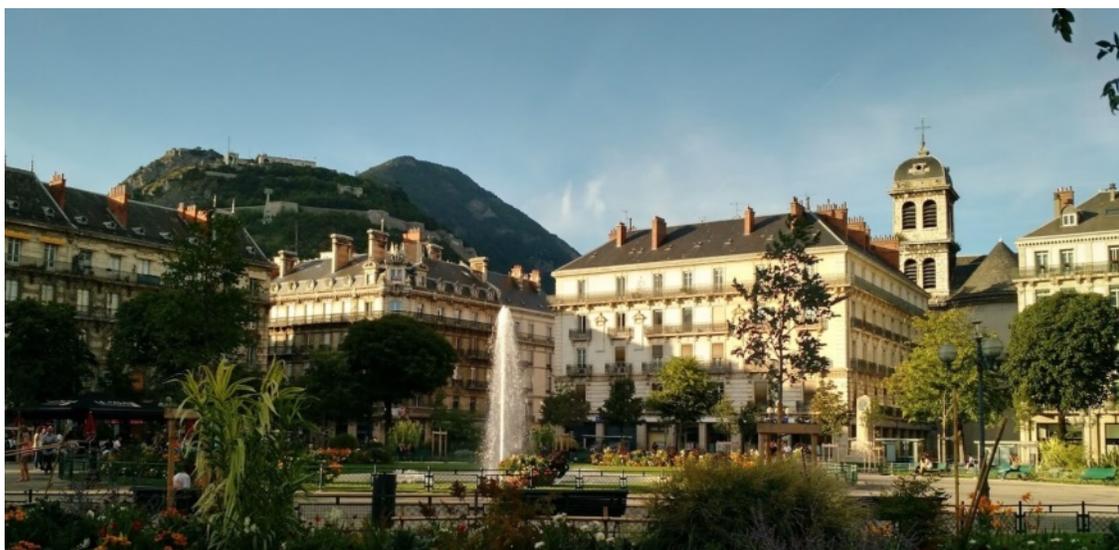
---

<sup>9</sup> Trechos do diário

moradores da cidade, e os amigos que fiz por lá. “Não é um lugar para turista ver, mas eu gosto dali porque me é familiar”.

### Contextualizando a praça a partir da macro experiência

A pesquisa de campo aqui apresentada foi realizada na praça Victor Hugo. Embora tenha se colhido informações acerca do lugar em si, o objetivo principal de sua aplicação foi construir, aprimorar e melhor delimitar a metodologia proposta para o estudo da Empatia Espacial.



A Praça Victor foi o primeiro lugar escolhido para o estudo de campo por suas constantes aparições e constantes menções, por parte dos moradores de Grenoble, no exercício de macroexploração urbana. Como explicado, o exercício tinha entre seus propósitos auxiliar na escolha de lugares na cidade de Grenoble, os quais pudessem ser aplicados uma microexploração urbana. Já na segunda semana de estadia em Grenoble, sabia-se da existência da Praça Victor Hugo. Ela era constantemente mencionada como o lugar referência para encontros, para transportes e para encontrar os amigos. No entanto, estas eram coisas que, segundo relatos, não seriam interessantes para alguém que estava visitando a cidade, uma vez que a Praça era “um lugar comum demais” ou “normal, sem nenhum atrativo de beleza estética”. Mas era constante ouvir os nativos falar de encontros, *picnics*, conversas depois do almoço e pausas para o café na Praça. Também era um lugar para ficar e ler um bom livro, encontrar casualmente as pessoas conhecidas. Em

resumo, era um lugar que ilustrava a cotidianidade, e por isso, pela falta de coisas fora do comum, não seria de importância ou de interesse de visitantes<sup>10</sup>, segundo seus moradores.

Falar da Praça para os nativos como potencial lugar para se conhecer foi um tema tido por relutância, sobretudo por parte dos amigos. Era “perda de tempo”, segundo a opinião da maioria. “Você deveria aproveitar a cidade e ver o que ela tem de mais bonito”, diziam eles, e sugestões não faltavam. Mas para servir de ponto de encontro/espera, pegar o transporte público, a Victor Hugo era a principal referência: tudo se resolvia (ou quase tudo) se chegasse/encontrasse a Praça. Em menção ao um trecho do diário<sup>11</sup>, “o que me marcou em relação a Praça foram dois momentos. O primeiro foi quando, ainda sem nem ter quinze dias em Grenoble, mas já com muitos amigos, soube, por acaso, que eles haviam marcado para encontrar todo mundo na Praça, uma hora antes do que haviam marcado comigo. Neste dia íamos para um restaurante, e eles haviam ido mais cedo para a Victor Hugo para jogar conversa fora. E fazer isso, segundo eles me explicaram, não tinha nada a ver com a ideia de me excluir da conversa, mas de não “me entediar”. Por acharem que eu havia ficado chateada com o encontro que aconteceu com todos antes da minha chegada, eles passaram a marcar em outro lugar para que eu participasse da conversa. Começaram a me encontrar ainda no tram, ou em alguma parada. Neste momento notei, embora não sentisse excluída por parte deles, soube que me viam como uma visitante. E isso ficou comprovado quando, ao me convidar para um tour na cidade, uma amiga nativa que ama a Praça, não via fundamento em me acompanhar até lá: “tem tanta coisa tão mais interessante para te mostrar...”

“Não sei quando ocorreu, mas lembro de uma situação em que estava com uma amiga nativa<sup>12</sup>. Estávamos almoçando juntas e outra amiga em comum, também nativa, ligou para ela para perguntar onde estávamos, pois queria nos encontrar. Neste dia, a amiga que estava comigo me disse, vamos a Victor Hugo esperar o pessoal. Na verdade eu já havia estado na Praça com Inès, amiga de laboratório que já havia me acompanhado até lá a pedido meu. Então quando ela mencionou o lugar agi naturalmente. Mas ao chegar a Praça e encontrar duas outras pessoas que estavam à espera me dei conta que eu não era vista mais como visitante. O que havia de diferente não era só que estávamos na Praça esperando todo mundo chegar, mas que continuaram ali até que cada um se dispersasse. Sendo assim, foi exatamente por ser tida como lugar favorito de muita gente, mas que enquanto eu fosse considerada visitante não me poderia ser propriamente apresentada, que a Praça Victor Hugo (entre outros motivos como característica, morfologia) foi escolhida para o estudo. O mais surpreendente é que no final do primeiro mês, quando os amigos nativos buscavam entender o que era meu tema de tese, e falava de espaço empático, eles

---

<sup>10</sup> Isso era bem frisado: me viam como turista, mas quando eu disse que eu ia morar lá por um tempo eles mudaram para visitante.

<sup>11</sup> Trecho do diário

<sup>12</sup> Trecho do diário

mencionavam o Victor Hugo. Inês foi a primeira a dizer que se soubesse que não era para ver como visitante, mas para conhecer seu lugar favorito, ela me teria levado até lá no primeiro dia.”

#### Ida a campo: aplicação do método das narrativas sensíveis

A Praça Victor Hugo foi observada diversas vezes ao longo dos quatro meses, tanto durante a macro experiência, quanto a micro experiência. No caso da pesquisa que aqui considero como piloto, as idas a campo foram realizadas durante 15 dias ( 2 semanas) Durante uma semana era no período da manhã início da tarde, e na outra no início da tarde até a noite. Para ilustrar o método, seus ajustes e aplicação, será feita a referência aos casos que indicaram a necessidade de algum tipo de mudança na abordagem. Ao final será apresentada uma tabela com uma análise do que foi colhido na totalidade. Em todos os outros estudos de caso - praças – que mencionei antes foram realizados pesquisa piloto. Mas foi apenas na Praça Victor Hugo e na Praça de Gordes/Jardim que detive uma amostra foi mais considerável, servindo assim para estabelecer também comparações entre os lugares, e não só para o ajuste metodológico.

O relato sensível no caso que usei como exemplo abaixo, foi iniciado antes mesmo de chegar a um destino pré-determinado. Quando cheguei à Praça Victor Hugo me deixei guiar pelo que era motivada a fazer (pelos outros, pela situação, pelo lugar) e por isso no relato sensível aparece tantos momentos de deslocamento como de paradas. Para isso marco em uma planta da praça, como uma espécie de mapeamento) por onde passei e onde parei. E em cada ponto os registros-chave.

#### O início:

Chego ao lugar com uma planta/esquema<sup>13</sup>. A cada parada marco por onde passei. No trajeto, enquanto ando, faço notas de áudio. A cada parada, escrevo/desenho. Durante essas paradas eu vou fazendo relatos e os desenhos (Etnotopografia) quando quero capturar a cena. Os desenhos eu uso não só para descrever as sensações, mas para descrever o lugar. Assim, embora eu apresente aqui três momentos distintos a partir de três falas/relatos, elas vão se construindo em paralelo. Abaixo está um exemplo do relato e, na página a seguir, o mapeamento.

Às vezes é o mapeamento que preenche as lacunas dos relatos, outras vezes são os relatos que ajudam no mapeamento. O que se coloca no mapeamento in loco ( onde parei, por onde andei, onde estava quem eu falei. A seguir os relatos<sup>14</sup>, que juntos formam a narrativa em si e que é a junção de tudo.

---

<sup>13</sup> As vezes o desenho da planta é feito no lugar, mas como tudo é muito rápido e é só para marcar mesmo os lugares de passagem e pontos de parada .

<sup>14</sup> Os relatos estão na íntegra, da maneira que foram coletados, com as misturas dos idiomas

## 1. Récit sensible personnel/partagée: c'est moi qui parle

Finalmente, il fait beau!! Hoje é sábado, o céu está azul e o dia iluminado. Ainda é cedo, 10h da manhã, e eu já estou no tram. Hoje quando abri a janela me veio a cabeça a Praça Victor Hugo. O tram está bem cheio, mas eu não ligo. Na verdade estou bem motivada a escrever. Assim como eu **muita gente** desceu na parada Victor Hugo e **segue em direção à praça**, para o lado **das árvores**. Isso me chamou a atenção, porque pareceu que todo mundo pensou a mesma coisa que eu ao ver esse céu azul. Tão boa essa **sensação** de parecer fazer **parte da multidão** e parecer ter a **mesma motivação** para se estar ali. Eu segui o **meu grupo** pela calçada, mas chegou uma hora que ele **se dividiu**: uma parte foi por **fora da praça**, **apressadamente**, outra parte a **atravessou** em um **andar reduzido**, em rimo de **passeio**. Eu não sei o que fazer, por isso **paro (A) e fico em pé olhando meu entorno enquanto decido**. Vejo que entre as **pessoas** que desceram comigo e que foram para a praça, **tem uma garota** que parece já **saber exatamente o que veio fazer** ali. Ela parece ter **mais ou menos a minha idade**. Ela **atravessa** o lugar **apressadamente** e parece **olhar direto** para um **banco vazio**, **na sombra** de uma árvore. Ela **senta no banco**, **olha para a fonte** durante alguns minutos, **olha ao redor e abre um livro**. Foi ai que pensei que era essa pessoa com a qual eu deveria conversar. Mas **ela espalhou tudo** o que ela tinha na mão no banco e **não tem onde eu sentar**. Eu queria sentar ali. Ela **como eu parece** que veio com o objetivo de **apenas estar** ali na Praça, mas pelo jeito ela não está muito para conversa./**(a)** Embora eu já tenha ido outras vezes a Victor Hugo, trago essa sensação de que é a primeira vez. Acho que é porque estou aqui sem objetivo, ou até mesmo sem ninguém, ou seja, estou sozinha sem fazer nada. Então o que eu posso fazer aqui? Porque que eu vim aqui? / Engraçado falar disso, porque aqui, neste momento eu estar sem fazer nada parece não incomodar ninguém além de mim. Mas ninguém parece olhar para algo ou estar como eu, contemplando o nada. Eu

---

*Aqui eu estou no tram escrevendo enquanto estou sentada*

---

*Aqui é uma espécie de parcours commenté comigo mesma, mas sem caminho pré-determinado. São os estímulos do lugar que me fazem andar ou parar. Enquanto andei fiz registros chave (neste caso foi um áudio com palavras soltas, que estão em negrito) Eu não fico falando muito, sobretudo se estou sozinha porque quero ser vista como mais uma pessoa na multidão. Por isso gravo apenas o que me chama atenção/ me salta aos sentidos. O texto ao lado (em cinza) foi feito ao final da ida a campo, para completar o relato sensível e contextualizar os registros chave. Abaixo ex. registro –chave*

---

- “Descendo do tram :Muita gente segue para a praça, isso me chama a atenção assim como o céu azul.”
  - “Na calçada: Sensação de fazer parte da multidão, mesma motivação. Meu grupo se dividiu: fora da praça vai rápido, atravessando vai devagar, passeando”
- 

*Aqui já estou sentada. Escrevo no lugar (a)*

---

*Volta o deslocamento e o Parcours Commenté comigo mesma.*

---



---



---



---



---



---

acho o **lugar bem agradável e me sinto livre para agir diferente das pessoas dali.** Parte das **pessoas está sentada fazendo algo, ou andando. Só eu estou em pé sem fazer nada.** Mas isso não me desconcerta, pois parece que **ninguém ali me observa, nem julga a minha atitude diferente.**

/(C)Faço um teste: Sento no chão na praça, para ver se alguém olha, ou reclama. É indiferente. Ninguém me nota e isso me dá uma sensação boa. Sou alguém que não conhecem, mas posso ir e aproveitar o espaço como quiser. (c)Sento na grama, e ela me convida a deitar. Penso.. ah isso no Brasil, eu já teria sido repreendida só de olhar fixamente para ela. E é exatamente isso que faço: deito e olho para o céu azul. A brisa suave e o canto dos pássaros me faz, fechar os olhos por alguns minutos e agora (acho que passaram uns 5 minutos) vejo que tem alguém bem próximo a mim que deita e dorme. E chega mais uma pessoa e deita também. Eu já não quero mais ficar aqui./ Agora que **me levantei já me sinto bem mais à vontade.** Mas **não quero ficar aqui sem fazer nada.** Vamos ver se tem **alguém para interagir.** Mas quem? A pessoa com a qual eu queria falar **continua ali, mas parece muito conectada com o livro.** Outras **pessoas** que parecem estar **mais abertas** já estão **conversando.** Mas vou **arriscar** e vou ali **sentar do lado dela.** Eu estava ali **sozinha, espalhada,** praticamente **no sol** e **deitaram no meu lado. Ali tem sombra e quero ficar ali.** Mas onde vou ficar, **se não tem espaço para sentar? (Parada em pé olhando para o banco da garota (ponto D)**

**Me sinto muito desconfortável. Agora parece que todo mundo me olha. (E) Viro e tem um casal sentado ao meu lado.** Ele está ao telefone e ela, acho que olhava ao redor. Quando olho para eles **ela sorri. Eu sorrio** de volta. Ela fala que se eu quiser sentar ali ela abre espaço para mim. Eu digo que gostaria e agradeço. Ela diz que também está procurando um lugar com mais sombra, mas que está tudo ocupado, mas ali não é tão ruim, afinal. Eu então vejo uma oportunidade e provoço uma conversa. Digo que agora que sentei, realmente

---

*Parada, sentada. Escrevo no lugar.  
(B)*

---



---

*Andando mais uma vez.*

---



---

*Aqui começa o relato sensível compartilhado. Quem começa é o outro que interfere na minha ação/intenção.*

---



---

*Aqui os registros-clés foram escritos (estão sublinhados). A moça notou que eu estava escrevendo algo e pediu desculpas por estar atrapalhando. Parei na hora, disse que estava só enviando uma mensagem, mas que já tinha terminado.*

---



---

*Neste caso eu só escrevi o que sentia estando na mesma posição corporal espacial que eles, depois que terminei as perguntas, já que foi ela que iniciou o compartilhamento do diálogo. Essa parte está aí foi feita ao final. Na ordem dos fatos segue o diálogo que apresento abaixo em cinza e de maneira resumida*

---

não parece tão ruim. Ela está sentada com as pernas cruzadas e ele na ponta do banco, em uma diagonal para ela, pois esta com o braço apoiado no banco. Eu fico na mesma posição que ela, pernas cruzadas, e dali eu tenho uma visão quase completa da praça. A fonte chama mais atenção que tudo, inclusive que a movimentação de pessoas ao fundo. Eu sinto uma paz imensa ali, com o som da água, pássaros, céu azul. Ao fundo tem pessoas falando, som do tram e dos carros, mas isso não incomoda. Se eu fico de frente, sentada normal me viro para a cidade, mas na posição da Michele, além de ter ideia do que se passa na praça, eu posso ver o que se passa ao lado também. Ou seja, na posição dela eu vejo não só quem passa, mas onde param as pessoas pois ela está parcialmente virada para os bancos do lado oposto, onde quase não passa carro. Eu pergunto se ela estava de olho em outro lugar para estar, que não fosse aquele banco. E ela me diz que qualquer lugar que tenha mais sombra. Digo qual, por exemplo, e ela me aponta para perto do banco da garota que lê (F). Pergunto então porque ela disse que ali não é tão ruim. Ela diz que ficou ali naquele banco porque pelo menos tem um pouco de sombra, ventilação e tem uma imagem bonita da praça. Ela fala da fonte e das flores. Eles são frequentadores assíduos, e vão ali geralmente ao final da tarde, mas que naquele dia tinham ido pela manhã. Eles estavam ali passando o tempo e aproveitando o dia. Não estavam fazendo nada em casa, resolveram ir para a praça fazer nada. Ela acha aquele lugar muito simpático. Ele concorda e diz que também acha acolhedor. O marido dela, quando desliga o telefone entra na conversa. Ele nota meu sotaque pergunta de onde venho. E aí começa uma sugestão de lugares para eu ir. Fala de vários na cidade de Grenoble, inclusive parecidos com a Victor Hugo (jardim de la mairie até aí eu nem tinha pensado nesse lugar). Conversamos quase 30 min e no final eles acabaram me convidando para um evento que ia acontecer no Jardim. Antes deles partirem, eu digo que estou fazendo uma pesquisa e se posso fazer algumas perguntas. Os dois respondem, mas aqui coloco só as respostas de um deles.

*Parada, sentada. Escrevo no lugar. (Cc)*  
*A conversa que eu construí a partir dos registros chave está em francês e eu não fiz a versão em português ainda. Mas aí vai um resumo. Os registros chave estão grifados e a maioria são as respostas para as minhas perguntas que faço no meio do diálogo.*

### Perguntas

- *O que está fazendo ali,*
- *É a primeira vez que vai ali,*
- *Qual a frequência e o horário,*
- *Está sozinho ou acompanhado,*
- *O que acha do lugar*
- *Porque escolheu exatamente aquele ponto para ficar.*

### C'est toi qui parle:

- *Porque vc acha que as pessoas vêm para cá? E porque vc acha que elas estão aqui hoje?*
  - *Vc me disse que as pessoas estão aqui/ vem aqui para ..... Está vendo essas pessoas aqui hoje? Onde elas estão. Onde vc acha que essas pessoas ficam geralmente. Peço para apontar. Para onde é apontado eu anoto o que está acontecendo, o que as pessoas fazem. (registro-chave).*
  - *Se eu viesse aqui te encontrar, como vc me descreveria seu posicionamento? Por onde vc diria para eu passar para chegar até esse ponto que vc está? Quais referências vc me daria?*
- 
- *Se eu viesse aqui te encontrar, como vc me descreveria seu posicionamento? Por onde vc diria para eu passar para chegar até esse ponto que vc está? Quais referências vc me daria?*

Relato imaginário: c'est toi qui parle

Acho que as pessoas vêm para cá para aproveitarem o dia, passar o tempo, encontrar os amigos. Tem muitos lugares que dá para fazer isso, acho que aquele pessoal ali está fazendo isso agora (G) (As pessoas estavam deitadas na grama, conversando, rindo e bebendo suco. Eram 3 garotas, duas sentadas e uma deitada, a que estava deitada estava com um livro em cima da barriga. Estava com bastante sol, mas elas não pareciam se importar. No momento só elas estavam deitadas na grama ) Eu te diria que eu estou em um dos bancos perto da fonte, perto de umas garotas que estão deitados na grama. Dependendo de onde vc viria, eu diria para entrar na praça e chegar perto da fonte. Acho que vc viria pela entrada normal da praça (E qual a entrada normal? Perguntei) Pela parada do tram ou do lado de lá. (F). De qualquer jeito eu estou do lado oposto da fonte, mais perto das árvores do que da parada de ônibus. Eu diria que estou no outro lado da parada de ônibus, de um lugar que dá para ver a fonte e a Bastilha. De frente para o pessoal que passa. Eu diria que as meninas estão deitadas na grama, de costas para a fonte e que estão logo após a entrada da praça. Acho que todo mundo que tá aqui está em seu dia livre, mas sem fazer nada... acho que o pessoal que está ali no banco. Tomando um sol, vendo as pessoas que passam./ Amigável, azul da cor do céu, som do vento./ Um lugar simples, mas muito bonito, onde pode encontrar pessoas, passar um tempo, ler ou conversar. Um ótimo lugar para relaxar. Tem grama verdinha, flores, uma fonte...

\*Eu gosto de pensar na vida, Me sinto livre e leve, de onde estou vejo a fonte, eu escuto o vento, eu sinto...paz / Queria me sentar por ali, na sombra, mas fiquei aqui porque não é tão ruim assim. (Eu falo vagou um lugar, e pergunto.. vai para lá não?) Já estou confortável aqui. Agora estou com vontade de ir para grama, mas está calor, lá não tem nem uma sombra. Eu ia ficar ali, e logo ia ter que sair devido ao calor. Não ia ter lugar nenhum para ficar. (E outro lado, pergunto) E ela diz que não gosta dali porque as pessoas só passam, é uma passagem, é vazio e traz uma sensação de solidão que não gosto. (H) / Te colocaria ali com aquelas três garotas na grama. Porque ali vc poderia conversar com elas, rir. Ali, perto daquelas árvores... Não, na grama Ah, na verdade tem um lugar daqui que eu gosto muito, que é ali, na grama (I). Pode ler, dormir, trazer os amigos para conversar e para um picnic.

---

- *E se eu viesse encontrar o pessoal que vc me apontou, como vc me explicaria onde eles estão? Quais referências vc me daria?*

---

- *Vc acha que tem alguém aqui fazendo a mesma coisa que vc está fazendo agora? Onde estão essas pessoas?*

---

- *Agora me descreva o lugar em uma palavra/ em uma cor/em um som*

---

- *Como vc descreveria este lugar para alguém que não o conhece? Houve casos que pedi uma descrição livre, outros para usar uma das palavras que me falou.*

---

- *\*Complete minha frase: Quando estou aqui eu gosto de .... Quando estou aqui eu me sinto.... De onde estou eu vejo.... Eu escuto... Eu sinto....*

---

- *Porque vc escolheu está aqui neste ponto?*

---

- *se vc não estivesse exatamente aqui neste ponto, onde vc estaria? Porque?*

---

- *E porque aqui e não ali?*

---

- *Vc me descreveu o seu posicionamento, agora se eu não estivesse aqui com vc, em qual outro ponto deste espaço vc me colocaria? Porque? O que vc acha que eu faria ali?*

---

- *Bem, eu vou te dizer uma palavra, e vc vai me dizer se tem um lugar aqui no qual vc se sinta assim (aprazibilidade)*

---



---



---



---



---

Durante o relato imaginário, quando me declaro pesquisadora e peço para fazer as perguntas, eu volto para a planta para marcar algumas coisas (para onde me apontam, onde está a pessoa ou referência a qual se referem). Abaixo está o exemplo do mapeamento que foi marcado in loco a partir do relato da Michele\* (nome fictício da entrevistada)

- © Eu estar sem fazer nada parece não incomodar ninguém além de mim.
  - Só eu, contemplando o nada.
  - lugar bem agradável me sinto livre para agir diferente
  - pessoas
  - sentadas fazendo algo, ou andando. Só eu estou em pé sem fazer nada.
  - me observa, nem julga a minha atitude diferente. (ir para c)
- (B) A garota que parece saber o que veio fazer
  - mais ou menos a minha idade.
  - Atravessa a praça apressadamente
  - olhar direto para o banco vazio, na sombra
  - Senta no banco, olha para a fonte, olha ao redor e abre um livro.
  - Ela espalhou tudo e não tem onde eu sentar. (ir para (a))
- (A) muita gente segue praça, muitas árvores
  - sensação de ser parte da multidão
  - mesma motivação
  - meu grupo se dividiu: fora da praça, apressadamente,
  - atravessa a praça passeio
  - paro (ir para B)



(a) Embora eu já tenha ido outras vezes a Victor Hugo, trago essa sensação de que é a primeira vez. Acho que é porque estou aqui sem objetivo, ou até mesmo sem ninguém, ou seja, estou sozinha sem fazer nada. Então o que eu posso fazer aqui? Porque que eu vim aqui? (ir para C)

### Relato espacial (croquis e escrita) –c'est il qui parle

Neste ponto são feitos os desenhos e, aliado a eles, algumas observações (se há uma cena que pode ser classificada como principal). Seria, em linhas gerais, o que fazemos na etnotopografia. Mas são acrescentadas a observação do pesquisador enquanto partícipe, assim como as outras falas que remetem à algo espacial. O relato foi usado não só para contextualizar os registros-chave, mas também porque durante a conversa às vezes as pessoas falam outros detalhes além dos perguntados. Isso ajuda a entender o ponto de vista do outro e conhecer melhor o espaço através de sua construção social e coletiva.

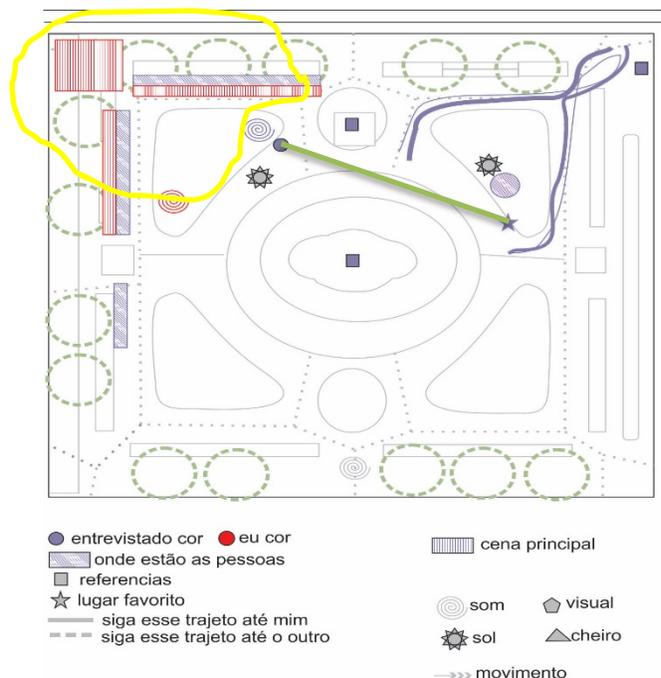


Análise:

Quando termina o campo, algumas coisas já saem concluídas, como o traçado dos deslocamentos e paradas e o esquema em planta já assinalando o que e onde estava quem me fala. A seguir estão representados alguns pontos, referências e apontamentos falados pela entrevistada como sua posição, suas referências, entre outros. Isso vai sendo marcando na hora do relato dela, quando perguntamos se podemos fazer questões mais direcionadas. Depois o pesquisador marca as suas referências e trajetos. O que é analisado no geral tem como foco a tabela abaixo:

	<b>Eu me coloco no ponto de vista do outro</b> Eu te observo antes de falar C'est moi qui parle	<b>Eu vou te instigar a considerar o ponto de vista do outro</b> Olhe ao seu redor e me diga/mostre C'est toi qui parle	<b>Dispositif empatiques Estímulos/gatilhos</b> O que o espaço me/te fala? Il qui parle/Toi et moi parlent de lui	<b>Eu te instigo nos colocar no ponto de vista dos outros</b> No lugar de quem vc se coloca e porque On parle de lui (space)
Agir como o outro	Motivação (porque aqui?) Perspective taking	Motivação Perspective taking Quem é o seu outro?	Como o espaço me diz para agir? E como te diz para agir?	Qual vc acha que é a motivação do outro?
L'ambianc e	Stimule : o que me leva a ficar ou a deslocar?	Stimule: porque vc está aqui neste canto, e o que te leva a essa ação?	Como vc se sente aqui? Como acha que o outro se sente aqui	
No lugar (espacial do outro) do outro	Em as place No lugar do outro/ posição espacial e imaginação	Porque escolheu aquele para considerar como o outro?	O que vc toma de referencia para vc?	Como vc acha que é aquele canto?

Ao lado, o que foi marcado na entrevista da Michele, comparando os estímulos e aspectos identificados e indicados por ela. ou. Em verde a linha com a qual a conecta com se lugar preferido, em amarelo onde está a atividade (principal) que estava ocorrendo no momento, ou seja, maior engajamento coletivo. Detalhe que mesmo depois que o lugar preferido ficar livre, ela preferiu ficar onde estava. Nos dois fazia sol, os bancos eram iguais, mas ela disse que ali estava confortável e “agreeable”. Uma possível hipótese, é que



era queria ficar próxima ao engajamento coletivo, mas ela não se aproximava mais para dentro da área amarela não só porque não tinha banco (mas ela mesma me falou que ali no amarelo o legal era ficar na grama), mas para não perder o contato visual com o espaço que ela tomou como seu. (Para isso me baseio também na posição corporal dela)

Pontos que apareceram na análise (Victor Hugo e Gordes):

Após analisar as informações adquiridas a partir dos entrevistados na Praça Victor Hugo, e na Praça de Gordes/jardin de la mairie, surgiram alguns pontos. Durante esse processo, especificamente neste momento de campo, a análise estava muito mais focada em ver se, e como poderiam ser conseguidas as informações: se a maneira a qual estava sendo feita as abordagens (perguntas, observações), se era assumida posturas passivas ou ativas. Também o que deveria ser modificado na abordagem, ou na forma de perguntar (estruturar as perguntas). O que [e mostrado aqui foi sendo modificado e ajustado aos poucos a cada campo, refinando algumas perguntas, o caminho e maneira como eram feitas (tudo era feito em francês). A entrevista de Michele foi feita no meio dos trabalhos de campo, momento o qual estávamos mais alinhados com os caminhos de abordagem. Por isso ela foi usada como exemplo.

Mesmo com foco no delineamento do método, foi feita uma análise superficial dos dados adquiridos em campo. São algumas considerações e hipóteses baseadas nos resultados da pesquisa piloto das Praças Victor Hugo e na e Gordes. Aqui, tudo ainda está preliminar, pois foi analisado superficialmente para ser conversado com o coorientador Jean-Paul Thibaud e depois repassado para a orientadora no Brasil. O que são trazidos aqui são pontos evidenciados no confronto de dados, alguns dos quais foram desdobrados na tese mais profundamente.

- **Quando se é frequente no lugar, têm-se áreas ou cantinhos preferidos. E na maioria das vezes as pessoas não quiseram me dizer o porquê dessa escolha.** No geral, essa preferência a certo cantinho está relacionada à história da pessoa com o lugar, a uma lembrança. A garota que entrevistei, por exemplo, Michele. Depois de muito relutar, ela me disse que sim, tinha um lugar que gostava mais e indicou um banco do outro lado de onde ela estava. Depois eu soube o porquê de ela ter essa preferência. Foi ali, naquele banco que ela conheceu seu marido que inclusive estava na Praça com ela e me deu também entrevista. (Eu fiquei sabendo dessa informação porque depois da entrevista me tornei amiga deles. Quando entrevistei brasileiros também senti relutância em conseguir informação sobre o porquê de aquele cantinho ser seu preferido)
- **Enquanto eu penso se me engajo ou não, eu me situo entre os lugares e crio um zona de convergência de pessoas que tem a mesma sensação e sentimento que eu talvez.**

**Estaríamos então “entre ambiências” ?** Se vou a um lugar e não me identifico com as atividades que ali ocorrem no momento, pode ser que a motivação para se estar ali não foi atendida. E quando falo de motivação, não tem só a ver com ação, mas com expectativa emocional. Enquanto eu tento me conectar(ou seja, penso se fico ou não), eu me situo entre. Se ainda não tenho apego ao lugar, eu fico em uma posição próxima ao engajamento coletivo e o que eu considero ser o mais próximo do que eu espero encontrar (seja espacialmente ou emocionalmente). Se já sou frequentador do lugar e tenho meus pontos preferidos, eu fico entre o engajamento coletivo e meu canto favorito. Notei isso quando eu me colocava na posição corporal do Outro e sentia desconforto físico. No caso da Michele, ela estava em diagonal em uma posição torta, posição essa que favorecia um controle visual, do que passava na coletividade e do lugar que havia me apontado como preferido. Isso se repetiu outras vezes. No caso da Michele, quando questionada porque aqui e não lá (ponto favorito) a resposta foi similar à da maioria: que escolheu ali ao acaso, e que acabou ficando confortável. Detalhe que geralmente ali não tinha nada de confortável, até porque quando notava essa situação ainda durante a entrevista, eu perguntava (se agora vc pudesse escolher onde ficar, e não pode ser seu ponto favorito, onde vc ficaria? A resposta nunca era o ponto no qual a pessoa estava)

- **Hierarquia dos estímulos e a relação com o nível de conexão com o lugar:** A pesquisa de campo deixou evidente (isso inclusive aconteceu comigo na cidade de Grenoble e eu fiquei surpresa): Existe uma hierarquia dos estímulos que apreendemos e de como eles atuam com a nossa conexão com o lugar. Aos pouco o lugar vai se tornando menos visual e mais sonoro até chegar ao olfativo. E não falo do som do sino, ou do cheiro de comida. Falo do som do vento entre as árvores e do cheiro de terra molhada único daqui lugar, ou seja sons e cheiros muito sutis. Assim quando uma pessoa me descrevia mais os sons do que os objetos eu sabia que ali já havia sido iniciada uma conexão.
- **Cores e movimento:** Geralmente lugares descritos como receptivos foram associados a cores quentes (geralmente lugares amarelos, laranjas) e estavam relacionados a longos períodos de permanência. Lugares descritos como calmos/tranquilos, eram associados a cores pastéis, e estes apareceram como suscetíveis conexão e ao engajamento coletivo. Lugares associados a cores frias mais propensos ao deslocamento e a não permanência. Já no quesito aprazibilidade, o lugar com cores quentes foi o mais associado. O com cores pastel e onde a Praça Victor Hugo se encaixa.
- **Para se refletir:** segundo o que colhi em campo, a partir da observação participativa é que a Empatia Espacial tem a ver com uma conexão quase que instantânea, visceral, que afeta. Isso pode parecer obvio, mas agora vem a parte mais curiosa: isso pode acontecer com algo que é totalmente o oposto do que se está acostumado. Neste caso, seria necessário que se uma disponibilidade, conceito tratado na psicologia que tem a ver com a cultura e com a alteridade. Por isso acho que embora possa acontecer sob bases afetivas, a Empatia Espacial pode também estar associada a um processo cognitivo, hierarquicamente falando. Se olho uma situação e a reconheço mesmo que inconscientemente (me identifico), é porque já a vivenciei ou ela me traz à tona algo relacionado a outras experiências e por isso apreendo rapidamente. Se não, preciso estar aberto a entender (disponível), a me colocar no lugar dos outros, a experimentar e ver como ou com que/quem me conecto. Em outras palavras, preciso primeiramente identificar o que é para ver como vou me identificar. No primeiro caso, (quando me identifico) a Empatia Espacial é motivo pelo qual me engajo, na segunda a causa, a Empatia Espacial é o meio pelo qual estou suscetível a me engajar. Nos dois casos, ela é o através.

- **Empatia e “essência do lugar”.** Tem Praças que fui que são essencialmente ligadas ao comércio (mercados) ou a política (espaço de manifestação). Embora se sinta essa carga quando se está no lugar, são espaços onde se desdobram outras práticas e atividades, não em paralelo, mas em outros horários. Quando o lugar tem essa ambiência (comercial ou política) reforçada em sua disposição espacial, mesmo que o evento não esteja acontecendo, a Empatia Espacial parece ser dificultada. É como se o lugar mostrasse apenas uma face. Como exemplo, cito a Place de Villeneuve que é conhecida em essência por seu mercado de produtos e comidas árabes. Todo mundo sabe que é uma praça de mercado e onde a cultura árabe é muito forte. Quem não é da área e vai ali ao final da feira se surpreende pois só aí percebe que é uma Praça sem banco. Mas que tem pessoas que levam banquinhos para se sentar quando a feira acaba, ou seja, seus frequentadores a usam como querem. Eu me aventurei nesta tentativa de levar o banco por três vezes e aproveitar a Praça, mas sensação de se estar ali era desconfortável. Eram claras as barreiras invisíveis impostas a mim, que geravam total impressão que eu não era bem vinda ali. Não é um lugar para se integrar, e isso é claro. E a inexistência de bancos, inclusive apoiadas por seus frequentadores reforça isso. Em outras palavras, vou usar exatamente o termo *affordance* (Gibson): quanto mais alta a *affordance* do objeto (neste caso falo de espaço), menos se abre a multiplicidade de interpretações.
- **O anonimato no espaço público-** isso é outra coisa que pesa: ser apenas mais um ali. A ideia de basta estar ali para fazer parte, de ter direito a cidade. Neste caso, remonto a minha experiência particular e a comparação dela com a de outros brasileiros que entrevistei. No entanto, quando digo ser anônimo não quero dizer o mesmo que não ser conhecido, mas sim quem não se conhece. Eu explico: tinha lugares que eu ia frequentemente, inclusive fazer campo, mas sem dizer que esse era o objetivo. Quando, durante um tempo, me ausentava do lugar e depois voltava, ouvia dos vendedores da área e até dos frequentadores assíduos perguntarem por onde eu andava que não tinham me visto por ali nos últimos dias. Essa coisa de ser anônima (pois ninguém sabia meu nome, de onde eu era) me dava liberdade ao mesmo tempo em que fazia sentir acolhida. Eu fazia parte por ser um rosto familiar e de ter rostos familiares ali. É aquela coisa do fazer parte por estar lá, algo que inclusive pesou muito para mim em Grenoble. No caso de Villeneuve era estar lá porque já faço parte.
- **Um espaço sem delimitações espaciais muito significativas e com amplitude visual** (degraus, desníveis, mudança de piso e de textura, muretas que servem de banco) que parcela e/ou secciona o espaço: em alguns momentos podem ser uma referência, em outros funcionar como algo que divide (esse é um ponto bem sutil). Não ter esse tipo de delimitação significativa permitia a expansão de atividades. Isso foi observado no meu diário. O dia começava com um evento musical. O evento acontecia dentro da fonte desligada da Victor Hugo. Acabava o evento, antes mesmo, as pessoas já haviam sentado na grama que bordeava a fonte e já estavam fazendo picnic. Os amigos iam embora, sentavam no banco na borda da grama para ler. O espaço expansível permite que com o “enfraquecimento” de uma ambiência (poderíamos dizer assim?) relacionada a um evento ou uma atividade, não seja motivo para a saída do lugar. Não sei se a palavra seria “permeabilidade da ambiência” (foi usada assim em francês), mas me referi a capacidade de várias ambiências serem identificadas e que se permeiam, sobretudo nos espaço sem limitações.

Abaixo um quadro com um resumo das informações retiradas dos relatos imaginário e do relato compartilhado

Motivacion Qu'est-ce que tu fait ?		Modes de partage		L'ambiance				L'endroit en un mot	Tu pense que les gens sont ici (a)	Porquoi vous etes ici ?	Porquoi n'est pas la
				L'accion	J'entends	Je sens	Je regarde				
01 A	Passer du temps	Regarde	Tout seul	Faire la convers ation	Des oisea ux	La ville	Les passant s	Sympa	Passer du temps, Faire la conversat ion	Parce que il y a des arbres	Parce que il y a des gens qui marche et n'arrete pas
02 B	Attendr e quelq'u n	Regarde	Pas seule	Repous er	Du vent	Bien	Les fleurs, Les arbres	Calme	Rester chez soi même	Parce que il y a des arbres	Il y a de soleil
03 C	Recontr é	Regarde	Tout seule	Mange	Du tram, les gens qui parle nt	Le bonh eur	Les passant s	simplici té	Faire des rencontre s, passer du temps	Est agreable, je peux voir des gens que arrive por el train et je peux mange	Je n'e peux pas regarder des gens
04 D	Cherch e tranquili té	Imagine, Regarde	Tout seule	Lire	Des oisea ux	La calme	La fountai ne	Source d'Inspira tion	Profiter que il fait beaux, penser, lire	Est agreable	Il est occupé
05 E	Passer du temps	Disponibil ité pour l'autre	Pas seule	Faire la convers ation	Des oisea ux	Libert écade rnos	Les gens	simplici té	Faire des recontres, profiter le jour	Peux regarder des gens et la fontaine	Il y a seulement nous (na pas besoin d'espace)
06 F	Passer du temps	Regarde ,Imagine	Tout seul	Repous er	Du l'eau de la fountai ne	Le bonh eur	Les passant s	Marrant e	Faire la conversat ion, passer du temps	Parce que il y des gens	Il occupé